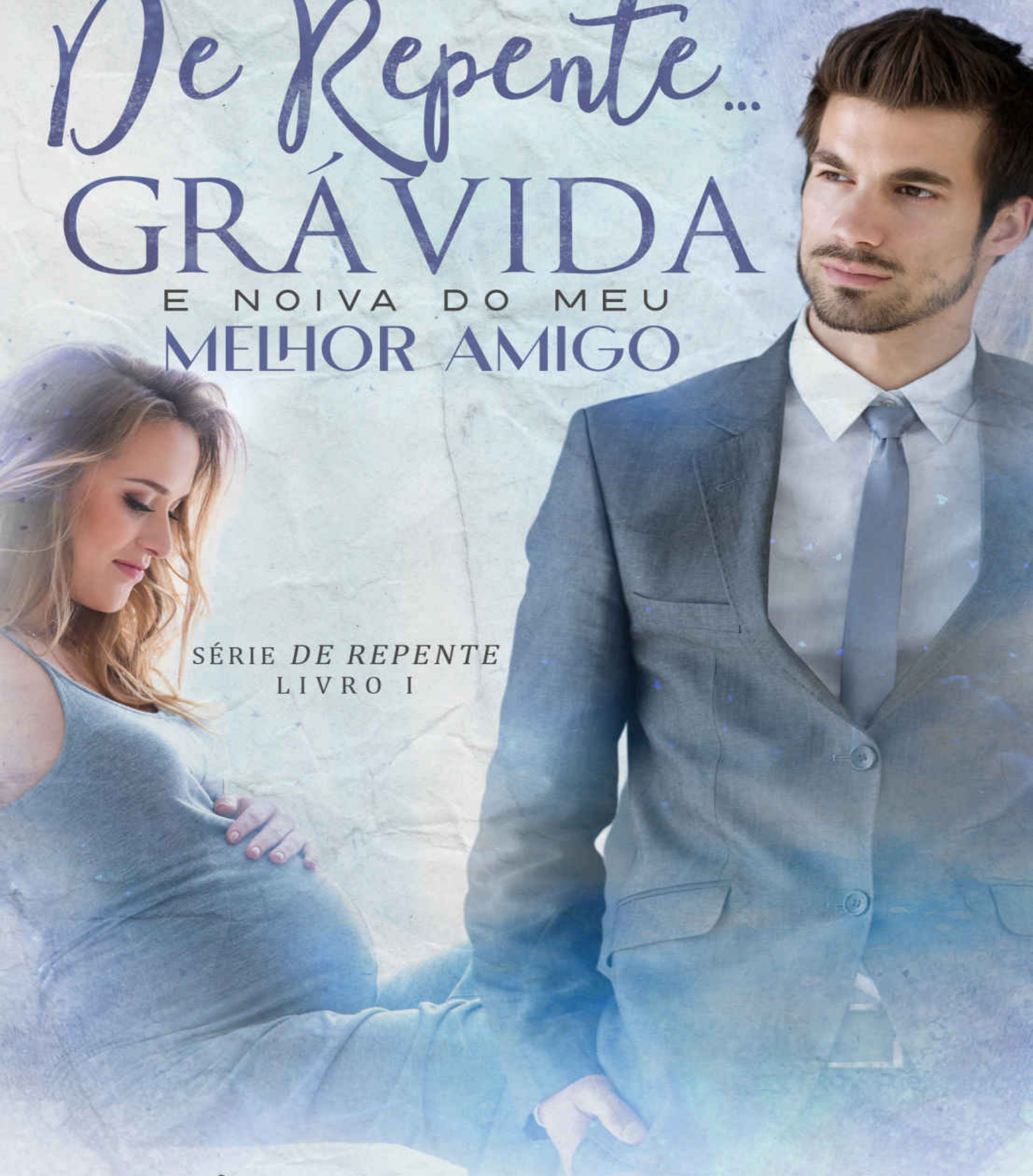
De Repente...

GRÁVIDA

E NOIVA DO MEU MELHOR AMIGO



SÉRIE *DE REPENTE*
LIVRO I

L. F. FREITAS

De Repente...
GRÁVIDA
E NOIVA DO MEU MELHOR AMIGO

SÉRIE *DE REPENTE*
LIVRO I

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Copyright© LF Freitas

Este e-book é uma obra de ficção. Embora possa ser feita referência a eventos históricos reais ou locais existentes, os nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos, ou localidades é mera coincidência.

CAPA: ONE MINUTE DESIGN

REVISÃO: SONIA CARVALHO

DIAGRAMAÇÃO: INDEPENDENTE

Siga a autora nas redes sociais:

Instagram: @luciane_rangel | @lffreitas.autora

TikTok: @luciane_rangel

Kwai: @luciane_rangel

Facebook: https://www.facebook.com/escritoralffreitas

Conheça seus outros títulos na Amazon:

https://www.amazon.com.br/LF-Freitas/e/B091V78XHW/

Faça parte do nosso grupo de WhatsApp – Leitoras da Lu:

https://chat.whatsapp.com/K9pURp2lal2G5du3BAAaSv

Sumário

Sinopse
Prólogo
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Epílogo
Conheça outros livros da autora
Contatos da autora

Sinopse

Douglas era o meu melhor amigo desde que eu me conhecia como gente. Sempre soube que podia contar com ele no que precisasse, mas nunca imaginei que algum dia precisaria f azer a ele um pedido tão inusitado: tornar-se meu noivo de mentira.

Abandonada grávida por um ex, vi a oportunidade da minha vida quando meu pai, milionário, decidiu criar uma disputa entre mim e minha irmã mais nova pelo controle da empresa. Mas eu sabia que para ganhar essa briga, precisaria bancar a f ilha perf eita para uma f amília conservadora.

Para ter alguma chance, eu teria que f orjar um noivado... e o único que podia me ajudar nisso era o meu melhor amigo. Porém, o que era para ser apenas uma mentirinha, aos poucos f oi tomando proporções maiores, f azendo com que Douglas e eu nos víssemos mergulhados em uma enorme f arsa.

E, em meio a isso, aos poucos f omos descobrindo um sentimento novo e avassalador, que ia muito além da amizade.

Prólogo



Nova Iorque – EUA

16 anos atrás...

Vivi minha primeira paixonite de infância aos dez anos de idade. Foi quando comecei a me dar conta do quanto eu suspirava como uma boba toda vez que estava diante do Harry. Para ele, que era dois anos mais velho, no entanto, eu não passava da amiguinha do irmão dele. E eu, sinceramente, não esperava mais do que isso. Afinal, não tinha nem como sonhar em me comparar com as meninas do sétimo ano, que estudavam com ele.

Aliás, naquela tarde, quando o encontrei no pátio da nossa escola, ele estava cercado por três delas e percebi que todas o

olhavam com o mesmo jeito bobo apaixonado que eu. E, caramba, elas eram lindas. Do tipo que f icavam bonitas até usando o unif orme.

Tínhamos duas opções de roupas para as meninas. A primeira e mais tradicional era composta por uma saia pregueada vinho, mesma cor do emblema do internato que era estampado na camisa branca. A segunda era a que eu costumava usar, com a mesma camisa e uma calça ou bermuda vinho. Geralmente, as meninas usavam as saias no dia a dia e as bermudas nos dias de aulas de educação f ísica, dobrando a barra para f icarem mais curtinhas. As calças eram mais restritas aos meses mais f rios,como era o caso. Mas eu costumava usar essa última opção o ano inteiro, porque eu me sentia muito esquisita com saias ou bermudas, por conta das minhas pernas f inas demais.

Respirando f undo, tomei coragem para me aproximar de Harry e de suas amigas para f azer a pergunta que precisava ser f eita.

— Oi, Harry... Você sabe onde está o Doug?

Ele me olhou e sorriu. Mas não daquele jeito sedutor com que sorria para as meninas com quem estava acompanhado, mas como

quem olha para a amiguinha do irmãozinho dele.

Bem, justamente o que eu era, né?

— Oi, Meg. Então, tem uns dez minutos que vi o Douglas. Ele estava no corredor do terceiro andar.

Agradeci e, sentindo-me ainda super constrangida – como me sentia todas as vezes que ele f alava comigo – eu me af astei, voltando ao prédio da escola.

O lugar era enorme, já que, além das dependências estudantis, tinha também quartos que ocupavam os dois últimos andares. Era um internato para f ilhos de milionários, embora para mim mais parecesse um depósito de crianças e adolescentes.

Subi pelas escadas até o terceiro andar, que era onde f icavam as salas de aula. Segui abrindo a porta de uma por uma, à procura do meu amigo. Até que, enf im, me deparei com ele ao abrir a porta do almoxarif ado e acender a luz.

— O que está f azendo escondido aqui? Pensei que tivesse f ugido da escola! — f alei, irritada pelo tempo que eu tinha perdido vasculhando aquele internato atrás dele.

Que droga, tínhamos uma hora de intervalo entre os turnos da manhã e da tarde, e costumávamos passar aquele tempo juntos

todos os dias. Quase metade dele tinha ido embora enquanto Douglas decidia brincar de pique-esconde sem me avisar previamente.

No entanto, minha raiva logo deu lugar à preocupação ao observá-lo melhor. Na escuridão do cômodo apertado, ele mais parecia um amontoadinho de roupas do jeito que estava: todo encolhido em um canto, entre um grande aspirador de pó e alguns esf regões.

Ele me olhou estreitando os olhos azuis, provavelmente incomodado com a súbita iluminação da lâmpada que acendi, mas logo voltou a baixar cabeça, desanimado.

Nós nos conhecíamos desde os seis anos, quando chegamos àquela prisão que costumavam chamar de colégio de elite. E eu poucas vezes tinha visto Douglas tão desanimado.

Arrastando os esf regões para outro canto, eu me sentei ao lado dele.

— O que tá rolando?

— Não tá rolando nada — ele rebateu, com um tom triste que não lhe era comum.

— Claro que está rolando alguma coisa. Por que está escondido aqui, no meio das vassouras? Vai querer bancar o Harry Potter e f ugir daqui voando em alguma delas?

— Até que eu queria. Mas acho que sou um trouxa e não um bruxo.

— Então por que se escondeu aqui? E por que está com esse mau humor?

Ele ainda levou alguns segundos para responder, sem olhar para mim:

— Meu pai vem semana que vem buscar o meu irmão para passar as f érias com ele.

Compreendi, então, qual era a situação. E como eu não compreenderia, se também tinha uma meia-irmã que era a queridinha do meu pai?

Porém, meu caso e o de Douglas eram dif erentes. Meus pais se divorciaram quando eu tinha quatro anos, e meu pai logo se casou novamente e teve outra f ilha. J á no caso do meu amigo, ele era f rut o de um caso extraconjugal de seu pai. Há quatro anos sua mãe morreu, então o pai resolveu o ‘problema’ colocando-o em um internato, o mesmo onde estudava seu f ilho legítimo. Contudo, Harry

era levado para casa nas férias e feriados, ao contrário do meu amigo que ficava permanentemente naquele lugar

Os dois sabiam que eram irmãos e se tornaram bons amigos no internato. Contudo, a atenção que recebiam do pai era bem diferente.

Bem, nisso Douglas e eu éramos parecidos. Desde que se separou da minha mãe, meu pai pagava uma pensão alimentícia e as mensalidades daquela escola cara, e provavelmente achava que isso era o suficiente. A gente mal se via e ele raramente me visitava ou ligava para mim. Porém, diferentemente do meu amigo, eu tinha uma mãe...

— E você também logo vai embora... — ele resmungou.

— Não me diga que vai sentir a minha falta... — impliquei.

Contudo, diferente das outras vezes, ele não entrou na pilha.

— É que ficar sozinho é bem ruim.

— Eu sei. Sinto muito.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Eu não sabia o que dizer para fazê-lo se sentir melhor. Queria que fosse possível que minha mãe o levasse com a gente nas férias, para ele poder passar o Natal e o Ano Novo conosco, mas sabia que isso era proibido

(porque, bem... eu já tinha pedido isso a ela nos anos anteriores. Era contra as regras da escola, aparentemente).

— Hoje é a sua vez — ele f alou de repente, arrancando-me dos meus devaneios.

— O quê?

— Você sabe, Meg. A história.

Ah, é claro. Aquela era a nossa tradição de todas as tardes já há uns dois anos. I nventamos uma história. Cada dia um de nós contava uma parte e, na tarde seguinte, era a vez de o outro continuar de onde parou.

Em dois anos, nada tinha mais qualquer coerência na nossa narrativa. J á tinha passado por ela dragões, bruxas, zumbis, super-heróis, animais f alantes e todo tipo de absurdo. Tinha se tornado uma grande mistura de terror, f antasia,ação, drama, f icçãocientíf ica e tudo mais que a gente estivesse inspirado no momento.

— Onde você parou ontem mesmo? — questionei.

— O guerreiro Drago matou o monstro que estava protegendo a entrada do castelo mal-assombrado. Ele f oi atrás do tesouro, lembra?

Bem... eu não avisei que era uma grande mistura de um monte de temas?

Tomei f ôlego, retomando a narrativa de onde ele tinha parado.

— Bem, daí o Drago subiu as escadas do castelo, muito atento porque poderia acabar encontrando outros monstros como aquele. A bruxa da f loresta tinha dito a ele que o tesouro estava escondido na torre mais alta, e ele f oi até lá, com toda a sua coragem. No alto das escadas, ele encontrou uma porta e a abriu, e então se deparou com...

— O tesouro? — Douglas perguntou, empolgado.

Bem, eu gostava de quebrar expectativas e criar reviravoltas, então decidi que não seria, ainda, o tal tesouro.

Tentei pensar rápido em algo dif erente.

— Não. Ele encontrou... uma princesa.

O sorriso de empolgação no rosto do meu amigo deu lugar a uma careta de decepção.

— O quê?

— Ele encontrou uma princesa. E ela era linda e usava um vestido daqueles longos e cheios de f ruf ruE ele a achou tão bonita

que logo se apaixonou por ela.

— Ah, não! — ele reclamou. — Não vai colocar essas bobeiras de romances na nossa história.

— Qual é o problema com romances? Um dia você vai namorar também. O seu irmão já deve ter uma namorada, não é? — minha pergunta f ingia desinteresse, mas era algo que eu queria muito saber.

— Eu não sei e nem quero saber. Meninas são todas chatas.

— Ei! — protestei. — Eu sou uma menina, esqueceu?

— Mas você não conta.

Por qualquer razão, achei aquilo extremamente of ensivo.

— Como assim eu não conto?

— Porque você é uma menina, mas é como se não f osse. Você é só... a Meg.

— Continuo sem entender.

Ele deu de ombros.

— Deixa isso pra lá. Anda, continua a história. Mas nada de colocar coisas melosas, tá?

Buf ei, indignada. E segui com a história, apenas para tentar animar um pouco o Douglas, embora me sentisse realmente magoada com as palavras dele.

Contudo, em poucos minutos já estávamos os dois rindo juntos, como acontecia todos os dias.

Não importava o que acontecesse, eu sempre me sentia bem na companhia dele.

*****

Capítulo um



Seattle – USA

Dias atuais...

Já era o quinto bastãozinho que eu usava. O quinto que exibia os aterrorizantes dois tracinhos que indicavam o mesmo resultado.

Positivo.

Grávida.

Como é que eu tinha deixado aquilo acontecer?

Ok... certo... eu sabia como. Alguns minutos de um sexo ruim e minha vida mudada para sempre.

Na escola, costumavam me chamar de garota-problema. Não f osse o valor absurdo das mensalidades que meu pai pagava para limpar sua consciência e se considerar um genitor responsável, eu provavelmente teria sido expulsa de lá na primeira vez que acionei propositalmente os extintores de incêndio no meio da madrugada, f azendo com que os alarmes f ossem acionados e todos os internos tivessem que sair correndo dos alojamentos usando pijamas.

Sentada no chão do banheiro do meu pequeno apartamento, encarando os cinco bastões enf ileirados diante de mim, eu ouvi meu celular tocar dentro da bolsa e o peguei. Era uma mensagem do meu melhor amigo.

Douglas: Lembrei de você, não sei por que...

L ogo abaixo daquelas poucas palavras, ele enviou um vídeo de uma garotinha colocando f ogo em um sof á.

Eu não estava no momento mais descontraído da minha vida, mas ri. Era engraçado como Doug parecia ter o timming perf eito para me mandar qualquer coisa, embora ele não f izesse a mínima ideia do incêndio real no qual minha vida se encontrava.

Digitei uma resposta:

Meghan: Minha vida atualmente anda bem parecida com esse sofá.

Enviei a mensagem e voltei a olhar para os bastões, começando a recolhê-los para jogá-los no lixo. Sabia que precisava contar aquilo para alguém, mas não me sentia ainda pronta para isso.

Af inal, antes eu precisava conversar muito a respeito daquilo comigo mesma. Tentar ordenar meus pensamentos e pensar no próximo passo que eu daria.

I nevitavelmente, minha última conversa tida com o pai daquela criança veio à minha mente.

— Acho que est ou gr ávi da... — anunci ei. Por que, at é ent ão, er a apenas i sso: uma suspei t a.

A pr i mei r a r eação de Ant ony o car a com quem eu t i nha saí do umas quat r o ou ci nco vezes, f oi r i r como se aqui l o f osse al guma pi ada.

Como se eu fosse fazer piada com algo tão sério.

Ao perceber que eu não o acompanhei na risada, uma expressão de assombro tomou o rosto dele.

— Não é possível, Meghan. Você fez algum exame?

— Ainda não. Comprei alguns testes de farmácia e estou tomando coragem para isso, mas achei que deveria te contar

— Então faça os testes. Se der positiva, gente dá um jeito nisso.

Em um primeiro momento, achei que o 'jeito' fosse organizarmos nossas vidas para acriarmos aquela criança, se ela de fato existisse. Contudo, ele logo completou:

— Mas faça logo hoje, porque precisamos dar um jeito amanhã mesmo. Daqui a três dias eu vou embora.

Ele tinha acabado de receber uma promoção na empresa onde trabalhávamos. E seria transferido para a filial da Coreia do Sul, literalmente iria para o outro lado do mundo.

Estávamos no momento na sala de leda empresa – ele tinha uma, ao contrário de mim, já que tinha um cargo bem mais elevado que o meu. E tinha dito tudo aquilo enquanto recolhia seus

per t ences de dent r o das gavet as e os col ocavæm uma cai xa, como se est i vesse se r ef er i ndo apenas a um i mpr evi st o chat o e bar

— O que, exat ament e, você quer di zer com 'dar um j ei t o'?— ar r i squei , t or cendo par a est ar enganada.

— Não esquent a com di nhei r o, Meghan, eu pago t udo.

— Você paga o quê?

— O abor t o, clar o. Vamos encont r ar uma boa cl í ni ca que f aça i sso. At é amanhã r esol vemos t udo.

Pi squei al gumas vezes, t ent ando pr ocessar aquel as pal avr as, t or cendo i nt er nament e par a que eu t i vesse compr eendi do al go de f or ma er r ada.

— Esper a... Ent ão você deci di u, sem sequer conver sar comi go a r espei t o, que eu vou me submet er a um abor t o?

— Meghan, por f avor.. Eu t enho vi nt e e oi t o anos, acabei de r eceber a pr omoção dos meus sonhos... Acha mesmo que vou acabar com a mi nha vi da por causa de uma t r epada sem cami si nha?

Meus l ábi os se mover am, t ent ando expr essar al guma pal avr a. Mas nada sai u, porque eu sequer sabi a como expr essar t udo o que eu est ava sent i ndo naquel e moment o.

Ant ony e eu est ávamossai ndo há mui t opouco t empo. El e pedi apar a eu não cont arnada a ni nguémda empr esa, por que o r el aci onamentoent r ef unci onár i osde hi er ar qui asdi f er ent esnão er a mui t obem-vi st opor l á. E, bem, eu empr eachei que esse pedi do f osse, em par t e, par a me prot eger, par a evi t arque eu f i casse mal f al ada, que me j ul gassem como al guém t ent ando t er al gum pr na empr esa por est ar sai ndo com um super i or

Eu gost ava del e... Por que o achava um car a l egal ...

Mas el e def i ni t i vament e er a um babaca.

Eu ador ar i adi zer que, depoi s di sso, eu si mpl esment esaí daquel a sal a e vol t ei ao meu t r abal ho. Mas eu não f i z i sso.

Ser i apr udent e... mas eu não ser i aa gar ot a-pr obl emas e agi sse de f or ma t ão f r i a.

Ent ão eu t omei f ôl ego e comecei a f al ar

E a xi ngar

E a gr i t ar

E a at i r aobj et osnel e. Uma cal cul ador a, um por t a-r et r at o um cel ul ar. um moni t or.

Daí a por t ase abr i u, ent r ouum mont e de gent e par a me det er. Nos vel hos t empos, eu t er i a i do par ar na sal a do di r et or

Al i , f ui par ar no RH.

E lá estava eu...

Meghan Dawson, vinte e seis anos. Formada em Marketing por uma ótima universidade.

Grávida de um babaca e desempregada.

E se f ossesó isso, talvez eu tivesse um pouco mais de jogo de cintura para lidar com a situação. Porque, apesar de sempre ter sido a garota problemática, eu nunca tinha sido ef etivamente violenta com alguém. Sei que aquele f ilhode chocadeira do meu ex (ou sei lá o quê) merecia cada xingamento e cada golpe que levou (no f inal,a cara dele estava sangrando, provavelmente por conta do monitor. BEM-FEI TO para ele!), mas eu poderia ter respirado f undo e tentado agir com um pouco mais de f rieza para ao menos conseguir preservar o meu emprego. Era uma ótima empresa, onde eu já trabalhava há três anos, com expectativa de subir de cargo lá dentro muito em breve.

Mas, ao invés disso, eu surtei. Porque tudo aquilo estava acontecendo justamente no pior momento da minha vida.

— Meg? Está tudo bem? — ouvi a voz da minha mãe do outro lado da porta do banheiro. Eu já devia estar lá dentro há mais de uma hora.

— Tudo bem, mãe. Já vou sair — respondi.

— Vai acabar se atrasando para o trabalho, filha.

É, eu não tinha contado para ela. Nem do bebê, nem da demissão. Porque tudo o que eu menos precisava era que a minha mãe surtasse também.

Não naquele momento.

— Já estou saindo, mãe — respondi.

Levantei-me do chão e fui até a lixeira, onde joguei os testes de gravidez, em seguida lavei as mãos, enquanto encarava minha própria imagem refletida no espelho. Estava ainda de pijama, com meus cabelos loiros amarrados de qualquer jeito em um coque bagunçado. Mas aquele era um visual meio característico meu. Eu não tinha muita paciência para penteados ou maquiagens, e isso fazia com que Antony volta e meia reclamasse que eu poderia ser mais feminina.

Como foi que eu não tinha percebido antes o quanto ele era um babaca?

Ouvi meu celular tocando novamente e voltei até a bolsa que eu tinha deixado no chão, pegando o aparelho dentro dela.

Mais uma mensagem do Doug.

Douglas: São sete da manhã, Meg. Já está nesse humor?

O que houve? Algum problema?

— Alguns, Doug... alguns... — resmunguei, começando a digitar a resposta.

Meghan: É, as coisas não andam bem. Tenho muitas coisas para te contar. Mas você deve estar indo para o trabalho, né? Quando você tiver um tempinho, vou te alugar por algumas horas.

Enviei a mensagem, voltei a colocar o celular na bolsa, peguei-a e, enf im, saí do banheiro.

Minha mãe estava sentada no sof á, distraída enquanto lia alguns papéis, mas me olhou logo que cheguei ao corredor.

— Ainda está de pijama? — ela perguntou, conf usa.

— É... Ganhei uma f olga hoje, não vou trabalhar — menti.

— E por que está com essa bolsa?

Eu tinha levado a bolsa ao banheiro comigo porque era nela que estavam as caixas com os testes de gravidez que comprei no dia anterior. Eu bem que poderia ter sido um pouco mais discreta.

— Eu... esqueci a bolsa no banheiro ontem de noite.

— Se não ia trabalhar, não precisava ter acordado tão cedo, f ilha.

— Força do hábito também, mãe — Aproximei-me dela, dando um beijo em sua testa. — Como está se sentindo hoje?

— Eu estou ótima.

— Sério? Então por que não para de f icar lendo esses exames?

— Força do hábito, assim como você. Bem, minha consulta é às oito e gosto de chegar com antecedência. Estava te esperando para sairmos juntas de casa, mas já que você não vai trabalhar hoje...

— Posso te acompanhar na consulta, mãe. Me dá só dois minutinhos que já troco de roupa.

— Não, querida. Você tem trabalhado demais. Aproveite a folga para descansar.

Ainda tentei insistir, mas ela não me deu muita confiança e apenas se levantou, me deu um beijo no rosto e saiu. Deixei-me cair sentada no sofá, ainda tentando organizar meus pensamentos.

Grávida. Desempregada. E com a mãe doente.

Um combo e tanto.

Novamente, meu celular apitou dentro da bolsa, anunciando o recebimento de uma mensagem. Quando fui pegá-lo, ele começou a tocar em uma chamada recebida. Cheguei a pensar que fosse Douglas e me animei com isso. Adoraria poder conversar com ele a respeito de tudo aquilo. Contudo, não era o nome dele no visor do aparelho.

Era o de uma pessoa que, para falar a verdade, eu já nem me lembrava mais do porquê eu tinha o número gravado na memória do meu celular. Eu nem me recordava qual tinha sido a última vez que nos falamos.

— Lilly? — perguntei, ainda em dúvida sobre se seria mesmo ela ou se alguém teria roubado o seu celular.

— Você respondeu ao e-mail do papai? Como você respondeu ao e-mail do papai?

Não tinha dúvidas de que era realmente a minha meia-irmã. E ela estava um tanto quanto surtada.

Bem, o surto era uma característica meio comum a ela.

— Qual e-mail do *seu* pai? Tem anos que eu nem f alo com ele.

— Você sabe bem qual!

— São sete e meia da manhã, L illy. Eu mal sei o meu próprio nome a essa hora. De que e-mail você está f alando?

— O que ele nos mandou ontem à noite. Acabei de ver e, meu Deus, eu não paro de tremer.

— Não olhei meu e-mail de ontem para hoje. O que tem de tão importante assim nele?

— O que tem de tão importante? Meu Deus, Meghan... Ai, meu Deus, eu não consigo respirar...

Do outro lado da linha, ela respirava como se estivesse tendo uma crise de asma.

— Lilly, você está bem? Quer que eu chame um médico?

— Estou bem. Você não quer que eu esteja bem, mas eu estou bem, estou ótima, na verdade. Se você não quer me contar o que respondeu ao papai, tudo bem... Mas saiba que eu não vou entrar nessa para perder, entendeu? Nos vemos daqui a uma semana.

— Nos vemos, onde, Lilly? Do que você está falando?...Lilly?

Ela já tinha desligado. Depois de me dizer um monte de coisa nenhuma.

Suspirando, não contive minha curiosidade e, pelo celular, acessei o aplicativo do meu e-mail. Em meio a um mundo de spam, havia realmente um e-mail do meu pai. Enviado para mim e para a minha irmã.

Li aquele texto enorme, mal acreditando que aquilo poderia ser real.

E poderia ser, também, a minha salvação.

...Ou não. Por que, sinceramente, quais eram as minhas chances, naquela minha atual condição?

Saí do aplicativo do e-mail e abri o de mensagens, vendo a última que Douglas tinha me enviado.

Douglas: Podemos conversar a hora que você quiser, Meg. Se estiver com qualquer problema, fala comigo.

Uma ideia completamente absurda me veio à mente. E eu nem ia pensar muito a respeito dela. Porque, se pensasse, talvez acabasse desistindo. E eu precisava tentar.

Digitei rapidamente uma resposta:

Meghan: Conversamos à noite, então. Logo que você sair do escritório. E aguarde por uma grande surpresa.

Ele logo retrucou:

Douglas: Não sei se gosto das suas surpresas, mas ficarei aguardando.

Larguei o celular sobre o sofá e me levantei, correndo para o quarto. Precisava arrumar uma bolsa pequena de viagem e comprar passagens.

Era pessoalmente que eu iria conversar com Douglas. E precisava me apressar se queria chegar em Nova Iorque até a noite.

*****

Capítulo dois



Nova Iorque – USA

Eu deveria gostar de audiências de divórcio. Af inal, eram o ponto forte do meu bem-sucedido escritório de advocacia, era a minha especialidade e o que vinha, ano após ano, enchendo a minha conta bancária de dinheiro. E quanto maior era a disputa do casal, quanto mais sangue um do outro eles estivessem dispostos a derramar, maiores eram os meus honorários. Raramente acontecia de um cliente vir me procurar em busca de uma separação completamente amigável. A parte que me contratava geralmente sempre acreditava que tinha direito a f icarcom mais bens do que o outro. E vinham dispostos a pagarem qualquer quantia para que eu

conseguisse isso, porque sabiam que eu era o melhor na minha área.

Porém, sinceramente, eu atualmente vinha achando tudo aquilo a cada dia mais irritante.

Como naquele momento, em que eu tentava inutilmente apaziguar os ânimos da minha cliente e de seu f uturo ex-marido, que discutiam f ervorosamente,um de f rentepara o outro, separados apenas pela extensa mesa retangular da minha sala de reuniões.

— A mansão de L os Angeles era dos meus pais! — o homem clamou, enérgico. — Nem f odendo você vai f icar com ela!

Pelo vocabulário, ninguém diria que se tratava de um ator milionário que era f amoso pelos seus papéis de bom moço em f ilmes e séries.

— Você nunca se importou com aquela casa! — minha cliente rebateu. — Se você quer tanto f icarcom aquela porcaria de iate, é justo que eu f ique com a casa de praia.

— Senhores, queiram se acalmar... — pedi. O advogado do homem já havia até mesmo desistido de tentar negociar qualquer coisa. — J á que não temos um acordo aqui, teremos que resolver tudo no tribunal. Ref orçoque minha cliente não está disposta a abrir

mão da casa da Calif órnia,nem do apartamento de Boston. E como o senhor está inf lexível quanto a isso, deixaremos que o juiz decida.

— I sso é um absurdo! — o homem gritou a plenos pulmões.

E continuou a gritar, enquanto era puxado pelo seu advogado para f ora do escritório.

Conversei um pouco com minha cliente, garantindo-lhe que f ariao possível para que ela recebesse tudo o que merecia – e até bem mais do que isso, porque este era justamente o meu dif erencial. A parte def endidapor mim geralmente levava a melhor. Então, ela agradeceu, se despediu de mim e f oi embora, plenamente satisf eita.

Ficando sozinho, peguei meu celular, mandando uma mensagem para Meghan.

Douglas: Acabei me enrolando em uma tentativa de acordo da minha cliente com o seu por enquanto ainda marido, mas já encerrei meu expediente. Vou sair agora com o Chris e o Harry, mas estou livre para conversar com você quando quiser.

E diga logo o que aconteceu, porque estou ficando preocupado.

Em poucos segundos ela visualizou a minha mensagem, mas logo voltou a f icar off line e eu deduzi que pudesse estar ocupada com alguma coisa. Talvez ainda estivesse, também, presa no trabalho. Guardei o celular no bolso da calça.

Meu escritório de advocacia ocupava um andar inteiro de um importante prédio no centro da cidade, e eu saí da sala de reuniões, indo para o hall, onde me sentei em um dos conf ortáveis sof ás, ao lado de Christopher, meu melhor amigo e sócio. Mesmo que o escritório já tivesse encerrado seu horário e todos os nossos f uncionários já tivessem ido embora, ele estava ali justamente esperando por mim.

— L embre-me de nunca me casar — comentei, cansado.

— Não sou exatamente o cara que te aconselharia a f azer algo assim — Christopher retrucou, rindo.

E, bem, ele realmente não era. Eu não tinha qualquer plano de me comprometer com alguém, mas ainda assim jamais seria capaz de tirar o título de solteiro mais convicto da América que meu amigo provavelmente ostentava.

Christopher e eu estudamos juntos no ensino médio. Ele era um ano mais velho que eu e um ano mais novo que meu irmão Harry, e nós dois entramos em uma briga para def endê-lo de uns babacas que queriam humilhá-lo por ser bolsista no colégio. Desde então, nos tornamos um trio de amigos, embora eu na época andasse mais com minha amiga Meghan do que com eles dois. Às vezes ela se juntava a nós e nos tornávamos um quarteto.

Bons tempos.

Enquanto meu irmão era o cara certinho que se casou cedo e assumiu a empresa do nosso pai, Christopher só queria saber de f arra e mulheres. Para o meu alívio, ao menos no trabalho ele era bem responsável. Ambos nos f ormamos em Direito e abrimos juntos um escritório, que não demorou a crescer e se tornar um dos mais consagrados do país.

J á eu, no quesito mulheres, era um meio termo entre os meus dois amigos. Não queria saber de casamento ou qualquer compromisso sério, mas também não era tão leviano. Costumava ter meus casinhos f ixos, embora sem qualquer compromisso.

— Nunca vou entender por que as pessoas se metem nessas enrascadas — Christopher comentou, ainda se ref erindo a

casamentos. — Apenas para depois terem que gastar uma grana contratando advogados para ajudá-los a se digladiarem por casas, carros, contas bancárias e guarda de f ilhos.

— Acho que a intenção do amor é ser eterno enquanto durar.

— Não f az sentido. Não f az o menor sentido. Como é possível amar alguém tanto a ponto de querer dormir e acordar todo dia na companhia de uma pessoa só... E algum tempo depois passar disso ao ódio extremo?

— Nem todos os casais se separam. E mesmo os que se separam, às vezes f icaalgo bom. Alguns seguem sendo amigos. Ao menos convivendo com alguma civilidade. Nem todos passam a se odiar mortalmente.

— Me dê um exemplo. Um único exemplo, dentre seus últimos clientes.

— Esse tipo de gente civilizada não costuma procurar os meus serviços.

— Certo, então cite alguém da vida pessoal. Alguém conhecido, não caso de gente f amosa ou coisa do tipo.

— Os pais do meu irmão f icaram juntos para sempre.

— O pai do seu irmão traía a mulher com a sua mãe.

— E ainda assim eles continuaram casados até o f im.

— A mulher morreu antes mesmo de chegar aos quarenta anos. Eles f atalmentenão se aturariam juntos por muito mais tempo além disso. O próprio Harry, quanto tempo você acha que esse casamento dele vai durar?

— Até onde eu saiba, eles estão muito bem. E em breve terão um bebê.

— Aí é que, provavelmente, a coisa começará a desandar.

Christopher era extremamente sincero, até mesmo quando o assunto em questão era delicado como relações f amiliares. Ainda assim, ele sabia que meu irmão não lidava tão bem com isso quanto eu, por isso deu o assunto por encerrado quando ouvimos o som da porta do elevador se abrindo e sabíamos que seria Harry.

Menos de um minuto depois, descobrimos que estávamos certos quando a porta do hall se abriu e meu irmão surgiu. Como a empresa dele f icavaali perto, tínhamos marcado de sairmos os três para beber depois do expediente.

— E então, já estão prontos? — ele perguntou.

— O atrasado aqui é você — respondi. — São quase sete da noite. Seu horário não termina às seis?

Antes que ele pudesse responder, Christopher retrucou:

— O único dentro do horário aqui sou eu. Já estou esperando vocês há quase uma hora — E apontou para mim. — Teu irmão estava preso em mais um inferno de briga de casal, todo mundo do escritório já foi embora às seis.

— Eu também acabei ficando preso em uma reunião. Mas estamos indo para um bar, não é? Por que tanta questão de chegar cedo lá?

— Lembre-se de que foi você mesmo que disse isso quando começar com os "está tarde, preciso ir embora, a Lia está me esperando para jantar".

— Que culpa eu tenho de ter uma mulher que me ama me esperando em casa? — Harry respondeu.

— Quando eu digo que esse tipo de vida não é para mim... — Christopher resmungou.

Harry tomou fôlego para rebater, mas o som de batidas na porta o interrompeu.

Aquilo era um tanto quanto incomum naquele horário.

Levantei-me e fui até lá, abrindo a porta.

Então, deparei-me com uma grata surpresa.

Enf iadaem um conjunto de moletom e com os cabelos loiros amarrados em um coque desajeitado no alto da cabeça, estava alguém que eu não via pessoalmente há uns três ou quatro anos.

— Meg? — perguntei, tomado pela surpresa.

Ela respirava pesadamente e estava um pouco suada, como se tivesse chegado ali correndo. Mas, em meio a isso, abriu um sorriso.

— Que bom que encontrei você aqui.

Ela ainda tinha aquele mesmo sorriso, meio moleca, de quem estava prestes a aprontar alguma coisa.

E eu tive a nítida sensação de que era exatamente esta a situação.

*****

Capítulo três



A última vez que eu tinha visto Douglas f oina f ormaturadele da Universidade. Que tinha sido, também, a última vez que eu tinha me deslocado de Seattle, onde eu morava, até a Cidade de Nova I orque. Não que a gente tivesse se af astado ou deixado de ser amigos. Muito longe disso, aliás.

Nós nos f alávamos por mensagens e pelas redes sociais todos os dias. Ainda que as correrias das nossas vidas adultas e os rumos completamente opostos que tomamos depois que terminamos o colégio f izessem com que nem sempre tivéssemos tempo para longas conversas, vivíamos constantemente mandando um para o outro alguma notícia interessante ou mesmo um vídeo ou um meme que f izesse com que lembrássemos um do outro, e isso sempre rendia alguma conversa na sequência, mesmo que curta.

Mas vê-lo, assim, pessoalmente, já f azia um tempinho.

Ficamos alguns segundos parados, olhando um para o outro, enquanto eu esperava que ele absorvesse a surpresa daquele encontro. Até que ele abriu um enorme sorriso e me puxou para um abraço.

Eu tinha me esquecido do quanto abraçá-lo era bom.

— Não acredito, Meg! O que está f azendoaqui? Por que não me contou que vinha?

— Bem... Eu disse que você teria uma surpresa, então... Surpresa!

— Quando você chegou?

— Hoje. Agora há pouco, aliás. Fiz apenas check-in no hotel e corri aqui para te ver. Que bom que cheguei antes que você f osse embora. Ainda não tenho o seu endereço novo.

— Você é louca. Completamente louca.

Alguém tossiu atrás dele, o que f ez com que nos af astássemos subitamente. Olhando para dentro do hall do escritório, encontrei dois rostos conhecidos. O primeiro, que havia tossido, era Chris, que sorria para mim daquele mesmo jeito sedutor de sempre.

Não que ele em algum momento da vida tivesse tentado *me* seduzir. Mas já era algo meio natural dele.

Sorri de volta, enquanto meus olhos seguiam para o homem que estava ao seu lado. Meu sorriso, então, congelou em meu rosto e eu senti o mesmo f rio na espinha que sentia quando tinha dezesseis anos e me via f rente a f rente com Harry Compton.

Que merda, eu não era mais uma adolescente vivendo uma paixão platônica.

Mas, que inf erno, o irmão do meu melhor amigo ainda era uma criatura arrebatadoramente linda.

— Vejam só, se não é a louca da Meghan Dawson — Chris f alou, aproximando-se para também me abraçar

Doug sempre f oi o meu melhor amigo, mas Chris e eu também f ormávamos uma dupla e tanto. A gente acabou convivendo muito tempo na sala da detenção da escola, já que estávamos rotineiramente envolvidos – juntos ou separados – em coisas como roubos de gabaritos de prova ou outras pequenas artes como... explodir o laboratório de química da escola.

Algumas garotas se esf orçam para serem líderes de torcida, outras para tirarem as melhores notas e garantirem o ingresso em

uma boa f aculdade... Eu parecia me esf orçar para ser uma peste.

— A garota-problema do internato... — Harry comentou, enquanto eu ainda abraçava Chris. Que bom por isso, assim pude disf arçar o rubor em meu rosto.

Que inf erno, a voz dele ainda seguia sendo linda.

— Você cresceu — ele completou, apenas deixando mais evidente o que eu sempre soube.

Ele sempre tinha me visto como uma garotinha.

— Chegou na hora certa — Chris anunciou, af astando-se de mim. — Estávamos saindo para beber. Venha com a gente. Nós quatro bebendo juntos, como nos velhos tempos.

— Não bebíamos juntos nos velhos tempos, Chris — retruquei.

— Bem, vocês três não. Ficavam naquela palhaçada de esperarem chegar aos vinte e um para beber. Harry sempre f oi o certinho, mas eu juro que esperava mais de vocês dois.

Olhei para Douglas, torcendo para que nossa conexão dos velhos tempos tivesse permanecido intacta e ele entendesse, apenas pelo meu olhar, o que eu queria dizer. Sair para beber com os três seria bem divertido, mas eu não estava ali para me divertir.

Teria que ir embora já na manhã seguinte, então não tinha tempo a perder.

Precisava conversar com Douglas. Apenas nós dois. Era importante demais para esperar.

Felizmente, ele compreendeu o meu olhar e falou:

— Nossa bebedeira em grupo ficará para outro dia. Mudança de planos. Meg está aqui e nós dois temos muito o que conversar a sós.

Chris bufou, revirando os olhos.

— E começaram os segredos de patotinha. Vamos, Harry, pelo visto seremos só nós dois. Vamos logo que quero me embriagar até amanhecer o dia.

— Preciso ir para casa às dez... — Harry rebateu, enquanto os dois passavam por nós para pegarem o elevador. — Foi um prazer te rever, Meghan.

— Igualmente... — respondi, torcendo para que ele não notasse meu rosto que provavelmente tinha corado com aquilo.

Os dois se foram, deixando Douglas e eu sozinhos ali, um de frente para o outro.

— E então, Meg... Podemos ir beber também, em algum outro lugar.

— Tem um bar perto do meu hotel. Passei por lá enquanto vinha para cá e pareceu ser bem legal.

— Perf eito. — Ele começou a vestir o casaco e f omosjuntos para o corredor. — Mas não deveria ter ido para um hotel, poderia f icar lá em casa.

— Eu não tenho o seu novo endereço, e também estou na correria. Amanhã cedo já volto para Seattle. Se f icassena sua casa, provavelmente iríamos conversar a noite toda e seria complicado ir embora tão cedo. — E eu não podia deixar minha mãe sozinha por muito tempo. Mas isso ele logo iria saber, assim como os motivos disso.

Apertei o botão para chamar algum dos vários elevadores dali e, enquanto esperávamos, comentei.

— O prédio aqui é bem legal. E f ica mesmo em um ponto ótimo de Nova I orque.

— Eu podia ter te mostrado melhor o escritório, mas você parece estar com um pouco de pressa, não é? — Eu ainda não conseguia esconder muita coisa do Doug, af inal. — Está me

deixando preocupado, Meg. Por que veio para cá assim, sem avisar, e para f icar tão pouco tempo?

— Vim apenas f alar com você. Conversamos logo que chegarmos ao bar. Preciso me sentar e beber algo para esquentar o corpo. — Eu não iria beber nada alcoólico, mas pensei que seria bom se ele bebesse para receber melhor o que eu precisava lhe pedir.

— Esquentar ainda mais? Só de olhar para você e, te conhecendo como conheço, tenho certeza de que veio do seu hotel até aqui correndo.

— Não é muito longe.

— Mas isso é o que você f az quando está em apuros. Você corre. L iteralmente f alando.

Ele estava certo. Meus anos f azendo parte da equipe de atletismo da escola não f oram apenas para acrescentar alguma atividade extracurricular ao meu currículo. Correr era justamente a minha maneira f avorita de distrair a mente.

Ou de, ao menos, tentar. Naquela minha situação atual, nem mesmo isso tinha adiantado.

— Não f iquemuito preocupado. Eu estou bem. Ou ao menos vou f icaŗ caso você tope me ajudar.

— Veio me pedir um f avơr, então? Que coisa, me iludi achando que tinha vindo por sentir saudades de mim.

Revirei os olhos, rindo.

— Pensou errado então, seu convencido. Não f oramos seus belos olhos azuis que me f izeram vir até aqui.

— Se houve algum motivo mais importante do que este, eu realmente devo me preocupar.

— Você se tornou o advogado mais bem pago do país. Duvido muito que eu seja a primeira amiga do passado a te procurar pedindo ajuda.

— Sou especialista em divórcio, Meg. E eu é que duvido muito que a ajuda que você precisa seja para se divorciar.

— Não, claro que não.

— I maginei.

— Na verdade, é o extremo oposto a isso.

— Como assim? Quer ajuda para se casar?

— De certa f orma, sim.

A porta do elevador se abriu, mas ele continuou parado no mesmo lugar, provavelmente tentando achar algum sentido nas minhas palavras.

Não tinha sido falta de aviso. Eu alertei que seria melhor estarmos sentados e, de preferência, que ele estivesse tomando alguma bebida alcoólica antes de eu contar o motivo da minha visita.

Entrei no elevador, virando-me de frente para ele e abrindo um sorriso. Já que tínhamos iniciado o assunto, decidi despejar tudo em um fôlego só:

— Eu preciso que você se case comigo.

Segurei a porta antes que se fechasse, mas ele permaneceu parado no mesmo lugar, aparentemente sem conseguir me mover.

Acho que era melhor irmos logo para um bar.

Era uma grande pena que eu não pudesse beber. Estava precisando, mais do que nunca.

*****

Capítulo quatro



— Então... — comecei, logo que estávamos devidamente sentados lado a lado diante do balcão de um bar meio barulhento.

— ...Então... — ela repetiu.

O barman serviu uma dose para cada um de nós e tomei a minha em um único gole.

— Quando você disse que quer que eu me case com você... — continuei. Aparentemente a primeira dose de álcool deu-me alguma coragem para prosseguir. — O que você quis dizer, exatamente?

— Convites chiques, escolha de padrinhos, vestido branco, todas aquelas f rescuras, como manda o f igurino.

— E você ainda me disse que não veio a Nova I orquepelos meus lindos olhos...

Ela riu, embora estivesse visivelmente nervosa. Respirou f undo, como se tomando coragem, antes de começar a contar:

— Meu pai quer se aposentar e passar a presidência da empresa dele para mim ou para a minha irmã.

— Aquela mesma empresa que você sempre disse que não queria?

— As coisas mudaram um pouco... Na verdade, as coisas mudaram muito nessas últimas semanas. A minha mãe está doente.

Eu a olhei, tenso, percebendo a tristeza em suas f eições.

— E é grave?

— É complicado. Mas ela tem chances grandes, sabe? Desde que passe por um tratamento prolongado e por uma ou mesmo várias cirurgias. Tudo caro demais.

— Meg, se o problema é dinheiro, eu posso...

— Não é simples como você me emprestar ou mesmo me presentear com dinheiro, Doug. Porque eu vou precisar de *mui t o* dinheiro. E por *mui t o*tempo, porque, como eu disse, será um tratamento demorado. Em meio a isso, eu preciso ainda garantir

alguma qualidade de vida para ela... Boa alimentação, remédios, cuidadoras, moradia... Ela foi morar comigo há duas semanas, porque a aposentadoria de professora dela não estava dando conta dos remédios, das contas e do aluguel. Só que agora o meu aluguel também vai atrasar, porque... — Ela fez uma pausa, suspirando — Eu fui demitida.

Bem que ela disse que as coisas tinham mudado muito. Com a mãe doente e sem emprego, tudo isso ao mesmo tempo. Era demais para uma pessoa dar conta.

Eu tinha grana mais do que suficiente para poder ajudá-la, mas ela tinha razão: se havia a possibilidade de ela assumir a empresa do pai, ela precisava agarrar isso, mesmo que não fosse o que ela mais sonhava em sua vida.

Porém, o pedido inicial dela ainda não fazia sentido.

— E onde um casamento comigo entra nisso, Meg?

— Bem... Para você entender, eu preciso explicar antes qual foi a proposta maluca do meu pai. Ele quer Lilly e eu trabalhando em sua empresa. E nesse tempo ele vai analisar não apenas nosso rendimento lá, como também nossas 'posturas de vida'. Sabe que meu pai é um moralista com a cabeça no século passado, não é?

— Está me dizendo que acha que você terá mais chances se estiver casada, é isso? Sabe que não faz o menor sentido, não é? Sua irmã é bem jovem, não deve ter se casado ainda. Ela está noiva ou coisa parecida?

— Não, não está.

— Então, se as duas são igualmente solteiras, isso não será um empecilho para nenhuma de vocês.

— Não seria, Doug, se não fosse o fato de... — Ela olhou para o próprio copo, ainda cheio, e o arrastou em minha direção. — Droga, eu não posso beber isso...

— Por quê?

Ela levantou o rosto, olhando-me diretamente nos olhos.

— Porque eu estou grávida.

Pausa.

Silêncio.

Toda a barulheira ao nosso redor pareceu desaparecer subitamente e era como se, de repente, fôssemos apenas nós dois ali.

Após alguns segundos, tive enfim alguma reação. E foi a única que achei possível.

Eu ri, porque aquilo não poderia ser nada além de uma piada.

— Por favor, Meg... fala sério!

Ela revirou os olhos, como já era sua mania.

— É, Doug, pode acreditar, eu tenho uma vida sexual.

Parei automaticamente de rir.

Ela estava mesmo falando sério?

Tá, ela tinha vinte e seis anos. Não que eu esperasse que ela ainda fosse virgem, mas... Que merda, não era algo que eu sequer gostasse de pensar a respeito.

— Essa ideia é meio perturbadora, Meg...

— Por quê?

— Porque você nunca falou nada a respeito disso. Conversamos sobre tudo.

— Sobre *quase* tudo. Nunca mencionei minha vida sexual para você.

— Mas eu sempre falei com você sobre a minha.

— Porque você é um libertino.

— 'Libertino'? Onde estamos? Em um romance do Século dezoito? Certo, suponhamos que eu fosse mesmo um *libertino*. Mas você não é. Sendo assim, para fazer sexo, você precisaria ter um namorado, não?

— Agora eu é que pergunto: regredimos alguns séculos? Não, eu não tenho um namorado. Achei que em breve teria, porque estava saindo com um cara e, na minha cabeça, a coisa estava caminhando para ficar mais séria, mas...

— Como assim? Por que não me apresentou ao cara? Por que não me falou nada a respeito dele?

— Porque, como eu disse, não era ainda nada tão sério assim...

— Logo, *você* é uma libertina.

— Quer parar de me julgar?

Não tinha sido ela quem tinha começado? Sacudi a cabeça e tomei a bebida dela, tentando reorganizar meus pensamentos. Era coisa demais para assimilar.

— Certo... Então você está grávida. E onde está o pai deste bebê no momento?

— A caminho da Coreia do Sul.

— O quê? — Nada daquilo estava f azendoqualquer sentido. Estava começando a parecer as histórias que inventávamos quando crianças.

— Ele trabalhava comigo, mas ganhou uma promoção na empresa e f oi transf erido para lá. Contei a ele que estava grávida antes que ele viajasse, ele deixou claro que não se importava, eu surtei... na empresa... e f ui demitida. Porque ele era o meu superior e talvez eu o tenha agredido atirando um monitor de computador na cabeça dele. Essa é a história. É a minha linda e poética história de amor.

Tentei reprimir a vontade que senti de ir atrás daquele f ilhoda puta que tinha f eitoaquilo com Meghan e socá-lo até arrancar todos os seus dentes. Pedi ao barman mais um drinque e aguardei em silêncio até que ele me servisse e se af astasse,para só então voltar a dizer algo.

— Sabe que o que você está me pedindo é completamente absurdo, não é? Eu f aria qualquer coisa por você, Meg, mas... Casamento não é um pouco demais?

— Não precisamos nos casar de verdade. Meu pai só precisa acreditar que eu estou noiva, de f orma com que ele não implique

com a minha gravidez. Dizemos a ele que decidimos deixar a cerimônia para depois que o bebê nascer.

— E depois que o bebê nascer, como saímos dessa?

— Meu pai já marcou a data da aposentadoria. Será no aniversário dele, daqui a exatos sete meses e oito dias. Eu estou com algumas semanas de gestação, o que signif ica que o bebê deve nascer daqui a no mínimo uns oito meses. Até lá, se tudo der certo, eu já estarei com o comando da empresa. Aí a gente diz que não deu certo, que decidimos terminar em comum acordo, e você seguirá com a sua vida.

— Vou seguir como um f ilho da puta que sequer registrou o f ilho?

— Acha que meu pai será um avô presente para observar esse tipo de coisa? Eu sinceramente nem sei por que ele ainda me deu essa chance, em vez de entregar a empresa diretamente para a Lilly, que é a f ilha queridinha dele.

Nesse ponto ela tinha toda a razão. O pai dela tinha sido totalmente ausente de sua vida. Apenas cumpriu com obrigações f inanceiras, como pagar uma boa pensão e as mensalidades do colégio mais caro do país. O apoio f inanceiro chegou ao f im logo

que Meg completou dezoito anos e terminou o colégio. Sua mãe tinha feito para ela uma poupança com o dinheiro das pensões, e minha amiga usou esse dinheiro para fazer uma faculdade.

Atualmente, ela, que era herdeira de um dos homens mais ricos do país, vivia uma vida simples, sem qualquer luxo.

Meghan voltou a falar:

— Tudo o que eu te peço é para que se apresente como meu noivo, nada além disso, Doug. Será uma mentirinha de nada. Ninguém mais precisa ficar sabendo, além dos meus pais e da minha irmã.

— Espera... Quer que eu minta também para a sua mãe?

— Será mais seguro se toda a minha família acreditar nisso. Mas depois que a farsa chegar ao fim, prometo contar toda a verdade para ela, fique tranquilo porque ela não vai ficar achando que você é um canalha.

— Sua mãe me conhece desde que éramos crianças, Meg. Ela gosta de mim. Não posso mentir para ela desse jeito.

— Ela está doente, Doug. E se souber que armei uma farsa dessa para poder cuidar dela, ela não vai permitir. Olha, ela sabe que vim até aqui para te encontrar. Menti dizendo que pedi

demissão da empresa por causa da proposta do meu pai, e que queria te contar tudo isso pessoalmente. Para todos os ef eitos,você esteve há alguns dias em Seattle em segredo, nós vivemos uma intensa noite de amor e eu engravidei, e então, vim aqui hoje para contar a você sobre a gravidez e decidimos subitamente f icar noivos. E então eu te apresentarei f ormalmenteao meu pai daqui a uma semana, na f estaque aquele esnobe decidiu of erecerna casa dele para marcar o início dessa competição idiota entre minha irmã e eu.

— Espera aí, Meg, eu não disse para você que eu concordava.

— Você só precisa ir a uma f esta e contar uma mentira, Doug. Apenas isso, nenhum dos seus amigos precisa saber. Não te custa nada, e é sua melhor amiga te pedindo. Por f avor

Tomei o último drinque servido para mim, enquanto pensava em todo o absurdo daquele pedido. Não f azia sentido, não era coerente, não era racional...

Mas poderia ajudá-la. E, de f ato, não me custaria tanto assim. Eu apenas precisaria ir uma única vez a Seattle e me apresentar como seu noivo e pai de seu f ilho, e f im de assunto.

Fi l ho...

Só então me atentei àquela parte do assunto.

Meg estava grávida. I aser mãe. A minha melhor amiga, a garota-problema. Aquilo era, no mínimo, estranho... embora também f osse incrível.

E ela estava desempregada, f oilargada pelo idiota do pai da criança e ainda enf rentavaa doença da mãe. Assumir a empresa do pai daria uma perspectiva completamente dif erente à sua vida. E, consequentemente, à vida daquele bebê. Eles jamais viriam a passar necessidades f inanceiras na vida.

E se a ajuda para garantir aquele f uturomelhor para eles dois estivesse nas minhas mãos... em algo tão simples... por que eu iria negar?

Para completar, ela segurou minha mão por cima do balcão e, quando virei o rosto em sua direção, ela me olhava com aqueles grandes olhos azuis-acinzentados imersos em lágrimas.

E eu nem conseguia me recordar de algum dia na vida tê-la visto chorar.

— Por f avor, Doug...

Suspirei, vencido.

— Tudo bem, Meg. Que dia exatamente será essa f esta?

Ela saltou para cima de mim, contornando seus braços ao redor do meu corpo em um abraço.

— Obrigada, Doug. Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Sorrindo, eu a abracei de volta.

E torci para não me arrepender daquela ideia completamente surreal.

*****

Capítulo cinco



Oito dias depois, eu desembarcava em Seattle, levando apenas uma bagagem de mão, já que não pretendia passar mais do que uma noite ali. No aeroporto, aluguei um carro, indo direto para a mansão de Thomas Dawson, o famoso milionário dono de uma tradicional marca de cosméticos.

Eu nunca tinha ido até lá, mas confesso que, por mais que esperasse algo um tanto exagerado, não imaginava que fosse também tão brega. Era uma mansão absurdamente grande, especialmente para um homem que morava sozinho depois de se divorciar de sua primeira esposa e ficar recentemente viúvo da segunda enquanto já estava também no meio de um processo de divórcio.

Já era noite quando cheguei. A festa já tinha começado e o enorme e gramado quintal ao redor de uma piscina já estava lotado de pessoas. Só ali deviam ter quase cem, e eu sabia que ainda tinha pelo menos a mesma quantidade do lado de dentro da casa.

Adentrei o ambiente devagar, olhando ao redor, para todas aquelas pessoas vestidas de forma tão luxuosa, à procura de um rosto conhecido.

Talvez por ser um filho ilegítimo de um milionário, eu achava toda aquela coisa de alta sociedade extremamente tediosa. Na minha opinião, era muita futilidade e relações superficiais. Eu constantemente me sentia assim na companhia dos amigos do meu irmão Harry e de sua esposa Lia. Amava o meu irmão e ele era um dos meus melhores amigos, mas me assombrava que ele não se desse conta de quanta falsidade existia no meio em que ele vivia.

Bem, por sorte, era ele o herdeiro da Compton, uma rede de lojas de departamento do nosso pai. Eu tinha me dado bem na vida seguindo por outros rumos. Claro que devia isso a todo o investimento em ensino feito pelo meu pai – a única coisa que ele tinha feito efetivamente por mim, aliás, já que sequer me havia registrado. Porém, pude trilhar o meu próprio caminho em uma área

que me atraía e não me sentir em qualquer obrigação de assumir os negócios da f amília, como aconteceu com Harry

Cheguei à sala de estar da casa, onde mais gente vestida de f ormaelegante conversava em pequenos grupos. Parei ali, olhando ao meu redor, à procura da minha amiga e noiva postiça, até ouvir sua voz.

— Doug?

Virei-me e, conf esso, levei ainda alguns segundos para reconhecê-la.

Parada bem no meio das escadas que levavam ao segundo andar, ela estava simplesmente irreconhecível. Usava um elegante vestido vermelho com alguns detalhes com brilho, e aquelas eram duas coisas que eu nunca a tinha visto usar em nenhum outro momento: um vestido e algo brilhoso. I gualmente estranho era o f ato dela também estar com joias: um conjunto de colar e brincos de rubi. Os cabelos loiros estavam presos, mas em um penteado delicado, com alguns f iossoltos, cacheados, caindo sobre seu rosto e pescoço. A maquiagem, embora leve e bem natural, era também algo que ela não tinha o costume de usar, bem como os sapatos de salto alto.

Peguei-me até mesmo pensando se Meghan não teria uma gêmea da qual nunca tinha mencionado a respeito.

— Meg? — questionei, ainda incrédulo.

Ela riu, provavelmente achando graça da expressão de bobo que provavelmente dominava o meu rosto.

— É, eu sei... — ela retrucou, ainda rindo e esticando os braços para ressaltar sua aparência. — Estou vestida como uma exemplar herdeira de Thomas Dawson. Nenhuma zoação a respeito disso, ou você morre.

Eu provavelmente não iria zoar. Na verdade, sequer consegui pronunciar uma única palavra, já que estava completamente tomado de surpresa por aquela visão.

Ela desceu, vindo até mim e me puxando pela mão, levando-me de volta à parte externa da casa. Dividindo uma mesa estavam a sua mãe e um homem engravatado na f aixados sessenta anos, que deduzi ser o seu pai.

A senhora Rachel se levantou animada para me abraçar.

— Doug, meu querido... Estou tão f elizpor você estar aqui. E tão f eliz por você e Meg.

Antes que eu pudesse questionar pelo que, exatamente, ela estava f eliz, vi Meghan estender a mão, mostrando-me o anel em seu dedo que exibia uma belíssima pedra azul.

Ela já tinha até mesmo providenciado um anel de noivado?

— Doug me conhece tão bem que até sabia que saf ira é a minha pedra pref erida — ela f alou, para que eu f icasse ciente da justif icativa da escolha do anel de noivado que supostamente tinha sido f eita por mim.

— Na minha opinião, nada substitui o bom e tradicional diamante — Thomas f alou, levantando-se para me cumprimentar. — Eu entendo a intenção de tentar agradar a minha f ilha, rapaz. Mas não a acostume assim, ou vai acabar tendo problemas no f uturo. É um prazer conhecê-lo.

— I gualmente, senhor Dawson — respondi, apertando sua mão.

A senhora Rachel f ez menção de perguntar alguma coisa, mas Meghan se adiantou, agarrando a minha mão e começando a me puxar.

— Agora, com licença... se não se importam, meu noivo acabou de chegar eu estou morrendo de saudades dele, vamos

conversar um pouco a sós.

E, assim, ela simplesmente me puxou para a parte de trás da casa, onde havia um número bem menor de pessoas. Foi então que toda a formalidade e elegância que ela vinha demonstrando até ali desapareceram e ela começou a arrancar os sapatos dos pés.

— Que merda, como essas mulheres conseguem usar isso por tantas horas? — reclamou. Ficando descalça, ela se deixou cair sentada no chão gramado.

Eu ri e me sentei ao lado dela.

— Então, eu pedi sua mão em casamento com um anel de safira? E eu nem sabia que era a sua pedra favorita. Ou que você tinha alguma, aliás.

— Não tenho, não entendo nada de pedras. Mas foia melhor imitação que achei. Não achou que eu fossegastar dinheiro com um anel com alguma pedra legítima, né?

— Espero que seu pai não saiba que é uma falsificaçãoEle já não pareceu gostar muito da ideia de não ser um diamante.

— O mal de gente fútil é achar que todo mundo é como eles.

Ela esticou as pernas sobre o gramado, ficando em uma posição que não combinava nem um pouco com a forma elegante

como estava vestida. A cena me f ez rir

— Tá rindo de que, seu mala? — Fez bico, mostrando-se irritada.

— Da sua tentativa f rustrada de bancar uma dama da alta sociedade.

— ‘Dama’. Onde estamos? Em um romance do século dezoito? — ela repetiu a mesma pergunta que eu tinha f eito na ocasião em que ela me chamou de libertino.

— Se f osse, poderíamos chamar de ‘A Dama e o Libertino’.

— Não seria um nome adequado. Você é um libertino, mas eu estou longe de ser uma dama. Mas será assim que terei que me comportar pelos próximos meses. Além de me mostrar como uma competente mulher de negócios quando estiver na empresa.

— Mas não é o único lugar onde você encontrará o seu pai?

— Ah... eu não te contei, não é? Ele quer Lilly e eu morando aqui com ele até o dia da decisão.

— O quê? E a sua mãe?

— Deixei clara a condição de que ela viria comigo e ele precisou aceitar. Vou poder cuidar dela. Mesmo que tudo dê errado no final e a Lilly f iquecom o cargo, receberemos bons salários pelo

nosso trabalho até lá. Poderei pagar o tratamento e as cirurgias da minha mãe, já que nós duas teremos também um teto, contas pagas e comida garantidos por esse período. Só que isso pode alterar um pouquinho o nosso acordo.

— Como assim alterar?

— Eles entendem que nós dois temos um relacionamento à distância, já que você mora em Nova I orque e tudo mais, mas... Seria um pouco estranho se você não viesse me visitar durante os próximos sete meses, não é? Especialmente nós estando noivos e eu estando... você sabe...

Ela levou a mão à própria barriga, que ainda estava completamente lisa por baixo do tecido do vestido.

— Meg... I ssorealmente não f azia parte do nosso trato. Era para eu vir aqui apenas hoje, apenas nesta f esta.Era para eu mentir uma única vez para os seus pais.

— Qual é, Doug? Não vai ser tão ruim assim você vir me visitar uma vez por mês, não é? A gente vai poder colocar a conversa em dia pessoalmente em vez de por mensagens de texto... como nos velhos tempos.

— Nos velhos tempos eu não precisava f ingirque nós vamos nos casar.

— Seremos só nós dois pela maior parte do tempo, Doug. Deixe que eu respondo às perguntas dif íceis. Você só precisa estar ao meu lado e concordar.

— Seu pai f alou que eu não devo te acostumar a concordar sempre com suas vontades.

— Meu pai é um idiota que se divorciou duas vezes, vai mesmo levar a sério os conselhos dele sobre como tratar uma mulher?

— Tudo bem, Meg. Uma vez por mês. Mas vamos por f avor f ingir que somos um casal grudento que quer f icar o tempo todo sozinho, porque eu não quero ter que f icar mentindo para os seus pais. Você sabe que sou um péssimo mentiroso.

— Você é advogado, Doug. Não tem sempre que mentir dizendo que seu cliente é quem merece f icarcom a maior parte dos bens em um divórcio?

— Não se trata de mentir, mas de def enderuma das versões do mesmo f ato. Bem, mas agora que estou aqui, me diga, qual o

próximo passo? Não vou ter que pedir sua mão em casamento aos seus pais, não é?

— Não. — Ela balançou os dedos diante de nós, exibindo a aliança. — Você já pediu a minha mão e eu já aceitei. Fizemos isso sem ninguém por perto, porque você é muito tímido.

Eu ri. Porque, que coisa, eu nunca tinha sido nem um pouco tímido.

Meghan prosseguiu:

— E essa noite, obviamente, você dormirá aqui.

— Você realmente não é uma dama do século dezoito, senão saberia que o certo é esperar até o casamento para f azer essas coisas.

Ela riu, levando novamente a mão à barriga.

— Obviamente, é bem evidente que a gente não esperou, não é? Além disso, eu f aleique f icaráaqui, e não comigo. Ficará em um quarto de hóspedes. Meu pai é moralista demais para permitir que f icássemos no mesmo quarto, mesmo eu estando grávida.

Tudo naquela f alamexeu comigo muito mais do que deveria. Talvez, principalmente, porque a ideia da minha amiga Meghan estar grávida ainda me era muito estranha. Mas não era apenas

isso. A insinuação de nós dois dormindo no mesmo quarto provocou em mim o rápido f lash de pensamentos nada adequados.

Mas onde eu estava com a cabeça? Aquela era a Meg. Nos tempos de internato, não era incomum que ela à noite f ugisse do alojamento f eminino e f osse para o meu quarto. Então, conversávamos até altas horas da madrugada, até adormecermos juntos, por vezes na mesma cama. I ssomesmo já na adolescência, f ase dos hormônios em total ebulição, e nunca, jamais tinha acontecido nada. Nem mesmo o mais remoto pensamento de algo entre nós dois nunca se passou pela minha cabeça.

O que havia de dif erente agora?

Talvez eu tivesse sido um idiota durante todos aqueles anos e apenas agora, vendo-a vestida daquele jeito, minha mente tivesse enf im se dado conta de que ela era uma mulher

— Ei, Meg... Você nunca pensou em se casar?

Ela me olhou, curiosa.

— Por que essa pergunta assim, do nada?

— F iquei curioso. De repente me dei conta de que nunca conversamos sobre isso. Você chegou a f icar com uns garotos no tempo do colégio, mas nunca nada sério. Sempre achei que

compromissos mais sérios não f ossema sua vibe, mas você estava saindo um cara... Um cara aparentemente bem idiota... e ainda assim não me contou nada a respeito dele.

Ela baixou os olhos, parecendo não se sentir à vontade com a pergunta.

— Depois do colégio, quando voltei para Seattle, eu saí com uns caras de f ormaum pouco mais séria, mas... Nunca nada sério o suf iciente para eu querer apresentá-lo a você ou mesmo à minha mãe. L ogo, também nunca nada que me f izesse cogitar um casamento ou coisa parecida.

I nsisti:

— Sempre te contei sobre as minhas paixões, sobre os meus casinhos f ixos, ainda que nada também tivesse sido muito sério. Mas você nunca f oi de f alar a respeito disso. Nunca gostou de ninguém? Nem uma paixonite nos tempos de escola ou f aculdade?

Ela f icou em silêncio por alguns instantes, apenas olhando para a grama. Porém, percebi o rosto dela levemente corado, como se estivesse prestes a f azer uma conf issão.

E, de f ato, f oi o que aconteceu:

— Eu... Meio que era apaixonada por um garoto do nosso colégio.

Aquela, sim, era uma surpresa e tanto.

— Verdade? Quem?

Ela f ez mais uma pausa antes de dar uma tímida resposta:

— Harry Compton.

Não pude conter um grito, completamente incrédulo:

— Você gostava do meu irmão?

— Por que não f ala mais alto, Doug? Talvez os convidados que estão na parte de dentro da casa não tenham conseguido te ouvir.

Bem, talvez aquela não f osse uma f rase muito f eliz para ser gritada por um noivo. Olhei ao redor e percebi que algumas das poucas pessoas que estavam naquela área do quintal nos olhavam, algumas cochichando algo entre si.

Passei, então, a f alar mais baixo:

— Você gostava do Harry?

— I sso f oi há uma década, Doug. Que dif erença f az?

— Como assim ‘que dif erença f az’? Você podia ter me contado. Eu conversaria com ele, se f osse o caso.

Ela riu.

— Ah, é? Seu irmão sempre me viu como a amiguinha do irmãozinho dele. Aliás, a garotinha que era uma péssima inf luência. E você teria rido de mim se eu te contasse. A f raseque mais ouvi de você em toda a minha vida escolar f oi“Você não é uma menina, é a Meg”.

Pude ouvir a minha própria voz naquelas palavras. E isso não f oi nada agradável.

— Meg... Não devia dar atenção às palavras de um idiota.

— Eram *suas* palavras.

— Exatamente.

Ela riu, daquele jeito sincero e espontâneo dela. Então, levantou-se, voltando a calçar os sapatos.

— Nada disso tem mais importância, Doug. Seu irmão agora é casado e, pelo que você me contou, está prestes a ser pai. E eu também sou agora uma adulta, vou ter um f ilho e, para todos os ef eitos, estou noiva. Então é melhor meu suposto f uturo marido

voltar para a festa comigo para que meu pai nos veja juntos e não desconfie da nossa farsa.

Ela estendeu a mão para me ajudar a levantar, parecendo ignorar completamente o fato de eu ser bem maior e, consequentemente, bem mais pesado que ela. Isso, juntamente com o que ela disse, me fez pensar sobre como eu sempre a tratei exatamente da mesma forma como tratava os meus amigos homens. Não era à toa que, quando menina, ela se sentira constrangida de me contar que era apaixonada pelo meu irmão, porque eu certamente iria zoá-la por isso.

— Preciso te dar uma péssima notícia — ela comentou, logo que me levantei, ainda segurando a minha mão. — Terá que dançar comigo.

— E você sabe dançar?

— Não. E foi exatamente por isso disse que seria uma péssima notícia.

Tornamos a rir, juntos, e então voltamos para a festa.

Ela realmente dançava mal, de fato pisoteou o meu pé uma dezena de vezes.

Mas, ainda assim, aquilo não foi nada ruim.

*****

Capítulo seis



De repente, eu me sentia novamente com doze anos de idade, caminhando como uma gatuna pelos corredores do alojamento para que ninguém me visse indo ao quarto de Doug.

Só que agora eu era uma mulher adulta e estava na casa do meu próprio pai. Era absurdamente ridículo ter que me esconder daquele jeito.

E não f uia única a perceber isso. Estava também explícito na voz f eminina que me f ez sobressaltar

— Bom dia. Está indo f azer um assalto?

Com o susto, levei a mão ao peito e me virei, deparando-me com minha mãe, que estava parada na porta de um quarto mais à f rente no mesmo corredor. Ela apertava os lábios, visivelmente

segurando o riso por ter me f lagradocaminhando por ali nas pontas dos pés às sete e meia da manhã.

— Mãe! A senhora me assustou!

— Você realmente acha que precisa ir escondida para o quarto do seu noivo, meu amor? Além de não estarmos mais no século retrasado, você está grávida, então é mais do que evidente que vocês já dormiram juntos.

Um leve calaf rio percorreu a minha espinha. Eu já tinha dormido com Doug no passado muitas vezes, mas nenhuma no sentido que minha mãe imaginava.

Por que aquela simples ideia de repente me causava arrepios? ...E não de uma f orma ruim.

— Você sabe como é o velho do meu pai, não é?

— Sei. Nunca se preocupou em ser próximo a você. Mas quer te controlar com todo o f also moralismo dele. E essa coisa agora de exigir as duas f ilhas morando com ele para tomar uma decisão é tão... — Ela bufou, irritada como f icava sempre que f alávamos do seu pai.

Caminhei alguns passos, indo até ela.

— Eu sei, mãe. Mas, se é o que ele quer, é melhor eu andar na linha se quiser ter alguma chance. Nem sei como ele não me tirou completamente da jogada quando contei que estou grávida.

— Porque você está noiva e porque Doug é um bom homem. E seu pai provavelmente pesquisou a respeito dele para descobrir que é também um advogado bem-sucedido e com dinheiro. Sabe que é o que mais importa para ele.

Lá vinha a sensação de culpa. Eu odiava ter que mentir para a minha mãe. Mas achava mais seguro assim. Caso ela soubesse, iria surtar tentando me convencer de que eu não precisava me sujeitar a inventar uma mentira daquelas para conseguir a empresa, e, pior, se sentiria culpada, já que era especialmente por ela que eu estava fazendo aquilo. Quando a farsa chegasse ao fim, eu lidaria com as consequências da frustração dela. Mas, até lá, precisaria sustentar a mentira.

— Já tomou os seus remédios? — perguntei, mudando o assunto.

— Estou tomando todos nos horários corretos, querida. Não se preocupe com isso. Agora vá chamar Doug para o café da manhã, porque logo depois dele eu pretendo ir embora.

— O quê? Não, mãe, não pode ir.

— Claro que posso. Você não precisa devolver o apartamento, posso pagar o aluguel dele com a minha aposentadoria.

— Não, mãe. Não vou te deixar morando sozinha. Semana que vem você começa com a quimioterapia e eu vou estar por perto para cuidar de você. Sei que será um saco morar na mesma casa que meu pai, mas... Sabe que ele passa o dia inteiro na empresa, você mal terá que vê-lo. Faça esse esf orço por mim, por f avor

Ela suspirou, provavelmente só pensando naquilo para atender ao meu pedido.

— Tudo bem, f ilha...Mais tarde conversamos sobre isso. Vou descendo enquanto você chama o seu noivo. Sabe que não gosto de f icar parada, vou ver se as meninas na cozinha precisam de alguma ajuda no caf é da manhã.

— Tudo bem. Mas não se esf orce muito, viu?

Dei um beijo em seu rosto e ela seguiu em direção às escadas, enquanto eu f icava parada, olhando-a se af astar e pensando a respeito de toda aquela situação.

Apesar de ter sido casada por oito anos com um milionário, minha mãe não tinha f icado com absolutamente nada depois do divórcio, como parte de um acordo pré-nupcial f eito entre eles. Esta tinha sido, inclusive, uma decisão dela própria, já que ele sempre f oi um milionário e ela nem mesmo depois de se casar largou sua carreira de prof essora.

Ela precisou trabalhar muito para me sustentar depois do divórcio. Meu pai pagava uma boa pensão mensal para mim, mas ela guardou todo esse dinheiro em uma poupança para assegurar que eu pudesse estudar em uma boa universidade. Por passar a maior parte do dia f ora, trabalhando, ela acabou concordando que eu estudasse em um internato, mas sempre me buscava em todos os f eriados e f érias.

Eu sabia que ela se sentia culpada por não ter sido presente o suf iciente na minha inf ância. Porém, eu compreendia bem as razões disso. E não podia me considerar uma criança solitária, porque eu sempre tive o Doug.

Por f alarnele, enf imvoltei a ir até o seu quarto, batendo duas vezes na porta, sem ter qualquer resposta. Abri a porta devagar, olhando para dentro do cômodo e constatando que ele ainda estava dormindo.

Sem fazer cerimônias, entrei no quarto e fui até a sua cama, sentando-me ao lado dele. Então, eu o sacudi levemente.

— Ei, Belo Adormecido, é hora de acordar.

Ele resmungou qualquer coisa que eu não compreendi, mas poderia apostar se tratar de algum xingamento. Como nos velhos tempos em que eu chegava ao quarto dele no meio da madrugada e o acordava simplesmente porque queria conversar. Na maioria das vezes, assuntos sem qualquer importância, ou apenas continuarmos a contar a nossa história fictícia que durou anos e nunca teve um fim.

Algumas coisas nunca mudavam. Douglas Jenkins continuava odiando ser acordado. E, aparentemente, também continuava a ter um sono pesado que dificultava aquilo ainda mais.

— Acorda! — insisti, sacudindo-o com mais força.

Após resmungar mais uma vez, ele enfim começou a abrir as pálpebras.

E eu subitamente me perguntei se os olhos dele sempre tinham sido tão lindos ou se eu é que nunca tinha reparado antes.

De repente, eu me vi sem palavras, em silêncio, apenas olhando para os olhos dele. Para seu rosto que mesmo ainda

sonolento era tão bonito.

Na adolescência, Douglas tinha feito muito sucesso entre as meninas da escola, e eu me lembrava de várias delas que até tentaram fazer amizade comigo achando que dessa forma conseguiriam se aproximar dele. Depois de adulto, eu sabia bem que aquele sucesso dele persistiu. Eu não me lembrava de nenhum momento da vida em que Douglas não estivesse saindo com alguma garota. Nenhuma delas nunca chegou a ganhar o status de namorada e ele nunca ficava com nenhuma delas por um período além de algumas semanas. Ao contrário do pai do meu bebê, Douglas nunca tentou enganar ou iludir nenhuma delas e sempre deixou bem claro que não tinha interesse em compromissos sérios. Mas, ainda assim, eu sabia que quando ele estava saindo com uma, era apenas com ela que transava, ainda que não fizesse com elas nenhum acordo formal com relação a isso.

Porque essa era uma das maiores características de Douglas. Ele era extremamente fiel, em qualquer relacionamento que tivesse. E essa era uma das coisas que eu mais admirava nele.

Os olhos dele vagaram por mim, como se me examinando minuciosamente. E isso inconscientemente trouxe a mim uma expectativa sobre o que ele deveria estar pensando.

Quando ele disse algo, no entanto, f oi como se jogasse um balde de água gelada em todas aquelas expectativas. O que era ridículo, porque não f oi nada além do que eu esperaria dele.

— Quem é você e o que f ez com a minha elegante noiva?

Apesar do banho de água f ria, eu ri da brincadeira. Af inal, eu tinha voltado a ser a Meg de sempre, com uma calça larga de moletom, um par de meias nos pés e uma camiseta de banda de rock, além dos meus cabelos presos em um coque displicente.

— Não tenho mais que impressionar visitas. Meu pai não pode me obrigar a me vestir como uma bonequinha quando estou em casa.

— Como assim não tem visitas? E eu? Não deveria estar empenhada em impressionar o seu noivo?

— Você não é visita. É meu futuro marido e concordou em se casar comigo mesmo sabendo que eu era exatamente assim.

— É, mas eu não sabia que você me trataria dessa maneira, me acordando às... que horas são?

— Hora do café da manhã. Será servido pontualmente todos os dias às oito da manhã, e meu adorável pai f az questão da presença de todos à mesa.

— Desde que se divorciou da segunda mulher ele não mora, tipo, sozinho? Nessa mansão que mais parece um hotel? Aliás, como alguém consegue morar sozinho em um lugar tão grande? Ele não tem nem um cachorro?

— Meu pai odeia cachorros.

— Que tipo de pessoa odeia cachorros?

— O tipo de gente que chega aos sessenta anos vivendo completamente sozinho em um lugar enorme como esse. Mas agora ele decidiu f azer o tipo f amília, então estabeleceu que quer L illy e eu tomando o caf é da manhã e jantando, religiosamente às oito da manhã e oito da noite, todos os dias com ele. E já que minha mãe veio comigo, isso inclui ter a primeira esposa como acompanhante todos os dias também. E você, enquanto estiver aqui.

— Sua f amília é estranha. Mas quem sou eu para julgar?

L evantei-me da cama, dando um tapinha de leve no braço dele.

— Então, trate de se apressar porque temos dez minutos até o caf é ser servido. Vou descendo e te espero lá embaixo.

— Sim, querida.

Rindo, eu apoiei os braços sobre a cama, debruçando-me e aproximando meu rosto do dele, olhando em seus olhos.

— É melhor parar de me chamar assim quando estivermos sozinhos, Doug. Ou eu corro o sério risco de realmente me apaixonar por você.

Era, obviamente, apenas uma brincadeira como tantas outras do decorrer das nossas vidas. Contudo, a expressão no rosto dele se modificou naquele momento, como se ele de fato considerasse aquela minha última frase. O sorriso que ele trazia em seu rosto estremeceu e eu senti que o mesmo acontecia com o meu. Aquilo fez com que, talvez pela primeira vez na vida, eu me sentisse tímida diante de Douglas.

Ao mesmo tempo em que me sentia uma grande idiota pelo que cogitei sentir.

Ele era meu melhor amigo. Era o Doug. Era Douglas Jenkins, um dos advogados mais conceituados do país e, provavelmente, também um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque.

Eu seria ridícula se me apaixonasse por ele.

Assim como me sentia ridícula por nunca ter percebido o quanto ele era lindo. Era estranho, porque eu sempre soube disso.

Mas a beleza dele nunca tinha me abalado antes.

Não até aquele momento.

Após alguns segundos de silêncio, ele enf imvoltou a sorrir, o que inicialmente me trouxe uma onda de alívio, porque tudo o que eu menos queria era que aquele constrangimento persistisse entre nós. Então, ele declarou:

— F ique tranquila, porque isso não vai acontecer.

E, com isso, veio um novo banho de água f ria.

Aquilo não iria acontecer.

E eu sabia que ele não se ref eria à possibilidade de eu me apaixonar por ele, já que ele não tinha qualquer controle sobre isso. Mas ao oposto.

Estava deixando claro que não havia qualquer chance de *el e* se apaixonar por mim.

Era óbvio que nunca iria acontecer. Onde é que eu estava com a minha cabeça?

— É claro que não — ref orcei.— Te espero lá embaixo, não se atrase para o caf é.

Então, eu me levantei e saí do quarto apressada, como se fugindo de uma assombração.

Mas não havia para onde fugir, porque o que me assombrava era o meu próprio coração.

*****

Capítulo sete



O que tinha sido aquilo?

Nada tinha acontecido. Ao mesmo tempo em que, dentro de mim, era como se algo tivesse mudado.

A forma como Meg e eu nos olhamos tinha sido diferente. Mais especificamente, a forma como eu me senti diante do olhar dela.

Sentado sobre a cama, balancei a cabeça, forçando-me a afastar aqueles pensamentos. E, junto a isso, afastar as sensações completamente insanas que aquele momento me causara.

Decidindo que não tinha sido nada demais, levantei-me e fui para o banheiro da suíte, onde tomei um banho rápido – já que

estava atrasado para o tal caf éda manhã – e me troquei, colocando uma calça e uma camiseta de manga comprida.

L ogo que saí do quarto, encontrei uma pessoa parada mais à f rente no corredor

A irmã de Meghan, L illy, era cinco anos mais nova que nós, tendo vinte e um. E, ao contrário da irmã mais velha, ela parecia já começar o dia muito bem-produzida. Usava salto alto, uma calça justa ao corpo em conjunto com um cropped e um casaco por cima. Seus cabelos negros tinham cachos def inidos e perf eitos e ela sorria enquanto, aparentemente, f alava sozinha.

Talvez não exatamente sozinha, já que olhava para a câmera f rontal de um iPhone

— E é isso, meus amores. Essa f oia minha rotina matinal de cuidados com a pele. Talvez eu f aça outra live hoje à noite, então f iquem ligadinhos e ativem as notif icações. Obrigada a todos que acompanharam, tenham um lindo dia. Tcha-au!

Ela acenou alegremente para a câmera antes de encerrar a transmissão. Só então percebeu a minha presença e sobressaltou, assustada.

— Ai, que susto! Não sabia que estava aqui, er... Daniel?

— Douglas — eu a corrigi. Voltei a caminhar, indo até ela. — Desculpe, eu não queria espionar... o que quer que tenha sido isso.

— Ah, as lives no Instagram mantém o meu público engajado. — Logo que me aproximei, ela começou a andar ao meu lado, descendo as escadas comigo. — Pode não parecer, mas esse é o meu trabalho.

— Entendo. Você trabalha com o marketing dos produtos da Dawson Beauty?

— Hã, o quê? Ah... Não. Não tem nada a ver com a empresa do meu pai. Trabalho como influenciadora, meu nicho é moda e lifestyle, e... Assim como todo mundo nessa casa, você deve achar que isso é perda de tempo, não é?

— Não. Claro que não. É um trabalho bem legal. Quem te disse que é perda de tempo?

— Meu pai acha que eu apenas passo o dia inteiro brincando de fazer vídeos inúteis no celular. E a Meghan... Bem, a Meghan nem sabe o que eu faço da vida.

Meg realmente nunca tinha me contado sobre o trabalho da irmã. Aliás, sempre deu a entender que Lilly não trabalhava e

apenas vivia do dinheiro deixado pela mãe, que, ao contrário da mãe de Meg, vinha de origens ricas.

Quando chegamos à sala de jantar, Meghan e seus pais já nos aguardavam. Pelas expressões nos rostos deles, não pareciam se divertir muito na companhia um dos outros.

— Bom dia a todos — Lilly cumprimentou, com o mesmo tom de voz animado que usava para falar com a câmera de seu celular minutos antes. Foi direto até o pai, dando um beijo em seu rosto. — Como está, papai? A dor de cabeça de ontem melhorou?

— Estou ótimo, Lilly. Vamos, sentem-se, estávamos esperando vocês para o café.

Puxei uma cadeira ao lado de Meghan, onde me sentei. Lilly se sentou bem de frente para ela e não pude deixar de reparar em como elas, mesmo sendo filhas do mesmo pai, eram completamente diferentes. Não eram como Harry e eu, que tínhamos várias características físicas e até mesmo alguns gostos em comum.

Meghan e Lilly eram opostas em tudo, mas a maior diferença delas estava, sem dúvidas, no jeito. Eu não imaginaria minha melhor amiga com um celular na mão às oito da manhã para conversar com

sei lá quantas pessoas desconhecidas a respeito de cuidados com a pele e sobre o *l ook* perf eito para um caf é da manhã em f amília.

— Pode parar com isso, Doug... — a voz sussurrada e autoritária de Meghan chegou aos meus ouvidos e eu desviei os olhos de L illy para f itá-la.

— Com isso o quê? — questionei, sem entender.

Meghan tentava mostrar indif erença, mantendo sua atenção na panqueca que cortava sobre o prato diante dela. E f oi assim que me respondeu, ainda sussurrando, mas como se não f osse nada demais, embora a chateação estivesse evidente em sua voz.

— De f icar admirando a minha irmã. Eu sempre te disse que ela era linda. Mas não tem necessidade de f icar devorando-a com os olhos na minha presença.

Não pude evitar rir.

— Ciúmes em plena mesa de caf é da manhã, *noi vi nha*?

— Ha-ha-ha... Muito engraçado, *noi vi nho*.

— Não estou devorando sua irmã com os olhos. Só estava reparando em como vocês são dif erentes.

— É, já disse que sei que ela é linda.

Pensei em rebater dizendo que Meghan também era. Mas me dei conta de que poderia assustá-la um pouco com uma declaração assim, já que não era algo que eu tivesse o costume de dizer a ela.

Ao invés disso, apenas impliquei:

— Nosso acordo não incluía uma cláusula de f idelidade, não é?

— Mas incluía f azer as pessoas dessa casa acreditarem que nós nos amamos. Então, benzinho, enquanto estiver aqui em Seattle, por f avor, seja discreto.

Novamente ri, simplesmente porque não existia nenhuma discrição que eu precisasse ter. Eu não tinha olhado para Lilly com qualquer tom de malícia. Ainda assim, algo dentro de mim se sentia f eliz pela reação de Meghan.

Ela estava nitidamente com ciúmes. E uma parte completamente irracional de mim se sentia satisf eita com isso.

Passados alguns minutos, Lilly se levantou, pediu licença e saiu, levando uma torrada em uma mão e digitando ao celular com a outra. Pouco depois, Thomas Dawson f ez o mesmo, anunciando que iria para o seu escritório. Na mesa f icamos apenas Meghan, sua mãe e eu.

— Mais de vinte anos depois do divórcio, de novo preciso aturar o mau humor matinal desse rabugento... — A senhora Rachel reclamou, mostrando-se aliviada com a saída do ex-marido da mesa.

— Desculpe por isso, mãe — Meg pediu. — Mas acredite, este também não é o lugar onde eu queria estar.

— Bem, ao menos as panquecas são ótimas — comentei, arrancando um sorriso delas.

A senhora Rachel me olhou.

— Quem diria, Doug, que você e a minha Meg iriam se apaixonar?

— É, quem diria? — repetiu Meg, nitidamente querendo mudar o assunto. — Segunda será meu primeiro dia na empresa onde eu nunca sequer pisei. Vai estar aqui para ir até lá comigo, Doug?

— I nf elizmente, não — respondi, tomando um gole de suco. — Meu voo de volta é amanhã, e não poderei f icar mais, tenho uma reunião no escritório na segunda pela manhã.

— I sso de namoro à distância deve ser tão dif ícil, não é? — senhora Rachel voltou a f alar

E, novamente, Meghan rebateu já mudando o f oco.

— É, mãe, é super dif ícil, mas damos conta. Termine logo seu caf é então, Doug. Vou te levar para passear por Seattle, vamos aproveitar bem o dia.

Mas a mãe dela insistiu:

— E vocês vão me dar um netinho! Estou radiante com isso. J á começaram a pensar em opções de nomes?

Desta vez, f uieu que comecei a f icartenso em ter que mentir, por isso me apressei em me levantar.

— Vou então pegar o meu casaco para sairmos.

— I sso! F aça isso! — Meg concordou, também se levantando.

— Mas quanta pressa para ficarem sozinhos. É tão lindo ver um casal apaixonado assim. Tudo o que mais sonhei para a minha f ilha era que ela f osse f eliz com alguém que verdadeiramente amasse. E você realmente ama o Doug, não é, f ilha?

A senhora Rachel colocou suas duas mãos sobre a de Meg, que ainda se apoiava na mesa. As duas se olharam nos olhos e eu pude ver o desespero explícito no rosto da minha amiga. Tentei pensar rápido em alguma f ormade livrá-la daquela situação, porque

imaginava o quanto devia estar sendo dif ícil ter que mentir para a mãe daquele jeito.

Contudo, ela f oi mais rápida em dar uma resposta vaga:

— O Doug é o homem mais maravilhoso que já conheci na vida, mamãe. Agora nós precisamos ir, para conseguirmos aproveitar bem o dia.

Ela se inclinou sobre a mãe, dando-lhe um beijo na bochecha, e então se soltou das mãos dela, agarrando-se às minhas e me puxando para f ora daquela sala de jantar

Não consegui deixar de pensar naquela resposta dela.

Porque, mesmo eu sabendo que era apenas algo vago, se f osse mesmo verdadeiro era muito signif icativo para mim.

*****

Capítulo oito



Passar aquele f inalde semana na companhia de Doug tinha sido incrível. Apesar das mentiras que eu sabia que o deixavam em uma posição nada agradável, conseguimos passar a maior parte do tempo sozinhos, então pudemos ser apenas o Doug e a Meg de antes.

Até que chegou o domingo, dia que ele iria embora. E eu sentia uma angústia não apenas pela partida dele, mas também por saber que no dia seguinte eu iniciaria a tal disputa estúpida que meu pai tinha arquitetado. Também seria a primeira sessão de quimioterapia da minha mãe, e a ideia de não poder acompanhá-la era angustiante.

Com uma hora de antecedência para o embarque do voo para Nova Iorque, Doug e eu chegamos ao aeroporto. Sentei-me em uma poltrona enquanto ele foi até um quiosque comprar donuts. Voltou, entregando um a mim e sentando-se ao meu lado.

— Onde estava o Drago na última vez? — a pergunta dele, feita antes de dar a primeira mordida no donut, me deixou inicialmente confusa.

— Quem?

— Meg! Não vai me dizer que já se esqueceu do grande herói Drago? Aquele que enfrentou bravamente, durante anos, monstros, dragões, bruxos...

— E zumbis, e alienígenas, e robôs futuristas... E princesas. — completei, rindo. — Está falando *daquele* Drago?

— Exatamente. Onde ele estava na última vez?

— Sei lá... em uma cidade apocalíptica qualquer?

Douglas pensou por um momento, parecendo de fato tentar se lembrar do ponto exato onde tínhamos parado aquela história sem qualquer nexo.

— Não... ele foi salvo da destruição do mundo por aquela nave alienígena, lembra?

Eu ri. Fomos realmente crianças com muita imaginação, embora sem qualquer noção de criação de enredos minimamente coerentes.

— Sim, foi exatamente isso. Ele foi salvo e levado para um planeta a anos luz de distância da Terra. Depois disso, acho que a gente meio que enjoou de seguir a história.

— É, foi quando você entrou na fase de querer destruir o colégio.

— Chris me ajudava nisso mais do que você.

— Desculpe se eu não levava jeito para invadir a sala dos professores e roubar gabaritos de provas. Mas, então... Logo que o Drago chegou a esse novo planeta, os habitantes de lá o levaram ao seu líder...

Eu ri. Era sério aquilo?

— Está mesmo retomando a nossa história?

— Quando a gente se propõe a contar uma história, precisamos dar um final a ela. Não podemos deixar nosso herói perdido em outro planeta.

Levantei minhas mãos em sinal de rendição.

— Certo... Drago foi encontrar o líder do planeta misterioso. E aí?

— E então... Esse líder ofereceu a ele uma chance de ouro. Como a tecnologia de lá era muito mais avançada do que a nossa, eles tinham uma máquina do tempo.

— Uma máquina do tempo... — repeti, tentando segurar o riso. — Para o Drago poder voltar e impedir o acontecimento que destruiu o planeta Terra, que foi... Alguma coisa que eu nem me lembro mais.

— Tínhamos uns doze ou treze anos, a gente só decidiu que o mundo estava acabando, sem especificar por quê. Mas, sim, a ideia do Drago é justamente essa. Então, ele entra nessa máquina que vai levá-lo de volta à Terra para o momento antes do apocalipse, mas algo dá errado...

— Achei que quisesse dar um final para a história. Como assim algo dá errado?

— Ele vai parar na Inglaterra do século dezoito.

— E se deparou com uma princesa?

— Não. Foi com uma dama. Muito elegante e bem-vestida. Mas, na verdade, ela era uma rebelde disfarçada de dama da alta

sociedade. E ela pediu a ajuda dele nessa f arsa.Ela mentiu dizendo que ele só precisava acompanhá-la a um baile e f ingirtambém ser um integrante da nobreza. Mas quando ele chegou lá, viu que era uma grande armadilha.

Não aguentei e caí na gargalhada. Douglas sempre f azia várias analogias de sua vida, colocando-se no personagem Drago. E eu às vezes também tentava me colocar na história, mas sempre de formas mais sutis. Às vezes eu era uma guerreira que ajudava Drago em alguma missão, às vezes uma vilã ou uma bruxa... uma vez f ui até uma raposa f alante. E eu mesma sempre acabava arrumando um f im para os meus personagens, simplesmente porque enjoava deles e queria viver outro.

Douglas sempre mostrou muito mais estabilidade do que eu nesse sentido, já que seguiu até o f imsendo o mesmo personagem.

L embrava-me de uma vez que tentei me colocar como uma princesa. Mas Doug reclamou tanto disso que eu acabei desistindo dela também.

Porém, agora, era ele mesmo quem me colocava na história. E f azendo alusão justamente ao nosso momento atual.

— Eu não acho que essa dama disfarçada tenha realmente feito uma armadilha para o Drago — rebati.

— Como você pode saber? Ela acabou de aparecer na história, você ainda não a conhece.

Abri a boca para rebater, mas minha voz foi abafada pela voz dos alto-falantes do aeroporto, que anunciavam a primeira chamada para o voo de Doug.

— Bem, mas quem vai continuar contando a história sou eu no nosso próximo encontro, então... Eu é que vou decidir se era ou não uma armadilha.

— Que droga... Eu devia ter começado a contar a história mais cedo.

Rindo, nós nos levantamos e seguimos até a entrada do acesso à área de embarque, onde iríamos nos separar. Paramos ali, um de frente para o outro e ficamos em silêncio por um instante, antes de nos abraçarmos.

— Obrigada por tudo — falei, sentindo seus braços ao meu redor e desejando nunca precisar sair dali.

— Volto daqui a um mês. E, desta vez, a gente precisa conversar sobre algumas coisas mais sérias. Tipo sobre o bebê e

sobre a situação da sua mãe.

— Minha mãe está doente e eu estou grávida, não tem muito mais o que f alar a respeito disso.

— Tem. Precisamos conversar sobre como você está se sentindo com relação a cada uma dessas situações. Chega de dizer apenas que está tudo bem, porque sei que não está.

Ainda abraçada a ele, f iqueiem silêncio por alguns instantes, pensando a respeito de tudo aquilo. Meu instinto de tentar não me f ocar nos problemas me mandava apenas retrucar dizendo que, sim, tudo estava bem. Talvez não estivesse, mas ia f icaŗ e apenas isso era o que importava. Porém, surgiu em mim uma necessidade de apenas ser sincera. Então, quando dei por mim, estava simplesmente conf essando:

— Eu estou apavorada. Sinto medo de perder a minha mãe. E medo de ser também uma péssima mãe.

— Você será uma ótima mãe, Meg.

— Eu sempre f uia garota-problema. Eu nunca cuidei direito nem de mim mesma. Agora preciso cuidar de mim porque tenho outra vida dentro de mim que depende da minha. Em alguns meses precisarei cuidar de um bebê. E preciso cuidar da minha mãe. E no

meio disso tudo eu preciso também cuidar de uma carreira que eu nunca nem sonhei em ter. E de manter uma mentira na qual eu ainda envolvi você. Estou apavorada, Doug É assim que estou me sentindo.

— Vamos dar conta da mentira. E vou te ajudar a dar conta de todo o resto. Você não está sozinha. Mesmo depois que nosso noivado de mentira acabar, você não vai estar sozinha. A Senhora Rachel é também como uma mãe para mim e f aremosnós dois todo o possível para ela f icarbem. E quanto ao seu bebê... Não vai se livrar de mim. Serei o tio Doug, o melhor tio que ele terá.

Sorri, sentindo-me reconf ortadae, de certa f orma, protegida por aquelas promessas.

A verdade era que, mesmo com os anos que passamos f isicamenteaf astados, eu nunca na vida havia me sentido sozinha, porque eu sabia que tinha e sempre teria o Doug ao meu lado.

— Obrigada... — agradeci. — E desculpe mais uma vez por te meter nessa situação.

— Ah, está sendo muito mais f ácildo que eu achei que seria. E não será nenhum sacrif íciovir te ver uma vez por mês. Além de

ter pretexto para estar com você, sabe que adoro os restaurantes de Seattle. Sem contar que as mulheres daqui são lindas.

Eu ri, embora no fundo sentisse um leve incômodo com aquela última frase. Eu não queria que ele paquerasse outras mulheres de Seattle.

Nem as de Nova Iorque.

Nem qualquer outra, de lugar algum.

Mas de onde diabos tinha saído aquele pensamento? O noivado não era real, era apenas uma farsa. Douglas não me devia qualquer fidelidade, porque não tinha nada realmente acontecendo entre nós.

E foi perturbada por esses súbitos pensamentos que me forcei a me afastar, desfazendo nosso abraço. Contudo, não me afastei tanto assim. Minhas mãos tinham deslizado de suas costas para os seus braços e as dele foram parar na minha cintura. Junto a isso, nossos olhares se encontraram e houve uma conexão diferente entre eles.

Novamente, eu reparava em como os olhos dele eram lindos.

O quanto ele era lindo. Seu rosto, seu corpo... os braços fortes cujos músculos eu era capaz de sentir mesmo por cima das

mangas do casaco que ele usava.

Eu reparei em uma atração física que eu nunca tinha sequer sonhado em sentir por ele.

Que merda, éramos Doug e Meg. Eu era aquela companheira de histórias e travessuras que ele sequer considerava como uma menina. Que ele há poucos dias comentou que era estranho se dar conta de que poderia ter uma vida sexual.

Ele nunca tinha me visto como uma menina. E nunca me veria como uma mulher. Assim como, para mim, ele era apenas o meu melhor amigo.

Porém, naquele momento, eu tive um instante, um breve instante de dúvida com relação à f ormacomo ele me via, quando vi os olhos dele se desviarem dos meus olhos para os meus lábios. Então, ele f ez um leve movimento com a cabeça, uma leve insinuação de aproximar seu rosto do meu, como se tivesse a intenção de me beijar.

Mas eu nunca teria a conf irmação disso, já que nesse momento a voz nos alto-f alantesvoltou a anunciar a chamada para o voo dele.

Isso fez com que nos soltássemos e ele voltasse a segurar a alça de sua mala que estava no chão ao seu lado.

— Bem... nos vemos em um mês — ele declarou.

— Em um mês — reforcei.

E ele se afastou, até sumir de meu campo de visão ao atravessar o portão para a área de embarque.

Ainda fiquei ali parada por alguns segundos, sentindo um estranho aperto em meu coração.

*****

Capítulo nove



Na mesma noite do meu retorno, eu já tinha um compromisso, embora f osse algo extremamente inf ormal Como eu tinha f urado em nosso último Happy Hour, Chris e Harry marcaram outra noite de bebedeira para que eu pudesse comparecer.

Porém, como a esposa de Harry era extremamente ciumenta e apenas tolerava as saídas do marido a um bar com os amigos uma vez ao mês, desta vez o encontro f oi marcado na mansão deles.

Harry e Lia moravam na mesma casa onde meu irmão f oi criado – quando não estava no internato, claro – e onde seus pais viveram até suas mortes.

E também o lugar onde minha mãe trabalhara anos como empregada doméstica. Até engravidar do patrão e ser despejada.

Ela morreu por complicações no parto, então eu não tinha como saber a versão dela dos f atos,nem que tipos de necessidades passou estando grávida, demitida e abandonada pelo pai da criança. Não sabia se o f alecidosenhor Compton a tinha iludido com promessas, se ela realmente se apaixonou por ele, se f oienganada, ou se meramente topou uma transa sem qualquer compromisso. Mas o que eu sabia era que nada disso importava, porque um homem de verdade não abandona uma mulher grávida de um f ilho seu.

Ele tentou compensar o erro depois que ela morreu. Ele me sustentou, contratou pessoas para cuidarem de mim e, tão logo tive idade para ser aceito em um internato, me mandou para lá, massageando seu próprio ego com o argumento de que estava pagando para que eu tivesse a melhor educação possível, inclusive estudando junto com seu f ilho legítimo. Ele não me registrou, não me deu seu sobrenome, mas 'permitiu' que eu convivesse com meu irmão. E, anos depois, quando ele estava doente, me chamou para uma conversa, dizendo que deixaria parte de sua f ortuna para mim em testamento. Eu já estava concluindo a f aculdade, mas neguei a

of erta. Eu não queria mais migalhas dele. Não queria mais ser seu 'quase' f ilho. A única coisa realmente importante que ele tinha me dado era o meu irmão, nada além disso.

E estar novamente naquela casa me f azia relembrar de tudo aquilo. E, na situação atual, f azia com que o ódio que um dia senti do meu pai f osse agora direcionado ao f ilho da puta que tinha engravidado e abandonado Meg, do mesmo jeito que William Compton tinha f eito um dia com a minha mãe.

— O que rolou em Seattle que te deixou tão distraído, Doug? — a voz de Harry me arrancou de meus pensamentos. Estávamos os três reunidos no amplo escritório da casa dele, cada um com seu copo de whiskey em mãos.

Só então eu percebi que Harry e Chris conversavam animados sobre qualquer assunto do qual eu não tinha prestado atenção em uma única palavra.

— Estou só pensando em um caso de um cliente com quem vou me reunir amanhã — menti.

Chris buf ou.

— Em pleno domingo à noite a gente decide beber, mas um só f ala de casamento e f ilho e outro só pensa em trabalho. Eu tenho

os amigos mais entediantes do mundo! — Ele se levantou, indo pegar mais bebida. — Sério que passou três dias em Seattle e não voltou com uma história para nos contar?

Quando Chris falava de 'histórias', ele se referia às que envolviam mulheres.

— Eu estou saindo com a Julia, Chris — rebati.

Julia era uma ex-cliente minha. Quarenta anos, divorciada, um corpo de tirar o fôlego e uma máquina na cama. Eu já saía com ela há uns cinco ou seis meses.

— Vocês dois estão namorando, enfim? — meu irmão perguntou.

— Não. Nenhum de nós quer saber de compromisso. É apenas sexo. — E um ótimo sexo, emendei mentalmente.

— Juro que não entendo — Chris comentou. — Vocês não têm nada um com o outro, por que essa palhaçada de não poderem sair com outras pessoas?

— Nós podemos, mas apenas não queremos. É uma espécie de monogamia descompromissada. O combinado é que quando qualquer um de nós começar a se envolver com outra pessoa, a gente apenas para de sair juntos.

— Continuo tentando achar o sentido nisso — Chris ref orçou. — O próprio conceito de monogamia, por si só, já é algo completamente estúpido. Mas você quer ser f ielcom mulheres com quem nem está comprometido. É idiota demais, Douglas.

Meu irmão saiu em minha def esa:

— A f idelidadeé um conceito que você só vai compreender quando gostar minimamente de alguém.

— Gosto das mulheres com quem saio. Gosto de cada uma delas. Especialmente se f orem duas ou três comigo ao mesmo tempo.

— Falo de gostar de pessoas — Harry ref orçou. — De ter sentimentos por alguém, de ter alguém que seja importante em sua vida.

— As únicas pessoas importantes na minha vida são vocês dois. Tá, e eu também gosto daquela louca da Meg. E do Doc.

— Doc é um cachorro, não uma pessoa — f alei,me ref erindo ao Golden Retriever de Chris.

— Então é por isso que eu gosto mais dele do que de qualquer outro ser vivo. Pessoas são um saco.

Eu não podia discordar totalmente daquela afirmação. Às vezes sentia até certo arrependimento por ter decidido atuar como advogado especialista em divórcios, e não em uma área como a escolhida por Chris, que era a empresarial. Aliás, era ele quem representava a Compton, empresa do meu irmão.

— Um dia vocês vão se apaixonar e vão entender — Harry declarou. — No dia que forem pais, entenderão mais ainda. E entenderão ainda mais se forem... — Ele fez uma pausa e abriu um leve sorriso, mostrando estar prestes a dar uma notícia importante. — Pais de dois.

Chris se engasgou, como se tivesse acabado de ouvir a declaração mais trágica da vida. Já eu, sorri.

— Dois? Está dizendo que Lia está esperando gêmeos?

— São gêmeos — Harry confirmou, feliz. — Eu queria contar antes para vocês, mas Lia me pediu para esperar até que a gestação completasse cinco meses. É alguma superstição da família a respeito de dar azar contar detalhes da gravidez antes dos cinco meses. Enfim, eu não entendo nem acredito nessas coisas, mas respeitei. Ela completou cinco meses hoje, então fui liberado para contar a vocês. Um deles é um menino. O outro ainda não

sabemos, não deu ainda para ver pelo ultrassom. Mas são dois bebês e estão saudáveis.

Tomei f ôlego para dizer algo. Mas, surpreendentemente, Chris f oi mais rápido que eu, se aproximando de onde meu irmão estava sentado e dando tapinhas em seu ombro.

— Cara, parabéns. Parabéns mesmo. Eu no seu lugar estaria desesperado, mas sei que você e a L ia sempre sonharam com essa coisa de f amília grande e muitos f ilhos, então devem estar radiantes.

— Estamos. Ela está meio preocupada, tem andado indisposta, por isso até pediu desculpas por ter ido se deitar cedo e não ter recepcionado vocês. Mas estamos muito f elizes.

Eu não sabia se acreditaria na indisposição da L ia. Nós dois não éramos exatamente grandes amigos, mas nos dávamos bem. Em compensação, ela não gostava muito do Chris, provavelmente o considerava uma péssima inf luência para o seu marido. Não era a primeira vez que íamos à sua casa e ela alegava uma indisposição, mesmo antes de estar grávida.

— Então, eu serei tio de dois garotões? — f alei, animado.

— Ou de um menino e uma menina, não sabemos ainda — Harry corrigiu.

— Não muda o f atode que eles terão o melhor tio do mundo. Que coisa, eu não tinha nenhuma criança na minha vida e, de repente, tenho três sobrinhos a caminho.

— Três? — Harry indagou, conf uso.

Achei que aquele era o momento de contar a eles.

— A Meg está grávida.

— A Meg tem uma vida sexual? — Chris se espantou.

— Ela não é muito jovem para ser mãe? — Harry f oi pelo mesmo caminho, comprovando a teoria de Meghan sobre meu irmão sempre tê-la visto como uma garotinha.

Enquanto Chris, assim como eu, aparentemente sempre a viu como um menino, assim como nós.

Af inal, quando crianças, achávamos as garotas chatas.

Quando adolescentes, passamos a ter interesse por elas.

Mas a Meg sempre f oi como um de nós. Sempre ali com a gente... conversando comigo, sendo minha melhor amiga, ou tentando um meio de explodir a escola juntamente com o Chris.

— Meghan tem vinte e seis anos como eu, Harry. E, Chris, se não se importa, eu gostaria de não ter imagens mentais sobre nossa

amiga f azendo sexo.

— Eca. Pelo amor de Deus, Doug, eu agradeço se pudermos pular essa parte. Mas... ela está grávida? Ela está com alguém?

— O cara é um f ilho da puta, f oi para a Coreia do Sul e a largou. Ela f oidemitida, a mãe dela está doente, o pai inventou uma gincana estúpida para decidir para qual das duas f ilhas dará o comando da empresa dele, e eu agora estou noivo da Meg.

Quase que em um movimento sincronizado, eles piscaram, olhando-me em silêncio, provavelmente à espera de alguma explicação um pouco mais detalhada de cada ponto que eu tinha citado.

E eu f izisso. Contei tudo o que tinha acontecido e, com isso, expliquei que minha ida a Seattle não tinha meramente sido a passeio. Meg tinha me dito que eu não precisava contar nada a respeito daquilo para os meus amigos se não quisesse, mas também não tinha me pedido segredo. Achei que conversar a respeito me f aria bem.

Af inal, eu odiava mentiras. E precisava dividir tudo aquilo com alguém.

Mesmo depois de toda a explicação, os dois ainda permaneceram em silêncio por algum tempo. Até que finalmente tiveram alguma reação. Harry se levantou abruptamente, enquanto Chris, que ainda estava de pé, praticamente gritou:

— Cara, você está louco? A Meg está louca? Que tipo de merda vocês dois comeram?

— Não podem mentir desse jeito para Thomas Dawson, Douglas! — Harry enfatizou.

— Eu mal conheço Thomas Dawson, Harry. A pior parte de tudo isso foi mentir para a Rachel, mãe da Meg.

— Thomas Dawson é uma porra de um milionário influente para um caralho! — Chris deu razão ao meu irmão, em uma atitude que lhe era até um pouco rara. Claro que usando palavras bem menos sutis do que o meu irmão usaria. — E você sabe quem são os maiores e mais rentáveis clientes no nosso escritório? Os filhos da puta dos empresários milionários iguais a ele.

Meu irmão deveria se sentir ofendido por aquilo, já que era também um dos nossos clientes empresários milionários aos quais meu sócio se referia como filhos da puta. Mas, ao invés disso, ele apenas concordou.

— Inclusive, uma das metas da Compton para este ano é conseguirmos um contrato com a Dawson Beauty para uma linha de cosméticos que serão vendidos exclusivamente nas nossas lojas.

— Não vejo como eu poderia atrapalhar nisso. Você é o CEO da Compton, eu não tenho nenhuma ligação com a empresa.

— Mas o seu escritório tem! — Chris me lembrou. — É o nosso escritório que cuida dos contratos com a Compton, e... Espera... — Ele fez uma pausa, pensativo. — Você agora é noivo de uma das filhas do Dawson... Pode nos apresentar diretamente ao velho para acelerar esse contrato.

— Você não estava há alguns segundos reclamando por eu estar mentindo para o homem?

— É só você seguir mentindo até a gente conseguir fechar o contrato.

Harry pareceu pensar a respeito do comentário do nosso amigo e a expressão em seu rosto me indicou que estava realmente cogitando usar aquilo para conseguir o tal contrato.

Certo, aquilo já estava sendo demais para mim. Se já não bastasse eu ter sido colocado naquela mentira por Meg, agora meu amigo e meu irmão decidiam que também se aproveitariam daquilo.

Já irritado, levantei-me e anunciei que estava indo para casa.

Já chegava ao quintal da mansão de Harry quando meu telef one vibrou, anunciando a chegada de uma mensagem.

Era de Julia.

Júlia: E aí , já está de volta? O que acha de vir aqui para casa, já que não nos vimos a semana inteira?

Não pensei nem por meio segundo antes de digitar e enviar a resposta:

Douglas: Já voltei, mas estou exausto da viagem e amanhã tenho uma reunião logo cedo. Podemos combinar outra noite?

Não era uma mentira que eu de f atoestava cansado e que teria uma reunião logo pela manhã. Porém, eu também me conhecia bem o bastante para saber que aquelas coisas não eram o suf icientepara me f azeremdispensar algumas horas de diversão na cama com Julia.

Não consegui deixar de me perguntar por que tinha recusado aquilo.

*****

Capítulo dez



O primeiro dia na empresa estava sendo um grande porre.

Não era a primeira vez que o dia inicial em algum emprego começava com um tour pela empresa. Porém, estes costumavam ser rápidos, objetivos, e f eitos por algum f uncionário de um cargo superior que geralmente estava mal-humorado demais com a missão de guiar novatos, por isso f aziatudo de f ormarápida e sem rodeios.

Contudo, daquela vez, quem guiava L illy e eu a cada setor daquele prédio imenso era o próprio dono da Dawson Beauty. E ele parecia muito orgulhoso de cada detalhe e muito empenhado em explicar cada f unção de cada f uncionário de cada setor

O amor que ele demonstrava por aquela empresa era algo tão surreal, que eu duvidava muito que ele fosse capaz de amar qualquer ser humano de forma que chegasse ao menos perto daquele nível.

E, além da chatice natural da situação em si, eu ainda tinha que lidar com os pensamentos que eu não conseguia evitar com relação a tudo aquilo. Meu pai sabia o nome e cada mínimo detalhe das funções de cada integrante daquela empresa, desde a moça que preparava o café até o mais alto executivo. E não precisava de qualquer anotação para isso. No entanto, eu sabia que ele apenas me telefonava nos meus aniversários porque sua secretária particular o lembrava da data, anotada na agenda junto com os demais compromissos do trabalho. Às vezes ele apenas me ligava dois ou três dias depois, informando que tinha sido avisado, porém não conseguiu tempo para falar comigo em meio a uma semana tumultuada de compromissos e reuniões.

Nossas conversas nunca duravam mais do que dez minutos. Muitas vezes não devia chegar nem a cinco. E esta ainda era a única ocasião do ano em que nos falávamos. E ele sempre deixava muito nítido que fazia isso puramente por um senso de obrigação.

O que significava que, em uma hora de tour, eu já tinha ouvido a voz do meu pai mais do que nos últimos seis anos da minha vida.

De qualquer maneira, eu estava atenta, já que queria muito ser a escolhida para comandar tudo aquilo. Contudo, Lilly estava visivelmente em um nível muito mais frenético de atenção do que eu. Seus dedos ágeis digitavam freneticamente no celular, fazendo anotações de tudo o que o nosso pai falava. Muitas vezes ela tirava fotos e o interrompia para fazer perguntas.

Todo aquele aparente desespero dela era um tanto curioso para mim. A mãe de Lilly, falecida há dois anos, era tão milionária quanto o nosso pai, e deixara para ela uma fortuna que a permitiria viver de forma bem confortável durante toda a sua vida. E, além disso, ela não fazia o tipo que se interessava pela administração de uma empresa. Isso era claro com os questionamentos que ela fazia a todo tempo, muitos deles bem primários, mostrando que não entendia absolutamente nada a respeito do básico de funcionamento de uma empresa.

— Mas onde é que são fabricados os produtos? — ela perguntou quando estávamos no setor de marketing e nosso pai anunciou que aquele era o último que faltava para conhecermos.

— Levarei vocês amanhã até o nosso complexo industrial. É importante que vocês conheçam também todo o processo de criação e produção dos cosméticos.

— Não é aqui que eles são feitos? — Lilly pareceu meio decepcionada.

Ela provavelmente não tinha qualquer noção do tamanho da produção da Dawson Beauty.

Revirei os olhos, já muito pouco paciente com tudo aquilo.

Enquanto meu pai pacientemente explicava que a fabricação dos produtos ocorria em outro local, eu peguei meu celular ao senti-lo vibrar dentro da minha bolsa. Era uma mensagem de Douglas.

Era um banner de bom dia, com muitos corações e uma mensagem absurdamente cafona de amor abaixo. Algo extremamente brega e caricato.

Vindo dele, era óbvio que era também irônico.

Respondi com emojis de gargalhada, enquanto eu própria pressionava os lábios para conter o riso.

Logo apareceu o aviso de que ele estava digitando algo e eu aguardei até sua nova mensagem surgir na tela.

Douglas: Meu Deus, não fazem mais noivas românticas como antigamente.

Meghan: E como eu deveria te responder? Com emojis de coração e um link para algum ví deo com uma música da Celine Dion ao fundo?

Douglas: Era o mí nimo que eu esperava.

Mas tudo bem, entendi que eu sou o romântico da relação.

Vou atender um cliente agora e você também deve estar no seu novo trabalho. Então, nos falamos à noite.

Tenha um lindo dia, noivinha.

Meghan: Para você também, querido noivo.

Douglas: Nem para dizer que não vai se aguentar de saudades até a noite. Nossa, Meg, eu esperava mais romantismo de você. Estou me sentindo usado nessa nossa relação, sabia?

O cliente chegou, até a noite! ;)

Não consegui mais me conter e, quando me dei conta, já tinha um sorriso bobo entre os lábios.

Era meio assustador pensar que eu realmente sentiria saudades de conversar com o Doug, mesmo que apenas por mensagens de celular, até a noite.

O meu sorriso foi desfeito logo que a voz autoritária do meu pai chegou aos meus ouvidos.

— Sei que deve ter coisas mais interessantes no seu telefone, Meghan, mas o mínimo que eu espero da minha substituta na Dawson Beauty é que ela saiba separar os momentos de trabalho de sua vida pessoal.

Eu deveria apenas concordar e pedir desculpas. Porém, quando me dei conta já estava rebatendo:

— Acredito que seja bem mais fácil quando se é alguém que não tem uma vida pessoal. — Joguei o telefone de volta dentro da bolsa. — Mas garanto que isso não vai se repetir.

— Espero que não mesmo. Aconselho a vocês, inclusive, que desliguem seus celulares durante o tempo do expediente.

Ele começou a caminhar em direção ao hall dos elevadores, sendo seguido por nós.

— Não posso desligar o meu celular — rebati.

E antes que pudesse explicar os motivos, Lilly se adiantou:

— Eu também não. Tenho postagens programadas para hoje e preciso interagir com os primeiros comentários dos meus seguidores.

— Do que você está falando, Lilly? — meu pai questionou, confuso, enquanto apertava o botão para chamar o elevador

Bufando, eu expliquei:

— Instagram, pai. Lilly não pode desligar o celular porque precisa massagear seu ego lendo os comentários deixados em suas fotosusando roupas de marca. Meus motivos são um pouco menos nobres, mas... Caso o senhor tenha se esquecido, minha mãe está com um tumor. E eu preciso estar com o meu celular em mãos caso ela passe mal ou aconteça qualquer emergência.

— Você não é médica para resolver emergências. Se passar mal, é para um hospital que sua mãe tem que ligar, e não para você.

A porta do elevador se abriu e ele entrou, sendo de imediato seguido por Lilly. Já eu, fiquei parada por alguns instantes,

respirando f undo na tentativa de reestabelecer a calma e não dar àquele homem a resposta que ele merecia ouvir.

Por f im, acabei entrando no elevador. Subimos até o último andar, onde f icava o escritório dele e as salas dos executivos de maior escalão dali. Aparentemente, eu dividiria uma delas com L illy durante aqueles meses em que seríamos avaliadas.

Aquela era outra situação bem incômoda em meio a tudo. Minha irmã era pouco mais do que uma conhecida para mim. E isso não f oi por vontade minha.

Ela era cinco anos mais nova que eu. E, por ter pouco contato com meu pai, eu obviamente mal a via enquanto crescíamos. No internato, os aparelhos eletrônicos eram proibidos. Não podíamos ter celulares, tablets ou notebooks, e nosso único contato com a internet era durante as aulas de inf ormática que tínhamos uma vez por semana.

Porém, nós podíamos enviar e receber coisas pelo correio. Então, desde os meus doze anos, eu comecei a escrever para L illy.

Ela tinha apenas sete na ocasião, mas eu queria que ela me conhecesse. Escrevia a meu respeito usando palavras simples, e às vezes me aventurava a f azer desenhos. Eu tinha uma máquina

f otográf ica polaroid, que tinha sido presente da minha mãe, então constantemente enviava f otograf ias também. Dos meus amigos – especialmente de Doug –, minhas, de coisas engraçadas que eu f lagrava no internato ou de alguma nova f lor nascida no jardim que f icava nos f undos do prédio.

E f oi assim até os meus dezoito anos. Durante seis anos eu mandei cartas para a minha irmãzinha... I nicialmente, todas as semanas, depois uma vez ao mês... Depois passaram a ser mais espaçadas.

Eu contei segredos a ela. Disse que era apaixonada por Harry Compton. Ela f oi a única pessoa para quem contei isso.

E então, eu f ui para a f aculdade e, embora com bem menos f requência, continuei a escrever. Tinha vinte e dois anos quando mandei a última. Ela já estava com dezesseis na ocasião. I dade suf iciente para poder ir até uma agência dos correios para postar alguma resposta.

Mas ela nunca me respondeu.

Durante este período, ou mesmo depois disso, as raras vezes em que nos encontramos ela sequer chegou a mencionar qualquer uma das cartas. Apenas me olhava com indif erença.

Só então, já com vinte e dois anos e adulta, eu entendi que não existia possibilidade de uma relação entre nós. Assim como o meu pai, ela era apenas pouco mais do que uma conhecida para mim.

E eu me sentia uma grande idiota por ter chegado a esperar mais do que isso.

Lilly seguiu para a sala que passaria a ser de nós duas e eu fui logo atrás. Contudo, fui detida por meu pai.

— Você espere, Meghan. Eu preciso conversar com você.

Parei, virando-me de frente para ele, perguntando-me o que ele poderia ter para conversar diretamente comigo.

Tive medo de que ele já tivesse tomado sua decisão antes mesmo do período de teste.

E eu certamente tinha sido a eliminada.

*****

Capítulo onze



Ele pareceu esperar até que Lilly entrasse na sala para só então começar a falar, quando estávamos a sós:

— É sobre o seu noivo... — Bem, ao menos não era sobre a empresa. Aparentemente, não era ainda daquela vez que eu seria eliminada da disputa. — Eu ia te perguntar sobre como o conheceu, mas sua mãe comentou comigo que ele estudou contigo no internato.

— É, estudou... — respondi de formacautelosa, já esperando que aquele assunto repentino não fosse meramente uma conversa normal tida entre pai e filha.

Nunca tinha existido isso entre nós.

— Eu investiguei a respeito dele...

— Você o quê?

— Você sabia que ele é um f ilhobastardo do f alecidoWilliam Compton?

‘Filho bastardo’ era uma expressão simplesmente horrível e bem desagradável. Especialmente porque a única dif erença entre Douglas e eu era que meus pais f oram casados por um curto período de anos e eu nasci em meio a isso e, por conta disso, f ui presenteada com o sobrenome do meu progenitor. Com relação a carinho e amor paterno, Douglas e eu éramos bem parecidos.

Bem, ele ao menos tinha a vantagem de ter contado com o amor e a amizade do meio-irmão. Algo que eu não tive.

— Sim, eu sei. Ele e o irmão, que é o atual CEO da Compton, se dão muito bem, aliás — respondi. E ele provavelmente captou o tom de def ensiva da minha voz.

— Ei, calma, não é uma crítica ao rapaz. Pelo contrário, mesmo sem qualquer herança, ele conseguiu prosperar. O escritório dele é um dos mais conceituados do país.

— Sim, sei disso também. Podia ter me perguntado, não precisava abrir uma investigação a respeito.

Parecendo ignorar meu comentário, ele prosseguiu:

— E ele é muito bem relacionado. O escritório dele tem clientes de peso. Empresários, artistas de Hollywood, cantores famosos...

— Certo, pai... Onde, exatamente, o senhor quer chegar?

— Você sabia que ele já foi inclusive fotografado com uma atriz famosa? E com cantoras, socialites...

— Sabia. Inclusive nós dois rimos muito de várias matérias sensacionalistas a respeito desses cliques. Antes de ficarmos noivos, nós éramos amigos. Desde crianças, como o senhor mesmo descobriu. Mas agora ele está comigo, e até onde eu saiba não saiu nenhuma foto recente dele com alguma famosa, não é?

— Não que eu tenha descoberto. Não me entenda mal, Meghan. Eu não quis, com esse comentário, insinuar que ele estivesse te traindo nem nada desse tipo.

— Então diga logo o que exatamente quis insinuar. Lilly e eu estamos em uma disputa, não é mesmo? E ela a essa hora já está lá na nossa sala se familiarizando com as planilhas dos computadores, enquanto eu estou aqui perdendo tempo em uma conversa que não sei aonde quer chegar. Seja direto.

— Ficaram noivos porque você ficou grávida? — ele realmente foi direto.

— Não. Já era um desejo nosso. Descobrir a gravidez só fez com que acelerássemos o processo.

— E vocês estavam saindo juntos há muito tempo?

— Alguns meses — Eu já tinha aquela resposta ensaiada. — Ele veio a Seattle algumas vezes nesse período, a gente se encontrou e... nos descobrimos apaixonados e tudo mais. Olha, pai... sério, por que estamos tendo essa conversa?

— Achei interessante o fato de você ter ido a Nova Iorque exatamente no dia seguinte ao envio do meu e-mail. E foi também quando vocês dois descobriram a gravidez e ficaram noivos... Tudo ao mesmo tempo.

— E minha mãe ficou doente, e eu fui demitida... é, pai, muita coisa aconteceu ao mesmo tempo na minha vida. Vai mandar investigar tudo isso?

— Eu só estou dizendo que... Olha, Meghan, acho um pouco estranho que um homem como Douglas Jenkins, com todo o histórico de beldades famosas com quem ele já foi flagrado, tenha...

— Se envolvido com alguém como eu — Não foi sequer uma pergunta. Eu sabia que era exatamente naquilo que ele pensava.

E ele nem ao menos tentou negar.

— Cheguei a pensar que ele pudesse ter feito isso por você ter contado a ele sobre a minha proposta e a possibilidade de você assumir o comando da Dawson Beauty, mas...

— Certo... O que você quer dizer é que um homem como Douglas Jenkins apenas se envolveria com alguém como eu caso tivesse o interesse em algum golpe do baú?

— Olha... vamos ser sinceros. Meghan. Tirando a noite da festa na minha casa, e agora na empresa, em que você se dignou a se pentear, vestir calça social, blazer e um sapato com um salto médio... Você não faz o perfil de uma mulher que atrairia um homem como Douglas Jenkins.

— Talvez ele seja um homem que se atraia por mais do que apenas mulheres exibindo curvas ou usando roupas de marca?

— O histórico dele não me diz isso.

Meu desejo foi ordenar que ele pegasse aquele tal histórico e enfiasse *naquele lugar*. Mas se eu dissesse essas palavras, além de ele ter a completa confirmação de que eu não era uma jovem que

atrairia a atenção de um homem tão elegante quanto o meu melhor amigo, também poderia fazer com que eu fosse definitivamente tirada da disputa.

O que significaria que eu não teria sequer um emprego por aqueles sete meses daquela competição idiota.

Por isso, optei por respirar fundo antes de dar alguma resposta.

— Douglas Jenkins e eu estamos apaixonados. Vamos ter um filho e decidimos nos casar logo depois que o bebê nascer. Ele não tem a mesma fortuna que o senhor, mas é um homem rico e não tem interesse algum em dar um golpe do baú. Se este fosse o interesse, ele teria meios mais simples, como entrar na justiça para ser reconhecido como herdeiro de Willian Compton. Como um dos melhores advogados do país, ele tem conhecimento para isso, e mesmo sendo um direito dele, é algo que ele nunca quis fazer

— Talvez você tenha razão, Meghan. Confesso que a primeira possibilidade que se passou pela minha mente foi a de que este tal amigo de infância que de repente fez um filho em você e coincidentemente decidiu ficar seu noivo justo um dia depois do e-mail que te mandei, muito provavelmente se tratava de um golpista.

Mas aí eu analisei tudo isso que você me disse. E agora acredito que essa possibilidade é bem pequena. Eu ainda não a descarto, mas acho ela realmente bem pequena.

— Sendo assim, qual o motivo de toda essa conversa?

— O motivo é que, mesmo que eu descarte a hipótese de aquele homem estar tentando te enganar, não tenho como descartar a possibilidade de alguma pessoa em meio a tudo isso estar querendo enganar alguém.

Ele se calou e, a forma como me olhou, fez com que um calafrio percorresse toda a minha espinha.

Ele sabia...

Meu pai sabia que estava sendo enganado.

Ele não tinha provas. Ele não sabia exatamente qual era o plano. Mas estava ali, explícito nos olhos dele, que ele estava mais do que determinado a descobrir.

— O senhor sempre foi de levantar teorias conspiratórias em torno de si mesmo? — perguntei, com um leve tom de deboche que na realidade tentava disfarçar o meu nervosismo.

— Só quando sinto que posso estar sendo feito de idiota. E eu não gosto de ser feito de idiota, Meghan. Enfim... É melhor ir

para a sua sala e começar o seu trabalho. Não se esqueça de que estará sendo avaliada.

— Sei disso. E o senhor pode se focar nesta avaliação, enquanto eu estarei focada em me mostrar uma ótima profissional.

— Apenas não se esqueça de que o profissional não é a única coisa que está sendo avaliada aqui. Tenha um bom primeiro dia de trabalho.

Dito isso, ele deu meia-volta e seguiu até o seu escritório, onde entrou. E eu fiquei ali por alguns segundos processando aquelas palavras, desconfianças e ameaças na minha cabeça.

Quando me virei para ir para a minha sala, vi que a porta dela estava aberta. Parada ali, estava Lilly, olhando-me de uma forma interrogativa e confusa.

E eu tive a certeza de que ela tinha ouvido toda a conversa.

*****

O restante do dia foi basicamente de aprendizado a respeito da empresa. Sua história, suas linhas de produtos, suas propostas, seus números.

Textos, valores, gráficos, nomes, tabelas e mais tabelas. Era tanto o que compreender, que Lilly e eu não saímos da sala nem mesmo para almoçar. Ambas pedimos algo por delivery e comemos ali mesmo, cada uma sentada em sua mesa, com a cara diante do seu computador.

Nenhuma palavra tinha sido trocada por nós duas. Até aquele momento, às dezessete e quarenta e cinco. Faltando apenas quinze minutos para o final do nosso expediente do primeiro dia.

— O Daniel parece um cara legal.

Levantei os olhos por cima do monitor, olhando para Lilly.

— Quem?

— O seu noivo bonitão.

— O nome dele é Douglas.

— Ah... isso.

— É. Ele é muito legal.

— Verdade que vocês se conheceram no colégio?

Eu não sabia se Lilly realmente estava jogando para que eu confessasse qualquer coisa que a fizesse me pegar em uma mentira, ou se ela de fatonunca teve qualquer interesse nas coisas

que passei a inf ância e a adolescência inteira contando para ela através de cartas. Douglas era sempre citado em cada correspondência que eu enviava, já que, na solidão de um internato, ele tinha se tornado a minha f amília.

— Olha só, Lilly... Se você não se importa, podemos limitar nosso tempo juntas a f alarmosapenas sobre trabalho? Não tem que f ingir que quer ser minha amiga.

Ela balançou os ombros, como uma criança contrariada.

— Eu não tenho qualquer interesse em ser sua amiga.

— Que bom, porque eu também não tenho.

— Que grande novidade... — o tom dela era irônico e isso me revoltou.

Como ela podia dizer algo como aquilo? Eu tinha tentado ser amiga dela. Mais do que isso: tinha tentado ser a irmã dela! Por mais que nosso laço em comum f osse um pai que era completamente ausente na minha vida, eu tentei me aproximar. E f ui ignorada por ela durante anos. E, agora, ela vinha usar aquele tom comigo?

Tomei fôlego para rebater, mas meu celular começou a tocar. Peguei-o na bolsa e a atendi, mal controlando o mau humor na

minha voz, já que, por se tratar de um número desconhecido, eu imediatamente pensei que f osse alguma ligação de telemarketing tentando me vender algum serviço.

Contudo, logo a minha raiva deu lugar ao pânico quando a pessoa do outro lado da linha se apresentou como sendo f uncionária de um hospital. Minha mãe tinha passado mal, tido um desmaio na rua e f oi levada para lá.

L evantei-me subitamente, pegando minha bolsa e meu casaco enquanto tentava ter notícias sobre o estado atual dela. Tudo o que a pessoa me inf ormou f oi o endereço do hospital e solicitou que eu f osse até lá para obter mais inf ormações.

— Meu Deus... — sussurrei, em pânico, logo que encerrei a ligação. E comecei a mexer no celular, abrindo um aplicativo de táxi, já que precisaria de um para ir até o hospital.

— É a sua mãe? Ela f oipara o hospital? — ouvi a voz de L illy me perguntando. E apenas balancei a cabeça, af lita,para responder que sim, enquanto minhas mãos trêmulas tentavam digitar o endereço do hospital para pedir um táxi. — Aqui, Meghan. ...Meghan, olha para mim!

Levantei o rosto para entender o que Lilly queria me mostrar. Ela estava de pé, ao lado de sua mesa, e tinha acabado de tirar a chave do seu carro de dentro da bolsa. Logo que eu a olhei, ela atirou a chave para mim, que a agarrei no ar.

— Deixei meu carro no corredor C do estacionamento do subsolo. Anda, vai logo.

Ela estava mesmo me emprestando o carro dela para eu ir ver a minha mãe?

Mais do que isso... estava me olhando de forma nitidamente preocupada?

— Vai logo, Meghan. Deixa que eu desligo o seu computador.

— Obrigada... — foi só o que eu consegui sussurrar, antes de sair de lá, apressada.

Em completo desespero.

*****

Capítulo doze



Graças a Deus, tinha sido apenas um susto. Ainda assim, serviu para acender um grande alerta em minha mente: minha mãe não podia f icar sozinha.

O médico que a atendeu e que me deu as inf ormaçõestinha sido muito enf áti co nisso. Ela tinha ido até a f armácia,sozinha, e, na volta, passou mal e desmaiou no meio da rua.

Ela podia perf eitamenteter pedido os remédios por telef one, ou até mesmo pedido um f avora um dos empregados da casa para irem até lá comprar para ela. Mas não seria a minha mãe se f izesse isso.

Aos sessenta e dois anos, ela era muito ativa, odiava f icar parada. Queria f azer exercícios, andar na rua, conversar com pessoas, ver gente... Essa era a minha mãe. Só que agora ela tinha descoberto um tumor, iniciado um tratamento com remédios f ortes... e precisava f icar de repouso.

Só que eu não tinha como f icarem casa para garantir isso a ela.

Quando voltamos para casa, já de noite, sentei-me ao lado dela na cama e pedi para que ela aceitasse que eu contratasse alguém para auxiliá-la.

— Eu não preciso de uma enf ermeira. Não estou tão mal assim, nem sou tão velha — ela retrucou. Teimosa como sempre.

— Eu preciso que você f iqque no seu quarto, mãe. E que quando quiser descer para caminhar no quintal e pegar um pouco de sol, alguém te acompanhe para descer as escadas. Que alguém te lembre dos horários do remédio, porque sei que anda esquecendo.

— Quem disse que esqueci algo?

— Eu contei os comprimidos das cartelas, mãe. E têm muitos a mais do que deveria ter caso você estivesse tomando com a

f requênciacorreta. Não vou dar conta de controlar isso estando em outro lugar durante oito horas por dia.

— E nem precisa, f ilha.Eu posso ter esquecido um ou outro, isso acontece...

— Mas não *pode* acontecer, mãe.

— Minha cabeça não está muito boa.

— É um ef eto do tratamento. E é por isso mesmo que preciso que tenha alguém ao seu lado quando eu não estiver em casa. Alguém que cuide dos horários da sua medicação e da sua alimentação, porque você precisa comer bem e nos horários corretos.

— Uma enf ermeira é um pouco de exagero, f ilha...

— Não precisa ser exatamente uma enf ermeira. Pode ser uma cuidadora, mãe. Alguém para te f azer companhia e te auxiliar

— Como se eu f osse uma velhinha de cento e cinco anos?

— Não, mãe. Você ainda não é, mas eu quero que você um dia *sej a*uma velhinha de cento e cinco anos. Você vai viver até lá, e ainda mais do que isso, mas precisa se cuidar. Me deixa contratar uma pessoa, por f avor

— E se eu não gostar dela? Se for grosseira ou antipática? Não quero ter que conviver com alguém assim.

— Se for, a gente demite e contrata outra. Até acertarmos. Tudo bem?

— Querida... Eu não queria que você tivesse tanta preocupação e tantos gastos comigo. Ainda mais estando grávida.

Toda aquela pressão ao meu redor era tão forte, que eu às vezes até me esquecia de que tinha um pequeno ser humano sendo gerado dentro de mim. Eu queria muito poder me concentrar nele e curtir aquela gravidez.

Mas, naquele momento, havia muito o que eu deveria dar conta por ali.

— Quero você comigo e bem, mãe. Para curtir essa gravidez, para segurar o seu netinho no colo e me ajudar a cuidar dele. Mas, para isso, por favor.. Me deixe, agora, cuidar de você.

O argumento a respeito do netinho pareceu funcionar, porque ela, mesmo a contragosto, acabou concordando com a ideia.

Eu a abracei, conversei um pouco mais com ela e, quando ela já estava cansada, deixei-a na cama, cobrindo-a como ela

própria costumava f azer comigo quando eu era criança. Dei um beijo em sua testa e saí.

No corredor, deparei-me com Lilly, que subia as escadas nesse momento. Ela já vestia roupas dif erentes,o que mostrava que já tinha voltado da empresa há algum tempo e se trocado. J á era noite e deduzi que ela estivesse voltando do jantar das oito que meu pai tanto f azia questão que estivéssemos presentes.

Eu esperava que ele ao menos daquela vez compreendesse os motivos de eu não ter podido comparecer.

— Como ela está? — Lilly me perguntou, parando diante de mim.

Ela não parecia irônica ou f útil, mas verdadeiramente preocupada.

— Está bem, f oi apenas um susto.

— Que bom, então...

Levei a mão ao bolso da calça, pegando a chave do carro e devolvendo a ela.

— Obrigada pelo empréstimo. Desculpa o transtorno de ter te deixado sem carro.

— Não tem problema, eu peguei uma carona com o nosso pai. Então... Boa noite...

— Boa noite.

Nós nos fitamos em silêncio por alguns segundos, antes de seguirmos em direções opostas, indo ela para o quarto dela e eu para o meu.

Peguei meu notebook e o levei até a cama, abrindo-o e iniciando uma pesquisa.

Precisava encontrar uma empresa para a contratação de cuidadores. E precisava conseguir o milagre de, às oito e quarenta da noite, achar alguma que fosse bem avaliada, de confiança e que estivesse disponível para já começar o trabalho no dia seguinte.

Para a minha sorte e meu alívio, em algumas horas eu finalmente encontrei.

*****

A cuidadora contratada chegou pontualmente no horário combinado, às oito da manhã. Eu precisava chegar na empresa às nove, e ela ficava bem próxima à casa do meu pai, por isso teria

algum tempo de conversar com a moça, ainda que já tivéssemos nos f alado na noite anterior durante horas ao telef one.

Era uma moça jovem, que devia ter algo em torno da minha idade. E também bem bonita. Eu a esperava na sala e me levantei para recebê-la com um aperto de mão logo que ela chegou.

— Bom dia, senhorita Dawson — ela me cumprimentou.

— Bom dia. Fisher, não é?

— Elise Fisher. Mas pode me chamar apenas de Elise.

Que bom. Um pouco de inf ormalidade iria bem naquela minha nova vida.

— E você me chame de Meg, por f avor Venha, vou te acompanhar até o quarto da minha mãe.

Sorrindo, ela concordou e me seguiu. Subimos as escadas, parando diante da porta do quarto.

— Eu já te enviei a listagem com os horários das medicações, não é? Tem o meu telef one. Se tiver qualquer problema, por f avor, entre em contato comigo.

— Tudo bem. Não se preocupe, senhorita Dawson...

— Meg. Só Meg, por f avor

— Certo... Não se preocupe, Meg. Eu já tenho alguns anos de experiência no trabalho de cuidadora de pessoas acamadas e idosos...

— Por favor, não comente essa parte com a minha mãe, ela odeia ser chamada de idosa. E também não vai aceitar essa coisa de acamada. Na verdade, acho até que você vai sofrer um pouco para conseguir mantê-la em repouso.

Ela sorriu de forma doce, o que fez com que eu simpatizasse ainda mais com ela. E isso me tranquilizava e aliviava um pouco a culpa por ter que deixar minha mãe aos cuidados de uma desconhecida.

— Não se preocupe, Meg. Eu estou realmente acostumada com isso. Sua mãe estará em boas mãos, eu te garanto.

— Eu sei. Olha, você parece ser muito gentil e muito competente, mas... Eu realmente odeio a ideia de não poder cuidar pessoalmente da minha mãe.

— É para isso que existem profissionais como cuidadores e enfermeiros. Não se culpe. Você está fazendo o seu melhor.

O meu melhor...

Mas será que aquilo era o suficiente?

Agradeci a Elise, despedi-me dela e f inalmenteconsegui sair. Chamei um táxi para me levar até a empresa, já que eu tinha vendido o meu carro logo que minha mãe descobriu a doença, para pagar os primeiros exames.

Sentada no banco de trás do veículo a caminho da empresa, eu peguei meu celular, digitando uma mensagem para Doug.

Meghan: Sabe o que eu ganhei de presente de aniversário do meu pai, quando completei dezesseis anos?

Tínhamos conversado brevemente na noite anterior. Sem entrar em detalhes, eu apenas disse a ele que estava procurando por uma cuidadora, e ele até mesmo me ajudou, também pesquisando pela internet.

Uma das coisas que eu mais gostava no meu melhor amigo é que ele sabia respeitar os momentos em que eu dava uma inf ormaçãosolta e deixava claro que não queria entrar em detalhes a respeito naquele momento. Ele apenas me ajudou, sem questionamentos. Apenas perguntou um "Aconteceu alguma

coisa?", ao qual eu respondi com um "Depois eu te explico com calma".

Assim como ele também não questionava o f ato de, no dia seguinte, eu iniciar uma conversa, depois de tudo aquilo, f azendo um questionamento totalmente aleatório.

Tanto que ele simplesmente respondeu, provavelmente aguardando para descobrir aonde eu queria chegar com aquilo.

Douglas: Um carro, não foi?

Meghan: Foi. Um carro zero e de luxo. Ele mandou entregar na casa da minha mãe e apenas me contou por telefone no dia, já que eu estava no internato.

Douglas: Lembro que você ficou meio furiosa com isso, não é? Disse que era o presente mais inútil da vida.

Meghan: Todo adolescente sonha em ter um carro e ir com ele para a escola. Mas eu era uma adolescente que vivia em um

internato. Saber que eu tinha um carrão que só poderia usar em férias e feriados não tinha tanta graça assim.

E você se lembra do que eu fiz com ele?

Douglas: Você foi passar o feriado de Ação de Graças em casa, decidiu estreá-lo e o arrebentou de cara com um poste. Foi parar em um hospital e assustou todo mundo.

‘Todo mundo’ na verdade tinha sido apenas Douglas e minha mãe. Meu pai me ligou, completamente puto porque eu tinha destruído um carro novinho.

Eu mesma só tinha quebrado um braço. O que tinha doído bastante. Então, obviamente, se alguém me perguntasse na ocasião se eu tinha feito aquilo de propósito, minha resposta seria um sonoro: "É claro que não!". Quem se machucaria e arriscaria a própria vida apenas para bancar a f ilha rebelde revoltada com o presente caro do pai que achava que aquilo era uma f orma de compensar a f alta total de af eto de uma vida inteira?

Agora, no entanto, eu não tinha mais certeza disso.

Meghan: Sabe o que o meu pai me disse naquela ocasião?

Douglas: Não exatamente. Mas ele foi babaca o suficiente para ficar puto por causa do carro e sequer perguntar como você estava.

Meghan: Ele disse que eu era uma máquina de destruir.

Assim, exatamente com essas palavras: 'Você é uma máquina de destruir'.

Não que isso fosse novidade pra mim. Na escola, diziam coisas parecidas.

Alguns estudantes ficam famosos por serem bonitos, populares, inteligentes... por serem bons em algum esporte ou em alguma disciplina.

Eu era famosa por destruir.

Por roubar gabaritos de prova. Por causar o caos acionando alarmes de incêndio ou ligando anonimamente para a polí cia para dizer que tinha uma bomba no internato.

Por explodir o laboratório de quí mica ou colocar fogo em lixeiras.

Eu sempre fui exatamente isso: uma máquina de destruir.

Douglas: Você não é uma máquina de destruir, Meghan Dawson.

Apenas uma f rasesimples dele. Uma negativa curta e direta. E eu já senti meus olhos transbordarem em lágrimas. Levei a mão à boca, tentando conter meus soluços para não começar a chorar de maneira compulsiva no banco de trás de um táxi.

Em seguida, chegou uma nova mensagem dele:

Douglas: Chego aí no próximo voo que conseguir

Meghan: O quê? Está louco, Douglas? Hoje é terça-feira.

Douglas: Vou remarcar todas as minhas reuniões para semana que vem e passar minhas audiências desta semana para outro

advogado do escritório.

Ser o patrão tem que ter alguma vantagem, não é?

Meghan: Mas você não precisa fazer isso. O combinado é que você voltaria no último final de semana do mês.

Douglas: Que se foda o combinado, Meg.

Não é pela nossa farsa que estou indo te ver, sabe bem disso.

Agora coloca um sorriso nessa cara para passar uma ótima impressão ao filho da puta do seu pai na empresa e arrase em seu segundo dia de trabalho.

Vejo você à noite.

Quis insistir, dizer a ele que não precisava fazer aquilo. Que eu estava bem, que ele nem teria como me ajudar indo até Seattle.

Mas, por fim, eu não disse nada. Porque eu sabia que seria só um bando de mentiras.

Era óbvio que ele me ajudaria só por estar perto.

Assim como era óbvio o tanto que eu precisava dele.

*****

Capítulo treze



Cheguei a Seattle já no final da tarde e, como imaginei, Meg ainda não tinha retornado da empresa. Fui recebido pela governanta da casa, uma senhora meio mal-humorada, que parecia não ir muito com a minha cara, embora me tratasse de forma educada e extremamente formal.

Ela quis me guiar até o quarto da senhora Rachel, mas eu recusei a ajuda, informando que sabia o caminho. Porém, logo acendeu um alerta em mim de que, se ela estava em seu quarto àquela hora, era porque não estava se sentindo bem.

Quando bati na porta do quarto, quem me atendeu foi uma jovem morena, de cabelos compridos.

— Pois não? — ela indagou, confusa por não me conhecer

Bem, eu obviamente estava da mesma maneira, já que não f azia ideia de quem ela era.

— Eu... sou noivo da Meghan. Vim passar alguns dias com a f amília dela, acabei de chegar e vim cumprimentar a senhora Rachel.

— Ah... perdão... prazer, sou Elise Fisher. Trabalho como cuidadora da senhora Rachel. — Ela estendeu a mão para mim e eu a apertei, cumprimentando-a. Claro! Era a cuidadora que Meg tinha me pedido ajuda para procurar às pressas na internet. — Venha, pode entrar. Eu preciso descer para preparar um lanche para ela.

Dito isso, ela abriu mais a porta para que eu entrasse, ao mesmo tempo que ela saía.

Rachel estava deitada na cama, com um livro em mãos. Abriu um enorme sorrido quando me viu.

— Doug! Que surpresa! Não acredito que veio. Não me diga que Meghan te perturbou por minha causa?

Aproximei-me dela, dando um beijo em sua testa.

— Na verdade, eu não sabia o que estava acontecendo. Mas sabia que algo aconteceu, por isso que decidi vir até aqui.

Aproveitando que Meg ainda não voltou, a senhora poderia me contar?

— Não foi nada demais. Eu tive só um desmaio, e agora Meghan cismou que eu preciso de uma babá em tempo integral. Elise é um encanto de menina e muito boazinha, mas ela devia estar trabalhando para cuidar de alguém que realmente precise de seus cuidados.

Apesar das próprias palavras, percebi um ar cansado no rosto de Rachel. Por mais que insistisse em negar, ela realmente precisava de alguém para ajudá-la e garantir que pudesse repousar o máximo possível.

Porém, é claro, eu não iria contrariá-la. Sabia que essa era a última coisa que uma pessoa debilitada poderia querer.

— Meg é meio exagerada mesmo, senhora Rachel. Conheço a peça. Mas ela fica meio desesperada de preocupação. Com a moça trabalhando aqui, ela ficará mais tranquila. Será bom para ela e, claro, para o bebê.

— É... sei disso. E foi só por isso que eu concordei. Porque realmente não precisa.

— Sei que não. Mas a gente conhece aquela desesperada da Meg.

— É, a gente conhece... — Ela me fitou em silêncio por alguns instantes, e então abriu um sorriso carinhoso. — Eu sempre quis que minha filha encontrasse alguém especial, sabe? E não pode imaginar a minha felicidade por esse alguém ser justamente você.

Certo... lá estava ela entrando no assunto que eu não queria tocar. Minha consciência pesava uma tonelada cada vez que eu precisava mentir para aquela mulher.

— Ela me encontrou há muito tempo, senhora Rachel. Lembra que somos melhores amigos desde bem pequenos.

— Eu lembro... e como poderia não me lembrar? Ela chorava sempre que vinha passar as férias em casa, me pedindo para eu trazer você também. ...Você sabe que eu cheguei a tentar, não é? Liguei até para o seu pai, tentando obter autorização para isso. Mas ele era um homem importante, nunca conseguir ser nem mesmo atendida por ele.

— Sei que tentou. Sei bem. A senhora sempre foi muito carinhosa comigo quando ia visitar a Meg. Eu me iludia de que

aquelas visitas também eram para mim, sabe? Já que ninguém mais ia até lá com esse propósito.

— E é claro que eram. Sempre tive um carinho muito especial por você, Doug. É um menino de ouro. E, cá entre nós, apesar de ser o melhor amigo da minha filha, sempre foi muito mais ajuizado do que ela. A maioria das visitas que eu fazia, aliás, era justamente por ser chamada pela direção por conta de alguma arte feita por ela. Tinha também aquele outro menino, amigo de vocês, que volta e meia a ajudava nessas coisas...

— O Christopher. Bem, hoje em dia ele é meu sócio. E ainda somos amigos.

— Gostaria de revê-lo. Traga-o algum dia com você, em uma das suas visitas. E o seu irmão também. Ele era um ótimo garoto.

— Provavelmente o melhor dentre nós quatro — brinquei.

— Vocês todos eram boas crianças. Minha filha e Christopher eram um tanto perturbados, mas... ainda eram ótimas crianças. A rebeldia faz parte do amadurecimento, não é?

— A senhora diz isso porque há tempos não vê o Chris, senão saberia que ele não amadureceu muito, não. Mas a Meg, sim.

Ela segurou a minha mão junto às suas.

— Eu perguntei isso à Meg, mas ela f ugiuda resposta. Então eu vou perguntar para você, meu querido... Você a ama?

Certo... alerta de situação constrangedora da qual eu não f azia a menor ideia de como escapar

Para a minha sorte, neste exato momento a porta do quarto se abriu e por ela entrou a cuidadora, trazendo uma bandeja do que parecia ser chá com biscoitos.

Aproveitei a deixa para soltar-me de Rachel e mudar o assunto.

— Olha, chegou o seu lanche. A senhora tem se alimentado bem?

Ela buf ou.

— Bem até demais. Às vezes acho que Elise quer me matar de tanto comer.

A moça sorriu e se def endeu:

— Está no horário de um dos seus remédios, senhora Rachel. E sabe que não pode tomá-los de estômago vazio.

— Bem, pelo menos com você aqui eu não preciso f icar descendo sempre que preciso comer algo e tendo o risco de me

deparar com aquele desagradável do meu ex-marido. Aliás, ele já voltou?

— Acredito que não. Enquanto subia as escadas, ouvi o barulho da porta e a voz de alguém f alando, provavelmente ao telef one. Mas era de uma das meninas. Só não reconheci se era Meg ou a irmã.

— Deve ser a Meg! — alertei, usando aquilo como desculpa perf eitapara sair dali. — Se me der licença, senhora Rachel, eu vou lá vê-la.

— Ah, esses casais apaixonados... Deve estar morrendo de saudades dela, não é?

— É, eu estou. — Nem pensei muito a respeito da resposta. Se pensasse, acabaria percebendo que, no f imdas contas, não era uma mentira.

Dei mais um beijo na testa de Rachel e a deixei com sua cuidadora, saindo do quarto e descendo as escadas. Ao chegar à sala de estar, no entanto, não f oi Meghan que encontrei, mas L illy. Como de costume, ela mexia no celular, digitando algo. Mas parou logo que me viu.

— Ah... oi — ela me cumprimentou, parecendo surpresa em me ver.

— Oi. Desculpe, achei que f osse a Meg. Vocês não voltam juntas da empresa?

— Ela podia me pedir uma carona, mas aparentemente pref ere voltar em um táxi.

O tom de voz dela parecia levemente sentido. Por isso, não resisti em indagar:

— Bem... Você chegou a of erecer a carona?

— Ouça... Douglas, não é? ...Sei que vamos nos ver muito nesses próximos meses que Meghan e eu moraremos na mesma casa. E talvez a gente chegue até a se dar bem, porque você parece ser um cara legal e tudo mais, mas... Não precisa f ingirque não sabe que minha irmã não gosta de mim.

Bem... Eu não podia dizer que aquilo se tratava exatamente de uma mentira. Mas também não era uma verdade absoluta, como se Meghan odiasse a irmã ou coisa parecida. Até onde eu sabia, as duas simplesmente não tinham muito contato uma com a outra.

— Acho que vocês poderiam aproveitar esse tempo que passarão juntas para tentarem reverter isso. Talvez acabem até

mesmo se dando bem.

— É sério? Sério mesmo? Eu passei muito tempo da minha vida sonhando em ter uma irmã. Faço aniversário no dia 26 de dezembro, um dia depois do Natal, e Meghan sempre estava em Seattle nesses dias, porque vinha passar as festas de fim de ano com a mãe. Meus pais todos os anos faziam uma festa, e ela sempre era convidada. Ela nunca veio. Nunca me ligou para me desejar os parabéns. Eu faziacartões em todos os aniversários dela e pedia para meu pai colocar no correio para mim e enviar ao internato. Nunca nenhum deles foirespondido. E, mesmo depois de tudo isso, quando ela terminou a faculdadee voltou para Seattle, as poucas vezes em que nos encontramos ela sempre me ignorou. Sempre deixou bem claro que queria distância de mim. Então, não... Não será agora que nós vamos nos aproximar.

Ela disse tudo aquilo de uma forma tão acelerada, que deixava nítida a necessidade que tinha de fazeraquele desabafo.E eu simplesmente não sabia o que dizer, porque não fazia ideia de nada daquilo.

Meg sempre falou muito pouco da irmã. E sempre se mostrava indiferente quando a mencionava, mas a impressão que eu tinha era de que fazia aquilo para camuflar a tristeza.

E a f ormacomo L illy f alava,as lágrimas que se f ormavamem seus olhos castanhos, f azia com que f osse dif ícil acreditar que se tratasse de mentiras.

Eu não consegui dizer nada. Mas não f oi preciso. Porque, neste momento, Meghan surgiu na porta de entrada da sala, parando subitamente ao me avistar.

— Doug... — ela sussurrou.

E sorriu, ao mesmo tempo f eliz, surpresa e aliviada. Um segundo depois, ela correu até mim, jogando seus braços ao meu redor e me abraçando com f orça.

Vi quando L illy se af astou, subindo as escadas e nos deixando a sós.

E, só então, Meghan f alou:

— Você veio... Você realmente veio...

— Eu disse que viria.

*****

Capítulo catorze



Eu apenas deixei que ela f alasse.

Depois de encararmos o insuportável jantar ‘em f amília’ que Thomas Dawson obrigava as f ilhas a participarem, f omos apenas nós dois para uma das salas da mansão. L á, Meghan contou sobre o episódio com sua mãe. F alou sobre como f icouassustada quando ligaram para ela dizendo que era do hospital e de todo o medo que lhe f ez decidir contratar uma cuidadora. F alou sobre como a contratada, Elise F isher, era simpática e atenciosa com sua mãe. Por f im, f alou sobre as desconf ianças do pai a respeito da nossa relação.

Depois de algumas horas, f omos cada um para o seu respectivo quarto, mas eu não consegui dormir. Pensava sem parar

em toda aquela situação. No que mais eu poderia fazer para ajudar Meghan, nas formas que poderíamos usar para acabar com as desconfianças de seu pai... e também sobre o que Lilly tinha me contado.

Já passava da meia-noite quando a porta do meu quarto se abriu. Olhei, intrigado, enquanto Meghan entrava e vinha até a minha cama, sentando-se ao meu lado e esticando o pescoço para olhar o livro jurídico que eu tentava ler para ver se atraía o sono.

— Que troço chato... como consegue ler isso? — ela indagou.

Aquilo me remeteu às lembranças de tantas e tantas ocasiões do passado, quando todos no internato dormiam e Meghan dava um jeito de fugir do andar dos alojamentos femininos, indo até o masculino e invadindo meu quarto no meio da noite.

Só que, agora, tê-la sentada ao meu lado na cama, com seu corpo tão próximo ao meu, vestindo uma camiseta comprida bem solta no corpo e um shot curto e com a pele com um cheiro adocicado de sabonete não era mais como antigamente.

Não éramos mais crianças ou adolescentes. Éramos agora um homem e uma mulher, adultos.

Mas ela, de uma f orma inocentemente encantadora, parecia não se dar conta disso.

Eu a encarei de f orma reprovadora e f echei o livro.

— O que pensa que está f azendo no meu quarto a essa hora?

— Ué, qual o problema? Eu nem te acordei. Vi por baixo da porta que a luz do abajur estava acesa.

— Ainda assim. Olha a hora. Todo mundo na casa já deve estar dormindo. Você não deveria estar aqui.

— Corta essa, Doug. Parece até que é grande coisa. Eu sempre entrei no seu quarto na hora que quis.

— Quando éramos crianças ou adolescentes, e não era dentro da sua casa, com um pai moralista e controlador como o seu.

— Sabe que estou pouco me lixando para o que o meu pai vai pensar, não é?

— Não é só sobre o seu pai, Meg. É só que... isso é errado.

Mostrando indif erença, ela apoiou uma das mãos sobre minha coxa, e esticou a mão para pegar o meu livro. Automaticamente, senti o meu corpo reagir àquele toque.

Mas que merda! Era Meghan ali. A Meg! Era errado f icar excitado com ela. Errado em incontáveis níveis!

L utei para me desvencilhar de tal sensação enquanto ela, parecendo alheia ao que tinha causado em mim, af astou a mão da minha perna para começar a f olhear o livro de f orma desinteressada.

Mas, de qualquer maneira, ela ainda estava perto demais.

Puxei um pouco mais as cobertas para disf arçar o volume sob as minhas calças.

— Por que antes não era errado e agora passou a ser? — ela indagou, ainda parecendo distraída enquanto f olheava o livro.

— Porque agora é dif erente — f oi a única resposta que consegui f ormular Não consegui evitar certa rispidez na voz.

Enf im, ela desviou os olhos do livro e me encarou. Havia um traço de tristeza em seus olhos azuis.

— Não quero que seja dif erente. Por f avor, Doug, sei que te meti em um monte de mentiras, mas não mude comigo. Posso aguentar e tenho aguentado muita coisa, mas não vou suportar que deixemos de ser o Doug e a Meg de sempre.

Pensei no quanto aquele pedido era impossível.

Algo já havia mudado.

Muito já havia mudado.

Mas, ao mesmo tempo, ela estava errada em cogitar que deixaríamos algum dia de sermos o Doug e a Meg. Porque a dimensão da cumplicidade, da amizade e da confiança que eu sentia por ela parecia não se abalar por nada. Nem mesmo pelos pensamentos impuros que tomaram minha mente minutos antes.

Era paradoxo e confuso. Agora, quando eu a olhava, não via mais a figura sem gênero de um amigo, mas uma mulher... Contudo, ainda assim ela seguia sendo a minha melhor amiga. Eram duas visões e dois sentimentos tão conflitantes. Mas que, ao mesmo tempo, não se anulavam.

Era como se, ao invés disso, eles se somassem.

Forcei-me a deixar o lado amigo assumir o comando e peguei o livro das mãos dela, explicando:

— É um livro sobre Direito Empresarial. Tenho uma boa base na área, mas tenho pensado em me aprofundar um pouco mais.

— Cansado dos divórcios? Achei que eles fossem bem lucrativos.

— E são. Mas acho que estou me cansando um pouco.

Ela voltou a sorrir e eu me senti aliviado por ter conseguido dissipar o ar de tristeza que ela demonstrara naquele pedido para que não deixasse as coisas mudarem entre nós.

A maior prova de que nem tudo mudara é que eu continuava a não suportar vê-la triste.

— Nunca entendi bem por que você quis f azer Direito... — ela comentou.

— Bem, eu também nunca entendi bem a sua escolha por Marketing. Eu era um f ilho bastardo, mas você é a primogênita de um empresário. Nunca realmente pensou na possibilidade de algum dia assumir os negócios do seu pai?

— Ainda que eu f osse uma f ã e entendedora de cosméticos, toda a identidade visual e o marketing da Dawson Beauty sempre f oi caf onademais para o meu gosto. Sem contar que, mesmo sendo a f ilha mais velha, eu sempre soube que a queridinha do meu pai era a Lilly. Para mim sempre pareceu natural que ele em algum momento entregaria a empresa nas mãos dela.

— E sua irmã gosta dessa coisa de cuidar de uma empresa?

— Como é que eu vou saber? Para mim, Lilly é só uma conhecida. Que eu nem conheço tão bem assim.

— Vocês têm convivido mais tempo juntas do que em todo o resto das vidas de vocês. O que achou dela?

— Sei lá. Um pouco f útil e nitidamente viciada em celulares.

— É por causa do trabalho dela.

— Que trabalho?

— L illy é inf luenciadora digital. Aliás, f iquei curioso e procurei pelo perf il dela no I nstagram. Você sabia que ela tem quase dois milhões de seguidores?

Ela f ranziu a testa, parecendo conf usa.

— Você stalkeou L illy no I nstagram?

— Não. Ela me contou que trabalhava como inf luenciadora e eu f iquei curioso e dei uma olhada no perf il dela.

— Sei...

— O que quer dizer esse 'sei'?

— É que eu me lembro de ter te pedido para segurar um pouco esse seu instinto libertino com relação à minha irmã, não é?

— 'I nstinto libertino'?

— Tá, eu entendo você querer olhar as f otos dela no I nstagram, ela é uma garota muito bonita, mas... Você anda também

conversando com ela, é isso? Estão f lertando um com o outro?

Eu não tinha razões lógicas para aquilo, mas, quando me dei conta, já estava rindo, o que deixou Meghan ainda mais irritada.

— Pode me dizer qual é a graça?

— Você está com ciúmes da sua irmã, Meg?

— O quê? Vá à merda, Doug!

Ela me empurrou e eu contive o riso, ref letindomelhor sobre a situação. Por um instante, meu ego f ezcom que eu pensasse que os tais ciúmes seriam por ver L illy e eu como uma mulher e um homem heterossexuais passíveis de se envolverem um com o outro. Porém, não quis alimentar aquilo e logo mudei o pensamento. Provavelmente, era do amigo que ela sentia ciúmes.

Do amigo dela se envolvendo com a irmã que ela sequer considerava assim.

Diante daquele pensamento e relembrando as coisas que L illy havia me dito, achei que aquele f osse o momento ideal para entrar naquele assunto.

— Por que nunca permitiu que sua irmã se aproximasse de você?

Minha pergunta a pegou de surpresa.

— O quê?

— Sei que você era uma criança, se sentindo abandonada e desprezada pelo pai, Meg. Sei bem, porque eu também me sentia assim com relação ao meu progenitor. Mas Lilly também era uma criança e nunca teve culpa de nada. Sei que é normal sentir um pouco de inveja, mas...

— Inveja? — ela me interrompeu, irritada. — Você está dizendo que acha que eu sentia... ou que ainda sinto inveja da minha irmã?

— Eu sentia com relação a Harry, Meg. Várias vezes. Isso é normal, não te transforma em um monstro.

— Acha que eu tenho inveja da Lilly? — ela repetiu a pergunta.

Respirei fundo, dando a resposta que ela provavelmente não queria ouvir.

— É o que as suas atitudes com ela deixam transparecer.

— O que exatamente você conversou com ela?

— Sobre você nunca ter dado a ela a chance de se aproximarem.

— O quê? — ela praticamente, gritou, levantando-se abruptamente da cama.

O olhar que ela me lançava deixava explícito o quanto estava sentida com o que eu tinha dito. Enf urecida,ela se virou e caminhou em direção à porta do quarto.

Antes que pudesse sair, eu também me levantei e corri até ela, segurando a porta para detê-la.

— Espera, Meg. Não tem motivos para f icarassim. Sou seu amigo, e você poucas vezes conversou comigo sobre sua irmã. Achei que poderíamos...

— Doug... — ela me interrompeu, virando o rosto em minha direção para em encarar. — Há quanto tempo nós nos conhecemos?

— O quê? Sei lá... Uns vinte anos, acho. Por que essa pergunta agora?

— E há quanto tempo conhece a Lilly?

Suspirei, entendendo aonde ela queria chegar.

— Meg, por f avor..

— Nós nos conhecemos há duas décadas. A maior parte das nossas vidas. Conheceu Lilly há apenas alguns dias. Teve com ela

duas ou, no máximo, três conversas. Ainda assim, você f acilmente acredita nas palavras dela, sobre eu ser uma irmã invejosa, que não permitiu que a pobre e inocente irmãzinha caçula de aproximasse de mim?

— Não, Meg. Ela não usou essas palavras. Não disse que você era invejosa... Só que, observando toda a situação, eu...

— Olhando para ela e para mim, você achou muito f ácil acreditar que eu tenho motivos para sentir ciúmes e inveja dela.

— Está vendo? É disso que estou f alando. Você está se menosprezando e se comparando a ela. E não pode dizer que eu acredito mais nela do que em você, porque eu tive a versão dela dos f atos, mas nunca tive a sua. Sou seu melhor amigo, mas você esconde coisas de mim. Não me contou sobre o cara com quem estava saindo, nem quando descobriu que sua mãe estava doente. É apaixonada pelo meu irmão desde a adolescência e nunca me contou nada.

Não consegui compreender o motivo de ter elevado o tom de voz ao jogar aquele último f ato contra ela. Nem por que aquilo me trazia tanta irritação. Dei-me conta de que odiava aquele segredo dela mais do que todos os demais.

E não era apenas o segredo em si, mas o fato de aquilo ter acontecido. Ou ainda acontecer. Meg me confessou ter sido apaixonada pelo meu irmão, mas eu não sabia se aquele sentimento ainda existia, ou se ela apenas o sufocava pelo fato de Harry agora ser casado.

E pensar a respeito disso me enfureciade uma formaque eu sequer conseguia compreender. Tanto, que me forcei a soltar o braço de Meg nesse momento, temendo que aquela raiva me fizesse inconscientemente acabar apertando-o forte demais.

Com isso, ela levou a mão agora livre à maçaneta da porta e, me encarando, declarou:

— É melhor acabarmos logo com essa farsa idiota. Pode arrumar suas coisas e ir embora pela manhã.

Dito isso, ela saiu, batendo a porta.

Deixando-me ali sozinho e enfurecido.

*****

Capítulo quinze



Eu não era exatamente uma pessoa que pudesse elencar a tranquilidade como uma de suas melhores características. Porém, de todas as vezes que Douglas tinha conseguido despertar alguma raiva em mim, aquela era provavelmente a maior de todas.

Tudo o que ele tinha concluído a meu respeito me machucava demais. Primeiramente porque eu nunca, em nenhum momento da minha vida, tinha chegado a sentir inveja da minha irmã. Nem mesmo quando criança, quando, como Doug mesmo disse, esse sentimento podia ser considerado comum.

Eu não sentia inveja dela porque eu não poderia invejar o afeto que ela tinha do pai que nunca representou nada para mim. Era o afeto dela que eu queria ter, e não o dele.

Então, depois de tantos anos praticamente implorando por isso através de tantas e tantas cartas enviadas, ela havia insinuado a Douglas que eu é que não tinha permitido uma aproximação entre nós?

E, o pior: Doug havia acreditado.

Certo, ele tinha razão na parte sobre eu nunca ter contado a ele a respeito das cartas. Porque eu me sentia uma boba f azendo aquilo, principalmente por nunca ter obtido respostas. Ainda assim, eu estava com raiva por ele ter acreditado nela tão f acilmente.

Eu estava, na verdade, com raiva de muitas coisas. E provavelmente os hormônios da gravidez não tornavam aquilo mais f ácil.

— Você f oi premiado com uma mãe bem dramática, sabia? — f alei, deitada em minha cama, levando a mão à barriga.

O sol começava a nascer lá f ora, estava ainda bem cedo, mas eu não tinha conseguido dormir.

— Você ainda é tão pequeno... ou pequena... E eu já estou te passando toda essa carga de estresse, não é? Eu sinto muito por isso. E prometo a você que tentarei ser uma boa mãe.

Aquela era a primeira vez que eu conversava em voz alta com o meu bebê. Porque toda a descoberta da gravidez tinha sido tão repentina e em meio a um verdadeiro caos. E aquilo, naquele momento, depois de uma noite remoendo mágoas, f ezcom que um sorriso surgisse em meu rosto. Ainda estava nas primeiras semanas de gestação e ainda não era possível sentir o bebê se mexer nem nada do tipo. Porém, de alguma f orma, senti como se ele se comunicasse comigo, trazendo-me uma sensação de paz.

Ainda estava cedo demais, sabia que ninguém na casa devia sequer ter acordado, mas percebi que não conseguiria mais dormir e, por isso, levantei-me da cama.

Fui até o banheiro da suíte e tomei um banho, optando por vestir novamente minha roupa de dormir, já que estava cedo demais para ir para a empresa. Preferi aproveitar aquelas poucas horas que me restavam para me manter confortável.

Contudo, já me sentia sufocada dentro daquele quarto, por isso decidi que seria uma boa ir para o quintal. Para aquela parte dos f undos da casa, onde eu tinha me sentado na grama na noite da f esta, ao lado de Doug. Tomar um pouco de ar f resco me f aria bem.

Apesar de o lugar agora estar para mim associado a Doug, era justamente dele que eu queria f ugir Tinha dito a ele, na noite anterior, para que f osse embora pela manhã. Se ele f izæsse isso, não correria o risco de esbarrar comigo pela casa. Porque eu não queria me despedir, para não correr o risco de voltar atrás na minha decisão de terminar com aquela f arsa.

Quando abri a porta do quarto, no entanto, acabei encontrando justamente com a pessoa de quem pretendia f ugir

L á estava Doug, no corredor, com as costas apoiadas à parede de f rente para a porta do meu quarto.

Não deviam ser nem seis da manhã. Desde quando ele estaria ali?

— Bom dia... — ele me cumprimentou, de f orma séria. — I maginei que f osse acordar cedo hoje. Bem, se é que você conseguiu dormir.

Podia soar presunçoso ele f azeraquela suposição depois de uma briga. Porém, eu sabia que não se tratava disso. Ele apenas me conhecia bem o suf icientepara saber que eu perdia o sono com muita f acilidade.

Tentei demonstrar alguma indif erençaao responder com uma pergunta:

— J á arrumou as suas malas?

Ele suspirou e se desencostou da parede. O tom tranquilo de sua voz ao responder acabou me desarmando daquela rispidez

— Eu pretendo ir embora, Meg. Na verdade, vou hoje à noite, como já tinha planejado, mas estarei de volta no f inaldo mês, como combinamos. Prometi te ajudar e vou cumprir minha promessa. Vamos até o f im nisso.

Droga... por que ele tinha que ser tão calmo? Tão oposto a mim no controle de suas emoções?

Ele deveria estar f urioso com nossa briga e aproveitar a situação para se livrar daquela f arsa na qual ele nem queria ter entrado. Mas, ao invés disso, estava ali, sei lá há quanto tempo de plantão na porta do meu quarto, com a maior tranquilidade do mundo para me dizer que não iria embora.

Mas eu não seria a garota-problema se meramente aceitasse aquilo. Porque eu tinha razão em ter f icado chateada.

— Você mal conhece a minha irmã. Então, ela te diz algo a meu respeito e você meramente acredita nela.

— Você tem razão. Eu não devia ter dito nada daquilo para você. Será que pode me perdoar, Meghan? Eu sinto muito pela f orma como agi.

Ele nunca me chamava daquele jeito. Era sempre 'Meg'. Ouvir pela primeira vez o meu nome inteiro dito na voz ao mesmo tempo grave e serena dele trouxe-me uma sensação de paz, misturada a um estranho e, ao mesmo tempo, delicioso acelerar dos batimentos cardíacos.

Segui a olhá-lo em silêncio por alguns instantes, vendo explícita, naqueles olhos azuis, a sinceridade do pedido de desculpas.

Que droga... Ele conseguia desmanchar completamente a garota-problema.

— Sente mesmo? — indaguei, tentando disf arçar a insegurança na voz.

— Mesmo. Eu não devia ter dito, nem ao menos pensado aquilo de você. Pode me perdoar?

Eu não saberia dizer se acreditava que ele realmente estava arrependido de ter pensado aquilo ao meu respeito ou apenas de ter

externado seus pensamentos. Achava que, no f undo,ele achou que poderia promover as pazes entre duas meias-irmãs.

Porém, eu não poderia julgá-lo por acreditar que aquilo seria possível, já que eu nunca tinha contado a ele sobre as minhas tentativas de aproximação com Lilly.

— Tudo bem, Doug. Eu te perdoo.

— Mesmo?

— Mesmo. Mas tenho uma condição.

— Que seria...

— Você parar de dar assunto para a Lilly.

Ele riu diante do pedido.

— Você realmente está f icando muito ciumenta,*noi vi nha*.

Novamente, aquela provocação. E, assim como da outra vez que ele brincou daquele jeito comigo, eu senti minha f aceesquentar.

Era só uma brincadeira. Que droga, eu não devia reagir daquele jeito.

Quis continuar na conversa, mas sabia que ali, no corredor dos quartos, não seria muito seguro. Por isso, agarrei a mão dele e o puxei escada abaixo, saindo com ele para o quintal, até os f undos

da casa. Estava calçada apenas com um par de meias e senti a umidade da grama chegar ao meu pé, mas não me importei.

Ali ninguém poderia nos ouvir, e era o que importava.

— Não tem nada a ver com ciúmes, Doug! — declarei, soltando a mão dele.

A resposta dele deixou claro para mim que ele tinha reparado na f orma como f iquei constrangida com aquilo de 'noivinha'.

— Estou f alando de ciúmes de amigos, Meg. Às vezes você sentia ciúmes até de mim com o meu irmão e com o Chris, lembra?

— Sim, mas éramos crianças. Agora não tem nada a ver com isso, Doug. Acontece que... — Respirei f undo, antes de contar. — Eu mandava cartas para a Lilly. Lá do internato.

Ele f icou sério, parecendo surpreso com a revelação.

— Então você respondeu aos cartões que ela te mandava?

— Que cartões?

— Nos seus aniversários.

— De onde tirou isso?

— Foi o que ela me contou. Que todos os anos te mandava um cartão no seu aniversário e convites para que você f osse ao

dela.

— O quê? Lilly nunca me mandou nada. Absolutamente nada. Eu escrevia sempre para ela. No início, nem esperava respostas, porque ela era muito pequena. Mas eu segui escrevendo quando estava no Ensino Médio e até na faculdade. Até praticamente ela se tornar uma adulta. Ela nunca me respondeu. Nunca me enviou nada. Ela faz aniversário entre o Natal e o Ano Novo, eu sempre estava em Seattle, na casa da minha mãe, nessa época, e nunca recebi convite nenhum. No internato, nós não tínhamos permissão para fazer telefonemas, apenas receber. E nas raras vezes em que meu pai me ligava, eu perguntava se a Lilly tinha recebido minhas cartas.

— E o que ele dizia?

— Que sim. Aí eu perguntava se ele poderia, caso ela quisesse me responder, colocar a carta no correio, e ele dizia que faria isso.

— Talvez ele não tenha feito.

— Talvez ela não tenha respondido. Era só uma garotinha mimada, cercada de brinquedos caros, amiguinhas fúteis e amor

f amiliardurante o ano inteiro. Eu era a f ilhaque o pai dele teve com uma ex-mulher pobre.

— Vocês duas tentaram conversar sobre isso, Meg? Agora, cara a cara, ambas já adultas?

— É só você olhar para a Lilly e olhar para mim para perceber o quanto os nossos mundos são dif erentes. A gente não deve ter nem um mísero assunto em comum. Ela não deve ter qualquer motivo para me querer como irmã.

— Harry e eu também somos de mundos dif erentes. Às vezes, conversando com ele, acho que ele é o sujeito mais chato que já conheci na vida. E sou advogado especialista em divórcio, o que não f alta na minha vida são pessoas chatas. E, sinceramente, você e eu também temos muitas dif erenças.

— E eu nunca entendi bem por que você sempre f oi meu amigo. Ao ponto de, a essa hora, poder estar lá em Nova I orque, cercado de gente importante e de mulheres lindas, mas em vez disso estar aqui, f ingindo ser noivo de uma grávida rejeitada. Meu pai tem razão em estar desconf iado, não f az nem sentido um cara como você ter um relacionamento com alguém como eu.

Mal acabei de dizer aquelas palavras e eu me odiei pela minha própria sinceridade. Acho que os hormônios da gestação estavam realmente mexendo demais comigo e me transformando em uma dramática insuportável.

Logo eu, que sempre fiz questão de me mostrar forte e emocionalmente independente. Porque essa era a melhor forma de tentar me manter segura: construir uma muralha ao redor dos meus sentimentos, para que ninguém tivesse o poder de me trazer sofrimento. Foi por isso que demorei tantos anos para confessar a Doug que fui durante muito tempo apaixonada pelo seu irmão. Foi por isso que passei a entender que minha mãe permitia que eu estudasse em um internato a quilômetros de casa porque ela estava preocupada com a minha educação e porque não podia cuidar de mim da forma como queria por precisar passar o dia inteiro fora trabalhando. Foi por isso que parei de ter esperanças em receber algum carinho paterno ou de construir algum laço de amizade da minha meia-irmã.

E, agora, lá estava eu, depois de adulta, prestes a me tornar mãe e fazendo uma ceninha ridícula.

Decidi que o melhor a ser feito seria mudar drasticamente de assunto e fingir que nada daquilo tinha acontecido. Contudo, antes

que pudesse f azer isso, senti as mãos de Doug segurarem as minhas. Meu coração voltou a acelerar com aquele contato.

E acelerou ainda mais quando ouvi a voz dele, baixa e suave, porém f irme, garantir:

— Não tem ninguém mais importante com quem eu queira estar nesse momento. J á disse que não f oipela nossa f arsaque vim até aqui. E virei sempre que você precisar de mim.

Não tive qualquer resposta para aquilo. As palavras travaram em minha garganta, talvez já sabendo o quanto seriam desnecessárias naquele momento. Aquele silêncio acolhedor, a presença de Douglas, nossas mãos entrelaçadas... Tudo aquilo parecia me bastar.

Ao mesmo tempo em que algo dentro de mim parecia gritar que ainda não era o suf iciente. Que eu queria mais dele.

Mais do que eu poderia mensurar.

Mais do que eu seria capaz de pedir.

*****

Capítulo dezesseis



Mesmo na agitação diária do meu trabalho, o mês pareceu levar uma eternidade para passar. Era como se o tempo se arrastasse e eu me peguei contando os dias para voltar a Seattle como um garotinho aguardando ansiosamente pela manhã de Natal para abrir um presente.

Meg e eu nos falávamos pelo telefone todos os dias. Não apenas por mensagens de texto, mas também por ligações por voz ou vídeo. Apesar de sempre termos sido próximos, nunca, depois de adultos, tinha sido daquela maneira.

Eu contava para ela sobre o meu dia e ríamos juntos de algumas situações do trabalho, como clientes tentando sair no tapa

no meio de audiências de divórcio e também sobre minhas saídas semanais com Chris e Harry – que ultimamente vinham sendo mais com o Chris do que com Harry. Meu irmão andava completamente envolvido com problemas na empresa e com a gestação de sua esposa. Contei a Meg sobre serem gêmeos e ela declarou que estava meio tensa com essa possibilidade, que confirmaria ou descartaria no próximo ultrassom que faria, que seria em uma sexta-feira, justamente um dia antes de minha próxima visita a ela.

Ela também me contava sobre as coisas na empresa do pai. Apesar de dividirem a mesma sala, Lilly e ela ainda se falavam muito pouco e ambas estavam bem empenhadas em darem seu melhor no trabalho.

Já sobre a senhora Rachel, ela agora já aceitava muito bem sua cuidadora, Elise, a qual Meg também elogiava muito. Precisou passar alguns dias internada para as primeiras sessões de quimioterapia, mas já estava novamente em casa e aparentava estar bem.

Meg chegou a me perguntar sobre Julia, e eu fui sincero na resposta: não a via há quase dois meses. Desde pouco antes de minha melhor amiga me procurar pedindo para que eu fingisse ser seu noivo.

— Pelo amor de Deus, Doug, não tem que f icar em abstinência sexual por minha causa! — f oi a resposta dela quando f alamos sobre isso em uma chamada de voz.

Senti um arrependimento por não ter sido em uma ligação por vídeo, porque eu queria ver os olhos dela enquanto dizia aquilo, estudar suas f eições.

O que era ridículo, porque ela provavelmente estava sendo sincera, como sempre f oi.

— Quem disse que estou em abstinência? — provoquei, também pensando no quanto gostaria de ver sua reação.

— Se não tem visto J ulia, você está. Porque você é uma espécie estranha de libertino f iel.Ainda que não namore sério, você sempre teve apenas uma garota por vez.

— Chris diz que isso não f az qualquer sentido.

— Chris é um tipo dif erentede libertino. Bem, na verdade, ele é o libertino cem por cento puro em sua essência. Um galinha, f alando em termos mais diretos.

E f oi nessa mesma conversa que ela decidiu dar continuidade à nossa história. E passamos mais uma hora inteira rindo sobre como ela contava sobre Drago se unindo à rebelde disf arçada de

dama da alta sociedade e como eles juntos armaram um plano contra o Rei.

Dias depois disso, eu enf im retornava a Seattle. Cheguei no sábado pela manhã e Meg me esperava já no quintal de casa, segurando uma sacola de papel. Sem dizer uma única palavra, ela agarrou a minha mão e me levou até os f undos do quintal, mostrando que queria conversar comigo a sós antes que eu entrasse e encontrasse sua f amília.

Era quase como se f ôssemos, realmente, um casal apaixonado.

Ela se sentou sobre a grama, naquele nosso lugar de sempre, puxando-me para que me sentasse ao lado dela. Então, tirou um envelope de dentro da sacola e o entregou a mim.

— Preciso que veja isso. Preciso muito que veja isso.

Ela sorria e estava inquieta, nitidamente empolgada.

Abri o envelope, que continha vários papéis, O primeiro deles era uma f otograf ia.

Uma imagem de ultrassom, na verdade.

Eu não seria capaz de descrever a emoção que senti quando meus olhos absorveram aquilo. J á dava para vê-lo. Uma cabeça

quase do tamanho de todo o restante do corpinho ainda em formação, mas já era possível visualizar seus bracinhos e perninhas.

Segurei a foto com as duas mãos, olhando-a com atenção, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Ele já está assim? — perguntei, como um bobo. — Mas como, se nem dá para ver sua barriga?

— Na verdade... — Ela levantou a camiseta solta no corpo que usava e abaixou um pouco o cós da calça de moletom.

E aquela foi outra imagem que pareceu balançar tudo dentro de mim.

Já havia, sim, uma leve elevação em sua barriga. Embora fosse imperceptível por baixo das roupas, era possível ver daquela maneira.

— O médico me disse que ele tem o tamanho de um tomate-cereja. Dá para visualizar isso? É muito pequeno, mas ao mesmo tempo já dá para vê-lo tão bem. Ah, e nada de gêmeos, é apenas um mesmo. Mandei o médico olhar bem para descobrir se não tinha nenhum outro bebê se escondendo atrás. Ele, ou ela, está com a saúde ótima e eu pude ouvir os batimentos cardíacos.

Inspirei profundamente, contendo as lágrimas que sentia que queriam escapar. Eu sequer sabia de onde vinha tanta emoção. Há apenas alguns dias Harry havia me mostrado o último ultrassom de seus gêmeos, que já estavam em um estágio bem mais avançado da gestação e que eram meus sobrinhos. E, é claro, eu fiquei bem emocionado com aquilo, mas agora, com o bebê de Meghan era... surreal.

— Sua mãe estava com você? — perguntei, de repente sentindo-me culpado por não ter estado junto naquele momento.

— Não, ela nem podia ir. Tem dormido durante a maior parte do dia.

— Você foi sozinha?

— Bem, fomos eu e meu filho ou filha. Foi bom, porque assim ninguém além de desconhecidos do hospital presenciaram a minha crise vergonhosa de choro.

Ela riu e eu percebi que apenas relembrar aqueles momentos fez com que seus olhos brilhassem em decorrência das lágrimas.

Eu não sabia se era apenas pela felicidade em ver seu bebê, saber que estava bem e ouvir seus batimentos cardíacos, ou se

também pela melancolia de não ter ninguém para segurar sua mão naquele momento.

E eu me sentia péssimo por isso. Mas tentei disf arçar voltando a olhar para a f otograf ia.

Meu Deus, aquele f eijãozinho era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida.

— E ainda não deu para ver se é um menino ou uma menina?

— Estou ainda no f inal da décima primeira semana, e o médico me explicou que já dava para verif icarcom oitenta por cento de chances de acerto. Então eu disse que pref iro esperar pelo próximo ultrassom, para saber com certeza.

— E quando será?

— Marcamos para daqui a dois meses.

— Eu posso ir com você?

Ela piscou algumas vezes, parecendo surpresa com o questionamento.

— Doug, não precisa f azerisso. Meu pai nem pergunta nada sobre meus exames, ele não sabe se você me acompanhou ou não para desconf iar que você não é o pai do bebê.

— Não me importo com o que o seu pai pensa. Eu só quero estar lá com você. Essa coisa de ouvir o coração do bebê deve ser... nossa... bem intensa, não é? Eu quero mesmo ir contigo.

Ela sorriu.

— Eu vou adorar que você vá comigo.

Voltei a olhar para a barriga dela, quase hipnotizado por aquela visão. Era como se o que eu já soubesse de repente se tornasse mais concreto diante dos meus olhos.

Minha melhor amiga estava prestes a ser mãe. A Meg... A garota-problema... havia crescido, se tornado uma mulher e agora seria mãe.

— Posso? — perguntei subitamente, erguendo minha mão em direção à barriga dela.

O sorriso em seu rosto pareceu se iluminar ainda mais e ela assentiu.

Devagar, levei minha mão à sua barriga. Ao tocá-la, f oicomo se uma onda de calor irradiasse em todo o meu corpo.

— Ainda não dá para sentir nada, sabe? — ela f alou. — Ainda vai levar algumas semanas para ele ou ela começar a f azer coisas como chutar ou se mexer de f orma com que dê para sentir

Concordei com um movimento de cabeça, embora por dentro discordasse completamente daquilo.

Eu era, sim, capaz de sentir. Não qualquer chute ou movimento, mas sentia aquela pequena vida crescendo ali.

E, mais do que isso, sentia que minha conexão com Meg se tornava ainda mais f orte.

*****

Capítulo dezessete



I ssopode soar meio estúpido, mas a verdade é que a cada dia que se passava, mais grávida eu me sentia. Quando eu descobri a gravidez, f oi um choque enorme, mas ainda assim eu não era capaz de dimensionar precisamente aquela ideia de ser mãe.

Ao f inal do primeiro trimestre de gestação, eu tinha a consciência de que eu ainda tinha muito o que amadurecer naquele sentimento. Mesmo assim, eu sentia uma dif erença imensa com relação ao início.

E eu simplesmente amava conversar a respeito disso com Doug. Foi assim que passamos o sábado quase inteiro, aliás – com exceção dos momentos em que ele f oi ver a minha mãe no quarto ou durante o cansativo e irritante jantar com minha irmã e meu pai.

O domingo tinha tudo para seguir o mesmo rumo, mas meu pai não permitiu. Após o café da manhã, ele pediu para que Lilly, Douglas e eu permanecêssemos na mesa, porque ele precisava conversar algo importante.

Sim, com nós três. O que, na minha cabeça, não fazia o menor sentido.

Logo que uma empregada retirou as louças da mesa e nós quatro ficamos a sós, ele começou a dizer:

— Preciso definir algumas coisas com vocês duas. E já que o senhor Jenkins está prestes a entrar oficialmente para a família, é bom que esteja presente nessa discussão. Aliás, vamos começar justamente por esse ponto. Quando vocês dois pretendem se casar?

Por sorte, aquela era uma pergunta que eu já esperava receber a qualquer momento, por isso fui rápida na resposta:

— Depois que o bebê nascer.

— Por que esperar tanto?

Dessa vez, foi Douglas quem deu a resposta que nós também já havíamos ensaiado antes.

— Queremos que o nosso filho esteja presente.

O som da voz dele dizendo as palavras 'nosso f ilho'provocou um arrepio por todo o meu corpo.

— E ele não estará de qualquer jeito? — meu pai rebateu, apontando para a minha barriga. — Esse bebê provavelmente só vai nascer depois da data marcada para a minha aposentadoria.

— Precisamente um mês depois — rebati, com medo de onde ele estaria querendo chegar com aquilo.

— Ref açam seus planos, então.

— O quê? — perguntei, incrédula.

— Ou vocês se casam antes, ou você será retirada da disputa, Meghan. Não há qualquer chance de eu dar o comando da minha empresa para uma f ilha que teve um f ilho sendo solteira.

— Pelo amor de Deus! — rebati, irritada. — I ssoé ridículo. Não f az o menor sentido.

— Eu quero que vocês entendam uma coisa... — Parecendo ignorar a presença de Douglas ali, os olhos dele se revezavam entre L illy e eu. — A Dawson Beauty é a coisa mais importante da minha vida. Meu avô construiu essa empresa, ela f oipassada para o meu pai e eu pref iro passá-la para um desconhecido a passá-la para uma f ilha que seja incapaz ou que não chegue sequer perto de um

exemplo de moralidade. E precisamos concordar que nenhuma de vocês duas está realmente aos pés de uma responsabilidade como esta. Mas como são minhas filhas, estou dando a vocês a chance de se adequarem, embora eu realmente não saiba quem é a pior.

— Papai, eu... — Lilly começou a falar, com um tom de voz de quem estava prestes a cair no choro.

E, apesar de eu não ser próxima da minha irmã, senti ainda mais ódio do meu pai por estar a ponto de fazê-la chorar.

Ele, no entanto, a interrompeu, olhando diretamente para ela.

— Você sequer fez uma faculdade. É uma inútil que só sabe gastar dinheiro. E essa coisa de Internet? Fica se exibindo em fotos e vídeos idiotas para milhões de pessoas sem ter qualquer propósito nisso.

— É o meu trabalho, papai... — Lilly tentou se defender, mas ele novamente a interrompeu. Desta vez, com uma gargalhada.

— Chama essa exibição gratuita de trabalho? Livre-se disso, porque, definitivamente, não há qualquer chance de a nova CEO da Dawson ser uma 'blogueira'. Assim também não será uma mãe solteira. — Ele voltou a olhar para mim. — Este é um ultimato para as duas se adequarem. Quem não quiser, que se retire da disputa.

Levantei-me, indignada.

— Se essa empresa é a coisa mais importante da sua vida, por que quer tanto passá-la adiante? Por que armou esse circo ridículo?

Ele se aplumou na cadeira e revelou, como quem não fala nada demais.

— Não é só a sua mãe que está doente. Mas, ao contrário dela, eu não tenho chances de sobrevivência. Estou com uma doença degenerativa. Os médicos me deram uma estimativa de no máximo dois anos. Mas tenho alguns meses ainda até as minhas faculdades mentais começarem a falhar, e decidi dedicá-los a deixar minha empresa em boas mãos.

— Papai... — Lilly voltou a falar. Dessa vez, já não segurava mais as lágrimas.

Se eu tinha naquele momento qualquer vontade de chorar, não era por tristeza, mas por raiva.

— Dentre tantas coisas que você poderia escolher fazer para passar seu tempo final de vida... Você escolheu dedicá-lo a uma empresa?

— E que outras prioridades eu teria?

— Viajar, reencontrar velhos amigos... ou talvez se aproximar das suas f ilhas.

— Tudo isso é uma grande bobagem. O legado que deixarei neste mundo é a minha empresa. É o que vocês também deixarão algum dia. Paguei para as duas as melhores escolas do país para serem as melhores, para poderem me substituir algum dia. E não para sentimentalismos idiotas. — Ele olhou para L illy, nitidamente irritado com o som de seu choro. — E você, pare de chorar. J á é uma mulher adulta, pare de se comportar como uma criança.

Tomei f ôlego para retrucar, mas me detive quando Douglas enf im se manif estou, enquanto se levantava da cadeira.

— Perdoe-me a sinceridade, senhor Dawson, mas uma grande bobagem é tudo isso que está dizendo.

— Disse o rapaz que construiu uma pequena f ortuna com sua prof issão...

— Sim, eu construí. Mas nada disso vai me valer de nada depois que eu morrer. Por isso que, se eu descobrisse que meus dias de vida estão chegando ao f im, eu abriria mão de tudo para passar esse tempo próximo às pessoas que são importantes para mim.

— Nada é mais importante para mim do que a Dawson Beauty — meu pai enf atizou, sem demonstrar qualquer constrangimento ou hesitação nisso. — E se alguma das minhas f ilhas não estiver disposta a f azer o mínimo necessário para se adequar a ser uma herdeira respeitável, que avise agora. Assim paramos de perder tempo e a outra já será diretamente treinada para me substituir. Ou, caso ambas sejam realmente as f racassadas que parecem ser, posso procurar por um f uncionário capacitado para assumir isso.

— No caso de Meghan, ela não irá renunciar. Nosso casamento acontecerá antes de sua tão esperada f esta de aniversário, não tem com o que se preocupar com relação a isso.

Após comunicar isso, Douglas simplesmente saiu da sala de jantar. E eu continuei sentada por alguns instantes, sentindo-me completamente paralisada com tudo aquilo.

Como assim *nosso casament o*?

Uma coisa era f ingir que estávamos noivos. Outra, bem dif erente, era nos casarmos de verdade. Doug não podia estar realmente disposto a f azer aquilo.

Ou estaria?

Fui arrancada de meus pensamentos quando vi Lilly se levantar de sua cadeira e ir até o nosso pai, abaixando-se ao seu lado. Ela chorava muito, de uma f ormaque me angustiava. Eu podia ter dúvidas a respeito de muita coisa que ela dizia, mas não com relação ao amor que sentia pelo pai. A admiração era nítida sempre que ela o olhava.

E, naquele momento, ela estava sof rendo. E não era porque ele a obrigava a abandonar sua estimada rede social, mas pela notícia de que ele estava doente.

— Papai, por que não me contou que estava doente? — ela perguntou.

Ele respondeu com descaso.

— Para quê? Sabia que você iria reagir exatamente desta maneira descontrolada. Eu não te criei para ser assim, Lilly. Eu te eduquei para ser f orte e não uma f raca emotiva.

— Não a criou para ser emotiva... — repeti. De repente, várias coisas começaram a f azer sentido. — Nunca entregou minhas cartas a ela, não é?

Os olhos do meu pai se voltaram para mim. Duros, f rios, sem qualquer arrependimento.

Apenas aquilo bastou como resposta.

Lilly apenas continuou a chorar e o som de seu choro me angustiava a cada instante mais, até chegar ao ponto em que eu não mais suportei e deixei a sala de jantar.

Douglas e eu não combinamos nada, mas eu, de alguma forma, sabia para onde ele tinha ido. Por isso que, sem sequer pensar a respeito, vi-me seguir o caminho para os fundosdo quintal.

E ele de fatoestava lá, caminhando de um lado para o outro. Pensativo, irritado, parecendo fora de si.

Fui para a frente dele, fazendo com que ele parasse.

— Ei, Doug... Acalme-se, por favor

Ele me olhou em silêncio por um instante, até que levou a mão ao meu rosto, passando os polegares pelas lágrimas que eu sequer tinha me dado conta de que caíam de meus olhos.

Mas a surpresa ao perceber que eu chorava sem sequer perceber não era nada diante da que tive quando senti meu coração acelerar subitamente em meu peito. E de entender que o que causava aquilo era o toque carinhoso de Doug em meu rosto, era a nossa proximidade e os olhos azuis dele conectados aos meus.

— Você não quer aquela empresa — ele falou.

Balancei a cabeça em uma negativa.

— Eu não quero nada que venha daquele homem. Ele é muito pior do que eu imaginava.

— Mas você não vai perder para ele. Não vai deixar que ele subestime você. Você vai assumir aquela empresa e vai transf ormá-la. Vai ressignif icá-la.

— Não vou, Doug. Não vai ter casamento algum.

— Eu disse a ele que vai, não disse? E nós vamos nos casar.

— Está louco, Doug? Não pode se casar comigo.

— Ah, eu posso. É o pai da noiva que paga a f esta, não é? Nós vamos nos divertir, encher a cara e dançar muito, tudo na conta dele. Digo, você não pode encher a cara por causa do bebê, mas tem as comidas e tudo mais. Bolos de casamento costumam ser uma delícia.

— Doug... Não pode estar f alando sério.

— Nunca f aleitão sério em toda a minha vida. A gente vai se casar e você vai assumir a Dawson Beauty. Está mais do que claro que sua irmã nem quer isso. Ela não tem qualquer interesse por empresas, mas ama aquele bosta do pai e quer apenas dar orgulho a ele, isso está nítido.

Fiz uma breve reflexão sobre aquilo. A forma como Lilly reagiu à notícia de que o pai estava doente... aliás, a forma como sempre se comportava na presença dele, como uma criança querendo chamar a atenção de um adulto para si...

Doug tinha toda a razão. Isso explicava por que ela, sendo tão rica, fazia tanta questão de assumir aquela empresa. Antes eu achava que era pura ganância, mas esta sinceramente não parecia uma característica da minha meia-irmã.

...E ela não tinha recebido as minhas cartas.

Que inferno, aquele monstro que chamávamos de pai fez de tudo, a vida inteira, para que nós não nos aproximássemos.

Doug voltou a falar:

— Vamos marcar a data para alguns dias antes da festa do seu pai. Depois que ele finalizar essa palhaçada toda e passar o comando da empresa para você, eu dou um jeito de conseguir a anulação do nosso casamento. Eu consigo isso, nem precisaremos recorrer a um divórcio. Nada vai mudar, entendeu?

Nada iria mudar...

Mas tanto já havia mudado.

Balancei a cabeça em concordância, fazendo uma brincadeira para tentar aliviar todo aquele clima pesado.

— Gosto de bolos de casamento.

— São deliciosos.

— Mas vou ter que usar um daqueles vestidos pomposos?

— Bem, eu terei que usar smoking.

— Que diferença faz para você? É advogado. Está sempre de terno.

— Não é exatamente a mesma coisa. Mas... tanto faz. Fizemos um acordo, Meg. Entramos em um jogo. E eu não entro em briga nenhuma para perder. Não sou o melhor advogado especialista em divórcios dos Estados Unidos à toa. Quando eu pego um caso, é para vencer.

— Faria mesmo isso por mim?

— Você ainda não entendeu que eu faria qualquer coisa por você?

Meu coração voltou a acelerar e o nó em minha garganta pareceu triplicar de tamanho.

Mas eu não iria chorar. Eu era durona, e continuaria sendo.

— Eu só me recuso a usar salto alto — f alei, em mais uma tentativa de aliviar o clima.

E deu certo, porque Douglas riu.

— Por mim, pode se casar usando tênis de corrida. Seu pai não deve f azer nenhuma imposição a respeito de um detalhe desses.

Sorri e, quando me dei conta, já me jogava nos braços de Doug, que me abraçou de volta.

Assim, eu soube que tudo f icaria bem.

Nos braços dele, eu me sentia completamente segura.

Senti meu corpo inteiro protestar quando ele se af astou, desf azendo nosso abraço, mas ainda se mantendo próximo a mim. Tinha f echado os meus olhos e, quando voltei, lentamente, a abri-los, encontrei o rosto dele bem perto do meu. Seus olhos azuis percorriam o meu rosto de uma f ormaque eu sabia que nunca tinha sido f itada por ele.

Havia desejo e devoção nos olhos dele. E não era apenas a primeira vez que Doug me olhava daquela maneira.

Eu nunca o tinha visto olhar daquela maneira para nenhuma outra mulher. Com desejo, sim... Mas nunca naquela intensidade.

Nunca com outros sentimentos nitidamente envolvidos.

E era a primeira vez, também, que qualquer pessoa me olhava daquele jeito. Que fazia com que eu me sentisse daquela maneira, com um turbilhão de emoções se agitando em meu peito.

— Doug... — sussurrei. Foi inútil tentar esconder a confusão e o desejo em minha voz.

Então, ele voltou a acolher o meu rosto com as duas mãos e, em um movimento súbito, fez a sua boca se apossar da minha. Sua língua deslizou sobre meus lábios, solicitando passagem, e eu permiti que se encontrasse com a minha de forma intensa e, ao mesmo tempo, aflita, urgente.

Ali eu me dei conta do tanto que, sem sequer perceber, eu ansiava por ser beijada por Douglas. E o gosto dele era muito mais maravilhoso e inebriante do que eu poderia imaginar.

Não sei por quanto tempo ficamos ali naquele beijo. E quantos outros vieram na sequência dele, sem qualquer questionamento, sem qualquer conversa ou hesitação.

Foi ali que eu me perdi completamente. E sequer queria pensar a respeito daquilo, a que rumos aquilo iria nos levar e no

passo estranho e incerto que nossa amizade estava dando naquele momento.

Eu só queria sentir.

Eu só queria estar com Doug.

****

Capítulo dezoito



Eu tinha sido beijada pelo meu melhor amigo.

Não... Essa af irmação era um erro. *Nós* tínhamos nos beijado. Os dois, em comum acordo, em comum desejo. Como se f osse algo absolutamente natural.

Assim como as mãos dele deslizando sobre o meu corpo, como os beijos e mordidas em meu pescoço... Tudo ali pareceu natural.

Até que deixou de ser, quando, também como em um comum acordo, a consciência pareceu desabar sobre as nossas cabeças, f azendocom que nos déssemos conta de toda a nossa história até ali.

Então, eu f uitomada pelo medo de que, em um momento de luxúria, nós simplesmente tivéssemos colocado tudo a perder. Como se tivéssemos colocado uma amizade de uma vida inteira em risco.

Foi então que, depois de longos minutos ou horas – tinha perdido completamente a noção do tempo – nós nos af astamos,eu dei a desculpa de que precisava ver a minha mãe, ele se of ereceu para me acompanhar e voltamos a entrar em casa.

— Vocês dois brigaram? — minha mãe me perguntou, em um sussurro, em um momento em que Doug saiu do quarto e nos deixou a sós, dizendo que precisava arrumar sua mala para voltar para Nova I orque.

— Não. Claro que não, mãe. De onde tirou isso?

— Sei lá, vocês estão estranhos. Mal estão olhando um para o outro.

Aquilo não tinha sido por uma briga. Foi, na verdade, pelo total oposto a isso.

Mas eu desconversei. Contei a ela sobre a conversa com o meu pai e disse que tudo aquilo tinha nos deixado um tanto transtornados. Ela se compadeceu pela notícia da doença do ex-marido, mas também f icou f uriosa pelas coisas que ele disse.

Contudo, a notícia de que Doug e eu iríamos adiantar o casamento a deixou muito f eliz. E ela logo se empolgou com os planejamentos para o casamento.

Bem, ao menos toda a conf usão tinha sido útil em algo.

Porém, Doug e eu mal nos f alamos depois disso. E sequer mencionamos o que tinha rolado entre nós. Ele voltou para Nova I orque, mandou-me uma mensagem apenas para contar que já estava em casa e inf ormando a data que voltaria para me ver. Respondi de f orma vaga e a vida seguiu...

Seguiu de uma f orma bem estranha.

Apenas na segunda-f eira voltei a ver L illy, na nossa sala da empresa. Quando cheguei, ela já estava lá, e apenas nos cumprimentamos com um f ormal 'bom dia', indo cada uma para a sua mesa.

F icamos em silêncio por algumas horas, até que ela, enf im, disse algo:

— Não está triste pela doença do nosso pai?

De todas as perguntas do mundo, aquela era sem dúvidas a mais dif ícil de responder

— Jamais f icaria f eliz por alguém estar doente. Mas não tenho como ef etivamente sof rer por isso. Eu só tinha cinco anos quando ele e minha mãe se divorciaram, desde então eu mal tive contato com ele.

— Entendo. Bem, eu morei com ele até os dezoito. J á era maior de idade quando ele se divorciou da minha mãe, então... Minha relação com ele provavelmente é dif erente da sua.

Eu não apostaria muito nisso. Acho que diria que L illy apenas teve mais a presença f ísica dele do que eu. Mas ele não parecia emocionalmente próximo a ela, ao contrário de tudo o que eu imaginava.

Eu sempre disse que L illy era a f ilhaqueridinha do nosso pai. Mas ela não era. Ela apenas o amava mais do que eu e, com isso, se iludia também muito mais do que eu.

— Eu sinto muito. Sei que você está abalada com tudo isso — f alei, sendo sincera.

L illy tinha perdido a mãe há poucos anos. Eu compareci ao enterro, apesar de mal ter conhecido a mulher e mesmo achando que, para minha meia-irmã, minha presença ali não tivesse qualquer grande importância. Tinha sido uma das últimas vezes que eu estive

no mesmo ambiente que ela antes de o nosso pai inventar de nos colocar para morarmos na mesma casa que ele.

— Aquilo que você f alou... — ela disse, após uma breve pausa. Os olhos dela se mantinham f ixosao monitor, evitando olhar diretamente para mim. — Sobre cartas... O que quis dizer?

F iquei surpresa com o questionamento. Achava que L illy sequer tinha prestado atenção àquilo em meio ao choro pela descoberta da doença do pai.

— Eu escrevi para você — contei o que sempre achei que ela soubesse. — Em todos os meus anos de internato e também de f aculdade. Provavelmente te mandei algumas centenas de cartas.

— Eu te escrevi também. Não centenas. Mas mandei cartões nos seus aniversários, nas suas f ormaturas... E convites nos meus aniversários. Você nunca f oi a nenhuma das f estas, então eu achava que sua mãe não deixava... Até você ser grande o suf iciente para não precisar mais da permissão dela, então eu deduzi que você apenas não quisesse me ver.

— Eu nunca recebi nenhum desses cartões ou convites.

— Nem eu as suas cartas.

— Acha que nosso pai pode ter sido tão cruel a ponto de impedir a nossa aproximação?

Se eu achava? Ela estava mesmo contestando isso?

— Tem alguma outra teoria para isso?

— Bem... talvez a gente tenha colocado o endereço errado. Éramos crianças, pode ter acontecido.

— Todas as vezes? Durante anos?

— É... talvez tenha alguma outra explicação.

— O que ele contava a você a meu respeito?

— Que te mandou para um internato porque você era problemática demais.

— Bem... não dá para dizer que era exatamente uma mentira. Ele me f alava a respeito de você todas as vezes que a escola entrava em contato para relatar algum mau comportamento meu. Que você era o oposto de mim. Comportada, delicada, estudiosa... um exemplo de menina.

— Ele f alava isso de mim?

— Não f alava isso*par a*você?

— Não. Ele só cobrava que eu fosse mais. Todas essas coisas.

— E você quis ser?

— Eu sempre me esforcei para dar orgulho a ele. Não adiantou muito, no fim das contas. Eu nunca tive muito interesse nessa coisa de empresa... e acabei me tornando uma porcaria de uma blogueira.

Ela parecia frustrada. Não apenas pela tristeza com a notícia da doença do pai, mas pelas palavras cruéis que ele disse a ela.

Ele disse coisas ruins para mim também, mas a diferença é que eu nunca esperei nada dele. Já Lilly parecia ter se esforçado a vida inteira para ser a filha perfeita. E, ao que tudo indicava, ainda se esforçava. E era por isso que estava ali naquele momento.

— Soube que você tem mais de dois milhões de seguidores... — comentei. Vi os olhos dela se desviando do monitor por um momento, olhando para mim.

Ao mesmo tempo, eu abria o navegador no computador, entrando no Instagram e buscando pelo nome dela.

Eu vergonhosamente não a seguia e nem tinha olhado suas redes sociais. Por todos os motivos que contamos naquela conversa

– que era provavelmente a mais longa e pessoal entre nós até aquele momento.

— Grande coisa... — ela rebateu. — Eu vou apagar o perfil. Só serve para envergonhar o nosso pai.

Enquanto ela falava, dei uma rápida olhada no feed de fotos. Moda não era exatamente algo do meu interesse, mas eu precisava admitir que Lilly tinha estilo e bom gosto em suas roupas e levava muito jeito para fotos. Sem contar que ela não era apenas linda, mas esbanjava simpatia em suas fotos.

Ela realmente levava jeito para aquilo.

— Não acho que deva apagar — rebati. — É o seu trabalho, é algo que você ama fazer.

— Posso te fazer uma pergunta, Meghan? — ela indagou, após uma breve e pensativa pausa. Quando ela me olhou, fiz um movimento afirmativo com a cabeça. — Por que entrou nessa? Digo... até onde sei, você é formada em marketing. Te vejo sempre em casa usando calça de moletom e camiseta, então você nem parece confortável em terninhos e salto alto. E também não parece ter qualquer apreço pelo legado empresarial da família. Por que quer assumir a Dawson Beauty?

Se era para ser sincera, eu seria. Por mais que soasse ganancioso da minha parte.

— Pelo dinheiro. Fui demitida, estou grávida e minha mãe está doente, não tem plano de saúde e precisa fazer um tratamento caríssimo. Para falar a verdade, depois que eu me estabilizar, talvez eu simplesmente delegue a função de CEO a alguma outra pessoa. Muito provavelmente a você, se realmente tiver algum interesse no cargo. Mas no momento, eu preciso disso.

— Não precisa tanto assim. Está para se casar com um cara rico.

Bem, era um ponto importante a ser levantado. Mas eu não pretendia, ainda, contar a ela sobre meu noivado ser uma farsa. Estava ainda iniciando uma aproximação com Lilly, precisava ir devagar.

— Quero ter meu próprio dinheiro e construir minha própria carreira. E me auto transferir para o departamento de Marketing da Dawson Beauty não me parece ser uma ideia ruim. Na verdade, seria uma guinada e tanto na carreira que eu escolhi seguir. Estou certa, inclusive, de que poderia dar uma boa repaginada nas propagandas bregas daqui.

Ela riu de leve.

— Bem, eu daria apoio a isso. Também acho toda a identidade visual e propagandas da marca bem caf onas.

— Concordamos em algo, no f im das contas. Mas e você? Por que quer ser CEO da Beauty? Não é pelo dinheiro, tem a herança da sua mãe, e duvido que não esteja ganhando algum dinheiro também com seu trabalho de inf luenciadora. Dois milhões de seguidores e um engajamento desses... Se você não cobrar uma quantia considerável pelas publis, está dando muito mole.

Ela riu novamente.

— É, eu ganho alguma coisa. O dinheiro que minha mãe me deixou está quase intocado, na verdade. Consigo viver bem com o meu trabalho. Sem contar que nem preciso gastar dinheiro com roupas, estou sempre ganhando toneladas delas.

— Essa parte é bem legal — concordei. — Mas então... Por que quer o cargo?

— Eu... apenas quero. Não sei te dizer os motivos.

Ela não precisava, na verdade. Queria dar orgulho ao seu venerado pai. Tanto, que com isso seria capaz até mesmo a abrir mão do que ela realmente amava f azer

Enfim, eu estava conhecendo um pouco mais da minha irmã e percebendo que as impressões que tinha a respeito dela estavam equivocadas em sua maioria.

Eu antes a via como uma garota fútil, mimada e um tanto quanto descontrolada emocionalmente. Agora percebia que, na verdade, ela era apenas insegura.

O desafeto paterno tinha me afetado naquele sentido também. Assim como Lilly, eu também sofria de certa insegurança. Mas em uma escala completamente diferente. Acho que era mais fácil aceitar o descaso e a falta de amor de um pai ou uma mãe quando se estava fisicamente distante deles.

— Bem, tenho um relatório para entregar até o fim do dia — ela anunciou, voltando a se focar na tela do computador. — Não ache que vou dar mole para você. Posso não ter motivos tão nobres quanto os seus, mas não vou abandonar a disputa.

Sorri, percebendo que gostava mais daquele lado competitivo e empenhado dela do que do inseguro.

— Nem eu espero que abandone — rebati. — Também vou focar no meu trabalho aqui. Não entro em uma disputa para perder

— Temos mais uma coisa em comum, então.

Trocamos um olhar cúmplice, acompanhado por um leve sorriso, antes de ambas voltarmos a f ocar em nossos trabalhos.

Acho que eu estava começando a gostar verdadeiramente de L illy.

Porém, era dif ícil me f ocar em relatórios quando tudo o que eu conseguia pensar era nos beijos que Douglas e eu tínhamos trocado no dia anterior.

Desejei que minha irmã e eu já f ôssemos amigas o suf iciente para eu ter alguém com quem conversar a respeito daquilo.

*****

Capítulo dezenove



Cinco semanas depois...

— Como assim ela saiu? — perguntei a Elise, que estava parada diante de mim em f rente à porta do quarto de Rachel, que dormia depois de retornar de uma sessão de quimioterapia.

— Ela saiu — Elise repetiu. Pela expressão em seu rosto, provavelmente se perguntava que parte daquela inf ormação tão simples eu não havia compreendido.

— Há quanto tempo? — insisti.

— Deve ter uns vinte minutos. Disse que não tinha hora para voltar.

Não f azia qualquer sentido.

Fazia exatos vinte minutos que eu tinha enviado uma mensagem para ela inf ormandoque meu avião já tinha pousado em Seattle e eu estava a caminho da casa dela.

Ela tinha me respondido apenas com um simples e seco “ok”, o que não f oi surpresa para mim, tendo em vista que a gente mal vinha se f alando desde a última vez que estive ali.

E que a gente se beijou.

Mas eu vinha lutando bravamente para sequer pensar a respeito disso – embora estivesse sendo completamente inútil.

Então, voltei a me f ocar no f ato de Meghan não estar em casa.

— E ela não disse para onde f oi? — perguntei.

Elise balançou a cabeça em negativa. De tempo em tempo, olhava para dentro do quarto, onde Rachel dormia, deixando claro que eu estava atrapalhando seu trabalho.

Eu sabia que a senhora Rachel não podia ser deixada sozinha nem quando estava dormindo, porque se acordasse de repente e tentasse se levantar, poderia ter uma vertigem e cair. Elise estava ali justamente para impedir que isso acontecesse.

— Tudo bem. Vou aguardá-la lá embaixo. Obrigado.

Sorrindo, Elise voltou a entrar no quarto, eu deixei minha mala no quarto de hóspedes onde sempre f icava, e em seguida desci para a sala.

Sentei-me no sof á,tentando pensar em para onde a louca da Meg poderia ter ido.

E tentando não me f ocarno f atode que o destino dela era o que menos importava. Ela provavelmente tinha saído para tentar f ugir de mim.

Mas ela não poderia passar um f imde semana inteiro f orade casa, por isso eu estava decidido a apenas esperar.

Passaram-se alguns poucos segundos até que L illy chegasse ao cômodo, vinda do quintal da casa. Sorria para a câmera f rontal de seu iPhone, enquanto f alava:

— E para f icarmelhor, vocês podem usar o meu cupom, que está aparecendo na tela, e com ele garantem vinte por cento de desconto em qualquer peça dessa linha incrível. Não percam tempo, meus amores!

Ela parou de filmar e sobressaltou logo que me viu, levando uma das mãos ao peito em um gesto dramático.

— Ai, meu Deus, que susto... Achei que f osse o meu pai...

Certo... então ela ainda não tinha deletado suas redes sociais...

Nem mencionado isso ao pai, provavelmente.

— Desculpe assustá-la — pedi.

— Ah... tudo bem, imagina. E... bem-vindo... espero que tenha f eito uma boa viagem.

Sabia que ela estava apenas tentando ser simpática e educada, tanto que logo fez menção de seguir em direção às escadas. Mas eu respondi mesmo assim, porque precisava emendar em uma pergunta.

— F iz uma boa viagem sim, obrigado. E você por acaso sabe onde está a Meghan? — Eu não contava que Meghan conversasse com ela a respeito dos lugares para onde iria, mas tive esperanças de que pudesse ser algo que L illy soubesse, como alguma questão envolvendo a empresa.

Ou algo relacionado à saúde dela ou do bebê.

Meu Deus, será que estava tudo bem com Meghan e com o bebê?

— Ah... A Meghan saiu? Não está no quarto dela?

— Não. Não está em nenhum lugar da casa. Elise me disse que ela saiu, mas não disse para onde iria.

— Ela não sabia que você viria? Que coisa... Bem, ela às vezes sai para f azer exercícios, pode ter sido isso.

— Exercícios?

— Bem, ela nunca me disse nada. E nem usa roupa de academia nem nada do tipo. Mas sai com uns tênis de malhar e volta toda suada, então... Só pode ser isso. A academia mais próxima f ica bem perto daqui. É do lado de um parque.

Um parque... claro.

Não era exatamente para a academia que Meghan tinha ido. Mas sim f azer aquilo que ela sempre f azia quando estava estressada, irritada, preocupada... Dizia que era o que f azia com que ela pensasse melhor.

Agradecendo Lilly, eu saí, indo para o parque mais próximo à mansão, que eu já conhecia por sempre passar por ele no caminho até ali. A extensa área arborizada era circundada por uma trilha que as pessoas usavam para caminhar ou correr.

E este último provavelmente era o caso da minha melhor amiga.

Parei em um ponto da trilha e não levou mais do que alguns segundos até que eu visse Meghan surgindo de uma curva mais adiante. Ela apenas notou a minha presença quando passou correndo por mim, e não teve como f ugir, já que eu simplesmente comecei a correr ao lado dela, logo depois de tirar meu paletó e deixá-lo no chão.

— O que está f azendo aqui? — ela perguntou, surpresa.

— Eu é que deveria estar perguntando isso, não é? Eu não te disse que estava já em Seattle, a caminho da sua casa?

— Oras, eu estou... me exercitando. Faz bem para o bebê, sabia? E você?

— Estou me exercitando também.

Ela baixou os olhos até os meus pés.

— Está usando sapato social.

— Se você me contasse qual seria o programa para o sábado, eu teria colocado um par de tênis na mala.

— Certo... desculpe.

— Eu desculpo, desde que a gente converse. Não temos f eito isso há algum tempo. — Ela começou a diminuir o ritmo, na clara

intenção de parar de correr, mas eu a detive. — Você sempre diz que consegue pensar melhor quando está correndo, então continue.

— Posso continuar correndo e f alando por mais duas horas. Não boto f é é que você dê conta de me acompanhar

— Sabe que eu malho. Meu condicionamento f ísico está ótimo.

— Está com roupas nada conf ortáveis e ainda com sapato social. Dou dez minutos até você não aguentar de dor nos pés.

— Não me subestime.

— Aposto cinquenta dólares.

— Aposta aceita. Vamos, agora comece a f alar

Ela olhou para o relógio em seu pulso, dando a entender que queria checar as horas por conta da aposta. Mas eu a conhecia bem o suf icientepara saber que era apenas uma artimanha para ganhar alguns segundos para pensar no que iria f alar

— L illy e eu meio que f izemos as pazes.

Bem, aquele não era o assunto que eu queria que ela me contasse. Mas, de alguma f orma, uma parte de mim f icou aliviada por ela não querer f alarsobre o que tinha rolado entre a gente cinco semanas antes.

A parte covarde de mim. Porque a outra queria urgentemente falar sobre aquilo. Tentar entender aquilo.

Porém, eu deixei que Meghan dissesse o que estava em sua cabeça, e se era aquele assunto que queria tratar inicialmente, aceitei isso.

— Bem, isso é ótimo.

— Desculpe por ter te tratado mal quando você me aconselhou a tentar esclarecer as coisas com ela.

— Tudo bem. Você estava apenas com ciúmes. Digo... ciúmes de amigo, claro.

— Eu não estava com ciúmes, Doug. Com nenhuma forma de ciúmes. Apenas convencida da imagem que deixei que minha cabeça criasse a respeito da minha irmã. Agora só falta confrontarmos nosso pai para tirar satisfações sobre o porquê de ele ter impedido nosso contato.

— Acham que vale a pena fazer isso? Já sabem a resposta, o pai de vocês é um babaca.

— É, eu sei. E sei também que é um babaca que está com o pé na cova e a Lilly está cheia de dedos para interrogá-lo a respeito disso. Descobri que a minha irmã não é uma má pessoa, sabe? Na

verdade, ela é boazinha até demais, a ponto de realmente amar aquele pai idiota.

— E você? Como está lidando com a notícia da doença dele?

— Estou de boa.

— Mesmo?

— ...Estou tentando me convencer de que estou. Para ser sincera, eu não tenho pensado muito a respeito. Sou um monstro por isso?

— Não. Você está lidando com muitas coisas. Está grávida, está com a sua mãe enf rentando problemas de saúde...

E com um casamento marcado para daqui a três meses, emendei mentalmente. Mas achei mais seguro deixar aquilo para outro momento.

Meghan balançou a cabeça em concordância e f icou em silêncio por alguns instantes. Apesar do ritmo da corrida estar bem lento e leve, ela já estava f azendoaquilo há um tempo considerável e estava grávida. Seria normal se estivesse of egante ou cansada.

Contudo, Meg tinha o hábito de correr desde criança. Sempre dizia que f aż a aquilo para conseguir lidar melhor com suas emoções e pensamentos. Apesar de ter sempre contado com a

minha amizade, passar a vida escolar crescendo em um internato a tornava uma pessoa solitária. Assim como eu também era.

Brincávamos, quando éramos crianças, que tínhamos a vantagem de sermos solitários juntos.

Parecendo ler a minha mente, ela voltou a f alar:

— Sei que são situações dif erentes. Minha mãe tem uma doença grave, mas com chances consideráveis de cura. E eu me agarro nessas chances como se f osseum bote salva-vidas em alto mar. O meu pai vai morrer, não importa o que f aça ou quanto dinheiro gaste. Não vai surgir uma cura para ele em um intervalo de dois anos. Mas, ao mesmo tempo...

— São situações dif erentes para você enquanto f ilha também.

— Minha mãe trabalhava muito, inclusive dava aulas à noite, e por isso concordou com a ideia do meu pai de me colocar em um internato, mesmo tão longe. Mas, ainda que f isicamentedistante, eu nunca senti f altado amor dela. Sentia saudades... Sentia a solidão de estar longe, mas sempre soube que ela me amava, e era por isso que também passava pelo sacrif ício de f icar longe de mim, pensando no meu f uturo.Eu sempre tive a minha mãe, mas não tive

pai. Só um cara que pagou a minha escola até eu completar dezoito anos e mandava todo mês um dinheiro que minha mãe teve o cuidado de guardar para garantir minha f aculdade. Agora sei que ele também me privou de ter uma irmã. E, mesmo tendo f eitotudo isso, nunca se arrependeu. Tanto que, sabendo que tem apenas no máximo mais dois anos de vida, sua única preocupação é com o legado de sua empresa estúpida. Eu não posso me sentir da mesma f orma com relação aos dois, entende?

— Se eu entendo? Eu nem conheci a minha mãe, Meg. Não sei quase nada a respeito dela. E ainda assim sinto muito mais f alta dela do que do pai que pagou pelos meus estudos. Meu pai morreu de repente, com um ataque cardíaco. Mas estou certo de que se tivesse descoberto previamente o tempo que lhe restava de vida, teria agido igualzinho ao seu pai. Bem, com a dif erençade que não ia f azer disputa alguma, Harry sempre f oi sua única opção para entregar o comando da empresa.

— E sabe o que é engraçado? Harry também se parece com L illy no sentido de terem sido os f ilhosque se contentaram com as misérias de af eto paterno que receberam e terem se dedicado a serem os orgulhos deles.

— Jura? Porque eu acabei de flagrar a Lilly gravando stories oferecendo cupons de desconto às suas seguidoras.

Meg riu e eu me senti um pouco melhor com isso, já que era o primeiro sorriso que eu conseguia dela desde aquele beijo.

— Tenho esperanças de que ela continue nisso. Não porque quero que ela desista para assumir o comando da empresa, mas porque é o que ela de fato gosta de fazer Se eu assumir, fico um ano ou dois no máximo, depois delego o cargo a outra pessoa e me responsabilizo pelo setor de Marketing, que é a minha área. Se Lilly assumir, ela vai se sentir eternamente na obrigação de ser a CEO. E ela definitivamente não será feliz assim.

— Então, Lilly no fim das contas não se parece tanto assim com o Harry. Ele realmente aprendeu a amar aquela empresa. Tornou-se exatamente uma cópia do nosso pai. Mas, por sorte, apenas com relação ao trabalho e não ao caráter. Ele é fiel à esposa e tenho certeza de que será um ótimo pai.

— Os gêmeos já devem estar quase nascendo, não é?

— Falta pouco mais de um mês. E o seu bebê?

— Um pouco mais que isso. Estou entrando ainda no quinto mês.

Quinto mês...

Parei repentinamente de correr. Eu sabia bem o tempo de gestação de Meghan. Mas só naquele momento eu conectei mentalmente a informação que eu tinha com como aquele bebê já devia estar.

Meg parou um pouco mais à frente e se virou para mim. Eu mal conseguia ver sua barriga por conta do casaco largo de moletom que ela usava naquela tarde fria. Tentei imaginar como ela estaria, recordando-me de Lia quando estava com cinco meses. Era diferente, porque a gestação de Lia era de gêmeos, mas ainda assim, a barriga de Meghan provavelmente tinha crescido de forma considerável desde a última vez que estivemos juntos.

Era torturante estar tão próximo a ela e ter aquele clima constrangedor horroroso entre nós me impedindo de tocá-la.

Na realidade, eu desejava tocá-la de inúmeras maneiras. Mas, naquele momento, eu me conformaria em apenas levar as mãos à sua barriga e sentir como estava o desenvolvimento daquele bebê.

— O que foi? — ela perguntou de repente.

Então eu me dei conta de que a olhava em silêncio por tempo demais.

— Meus pés estão me matando — menti com a primeira desculpa que consegui pensar.

Ela olhou para o relógio e sorriu.

— Me deve cinquenta dólares.

— É, eu devo. Por que não vamos para casa? Eu trouxe algo para você.

— Tudo bem, vamos. Mas só porque você se cansa muito rápido.

— Pelo amor de Deus, estou com sapatos sociais.

— Desculpa esf arrapada... Estou carregando um bebê na barriga.

— Mas ao menos está de tênis.

Ela riu e eu ri junto, enquanto passávamos pelo local onde eu tinha deixado o meu casaco. Eu o peguei e seguimos caminhando lado a lado, implicando um com o outro e rindo, como sempre f izemos.

Ali, meu peito se encheu de esperanças de que, talvez, nada tivesse se estragado entre nós.

Éramos ainda os mesmos Meg e Doug de sempre.

*****

Capítulo vinte



Ainda éramos nós dois.

Isso era aconchegante, mas era também um tanto quanto assustador.

Meus sentimentos com relação ao meu melhor amigo tinham mudado, eu não podia mais negar isso. E eu não queria, de forma alguma perder o que tínhamos. Aquela cumplicidade, a forma como ríamos juntos de coisas bobas, o fato de eu me sentir segura para contar qualquer segredo a ele.

E o fato de ele ser o meu melhor amigo. Eu não podia arriscar perder isso.

Porém, eu queria que fôssemos mais.

Eu queria voltar a beijá-lo como nos beijamos cinco semanas antes. E eu queria ir além dos beijos.

Eu tinha passado as últimas semanas tentando me convencer de que todas aquelas sensações em mim eram consequências de alterações hormonais da gravidez. Eu estava sentindo falta de sexo, apenas isso. E Doug... Bem, talvez ele estivesse na mesma situação.

Não que eu quisesse me iludir que, desde o início da nossa farsa de noivado, ele não fizesse mais sexo. No entanto, até onde eu sabia, ele ainda estava em seu caso fixo com a tal Julia, e ele contou que há um tempo não a via, então...

Bem, talvez ele tivesse terminado com ela e estivesse agora com outra mulher, e apenas não havia mencionado isso para mim.

A ideia de Doug estar transando com alguma outra mulher fazia o meu sangue ferver não era de um jeito bom.

Ciúmes também podiam ser devido a alterações hormonais, não é? A maior vantagem de se estar grávida era justamente poder culpar os hormônios por tudo.

Mas era isso, afinal. Doug era um homem bonito, eu estava em um modo grávida-tarada e me sentia atraída por ele. Tão logo

nossa f arsa terminasse e o bebê nascesse, aquilo iria passar

Então, até esse dia, tudo o que eu precisava era manter algum autocontrole para não correr o risco de abalar a nossa amizade.

Voltamos para casa e eu f uitomar um banho e me vestir com roupas limpas, já que estava suada da corrida. Minha mãe tinha acordado e Doug f oi conversar um pouco com ela.

Quando eu me juntei a eles, minha mãe começou a falar sobre o casamento, então f oi a vez de Doug pedir licença para ir tomar um banho, deixando-me sozinha com a minha mãe em uma conversa sobre f lores ideais para decoração da igreja.

Se ao menos a conversa f osse sobre sabores do bolo...

— Não vou usar salto, mãe — f alei em determinado momento, quando ela se empolgou nas descrições de tipos de vestido.

— Não pode se casar de tênis de corrida, Meghan — minha mãe retrucou.

Sentada em uma poltrona em um canto do quarto, vi Elise segurando o riso diante da conversa, enquanto f ingia mexer no celular.

— Descalça, então.

— Será inverno e estamos em Seattle.

— O casamento poderia ser em algum lugar mais quente.

— Queria tanto que fosse na mesma igreja onde você foi batizada. Seria especial para mim.

Aquela última frase era simplesmente destruidora. Eu não queria alimentar os sonhos da minha mãe a respeito de um casamento que seria anulado alguns dias depois de acontecer.

Mas eu não tinha muito para onde correr.

— Bem, é meu pai quem vai pagar tudo. E ele escolheu aquela igreja também, então...

— Se ele vai pagar, vamos fazer uma grande festa. Ele não faz mais do que a obrigação dele. Já liguei para a sua tia e falei que...

— Ai, não, mãe... Ligou para a tia Celly e o tio John?

— Oras, é claro que liguei. Eles moram longe, precisam se programar para a viagem. Não achou que seus únicos tios iriam perder esse momento tão especial, não é?

— Não, é claro que não...

— Já vi algumas noivas se casando de tênis... — Elise comentou, comprovando que estava prestando atenção na conversa.

— Sério? — perguntei, levemente interessada.

Se era para levar mesmo aquela farsa adiante e destruir o coração da minha mãe e dos meus queridos tios, que eu ao menos fizesse isso com um mínimo de conforto nos pés.

— Sério — ela reforçou.— Dá só uma procurada na internet, tem opções interessantes.

— Você sonha em se casar, Elise? — minha mãe perguntou, e eu agradeci mentalmente pela mudança no foco do assunto.

— Quando mais nova, sim. Hoje em dia, acho que tenho outras prioridades.

— Não tem um namorado?

— Mãe! — chamei sua atenção. — Não está sendo enxerida demais?

— Não tem problema — Elise respondeu, sorrindo. — Não, não tenho namorado. Eu tinha um noivo, mas... a gente terminou. Foi assim que vi as noivas usando tênis e achei curioso, justamente fazendo pesquisas de vestidos de casamento.

— Ah, eu sinto muito, querida... — minha mãe pediu.

Elise continuou a sorrir, como se não f osse nada demais.

— Não precisa sentir, senhora Rachel. Ele não era um cara legal. Nem um pouco legal.

— Então, quais as novas prioridades? — perguntei, em uma tentativa de deixarmos um pouco de lado o f oco em casamento.

— Quero voltar a estudar. Estou com vinte e três anos, completei o Ensino Médio e f izalguns cursos, mas ainda sonho em f azeruma f aculdadede enf ermagem.Gosto de cuidar de pessoas e é com isso que quero sempre trabalhar.

— Seus pais devem ter muito orgulho de você — minha mãe comentou.

— Por eles, eu voltaria para casa deles e aceitaria uma vida simples, com um emprego em alguma lanchonete ou coisa parecida. Não estou desmerecendo isso, f oicomo me criaram. Eu cresci em um trailer, tive uma inf ânciabem pobre, e hoje preciso mandar todo mês algum dinheiro para eles para ajudar. Só que quero poder f azer mais por eles, entendem? E quero mais para a minha vida também.

— Eu entendo... — f alei.

E, de certa f orma, entendia. Não a respeito de ter tido uma inf ânciapobre. Minha mãe não era rica, mas tínhamos o necessário para viver, e eu cresci em um internato cheio de f rescuras,f eitopara f ilhos de milionários. Mas eu também queria poder f azer o meu melhor pela minha mãe, para que ela se curasse e pudesse ter uma velhice conf ortável.

O assunto teria continuado, se uma empregada não tivesse vindo me chamar para o chatíssimo jantar com o meu pai.

Elise f icou com minha mãe, cuidando de seus últimos medicamentos do dia. Ela passaria a noite lá e iria embora na manhã seguinte, já que alternava os plantões com outras duas cuidadoras, que sinceramente não eram tão simpáticas e legais como ela.

Enquanto isso, eu desci para o jantar. Doug nos encontrou lá, e tivemos, como sempre, uma ref eição tediosa em uma reunião 'f amiliar' completamente desnecessária.

Quanto enf im terminou e todos pudemos nos retirar, eu ia para o meu quarto, mas Doug me impediu, segurando minha mão no corredor do segundo andar.

Aquele era nosso primeiro contato pele com pele desde os nossos beijos. E foi como se uma corrente elétrica tivesse passado dos dedos dele para os meus.

— Eu disse que te trouxe algo, não disse? — ele falou — Vem, preciso te entregar.

Ele me puxou até o seu quarto e, quando fechou a porta, senti que era uma péssima ideia ficarmos a sós fechados em um mesmo quarto. Sentia como se uma única faísca pudesse ocasionar um enorme incêndio ali.

Soltando a minha mão, Doug caminhou até sua mala que estava no chão em um canto do quarto e abaixou-se diante dela, abrindo-a e pegando lá uma sacola de presente. Então, voltou para perto de mim e me entregou.

Peguei o pacote, confusa.

— Estava mesmo falando sério? Trouxe um presente para mim?

— Não exatamente para você. Vamos, abra.

Precisei apenas olhar para dentro da sacola para ver do que se tratava. Um sorriso emocionado tomou o meu rosto enquanto eu

tirava lá de dentro um urso de pelúcia marrom, com um gracioso laço vermelho decorando o pescoço.

— Ai, meu Deus, Doug... — sussurrei, olhando encantada para o brinquedo.

Com tudo o que vinha se passando em minha ‘vida, eu ainda não tinha comprado nada para o meu bebê. Nem mesmo um berço, porque não queria que ele morasse naquela casa. Queria resolver tudo aquilo com o meu pai e voltar para o meu antigo apartamento e, lá, enf im poder organizar um cantinho especial para o meu bebê.

Por conta disso, aquele era o primeiro presente que ele ganhava.

Senti lágrimas brotando em meus olhos e não consegui evitar deixá-las descerem pelo meu rosto.

I nicialmente, Douglas sorriu. Mas logo uma expressão preocupada se apossou de seu rosto quando ele percebeu meu choro se intensif icar

— Ei, Meg, o que f oi? Não gostou do presente? Tudo bem, eu posso trocar por algo dif erente, e...

Ele ameaçou pegar o urso de volta, mas eu o levei contra o meu peito, como uma criança def endendo um brinquedo valioso.

— Não. Não vai trocá-lo. Ele é perf eito. Ele... Ele... — Respirei f undo, pensando em algo para dizer que disf arçasse aquele turbilhão de emoções diante de mim. — Quando o Drago e a Laureen... era esse o nome da rebelde disf arçadade dama, não é? ...Então, quando eles saíram juntos em sua viagem rumo ao castelo do rei, eles... Encontraram um urso.

Ele f ranziu a testa quando mostrei a pelúcia em minha mão.

— Você está continuando a nossa história? Mas não f oivocê que contou da última vez? Agora era comigo, não era?

I gnorando-o, prossegui.

— Um urso enorme e f eroz,que f ezcom eles se colocassem em posição de ataque, porque acharam que seriam dizimados. Mas eles logo notaram que o animal tinha um olhar dócil e estava apenas assustado. Então eles tentaram se aproximar, e...

— Meg... — Doug me interrompeu, segurando a minha mão. — Você não está animada ou inspirada para continuar a história agora.

— Quem disse que não?

— Está tomando um rumo horrível, nada f azo menor sentido.

— E em que momento chegou a f azer?

— Certo, tem razão. Mas agora está ligeiramente pior.

Ainda segurando minhas mãos, ele me puxou até a sua cama de casal, onde nos sentamos.

— Diga, por que está chorando?

Respirando f undo, conf essei:

— Estou f eliz, porque este é o primeiro presente do meu bebê...

— Não é de f elicidade que está chorando, eu conheço você.

— É justamente por esse ser o primeiro presente do bebê. Estou entrando no quinto mês de gestação e meu bebê não tem nada. Não posso preparar um quarto nesta casa, porque ele não vai morar aqui... Ele provavelmente não vai sequer passar f ins de semana aqui nem nada do tipo, porque o dono dessa mansão não soube sequer ser um pai para mim, então não tenho esperanças de que seja um avô para o meu bebê.

— Tudo bem... Quando você estiver em sua própria casa, poderá preparar um quartinho para ele ou ela.

— Isso já será tão perto do nascimento. Eu sou mesmo uma péssima mãe.

Ele movimentou a cabeça em uma negativa, antes de me puxar para perto dele, envolvendo-me em seus braços.

E eu, que achei que voltar a abraçá-lo depois do que houve entre nós podia ser constrangedor, percebi que era o mais extremo oposto disso.

Era tão acolhedor quanto sempre f oi.

Na verdade... era mais acolhedor do que nunca.

— Você será uma mãe maravilhosa — ele me garantiu, f alando baixinho.

— Senti tanto a sua f alta... — conf essei, em meio ao choro que tinha f icado ainda mais f orte.

— Não sinta mais. Eu estou aqui agora.

Tudo o que eu desejava era que ele permanecesse ali para sempre.

*****

Capítulo vinte e um



Meg continuou a chorar até que acabou pegando no sono, provavelmente esgotada. Tínhamos nos ajeitado na cama, eu deitado de costas e ela descansando a cabeça em meu peito. Nós já tínhamos dividido a mesma cama incontáveis vezes no decorrer das nossas vidas, mas nunca tinha sido daquela maneira, com tanta proximidade.

Eu acabei, também, dormindo um pouco, mas despertei poucas horas depois e não consegui mais adormecer. A luz tinha f icadoacesa, e eu não me atreveria a me levantar para ir apagá-la, correndo o risco de acordar Meg e, com isso, ela decidir ir para o seu quarto. Não queria que ela f osse embora.

Enquanto dormia, Meg se mexeu, levantando um pouco o joelho e levando-o em direção ao meio das minhas pernas.

Aquilo só podia ser uma brincadeira de muito mau gosto...

A reação que meu corpo teve com aquilo era completamente inapropriada. Que inf erno, era a Meg! A minha melhor amiga.

E eu a desejava insanamente...

— Hoje não, benzinho... Sei que você está indisposta — brinquei em um sussurro.

Delicadamente, af astei a perna dela do meu membro e respirei f undo, tentando retomar um pouco da minha sanidade.

Se é que eu ainda possuía alguma. Porque sentir desejos sexuais pela minha melhor amiga era uma coisa que eu nunca havia sequer cogitado que algum dia pudesse acontecer. Meg sempre f oi linda, mas eu sempre f ui um idiota em não reparar nisso.

Porém, desde que ela reaparecera na minha vida, com aquela proposta completamente insana de eu f ingir ser seu noivo, que as coisas começaram a mudar. Eu já não a via nem a sentia da mesma f orma que antes.

E o pior de tudo era que eu sabia que não se tratava apenas de um desejo puramente f ísico.

Devagar, levei minha mão à sua barriga, f inalmente podendo senti-la naquela etapa da gestação. Tinha crescido consideravelmente nas últimas cinco semanas em que f icamos af astados. Era um pouco assustador perceber que não era apenas por Meg que eu sentia algo. Percebi, surpreso, que já amava aquele bebê.

Esperava que ser o 'tio legal' me bastasse. Mas começava a me dar conta de que, talvez, aquilo não f osse o suf iciente para mim.

Apesar do meu toque ser tão leve, ela começou a mover as pálpebras, começando a despertar. Eu devia ter tirado minha mão de sua barriga nesse momento, mas não consegui. Permaneci do mesmo modo, envolvendo-a com um dos braços e mantendo-a deitada com a cabeça em meu peito, e com a outra mão sobre seu ventre. Como se quisesse com aquilo velar o sono de ambos: dela e do bebê.

Enf im despertando, ela levantou o rosto e me olhou, ainda sonolenta. Seus olhos azuis encontrando os meus. Por alguns instantes, nenhuma palavra foi dita. Até que, quando ela f alou algo, não era exatamente o que eu esperava ouvir:

— ...E então, a Laureen confessou que estava com medo de seu plano audacioso. Mas a simples presença daquele guerreiro vindo do futuro a tranquilizou e a fez sentir que tudo ficaria bem.

Sorri e ela fez o mesmo.

— Meg... É a terceira vez seguida que você conta um trecho da nossa história. Está roubando a minha vez.

— Estou. Porque sei o que você vai fazer Vai perceber que a história está ficando melosa demais e vai colocar o Drago para ir embora, deixando a Laureen para trás.

— Drago é um guerreiro de palavra. Ele se comprometeu a ajudá-la a derrotar o rei tirano, e ele vai fazer isso.

— E aí depois ele vai embora, acreditando que Laureen não precisaria mais dele.

— Na verdade, eu acho que ele já percebeu que os dois formam uma ótima dupla. Vai querer tê-la por perto. Bem... ela e o urso, não é?

Ela sorriu levemente.

— Talvez não seja possível. Laureen quer derrotar o rei tirado e assumir o trono para fazer um governo mais justo para aquele povo. Drago vai querer retornar para o futuro.

— Não existe mais mundo no futuro. Esqueceu de toda a sequência apocalíptica?

— Mas ele vai dar um jeito nisso. Ele dá um jeito em tudo.

— Talvez ele perceba que não adianta salvar o mundo se Laureen não estiver mais ao lado dele.

Meg não disse mais nada e eu também fiquei em silêncio. Sabia que ela, assim como eu, já não sabia mais se estávamos falando apenas dos nossos personagens fictícios ou se, como quando crianças, os usávamos como uma forma fantasiosa de espelhar nossas próprias vidas.

Daquela vez, no entanto, eu não deixaria que Meg desse algum fim à trajetória de Laureen, como tinha feito antes com cada personagem que criou para si. Quase como se, inconscientemente decidisse que não era merecedora de um final feliz.

Sem desviar seus olhos dos meus, ela colocou uma das mãos sobre a minha, que permanecia sobre a sua barriga. Seu rosto estava tão próximo ao meu que seria tão fácil voltar a beijá-la. Especialmente quando ela inclinou o rosto um pouco mais para cima, aproximando mais seus lábios dos meus.

E f icamos assim por alguns segundos envolvidos em uma mistura de desejo e cumplicidade. Eu podia sentir sua respiração tocando minha pele, as batidas de seu coração e a luxúria em seus olhos. E eu já estava novamente duro, desesperado para me enterrar dentro dela. A perna dela voltou a deslizar até o meu membro e sei que ela percebeu aquilo. Ela deixou isso claro em seu olhar, que se tornou ainda mais voraz.

Modéstia à parte, eu estava acostumado com aquilo o suf icientepara saber quando uma mulher também estava a f im.Mas era Meg ali, e, por isso, pela primeira vez na vida eu me senti tenso com aquilo, como um adolescente prestes a ter a sua primeira vez. Havia muita coisa envolvida ali para eu tratar a situação apenas como uma noite de sexo casual e sem compromisso.

E, na realidade, eu não queria tratar as coisas dessa f orma.

Sabia que o correto a ser f eito era pararmos por ali.

Mas isso se tornou impossível quando ela sussurrou o meu nome de f orma extremamente sensual.

— Douglas...

Ali, eu soube que era um caminho sem volta.

Tomei os lábios dela com os meus em um verdadeiro desespero para sentir seu gosto. A língua dela recebeu a minha com a mesma urgência. Nenhum de nós estava mais disposto a se conter.

Virei-a de costas na cama, debruçando-me por cima dela, com cuidado para não pressionar sua barriga, na qual eu ainda tocava. Sentindo que aquele toque por cima das roupas já não me bastava, deslizei a mão por baixo de seu casaco de moletom, passando-a por sua barriga até chegar aos seus seios. O toque arrancou dela um gemido que me enlouqueceu ainda mais.

Deixei seus lábios para traçar uma trilha de beijos, lambidas e mordidas em sua orelha e pescoço, enquanto meus dedos seguiam a acariciar os mamilos por baixo da roupa.

Os sons de seus gemidos me excitavam cada vez mais. Os quadris dela se moveram de encontro ao meu, mostrando o quanto seu corpo sentia urgência do meu da mesma f orma que o meu do dela.

Subi seu casaco, deixando os seios à mostra, e precisei inspirar prof undamente diante daquela visão, antes de substituir a carícia que eu antes f azia em seus mamilos com os dedos pela

minha boca. Ela gemeu mais alto e temi que alguém na casa pudesse nos ouvir. Mas, naquele momento, decidi que não me importava com isso.

Eu só queria dar a Meghan todo o prazer que ela merecia receber.

Desci com a mão até o cós de sua calça, invadindo por baixo do tecido daquela peça de roupa e de sua calcinha. Encontrei sua boceta já molhada, pronta para me receber.

— Douglas... — ela arf ou quando meus dedos encontraram seu ponto mais sensível, começando a estimulá-lo em movimentos circulares.

Os quadris dela começaram a se mover no mesmo ritmo dos meus dedos. Minha boca deixou por um momento os seus mamilos porque eu precisava olhá-la no rosto. Queria ver suas expressões de prazer e memorizar aquela imagem, guardando-a para sempre em minha mente.

E ela estava simplesmente linda...

Os lábios entreabertos, o rubor na f ace, os sons de seus gemidos deliciosos.

Só havia uma coisa errada.

— Abra os olhos, Meghan. — Ela me obedeceu, seus olhos encontrando os meus. — Quero que me olhe enquanto te dou prazer.

— Não sabia que era do tipo que dava ordens, e... — a frase dela foi interrompida por mais um gemido, quando passei a colocar mais pressão nos meus dedos. — Nem que era tão bom com as mãos...

Sorri, satisfeito pelo comentário. Aumentei o ritmo dos movimentos, deliciando-me ao vê-la arfar

— Sou bom com outras partes do corpo também. Mas vamos devagar. Ainda quero te dar prazer de muitas formas nesta noite.

A respiração acelerada dela me indicava que estava quase chegando ao orgasmo. Os olhos dela voltaram a se fechar e, então, eu desacelerei os movimentos, impedindo-a de chegar lá.

Ela choramingou.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Eu disse que iríamos devagar. E que te quero olhando para mim.

Ela voltou a abrir os olhos e eu lhe dei vários beijos por cada ponto do seu rosto, enquanto intensificava os movimentos,

deliciando-me com os espasmos que tomaram o corpo dela e pela forma como me olhava enquanto eu enfim permitia que ela chegasse ao clímax.

E aquele era apenas o primeiro orgasmo que eu pretendia dar a ela naquela noite.

Ao menos era o que eu pretendia. Até ter meus planos frustrados pelo som de batidas na porta.

Em um primeiro momento, quis ignorar aquilo e continuar. Porém, em instantes voltamos a ouvir as batidas. Meg e eu nos entreolhamos, provavelmente dividindo a mesma pergunta mental:

Quem diabos estaria batendo na porta do meu quarto àquela hora da madrugada?

E, de todas as madrugadas possíveis, tinha que escolher justamente aquela?

Então, como se para responder àquele questionamento, logo reconhecemos a voz do outro lado da porta:

— Daniel? ...Digo, Douglas? Está acordado?

Meg me empurrou de cima dela, sentando-se bruscamente e me encarando.

— Por que minha irmã está te procurando no meio da madrugada?

— Como é que eu vou saber? — respondi em um sussurro.

— Prometeu que não ia se engraçar com ela!

— Achei que tivéssemos superado essa fase, Meg. Eu não tenho nada com sua irmã, e...

Lilly voltou a bater na porta, dessa vez de forma mais aflita.

— Por favor, Douglas, é uma emergência. A Meghan está aí com você?

— Tá vendo? — perguntei. — Foi atrás de você que ela veio.

— Se essa é a forma dela de tentar conquistar a minha amizade, começou de um jeito muito errado — Meg protestou.

E, bufando, ajeitou as roupas e se levantou da cama. Puxei um lençol para cima dos quadris, tentando disfarçar minha ereção. Esperava que, seja lá o que Lilly quisesse conversar àquela hora com a irmã, ela fosse rápida.

Porém, eu logo soube que não seria quando Meg abriu a porta e eu avistei uma expressão aflita no rosto de Lilly. E não parecia ser apenas mais um dos surtos cotidianos que ela tinha por qualquer motivo banal.

— Desculpem... — Lilly pediu, quase chorando. — Eu não queria atrapalhar nada. Mas f uiao seu quarto, Meghan, e você não estava, então eu achei que pudesse estar aqui, e...

— Tá, Lilly. Acalme-se! — Meghan pediu, um tanto impaciente. — Estou aqui. O que você quer?

Lilly f ez uma breve pausa, antes de responder:

— É a sua mãe. Meghan...

Então, Meghan entendeu que realmente era uma emergência. E a expressão irritada em seu rosto f oisubstituída pelo medo.

*****

Capítulo vinte e dois



Quando corremos ao quarto da minha mãe, ela estava tendo uma convulsão. Elise tentava contê-la, já tinha experiência com aquilo e sabia como proceder, e Lilly já havia ligado para o hospital e pedido uma ambulância. Doug se apressou em auxiliar Elise, enquanto eu basicamente entrava em pânico.

A ideia de perder a minha mãe era apavorante demais e eu não sabia como lidar com aquilo. E era grata por não estar sozinha em um momento como aquele, porque certamente não saberia o que f azer

Estava tão atordoada que, quando me dei conta, já estávamos em um hospital e minha mãe era levada para algum lugar onde não me deixaram acompanhá-la. Doug me segurou, me

abraçou e tentou me acalmar, garantindo que tudo f icariabem. Elise se af astou para tentar ter alguma inf ormação a respeito da minha mãe, enquanto L illy permanecia parada de pé próxima a nós, também parecendo não saber muito bem o que f azer naquela situação.

Não havia o que ser f eito.

Quando eu enf im me acalmei um pouco, Doug me guiou até que eu me sentasse em uma cadeira da sala de espera. Depois, anunciou que iria até uma lanchonete pegar um caf é para a gente. Antes de sair, ele disse algo para L illy, que não consegui ouvir, mas deduzi que tivesse pedido para que ela f icasse ali comigo. Tanto que, logo que ele se retirou, ela se sentou ao meu lado.

— Hospitais são mesmo um pouco assustadores, mas vai dar tudo certo — ela me garantiu.

— Você não precisa f icar aqui — f alei. — Pode voltar para casa e descansar.

— Não tenho problema algum em f icar aqui.

Apesar das palavras ditas por ela, eu percebia L illy um tanto quanto tensa ali. L ogo me dei conta dos motivos disso.

Ela tinha perdido a mãe há pouco tempo. I ssocom certeza tinha envolvido um hospital.

A mãe dela e o nosso pai já haviam se divorciado quando tudo aconteceu, então eu estava certa de que, assim como agora, ele também não havia se dado ao trabalho de acompanhar a f ilha nos cuidados com uma ex-mulher. Pensei em se L illy tinha enf rentado aquilo sozinha.

Quase como se lesse meus pensamentos, ela comentou:

— Seu noivo é um cara mesmo bem legal. Eu namorava um babaca quando teve o acidente da minha mãe, e quando liguei para ele do hospital, pedindo para que f osseaté lá f icarcomigo, ele disse que não f aria isso porque passava mal em ambientes hospitalares.

— Sinto muito por eu também não ter estado com você.

— Você nem sabia de nada. Acho que só teve a notícia quando ela morreu. E eu lembro de você no enterro. Depois de achar que eu tinha ignorado suas cartas durante uma vida inteira, você nem precisava ter se dado ao trabalho de ir até lá. Mal conheceu a minha mãe.

— Você f alou com o seu pai? Sobre termos descoberto que f oi ele quem impediu o nosso contato uma com a outra?

— Ele é nosso pai, Meghan. E eu não f alei, nem pretendo f alar Ele está doente agora, tudo isso já passou. Não quero magoá-lo, sabe?

— Você é boazinha demais, L illy. Demais. Às vezes eu pref eriria que f osse a babaquinha mimada e arrogante que eu sempre julguei que você f osse, assim talvez dissesse àquele homem tudo o que ele merece ouvir.

— Por que não f ala você, então?

— Porque eu não tenho nenhuma relação com ele que queira preservar. Estou grávida, então pref iro me poupar de emoções assim.

Elise chegou nesse momento, sentando-se na cadeira vazia ao lado de L illy.

— Não consegui muitas inf ormações. Ela f oi levada para o CTI e precisamos esperar que um médico venha f alar com a gente.

CTI signif icava que era algo grave, e isso me deixou ainda mais tensa. Mas f ui surpreendida pela mão de L illy segurando a minha.

Então, descobri que não tinha errado nos meus instintos, ainda quando criança, de tentar me aproximar dela. Era muito boa a

sensação de ter uma irmã.

Em meio a todo aquele caos, eu me senti abençoada por não estar sozinha. Tinha uma irmã, tinha o meu melhor amigo...

Ou seja lá o que Douglas e eu éramos agora...

E por ter uma amiga. Porque era apenas assim que eu podia definir Elise, que mesmo já fora de seu horário de trabalho fez questão de continuar ali comigo. Falei que ela poderia ir embora, mas ela insistiu que apenas iria depois que tivesse notícias da minha mãe.

Um longo e angustiante tempo se passou. Douglas voltou com cafés para nós, sentou-se ao meu lado e deixou que eu apoiasse minha cabeça no ombro dele, repetindo a todo tempo que tudo ficaria bem. Até que, enfim, um médico apareceu trazendo notícias.

Minha mãe precisava ir urgentemente para a mesa de cirurgia, para fazer a retirada do tumor. Sem saída, autorizei a cirurgia, apavorada com os riscos que ela ocasionava.

— Posso ir buscar algumas coisas para ela e roupas para você — Elise se ofereceu.— Já te conheço o suficientepara saber que não vai querer sair daqui.

— Não, Elise. Você hoje à noite tem um plantão com outro paciente, precisa ir para casa descansar. Não se importe comigo.

— Deixe que eu f aço isso daqui a pouco — L illy se of ereceu.

Tentei negar aquela of erta, mas ela insistiu e, por f im, acabei aceitando, para que assim Elise pudesse ir descansar. Ela se despediu de nós, pedindo para que eu ligasse para ela logo que tivesse mais notícias, e então saiu.

F icamos ali na sala de espera apenas nós três: Doug, L illy e eu. Um silêncio angustiante dominou o ambiente por quase uma hora inteira, até que L illy o quebrou.

— Olhem, eu estou morrendo de vergonha. Desculpem por ter interrompido vocês.

Percebi que Doug f icou levemente desconcertado diante do comentário. Ele não costumava f icar tímido com assuntos relacionados a sexo, mas obviamente aquela era uma situação um tanto quanto inusitada, já que era a minha irmãzinha se desculpando por ter interrompido algo entre nós dois...

Nós dois... Meg e Doug... I ssoera inusitado e esquisito para mim também.

— Você não atrapalhou nada, Lilly... — rebati, tentando disf arçar

— Estavam os dois acordados, no mesmo quarto, às quatro da manhã. Provavelmente não estavam contando histórias um para o outro.

Doug e eu nos entreolhamos e rimos levemente. Então, ele comentou:

— Pode acreditar, Lilly, não seria estranho se estivéssemos. I nventar histórias meio que é um hábito antigo nosso.

— Olha, pelos sons que eu ouvi do corredor, deviam ser histórias um tanto impróprias para menores.

— Lilly! — eu a repreendi. Desta vez, eu é que tinha f icado envergonhada.

Que sons, meu Deus? Eu tinha f eito tanto barulho assim?

A lembrança das sensações que me levaram a emitir os tais sons f ez com que meu rosto queimasse ainda mais.

Lilly buf ou.

— Pelo amor de Deus, Meghan, somos todos adultos aqui. Vocês dois são noivos, você está grávida... só o ultrapassado do nosso pai é que se ilude colocando vocês para dormirem em

quartos separados. Mas é sério: eu me sinto péssima por ter incomodado vocês.

Se ela se sentia tão péssima assim, podia pelo menos não mencionar o assunto?

Especialmente os tais dos sons.

— Minha mãe estava tendo uma convulsão, Lilly. Eu f icaria f uriosa era se você*não* me chamasse.

— Elise f oi antes ao seu quarto, mas como você não estava lá, ela me chamou. Também deve ter ouvido os sons e ficado sem graça de bater na porta do Daniel.

— Douglas... — Doug a corrigiu, como se o erro no seu nome f osse o ponto que mais lhe chamara a atenção.

Percebi que, passada a vergonha inicial, ele já parecia mais à vontade no assunto.

— Meg f icou meio f rustrada na hora da interrupção, mas entendemos que a intenção f oi boa. — Douglas completou, f azendo o meu rosto queimar ainda mais.

— Ah, f ui eu que f iquei f rustrada? J ura mesmo?

Lilly buf ou, desanimada.

— Eu sei, ambos f icaram f rustrados. Que droga, tudo o que eu menos queria na vida era f icar conhecida como a irmãzinha empata-f oda.

Antes que eu pudesse responder, outra voz masculina conhecida por mim f alou:

— Que horror. Não existe nada pior na vida do que pessoas empata-f odas.

Nós três viramos o rosto na direção em que vinha aquela voz. Christopher estava a poucos metros de nós e vinha caminhando, trazendo uma mochila nas costas e vestido com jeans, camiseta e jaqueta, bem menos f ormal do que da última vez que o vi, em que ele estava de terno depois de um dia de trabalho.

Douglas imediatamente se levantou, indo até ele.

— Chris! O que está f azendo aqui?

— Ué, você ligou e contou o que tinha acontecido com a mãe da nossa garota-problema. Então nós viemos para cá.

— Nós? — Doug perguntou, após receber o amigo com um abraço. — Harry veio também?

— É, viemos os dois. Ele parou na lanchonete para tomar um caf é e eu vim na f rente para ver como as coisas estão.

Levantei-me quando ele se aproximou de mim, também o abraçando.

— Não precisavam ter vindo até aqui, Chris. Mas obrigada.

— Imagina, Meg. Amigos são para isso. Não para empatar fodas, aliás...

Os olhos dele se desviaram de forma provocativa para Lilly. Eu também a olhei e vi a confusão em seu olhar. Então, decidi por um instante não me focar no fato de que Chris agora sabia que ocorreu uma foda para ser empatada entre Doug e eu, e apenas apresentei os dois.

— Chris, essa é minha irmã Lilly. Lilly, o Christopher é nosso amigo desde os tempos de escola e atualmente é também sócio do Doug.

Ele sorriu para ela, de um jeito que eu conhecia muito bem. Daquele jeitão sedutor e cafajestebem próprio dele. Meu instinto de irmã mais velha me alertou que talvez fosse uma péssima ideia apresentá-lo a Lilly.

— É um prazer conhecer sua irmãzinha empata-foda — ele disse, estendendo a mão para cumprimentá-la.

Eu sabia bem que ele repetia aquela informação muito mais para provocar Doug e eu do que ela. Era quase como se quisesse deixar bem claro que queria mais informações sobre o que, afinal, estava acontecendo entre nós dois. Contudo, minha irmã tomou aquilo como uma ofensa bem pessoal e se levantou sem apertar a mão dele.

— Não fiz nada de propósito. A mãe da Meg estava passando mal e eu precisava avisá-la. O que queria que eu fizesse? Esperasse o dia clarear e os dois pombinhos saírem do quarto?

— Podia ter tentado contornar a situação, fazer uma abordagem mais sutil...

— Eu fui sutil. Não foi como se eu abrisse a porta do quarto para flagrá-los. Eca, isso seria nojento.

— A gente pode mudar de assunto? — perguntei, sentindo meu rosto queimar cada vez mais.

E o pior de tudo era olhar para Doug e ver que ele, ao contrário de mim, achava graça de tudo aquilo e comprimia os lábios, tentando conter o riso.

Chris insistiu.

— E qual foi a sua abordagem, então?

— Eu suavemente bati na porta. Tentei até esperar os ruídos lá dentro do quarto diminuírem um pouco, na esperança de que eles terminassem.

— Além de empatar f odas, também é monitora de ruídos íntimos? Meu Deus, Doug, tem passado por isso todas as vezes que vem a Seattle?

— Quem me dera... — respondeu Doug, dessa vez olhando para mim de f orma provocadora.

E eu entendi muito bem o que ele queria dizer com aquilo. Que queria que aquela intimidade entre nós tivesse ocorrido antes, mais vezes.

Que droga, aquele era um péssimo momento para aquilo.

Um médico veio até nós nesse momento para inf ormarque a cirurgia da minha mãe iria começar. E, com isso, todo o clima para brincadeiras ou atritos entre minha irmã e Chris se dissipou completamente.

Harry se juntou a nós e não pude deixar de perceber um leve incômodo nos olhos de Doug ao ver o irmão me cumprimentar. Perguntei-me se ele estaria com ciúmes por saber que eu um dia já

tinha sido apaixonada por Harry, e logo me achei uma tola por considerar tal hipótese.

Mas, de qualquer maneira, eu logo não tive mais cabeça para f icar pensando a respeito das mudanças na minha relação com Doug. Tudo o que me importava naquele momento era a presença dele ao meu lado naquele dia tão dif ícil, à espera de notícias sobre a minha mãe.

E também estava f eliz por ter meus velhos amigos Chris e Harry, além de minha irmã por perto. Era como estar em f amília.

E f oio que tornou toda aquela af litivaespera mais suportável.

*****

Capítulo vinte e três



Foram horas de espera até que um médico viesse nos informar que a cirurgia havia chegado ao fim. Tudo tinha, inicialmente, corrido bem. Contudo, ainda era necessário esperar que minha mãe despertasse para ter tal confirmação.

E eu poderia, enfim, ir vê-la. Apenas eu, por ser a única familiar ali. Lilly disse que iria até a casa do nosso pai buscar algumas roupas para mim e aproveitaria para levar Harry e Chris para acomodá-los em quartos de hóspede, já que ficariamaté o dia seguinte. Doug poderia ter ido com eles, mas insistiu em ficar comigo, ainda que não pudesse entrar para ver a minha mãe.

Quando todos se afastaram e nós dois ficamos sozinhos, ele segurou minha mão, passando-me força naquele momento.

— Ela vai ficar bem, Meg. O tumor foi retirado e correu tudo bem na cirurgia.

— Mas ela ainda não acordou. Será horrível vê-la desacordada e ligada a aparelhos em uma cama de hospital, Doug.

— Sei que será, Meg. Mas ela vai acordar e ficará bem. Queria estar lá contigo, mas não posso. De qualquer maneira, estarei o tempo todo bem aqui, a poucas paredes de distância.

De repente, pareceu natural que nossa despedida ocorresse por um selinho, como se fôssemos de fato noivos e não apenas dois amigos de infância fingindo ser. Depois daquela noite, ainda que não tivéssemos chegado a consumar o ato, tudo havia mudado mais. Ainda uma escala a mais do que já havia se alterado em nosso primeiro beijo.

Ainda éramos Meg e Doug. Mas, agora, com algo a mais, que a cada dia parecia ficar mais forte, embora sequer tivéssemos conversado a respeito daquilo.

Então, eu o deixei na sala de espera e entrei no quarto da UTI, onde minha mãe estava. Segundo o médico, ela ficaria ali até

acordar. E, depois que acordasse bem (era o que eu esperava que acontecesse, com toda a minha f é), ainda f icaria em observação ali por dois ou três dias, antes de ir para um quarto, onde eu poderia f icar direto com ela, sem precisar respeitar horários de visita.

Encontrá-la deitada naquele leito f oi tão apavorante como eu achei que f osse. Não estava entubada, mas havia aparelhos ligados a ela checando seus sinais vitais. Aproximei-me, segurando sua mão.

— Nunca mais me dê um susto desses, mãe — sussurrei, segurando sua mão junto à minha.

F iquei algum tempo ali, segurando a mão dela, até sentir seus dedos começarem a se mover. Olhei para seu rosto e seus olhos se abriram devagar.

— Mãe? Mãe, você está bem?

Ela ainda levou alguns segundos para despertar um pouco mais.

— O que aconteceu? Onde...

Apertei sua mão com um pouco mais de f orça, tentando tranquilizá-la.

— Está tudo bem, mãe. Você passou mal durante a noite, viemos para o hospital e precisaram fazer uma cirurgia de emergência em você. Está sentindo alguma dor?

— Não, eu apenas... Estou com sono...

Sorri, sabendo que aquilo era normal. Não estar com dor deveria ser um bom sinal.

— Descanse então, mãe. Não vou poder ficar contigo o tempo todo enquanto não te transferirem para um quarto, mas não vou deixar esse hospital sem você.

— Não seja boba, filha. Seu noivo vai embora amanhã, vá aproveitar o seu tempo com ele.

A lembrança de que Doug iria embora me machucava. Odiava a ideia de que levaria mais um mês inteiro até eu vê-lo novamente.

Mas este não era o foco no momento.

— Não se preocupe com isso, mãe. Apenas descanse.

— Douglas é um ótimo rapaz, não é? — ela perguntou, sonolenta.

Parecia lutar contra o sono pelo simples prazer de conversar.

— É, mãe. Ele é um ótimo rapaz. Ele f icou esse tempo todo comigo no hospital e está lá na sala de espera aguardando por notícias suas, aliás. Não o deixaram entrar comigo porque, como é um CTI , só pessoas da f amília podem entrar

— J á te perguntei isso algumas vezes, minha querida, mas você sempre f oge da resposta. Você o ama?

Eu realmente acreditava que ela pararia def initivamente de insistir naquela pergunta. Eu odiava mentir para a minha mãe, e era por isso que eu evitava ao máximo ter que responder perguntas dela.

Porém, daquela vez, eu não tive qualquer dif iculdade naquilo. E, quando dei por mim, já estava respondendo, como se f osse a coisa mais óbvia possível.

— Eu o amo, mãe. Eu o amo muito.

Um sorriso surgiu nos lábios dela antes que ela voltasse a f echar os olhos e, enf im, tornasse a adormecer

E eu f iquei ali ainda por algum tempo sem saber por que eu tinha dito aquilo com tanta certeza.

Bem, era óbvio que eu amava o Doug. Ele era meu melhor amigo e por muitos anos f oi como a minha única f amília naquele

internato. Porém, para ser bem sincera, eu sabia que não tinha sido a esse sentimento que eu me ref eria quando respondi ao questionamento da minha mãe.

Mas ao novo sentimento... o novo tipo de amor que eu sabia que estava começando a sentir por Doug.

*****

Capítulo vinte e quatro



Dez dias depois e parecia que tudo enf im voltaria à normalidade.

Ou ao menos àquele ‘novo normal’ no qual a minha vida tinha se transf ormado nos últimos meses.

Completamente contra a sua vontade, meu pai precisou aceitar o f atode que eu precisava tirar uns dias de f olgada empresa para cuidar da minha mãe. Douglas ainda f icou comigo dois dias além do planejado – o que f oimaravilhoso, embora a gente tivesse passado a maior parte deste tempo no hospital. Ele apenas f oi embora quando minha mãe enf im f oi transf erida para um quarto, onde eu podia f icarcomo sua acompanhante. Ela ainda f icoumais

algum tempo internada e eu permaneci com ela, até que ela tivesse alta e pudesse voltar para casa.

Agora, eu precisava voltar à empresa e deixar minha mãe aos cuidados de Elise. O que era um pouco menos difícil pelo fato de eu saber que ela estava em ótimas mãos.

No meu dia de retorno à empresa, acabei chegando uma hora depois do meu horário oficial. Tinha enrolado um pouco para sair de casa, porque, apesar de confiar em Elise, estava tão tensa com tudo aquilo que precisei repassar-lhe diversas vezes as novas rotinas de medicações e tratamentos da minha mãe.

Logo que entrei na sala que dividia com a minha irmã, esta já estava lá, sentada diante de sua mesa. Apesar de morarmos sob o mesmo teto, a gente mal tinha conversado nos últimos dias.

— Como está a sua mãe? — foi a primeira pergunta que ela fez logo que eu entrei.

— Bem até demais. Elise deve estar sofrendo para mantê-la na cama. Ela acha que, já que tirou o tumor, está completamente curada. Mas não é tão simples assim.

— Bem, agora é mais simples do que era quando o tumor ainda estava lá.

— Isso sem dúvidas. Tenho fé de que, depois de mais algumas sessões de quimioterapia, ela estará curada.

Logo que me sentei em minha cadeira, percebi que Lilly parecia um pouco chateada e até constrangida. Perguntei-me se ainda era pela interrupção da noite em que minha mãe passou mal.

Sorri para ela.

— Muito obrigada por ter me procurado naquela noite, Lilly. Mesmo não me achando no meu quarto.

— Não foi exatamente difícil te encontrar, porque...

— É, você foi seguindo os sons pelo corredor. Você já disse isso. Vamos parar de nos prender nessa parte da situação? Sou apenas grata a você por ter ido me chamar e por ter ligado para a ambulância.

— É que estamos meio que começando nosso relacionamento como irmãs, e eu não queria já iniciar com essa mancha no meu currículo. E aquele seu amigo Christian meio que ficou me infernizando com isso naquele dia.

— O nome dele é Christopher. E implicar com os outros é o segundo hobby favorito dele.

— Sério? E qual seria o primeiro?

— Levar mulheres para a cama. Ele é um caf ajestede marca maior.

Ela buf ou, revirando os olhos.

— Nossa, por que isso não me surpreende?

— Espero que ele não tenha tentado nada com você.

— Seria perda de tempo. Eu f ujo de tipinhos como ele. Bonito, mas visivelmente ordinário. Estou f ora.

Precisava conf essarque f iqueium tanto aliviada com aquilo. Chris sempre teve um histórico de arrasar corações, desde os tempos de colégio que era comum ver garotas chorando por ele. Eu def initivamente não queria aquilo para a minha irmã.

— E com você? Ele já tentou ou teve algo? — Lilly questionou.

— Digamos que aqueles três sempre me viram como se eu f osseum garoto como eles. Então, não, sem chances de qualquer um deles ter tentado qualquer coisa comigo.

— Que chato, porque eu já ia perguntar sobre o outro bonitão. É irmão do Daniel, né?

— O nome do meu noivo é Douglas, Lilly. E, sim, são irmãos. Mas, não, ele também nunca tentou nada comigo. Embora eu bem

que quisesse. Ele foi minha primeira paixonite da vida.

Lilly sorriu e eu não sabia se estava empolgada com o assunto em si ou com o fato de eu contar algo particular para ela.

— Bem, não é de se admirar. Ele é muito gato. Aliás, os três formam um trio e tanto.

— Pois é. Azar o meu sempre ter sido só a amiga que eles viam como se fosse um garoto como eles.

— Bem, mas isso mudou, não? Com relação ao... Douglas — ela pareceu fazer um esforço para acertar o nome dessa vez. — Qualquer distraído consegue ver a forma apaixonada como ele olha para você.

— ...Sério?

— Claro. Por que a dúvida? Se estão noivos, é porque você já sabe disso.

Ela riu e eu me senti culpada por continuar mentindo para ela. Já era horrível ter que mentir para a minha mãe, e agora a coisa se tornara duplamente difícil.

Decidida a me focar no trabalho, liguei o computador e, como todas as manhãs, fui diretamente checar o meu e-mail da empresa.

A caixa de entrada estava cheia, em uma sequência enorme de e-mails enviados por Lilly.

Voltei a olhá-la, percebendo que ela seguia me fitando. Parecia já estar esperando que eu visse aquilo e perguntasse algo a respeito.

— O que é tudo isso que você me mandou? — perguntei.

— Trabalho. Muito trabalho. Espero que você dê conta de agora fazer não só a sua parte, como a minha também.

— O que quer dizer com isso?

— Que eu só estava esperando que você chegasse para te explicar e te ajudar em toda essa parte que era minha. Aí depois eu vou até a sala do nosso pai para contar para ele que estou abandonando o barco.

— Como assim abandonando o barco?

— Eu não quero essa empresa, Meghan. Eu nunca a quis. Tudo o que eu queria era agradar um pai que não se importa a mínima para a minha existência. Cansei disso tudo.

— Lilly... Você tem certeza disso?

— Se eu tenho certeza de que quero largar o foda-se para um trabalho que eu nunca quis fazer e voltar a me dedicar ao que

eu gosto? É ridículo que eu tenha insistido nisso até aqui. A empresa é sua, Meghan. Você quer isso mais do que eu.

— Na verdade, eu queria ganhar o comando para f icar com ele apenas por algum tempo, depois eu o passaria a você e assumiria o setor de marketing.

— O setor de Marketing parece bem mais a sua cara mesmo. Mas vai ter que procurar outra pessoa para passar o comando. Eu sinceramente não quero isso. Bem, pode esperar seu bebê f azer dezoito anos e passar para ele ou ela.

Eu ri.

— Na verdade, quero que meu f ilho ou f ilha siga o rumo prof issional que desejar. Eu não sei se vou ser a melhor das mães, mas de uma coisa tenho certeza: não serei como o seu pai.

— *Nosso* pai.

— Ele nunca f oi meu pai, Lilly. Talvez tenha chegado um pouco mais perto disso com você, mas a verdade é que eu mal conheço aquele homem.

— Eu entendo. Eu verdadeiramente entendo.

— Vai mesmo abandonar o barco?

— É, eu vou. Por que essa cara preocupada? A empresa agora é sua, deveria estar comemorando.

— Não é minha. Lembre-se de que seu pai deixou bem claro que poderia passar o cargo de CEO a algum funcionário caso julgasse que nenhuma de nós estivesse à altura disso.

— E por que você não estaria? Vai se casar daqui a alguns meses, como ele tanto quis. Não vai ser mãe solteira. Sem contar que você tem mandado muito bem no trabalho.

— Vai que ele descobre que é tudo uma grande mentira... — pensei alto. Então, disfarcei, ao notar que Lilly me olhava de forma confusa. — Digo... com relação ao trabalho. Ser eficiente não quer dizer exatamente que eu esteja feliz com o que estou fazendo, não é?

— Não acho que o nosso pai se importe com isso. Ele só se importa com as aparências. O importante é que seu trabalho está bem-feito. Ele não se importaria nem se sua gravidez fosse de mentira, ou mesmo o seu casamento. Ao menos, para a sua sorte, toda essa parte pessoal é bem verdadeira, não é? Como eu disse, dá para notar a forma como vocês olham um para o outro.

— Você antes tinha falado sobre a forma com que *ele* olha para mim, apenas.

— Ah, Meghan... Você apenas disfarça um pouco melhor. Mas parece uma garotinha apaixonada quando está perto dele. Tem vezes que suas mãos chegam a tremer.

Que inferno... eu sempre achei que Lilly fosse meio distraída – o fato de ela confundir os nomes das pessoas era um grande indício disso. Contudo, ela se mostrava atenta até demais. Eu realmente, por diversas vezes, senti meu corpo inteiro tremer na presença de Doug. Especialmente depois dos nossos beijos... e daquela fatídica noite em que cruzamos alguns limites de uma inocente amizade.

Então, se ela tinha reparado nisso... Talvez não fosse totalmente uma impressão o que disse sobre Doug.

— Isso que você falou sobre a forma como ele me olha...

— O que é que tem?

— Que forma é essa?

— Como se você fosse a mulher mais linda do mundo? Como se te devorasse com os olhos? Como se quisesse o tempo inteiro te

agarrar e te puxar para um quarto e te f azer voltar a soltar os mesmos ‘ruídos’ daquele dia?

— Está querendo dizer que Doug me olha como se sentisse desejo por mim em tempo integral.

— Não estou tentando, estou *di zendo* isso. E não apenas isso. Não é como se ele f osse um cara babaca como aquele Christian...

— Christopher.

— Que seja! ...Não é como aquele caf ajesteolhando para os seios de qualquer mulher que passa na sua f rente.

— Espera, o Chris f icou olhando para os seus seios? — novamente, a irmã mais velha em mim se mostrava um tanto quanto superprotetora. Chris iria ouvir um sermão por aquilo, sem dúvidas.

— Não é assim que seu noivo te olha, Meghan. Está claro que ele te deseja, mas também que ele te ama. Mas, qual é? Por que está perguntando isso? Você já sabe muito bem que aquele homem é louco por você.

Eu não sabia.

Eu def initivamente não sabia.

O que ocorreu entre nós deixava claro que Douglas enf imme olhava como uma mulher, que tinha desejo por mim. Mas, amor? Um amor que f osse além do de amigos, que sempre nutrimos um pelo outro? Como eu poderia ter certeza disso?

Fiquei com essa dúvida martelando minha cabeça durante todo o restante do dia, embora tentasse f ocarem outras coisas. Lilly de f ato me ajudou com aquela que devia ser a sua parte no trabalho, antes de ir para a sala do nosso pai para contar sobre a sua decisão. Fiquei esperando-a no hall e, mesmo com as paredes grossas daquele prédio, podia ouvir a voz exaltada dele lá dentro. Devia estar gritando.

E isso se conf irmou quando Lilly saiu de lá chorando.

Ela não quis contar sobre a conversa enquanto voltávamos juntas para casa. Ela deixou que eu dirigisse seu carro e f oi chorando muito por todo o trajeto.

Eu me sentia péssima com o choro dela. Triste por vê-la sof rer e com muita raiva daquele idiota do nosso pai por f azer isso com uma f ilha que sempre tinha sido tão devotada a ele.

Acompanhei Lilly até o segundo andar da casa e, então, ela anunciou que queria f icar sozinha.

No entanto, antes de entrar em seu quarto, me surpreendeu com um abraço.

Era a primeira vez que a gente se abraçava. E eu só pensava no quanto queria poder livrá-la daquele sof rimento.

Era of icial: eu tinha me tornado uma irmã superprotetora.

Queria tomar um banho antes de ver a minha mãe. Porque, como ela ainda estava muito debilitada devido à doença e à cirurgia, eu sentia medo de contaminá-la com algum vírus ou bactéria trazidos da rua. Por isso, entrei em meu quarto. A intenção era ir direto para o banheiro, mas, quando eu me dei conta, estava me sentando em minha cama, com o meu celular em mãos, relendo as últimas mensagens que eu tinha trocado com Doug.

Durante aqueles últimos dias, nós basicamente só f alamos a respeito da recuperação da minha mãe. Sem memes, sem brincadeiras, sem continuações da nossa história...

Sem nunca mencionar o que estava rolando entre nós.

E era essa última parte que mais me angustiava. Não havia segredos entre Meg e Doug. E eu não queria que passasse a ter.

Determinada e me enchendo de coragem, toquei a opção de discagem para o contato dele.

Depois de apenas dois toques, eu f ui atendida. Mas não por ele.

Era uma mulher.

— Alô? — ela f alou.

I nf ormal demais para ser uma secretária ou coisa do tipo.

— Desculpe... este é o celular de Douglas J enkins?

— Sim. Se puder aguardar um momento, ele f oi até outro cômodo, mas já retorna.

Outro cômodo? Ele estava em uma casa?

Ele não tinha nenhuma f uncionária em casa...

— Desculpe, mas... com quem estou f alando? — perguntei, conf usa.

— Ah, desculpe. Sou amiga dele. Meu nome é J ulia.

J ulia...

Eu sabia bem que ela não era *exat ament* e amiga dele.

E eles estavam juntos. Na mesma casa...

J untos...

Sem dizer mais qualquer palavra, eu apenas encerrei a ligação, sentindo as lágrimas que começaram a descer pelo meu

rosto.

E me sentindo a pessoa mais idiota de todo o mundo.

*****

Capítulo vinte e cinco



Aquela tinha sido mais uma noite que eu tinha sonhado com Meghan.

E, como vinha se tornando habitual nas últimas semanas, não tinha sido um sonho nada inocente. Era como se meu corpo ainda protestasse pelo que não tinha sido concluído naquela noite em Seattle.

Eu a desejava tanto, que o mais leve pensamento nela f azia cada célula do meu corpo reagir de f ormadolorosa. Por isso mesmo que eu vinha evitando até mesmo ter conversas mais longas com ela, ainda que f osse por mensagens de texto. Seguia f alando com ela todos os dias para saber como ia a recuperação de Rachel e como Meg e o bebê estavam, mas sem me alongar muito em

conversas. Ela fazia o mesmo, o que me dava uma dica de que talvez se sentisse da mesma maneira que eu.

Depois de um dia exaustivo de trabalho, eu voltei para o meu apartamento de cobertura, de onde tinha uma vista privilegiada da cidade de Nova Iorque. E foi nesta visão que me perdi, enquanto tomava uma taça de vinho, parado diante da parede de vidro da sala de estar.

Já tinha trocado de roupas, vestindo algo mais confortável, e imaginei que teria uma noite tranquila, na companhia de um vinho e um bom livro. Porém, logo percebi que não seria exatamente assim quando a campainha tocou.

Apenas algumas pessoas tinham acesso livre ao meu apartamento, sem precisarem ser notificadas pelo porteiro através do interfone. E, dentre elas, meu primeiro pensamento era que poderia ser Chris, a caminho de alguma noitada, tentando me convencer a acompanhá-lo. Não era incomum que ele saísse com alguma mulher que estaria acompanhada por uma amiga diante da promessa de que ele também levaria algum amigo.

Enquanto eu atravessava a extensa sala de estar em direção à porta, eu me perguntei que motivos teria para não aceitar se este

f osse o caso. Eu precisaria apenas mandar uma mensagem à J ulia inf ormando que estaria indo para a cama com outra mulher, como eu já havia f eito algumas poucas vezes, e ela também.

Eu estava há muito tempo sem sexo, e aquele momento de maior intimidade vivido com Meg há alguns dias tinha me deixado ainda mais atiçado.

Balancei a cabeça ao pensar em Meg, tentando me livrar daquelas lembranças.

Quando eu abri a porta, no entanto, não f oi Chris que encontrei, mas J ulia. Ela trazia uma garraf a de vinho na mão e riu ao ver que eu já estava com uma taça.

— Acho que não sou a única com necessidades alcoólicas esta noite — ela comentou, rindo.

Sorri, abrindo mais a porta para que ela entrasse.

Observei-a por um momento. J ulia era uma mulher linda, além de ser uma ótima companhia. Não apenas para o sexo, mas também para uma boa noite de bebedeira e conversas. Eu não era um homem de namoradas, e sim de amantes pontuais, mas inteligência e boas conversas sempre f oram coisas que me atraíam

em uma mulher. Sabia que era por isso que meu caso com J ulia já durava tantos meses, quase o meu recorde.

— Você não é de aparecer sem avisar, trazendo vinho — comentei, indo me sentar ao lado dela, que já havia se jogado em um sof á. — Aconteceu alguma coisa?

— Bem, eu te avisei algumas vezes nos últimos meses, e em todas elas você sempre tinha algum compromisso ou dizia estar cansado demais. Então decidi dessa vez arriscar e vir aqui direto. Eu já saí com três caras desde a última vez em que estivemos juntos, e eu só queria saber se ainda preciso f icar te inf ormando cada uma dessas coisas, ou se esse nosso acordo já chegou ao f im e eu ainda não f ui comunicada.

— O vinho é para uma lamentação caso eu diga que sim, ou para uma comemoração caso eu diga que não? ...Ou o oposto disso?

Ela riu, daquele jeito espontâneo dela.

— Caso você diga que sim, não quero lamentar, mas f aço questão de uma saideira, o vinho pode tornar tudo mais interessante.

— Você também acha esse nosso acordo idiota?

— Não. Eu gosto dele. Gosto da nossa sinceridade e certo comprometimento um com o outro. Mas lamento por acreditar que você não esteja agindo da mesma f orma comigo. Nos encontrávamos duas ou às vezes três ou mais vezes por semana, Douglas. E agora tem meses que não te vejo. Não quer que eu acredite que você está há tanto tempo sem sexo, não é?

— É, eu estou. Não mentiria para você a respeito disso, é o nosso acordo. E nem teria motivos para isso, você mesma saiu com outros caras durante esse tempo.

— Então o que rolou? Decidiu pelo celibato?

Ela deixou a garraf a de vinho sobre a mesinha ao lado do sof á e se aproximou de mim, deslizando a mão pela minha coxa.

E eu estava tão no limite da minha abstinência que aquele contato, junto ao olhar sedutor que ela me lançou, já f oio suf iciente para provocar uma ereção em mim.

— Não sou um homem adepto ao celibato, J ulia. Eu apenas, realmente, andei mergulhado em algumas situações inusitadas nesses últimos meses.

Ela se sentou em meu colo, apoiando os joelhos um de cada lado das minhas pernas, sobre o sof á. Estava usando um vestido, o

que me f ezsentir sua boceta quente sob o tecido da calcinha contra o meu pau já mais do que duro.

— Quer conversar sobre isso? — ela indagou, em um tom provocativo.

Eu não queria. Def initivamente, f alar sobre tudo aquilo, sequer mencionar ou pensar em Meg não eram opções para aquele momento. Decidi que agiria apenas pelos meus instintos e aliviaria aquela tensão em meu corpo.

Deslizei as mãos pela cintura dela, movimentando o quadril para que ela sentisse ainda mais a minha ereção. Ela arf ou, deixando claro o tanto que estava excitada.

— Quer mesmo ter qualquer conversa justo agora? — devolvi a provocação.

Mostrando que não queria perder tempo, ela tirou a minha camisa, levando os lábios diretamente ao meu tórax, ao mesmo tempo que, com as mãos ágeis, começou a abrir o zíper da minha calça.

Então, ela desceu do meu colo, indo se ajoelhar no chão diante de mim. Suas mãos ágeis tiraram meu pau já completamente

duro de dentro da cueca e eu arf ei, já extasiado com a expectativa do que viria.

Eu precisava tanto daquilo. E era estranho pensar que sequer me dava conta disso durante aqueles últimos meses, o período mais longo que eu já tinha f icado sem sexo.

Enquanto J ulia me torturava com seus toques, eu tentava me f ocar meramente naquelas sensações e nas lembranças de como ela era incrível naquilo.

Deveria ser uma taref a simples. Como o sexo para mim sempre tinha sido. Mas, surpreendentemente, não f oi.

Porque quando f echei os olhos, a sensação das mãos de J ulia acariciando o meu pau me remetiam à imagem de outra pessoa.

De outra mulher que eu desejava insanamente que estivesse ali no lugar dela.

Quando o rosto de Meg surgiu em minha mente, eu soube, com toda a certeza, que eu não poderia ir adiante naquilo.

J ulia já se preparava para abocanhar o meu pau quando eu segurei em seus ombros, detendo-a.

— Desculpe, Julia. Nós não podemos... Não podemos continuar com isso.

Ela me olhou de forma surpresa, antes de soltar o meu membro e se levantar, voltando a se sentar ao meu lado enquanto eu vestia novamente minha camisa e colocava meu pênis de volta dentro das calças, fechando-as e tentando me recompor

Meu noivado com Meg era uma farsa. Certo, alguma coisa tinha acontecido entre nós, mas ainda éramos apenas amigos.

Então por que diabos eu me sentia como se a estivesse traindo?

Não só sentia, como tinha toda a certeza do mundo. Não importava o quanto meu corpo implorasse por sexo, eu sabia que, caso fosse adiante naquilo com Julia, estaria cometendo um enorme erro. Talvez o maior da minha vida.

— Certo, qual é o nome dela? — Julia perguntou sentada ao meu lado. Apanhou minha taça pela metade na mesa de centro, começando a beber o que restava do vinho dentro dela.

— Eu não transei com ninguém, Julia. Eu te contaria, como é o nosso acordo.

— Não perguntei o nome de quem você f oi para a cama, Douglas, mas da garota por quem está apaixonado. Muito apaixonado, a ponto de recusar um boquete mesmo estando duro como uma pedra.

— Acho que estou mesmo apaixonado. Embora essa seja a primeira vez que consigo declarar isso em voz alta, ou mesmo admitir para mim mesmo.

— Bem, já que não vai rolar sexo essa noite, pode pelo menos abrir o vinho que eu trouxe para a gente se embebedar?

Concordei com a ideia, porque sabia que o álcool iria muito bem. Não apenas para suprir a f alta do sexo, mas também para digerir melhor aquilo que eu enf im tinha conseguido admitir, não apenas para outra pessoa, como também para mim mesmo.

Eu estava apaixonado pela minha melhor amiga.

Abri o vinho, peguei mais uma taça e servi uma para mim e outra para J ulia. Brindamos em silêncio e voltei a me sentar ao lado dela.

— E aí? Vai contar sobre a garota?

— J á devo ter te contado sobre ela. O nome dela é Meghan.

— Meghan? F ala da Meg, a sua amiguinha de inf ância?

O assombro dela deixava claro o que eu já sabia: que eu sempre f aleida minha melhor amiga em um tom que deixava claro que não havia qualquer coisa f ísica entre nós.

— Ela mesma. Foi por isso que f iz tantas viagens nesses últimos meses. Nós estamos noivos.

— Noivos? Meu Deus, Douglas, deixou eu segurar o pau de um cara comprometido?

— Não. Digo... é um noivado de mentira.

— ...Um noivado de mentira?

— Bem, na verdade, a coisa saiu um pouco de controle e a gente de f atovai chegar a se casar, mas vamos anular o casamento alguns dias depois, esse é o plano. Ou *er a*o plano, não sei mais.

— E por que diabos vocês vão se casar com planos de anular o casamento logo depois?

— Porque o pai dela é um estúpido, e não vai passar a empresa dele para ela se ela f or mãe solteira. E ela está grávida.

— Você engravidou a garota?

— Não. Não é de mim que ela está grávida. Eu disse que não f ui para a cama com ninguém sem te contar, J ulia.

— Então ela está grávida de outro cara?

— É, um f ilho da puta que a abandonou.

— E você assumiu o f ilho como seu?

— Só durante essa f arsa. Até o dia da aposentaria do pai dela do comando da empresa, que será pouco depois do nosso casamento.

— Mas você quer assumir esse bebê, não é? E não quer que o casamento seja anulado.

— Eu me apaixonei por ela. E, sim, eu assumiria o bebê caso ela me pedisse isso. ...E é a primeira vez que declaro isso em voz alta.

— E por que está esperando que ela te peça isso, em vez de pedir a ela? Que coisa, Douglas... Assuma para a garota que a ama, tira esse atraso sexual e seja f eliz, cara. Só podia ter me avisado antes para eu não seguir f eito uma trouxa tentando marcar encontros com você.

— Desculpe, J ulia. Eu f ui um grande idiota.

— É, você f oi. Quase me deixou te pagar um boquete estando apaixonado por outra. Eu posso ter todos os def eitos do mundo, mas me envolver com caras comprometidos não é um

deles. Que droga, sabe que me divorciei justamente porque o meu marido me traía.

— Desculpe, Julia. ...Meu Deus, como vou me desculpar com a Meg por isso?

Ela riu, como se eu tivesse acabado de dizer algo muito engraçado.

— Douglas, você é um cara muito legal, sabia? Está me pedindo desculpas como se tivesse me traído, sendo que somos apenas o alívio sexual um do outro, e pensando em como se desculpar com a garota de quem você gosta, mas com quem não teve nada ainda.

— Eu não diria *nada*. A gente se beijou e... Quase rolou algo mais.

— E ainda assim você não contou que estava apaixonado? Bem, você ainda é um cara legal, mas é um pouquinho idiota.

— Nossa, obrigado por isso. Estou me sentindo muito melhor.

— Só conta para ela, Douglas.

— Eu não sei nem o que é namorar sério com alguém, Julia. Sei que não é o mesmo que ter amantes fixas. E então, de

repente... eu sinto que quero me casar de verdade e ser pai do bebê da minha melhor amiga.

— Não vou dizer que não entendo, porque depois que me divorciei passei a amar a minha vida sem compromissos e acho que não a trocaria por nada. Mas... Sabe por que eu passei tanto tempo sexualmente envolvida com você?

— Claro. Porque eu sou incrível na cama — brinquei, arrancando um sorriso dela.

— Bem, também. Mas principalmente porque você é um cara legal. E, mais do que isso, um cara leal, mesmo dentro de um relacionamento completamente casual. Você é leal enquanto advogado, enquanto amigo, enquanto amante... E o fato de estar desesperado por sexo e mesmo assim ter me afastado só mostra que também é leal no amor.

— Eu não estou 'desesperado por sexo'. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Tá, talvez eu esteja. Mas, mesmo sem ter qualquer compromisso com a Meg, sinto que seria um canalha caso fosse adiante com você. Desculpe por isso.

— Tudo bem. Não estou ofendida. Só vou precisar caçar outra companhia para essa noite, porque só o álcool não está sendo

o suficiente para mim. Se não der certo com a Meg, me procura.

Ela piscou um olho e eu ri.

— Se não der certo com a Meg, você não vai querer que eu te procure. Porque magoar alguém como ela faria com que eu não fosse tão legal quanto você acha.

— Então, apenas faça dar certo. Anda, me acompanhe até o meu carro como você sempre fez. Não é porque não vamos mais transar que você vai deixar de ser um cavalheiro comigo.

Ela se levantou e eu comecei a fazer o mesmo, mas me detive quando o meu celular tocou sobre a mesa de centro da sala. O nome do meu irmão era exibido na tela.

Quando atendi, Harry estava nervoso. Mal conseguia conectar as palavras, mas, em resumo, contou que Lia tinha passado mal e ido às pressas para o hospital.

O parto tinha sido antecipado. Os bebês estavam bem, mas Lia não.

Perguntei em que hospital estavam e desliguei, pronto para partir para lá.

— Aconteceu alguma coisa? — Julia perguntou, percebendo minha aflição.

— Minha cunhada passou mal e precisou fazer um parto de emergência. Preciso ir para o hospital, Harry está em desespero.

— Meu Deus, Douglas...

— Eu preciso apenas trocar de roupa e já descemos juntos, tudo bem?

Julia concordou. Eu a acompanharia até o térreo e pegaria meu carro no estacionamento, indo direto para o hospital. Não podia deixar meu irmão sozinho em uma situação como aquela.

Corri para o meu quarto, tirando a camiseta casual que usava e trocando por algo mais quente, já que fazia frio lá fora Enquanto me trocava, ouvi meu celular tocando na sala e gritei pedindo para que Julia atendesse para mim, pois imaginei que pudesse ser novamente o meu irmão.

Peguei meus documentos, as chaves do carro e voltei para a sala. Julia desligava a ligação nesse momento e disse que a pessoa tinha apenas desligado sem se identificar

Imaginei imediatamente que tivesse sido um engano, mas não tinha tempo de pensar a respeito disso ou de checar o histórico de ligações. Acompanhado por Julia, saí do meu apartamento. E, no térreo, nos separamos.

Peguei meu carro e segui para o hospital, desejando que Lia e os bebês estivessem bem.

*****

Capítulo vinte e seis



Depois da minha desastrosa tentativa de f alar com Doug, sendo atendida pela sua f icante, a primeira notícia que recebi dele me desarmou completamente de qualquer DR que eu pudesse insinuar iniciar.

Ele contou sobre a esposa de Harry ter passado mal, ter precisado passar por uma cesariana de emergência. Um dos bebês – uma menina – precisou de cuidados médicos emergenciais e passou duas semanas na UTI neonatal. Mas conseguiu se recuperar e agora estava no hospital apenas em observação, com a expectativa de receber alta em alguns dias e poder ir para casa, junto com o seu irmãozinho.

Lia, porém, não estava nada bem. Chegou a apresentar uma leve melhora, mas seu estado de saúde voltou a piorar e, no momento, estava completando quarenta dias de internação, sendo os últimos deles em coma.

E era por isso – aliado aos últimos acontecimentos estranhos entre nós dois – que eu não esperava encontrar Doug em minha casa. Especialmente em uma quinta-feirade manhã, dia que eu não fui à empresa porque tinha uma ultrassonografia agendada.

Aliás, eu descia as escadas já pronta para sair quando o encontrei entrando na sala. Parei por alguns segundos, no meio dos degraus, imaginando que pudesse estar tendo uma miragem. Ou talvez eu ainda estivesse dormindo e sonhando que Doug estava vindo me ver.

Nosso combinado era sempre nos últimos finais de semana de cada mês, mas ainda estávamos em uma quinta-feira. Issofez com que eu me iludisse momentaneamente que aquilo não era pela nossa farsa, mas porque ele realmente queria me ver

Tanto quanto eu queria revê-lo.

Ele abriu um leve sorriso, mas o cansaço e a exaustão estavam visíveis em suas feições. Sabia o quanto aqueles dias

vinham sendo difíceis para ele, que estava dando todo o apoio possível a Harry e aos bebês.

— O que está fazendo aqui? — sussurrei a dúvida que invadiu a minha mente.

— Caramba, Meg, eu também estou feliz em te ver, sabia?

Em qualquer outro momento, a resposta irônica dele me faria rir. Porém, dessa vez não senti vontade alguma disso.

Que motivos ele teria para se sentir feliz em me ver? Pela amiguinha de infância com quem ele se divertia com brincadeiras infantis de inventar histórias de fantasia? Aquela com quem ele também compartilhava seus segredos e falava sem qualquer pudor sobre suas saídas com outras mulheres?

Aliás, será que ele esperava em algum momento daquela visita me contar que tinha voltado a transar com a Julia? Como se nada, absolutamente nada tivesse ocorrido entre nós?

Ou será que a felicidade dele fosse, para além da melhor amiga, agora ter também um novo brinquedinho sexual descompromissado? Talvez estivesse na esperança de que nesta visita finalizássemos o que tínhamos deixado pendente da última

vez. Talvez apenas Julia não fosse mais o suficiente e ele quisesse diversificar um pouco.

Mas... que merda! Que tipo de pessoa eu era por ficar pensando a respeito disso em um momento como aquele? Perceber a expressão de tristeza no rosto de Doug me desarmou por completo. Eu odiava vê-lo daquela forma. Especialmente pelos motivos disso.

— Desculpe... — falei. — É que não imaginei que você viesse para cá em meio a tudo o que está acontecendo com a sua cunhada. Aliás, como ela está?

— Mal... — ele respondeu, soltando um suspiro cansado. — Chris e eu temos nos revesado para ficar com Harry e Adam, meu sobrinho. Lorian, minha sobrinha, irá para casa em alguns dias. Chris ficará com os três até domingo.

— Mas hoje você deveria estar no escritório, não é? Digo... é claro que eu queria te ver, Doug, mas não precisava ter vindo para cá por causa da nossa fars.. — calei-me repentinamente, temendo ser ouvida por algum empregado da casa. — do nosso compromisso.

— Não foi por compromisso algum que vim até aqui, Meg. Não foi por qualquer obrigação. Eu apenas precisava ver você. E precisava... te acompanhar hoje. Tive medo de não chegar a tempo.

Me acompanhar?

Então, ele se lembrava da data dos meus exames?

E ele tinha ido até Seattle para me acompanhar?

Lá estava Doug me desarmando completamente mais uma vez.

— Você não tem horário para chegar à clínica, Meg? Vai ficar aí parada no meio da escada como uma estátua?

Só então me dei conta de que estava justamente daquela forma, parada como uma estátua no meio dos degraus da escada.

Então, voltei a descer, indo até Doug e parando de frente para ele. Ele desceu os olhos até a minha barriga. Seu semblante cansado se iluminou em um sorriso.

— Posso? — ele perguntou, parando com as mãos a alguns centímetros da minha barriga.

E, quando assenti em silêncio, ele a tocou. Estava bem frio neste dia e eu usava uma blusa de lã, mas ainda assim consegui

sentir o toque dele, como se irradiando uma onda de calor para o meu corpo.

Eu tinha sentido tanto a f alta dele...

E ver a f ormacomo ele olhava para a minha barriga aquecia o meu coração de uma forma que eu sequer era capaz de descrever.

— É incrível o quanto ele ou ela cresceu em apenas algumas semanas.

— Você quer mesmo me acompanhar hoje? Essa coisa de exames pode ser meio chata.

— Nada relacionado a você ou a esse bebê pode ser chato para mim, Meg. Por f avor.. nem pense algo assim.

Tive vontade de pedir para que ele é que parasse de dizer coisas assim. Não queria ser iludida com esperanças de algo que nunca iria acontecer.

Porém, por f im, eu apenas concordei e deixei que ele me acompanhasse até a clínica. Ele tinha alugado um carro, como f azia todas as vezes que ia até Seattle, então f oidirigindo e apenas não passamos o trajeto em silêncio porque pedi mais detalhes sobre a

situação de Lia e dos gêmeos, e ele também me perguntou sobre a minha mãe. Mas não falamos de nada mais pessoal.

Percebi que, além de cansado, ele também parecia meio hesitante, como se quisesse me dizer alguma coisa, mas esperasse o momento certo para isso.

Pensei se ele não estaria querendo contar que voltou a transar com Julia. Talvez ele já tivesse percebido que o que aconteceu entre nós dois, para mim, não tinha sido meramente casual, e que eu era uma idiota apaixonada pelo melhor amigo.

E era por isso que ele evitava o assunto. Devia sentir receio de que aquela notícia me faria sofrer

E, que droga... ele estava completamente correto nisso.

Com a diferença de que não havia nada que ele pudesse evitar. Porque eu já sabia que ele estivera com Julia e já estava sofrendo o bastante com isso.

Chegando à clínica, levou apenas alguns minutos até que eu fosse chamada. E Doug me acompanhou, como se fôssemos um casal.

Como se ele fosse o pai do meu bebê.

E lá estava eu, me iludindo mais uma vez.

No entanto, qualquer constrangimento que pudesse existir entre nós se dissipou por completo quando o monitor exibiu as imagens do bebê em meu útero.

Ele estava bem maior do que da última vez. Bem mais f ormadinho. Se não f osse tão pequeno, eu diria que já estava prontinho para nascer, de tão perf eito que era.

— Vocês querem saber se é um menino ou uma menina? — a técnica responsável pelo ultrassom perguntou.

Eu instintivamente olhei para Douglas, como se ele de f ato f osse o pai do bebê, em busca de sua concordância com aquela decisão.

Ele sorriu para mim, e eu voltei a olhar para a mulher, movimentando a cabeça em uma af irmação.

Eu sabia que iria me emocionar com qualquer que f osse a revelação f eitapor ela. Por isso, logo que ela disse aquelas palavras eu senti meus olhos se inundarem em lágrimas:

— Vocês serão pais de um lindo e saudável menino.

Douglas segurou a minha mão e a apertou. Quando eu o olhei, percebi que também estava emocionado, olhando encantado para a imagem do bebê exibida pelo monitor.

Como se ele f osse, como achou a técnica, nosso. Meu e dele.

As lágrimas se tornaram ainda mais abundantes em meus olhos apenas por pensar a respeito daquilo.

— Vou deixar vocês um pouco a sós — anunciou a mulher, usando algumas f olhas de papel para limpar o gel que havia colocado em minha barriga para realizar o exame. — Em alguns minutos a médica virá conversar com vocês para tirar as dúvidas e f alar sobre essa próxima etapa da gravidez.

Dito isso, ela se levantou e saiu, deixando Doug e eu a sós. A mão dele ainda segurava a minha e, quando ele me olhou, abrindo um enorme sorriso, eu vi lágrimas em seus olhos.

— Meu Deus, Meg... Você viu isso? É um menino. E ele é tão perf eito, e está saudável...

— É... — Foi só o que eu consegui responder, em meio a emoção. Senti um sorriso bobo se f ormandoem meu rosto. — Você viu? Ele já está todo f ormadinho. É tão perf eito... Antes ele era apenas um f eijãozinho e agora... f alta pouco mais de três meses para ele nascer.

— E quando ele chegar, sua mãe estará curada, você será CEO da Dawson e terá a sua própria casa.

Meu Deus, era af litivo pensar naquela última parte.

— Terei menos de um mês para organizar tudo... Precisei entregar meu apartamento para o locatário, terei que encontrar um lugar para morar e montar todo o quartinho do bebê...

— E não esqueça que ainda teremos um casamento antes disso.

— Ah, mesmo de cama, minha mãe está cuidando de tudo, com a ajuda da Elise. Prepare-se para uma cerimônia e f esta bem bregas.

Nós dois rimos e, de repente, f oi como nos velhos tempos. Ao mesmo tempo em que existia aquele algo a mais na f ormacomo ele segurava a minha mão e olhava nos meus olhos, além do jeito como estava emocionado com o meu bebê.

E isso f oi tão bom que, por aquele momento, eu só queria continuar vivendo aquilo.

— J á que hoje você não deve ir para a empresa, podemos tirar a tarde para ver algumas casas. O que acha?

— Como assim, Doug? Não é tão simples. Eu realmente não sei nem por onde começar.

— Eu pesquisei algumas imobiliárias e deixei a marcação em aberto com duas delas, que podemos visitar hoje. O que acha?

— Você pesquisou casas... para mim?

— Peguei mais de dez opções que sei que seriam do seu gosto, Meg. Achei que isso poderia te f acilitar um pouco.

Eu ri. Tinha achado f of oda parte dele, mas isso esbarrava em algumas questões, como a primeira que declarei:

— Não tenho grana para comprar uma casa, Doug. Não sei se serei mesmo aprovada no processo seletivo estúpido do meu pai. E, caso não seja, talvez não tenha nem como alugar algo além de um apartamentinho pequeno.

— Podemos começar vendo aluguéis de casas. Você sempre gostou de casas, Meg. Sempre quis ter um quintal grande, ter cachorros... I magine esse garotinho crescendo em um lugar assim.

— Se eu não f or ef etivada, não terei como arcar com o aluguel de algo assim, Doug. I nf elizmente, esta é uma questão que eu só vou poder começar a cuidar depois da data de aposentadoria do meu pai.

— Que tal, inicialmente, você apenas olhar as casas? Caso goste muito de alguma, nós podemos dar um jeito.

— Nós? — questionei, perguntando-me se eu havia compreendido da f orma correta.

Douglas apertou a minha mão com um pouco mais de f orça.

— Estive pensando em algumas coisas, Meg. Em muitas coisas, na verdade.

— Sobre o quê?

— Sobre mim. Sobre você. Sobre o seu bebê. Sobre nós.

Nós? Existia um nós?

Um *nós t r ês*?

— Então conta, Doug...

— Bem... posso começar aproveitando que estamos aqui e que acabamos de descobrir que você terá um garotinho, e iniciar o assunto por ele.

— O que você pensou sobre o meu bebê?

— Eu pensei que... Que poderíamos...

A voz dele f oi interrompida pelo estridente toque de um celular. E ele se mostrou bem f rustrado com isso.

Soltando a minha mão, ele pegou o aparelho no bolso da calça e parecia ter a intenção de desligá-lo, mas se deteve quando viu o nome do contato que surgiu na tela.

— Preciso atender. É o Chris...

O tom de preocupação em sua voz deixava claro que ele temia que f osse alguma notícia ruim.

E eu tive a conf irmaçãodisso quando ele atendeu a ligação e soltou um longo e pesaroso suspiro.

Algo de muito ruim havia acontecido.

*****

Capítulo vinte e sete



Di as depoi s...

A vida era uma grande merda.

Uma grande e imprevisível merda.

Em um momento, eu estava vivendo uma f elicidade surreal ao estar ao lado de Meg durante aquele ultrassom. Ver aquele bebê me f ez ter ainda mais certeza do que eu queria f azer da minha vida.

Naquele rápido e iluminado momento, eu estava prestes a dizer a Meg que eu a amava, que não queria que nosso casamento f osse uma f arsa e que queria ser o pai de seu bebê. Que as casas que pesquisei não tinham sido analisadas por mim apenas para ela, mas para nós três. Para vivermos juntos como uma f amília.

Eu deveria ter entendido que nada daquilo tinha qualquer chance de se tornar real. O que um cara como eu entendia a respeito de f amília? Uma mãe morta durante o parto, um pai que não me registrou, um irmão que para todos os ef eitos era apenas meu amigo, já que sequer dividíamos o mesmo sobrenome. Aniversários, Dias de Ação de Graças e Natais passados sozinhos em um internato tão luxuoso quanto f rio. O que diabos tinha me f eito pensar que eu decidir que enf im teria a minha própria f amília f osse algo tão simples assim?

Então, a cena mudou. E no momento seguinte, eu estava pegando um avião de volta para Nova I orque, porque a f ilhada puta da vida decidiu f azer uma tragédia desabar sobre as nossas cabeças.

E, agora, lá estava eu, em um cemitério, presenciando o enterro de uma mulher que sequer pôde chegar aos seus trinta anos de idade. Que morreu em um hospital sem poder nem ao menos segurar nos braços os próprios f ilhos.

Eu não era próximo de L ia. Mas o desf echo dela me atingia de inúmeras maneiras. Por ser uma mulher jovem com uma vida inteira pela f rente, por ser a mãe que meus sobrinhos não conheceriam, por ser a esposa que meu irmão amava...

E por ser tão semelhante ao que eu tinha vivido em minha própria história.

Ela tinha partido com a mesma causa da morte da mãe que eu não cheguei a conhecer.

A vida, sem qualquer sombra de dúvidas, extrapolava os limites em ser uma grande f ilha da puta.

Chris estava de pé ao meu lado enquanto o enterro ocorria. Fomos até lá para apoiar Harry, mas este deixou bem claro que queria ficar sozinho. Era desta f orma que estava e que continuou, mesmo após a f inalização do enterro, bem próximo à lápide, enquanto as outras pessoas iam embora, cumprimentando-o com tapinhas no ombro, os quais ele sequer parecia perceber.

— É por isso que eu digo que casamento é uma bosta... — f oi o primeiro comentário que Chris f ez após longos minutos de silêncio.

Estávamos a uma distância considerável de Harry, de modo com que ele não poderia nos ouvir, mas de onde pudéssemos f icar de olho nele. Daríamos toda a privacidade que ele tanto queria e precisava naquele momento, mas não o deixaríamos sozinho.

Como eu não disse nada, Chris continuou.

— Quando você encontra uma pessoa e sente que ela foi feita para você, quando não acontece um divórcio, vem uma merda como essa.

— A Lia morreu, Chris. Foi uma fatalidade. Eles eram felizes juntos.

— Pois é, e agora não são mais. Harry era louco pela esposa, como ele vai superar isso?

— Eu não sei. Sinceramente não sei.

— E é por isso que eu digo que se apaixonar é a maior burrice que um homem pode cometer na vida.

Tomei fôlego para responder, mas alguém fez isso antes de mim.

— Burrice seria dar ouvidos a tanta bobagem que você diz, pelo amor de Deus.

Nós dois viramos nossos rostos na direção em que vinha aquela voz e eu me surpreendi ao me deparar com Lilly ali. Ela se aproximava de nós e parou do meu lado esquerdo, enquanto Chris seguia ao meu lado direito.

— O que você está fazendo aqui? — a pergunta nada delicada foi feita pelo meu amigo. — Nem conhecia a falecida.

— Imagino que seja difícil para alguém como você entender. Minha irmã estava muito triste porque queria vir, mas tem orientações médicas de não andar em aviões até o nascimento do bebê. Então eu me ofereci para vir no lugar dela, prestar condolências em nome da nossa família.

— Meg está bem? — perguntei, preocupado com a parte sobre ela estar triste.

Bem, era óbvio que ela tinha ficado muito abalada com aquela notícia. Por mais que não conhecesse Lia, era a esposa de um antigo amigo dela, além de provavelmente ter sentido o peso a mais da identificação da situação, já que também estava grávida. Notícias de uma mulher morrendo por complicações no parto definitivamente não eram as mais agradáveis para uma grávida.

— Ela está triste. Tanto pela situação quanto por não poder vir. Ela nem contestou muito quando eu avisei que viria no lugar dela. E você sabe bem como a Meghan é, não sabe?

— É, eu sei... Um tanto quanto orgulhosa para aceitar ajuda.

Lilly assentiu e olhou para Chris por um momento, como se o analisasse, antes de me perguntar:

— Nós podemos conversar a sós, Daniel?

— É Douglas — eu a corrigi. Embora já nem me importasse mais.

E antes que eu pudesse completar a resposta dizendo que poderíamos, sim, conversar, meu amigo ao meu lado rebateu:

— Não existem segredos entre Douglas e eu. Então, seja lá o que você quer f alar, especialmente se f ora respeito da Meghan, que também é minha amiga, pode f alar na minha f rente.

Eu podia compreender a implicância que meu amigo tinha com relação a Lilly. Mesmo com seu jeito que aos outros poderia soar como indif erente, Chris sempre f oi muito protetor com relação aos amigos, e isso incluía a Meg.

A versão que ele ainda tinha a respeito da situação era que Lilly era a f ilha queridinha do pai de Meg, amada e mimada enquanto nossa amiga não recebia nem uma migalha de af eto paterno.

Ele ainda não f azia ideia de que as coisas não tinham sido exatamente daquela maneira.

— Chris, por f avor.. — comecei a f alar

E ele rebateu sem qualquer pudor:

— Você é meu melhor amigo, Doug. Mas a Meg também é minha amiga e def endo aqui os interesses dela.

— Def enderde quê? — L illy se exaltou. — Acha o quê? Que sou uma canalha predadora que vou dar em cima do noivo da minha irmã?

— Não tenho como saber. Garotinhas mimadinhas como você são meio que acostumadas a quererem tudo o que é de outras pessoas.

— Chris, por f avor! — voltei a pedir, com a voz tão alta que encobriu a de L illy, que se mostrava revoltada com a suposição dele.

— Querem saber? — ela questionou, irritada. Seus olhos se alternaram de Chris para mim. — Ele está f alando a verdade sobre você não ter segredos com ele?

— É claro que estou! — meu amigo se adiantou em responder.

Para evitar mais conf litos, eu apenas balancei a cabeça em concordância.

L illy suspirou, vencida.

— Bem, se ele sabe realmente de tudo, posso f alar sem medo. — Ela respirou f undo,como se reunindo coragem para o que declararia a seguir. — O papai também já sabe.

— J á sabe do quê?

— De você e da Meghan. Que o noivado é f also e que não vai ter casamento nenhum.

O quê?

Ele poderia ter suas desconf ianças,mas como poderia saber daquilo com certeza?

Aliás, como L illy sabia?

Estaria ela jogando uma isca para ter uma conf irmação?

— O que exatamente a Meg contou a você? — perguntei, cauteloso.

— Ela não me contou nada. Na verdade, ela nem sabe que eu sei. Eu ouvi meu pai semana passada conversando ao telef one com alguém que devia ser um detetive particular.

— Conversando o quê?

— Sobre ter investigado você Descobriram que você estava em uma viagem de trabalho na F lórida na semana da concepção do

bebê. Então, ele sabe que o filho não é seu e que Meghan e você apenas se encontraram pessoalmente, depois de anos, no dia seguinte à data que ele nos enviou o e-mail com suas regras para assumirmos o lugar dele na empresa.

— Que filho da puta... — Chris se indignou, parecendo não se importar nem um pouco com o fato de que estava falando a respeito do pai de Lilly.

E ela também não tentou defender o pai do xingamento e apenas continuou com o seu relato:

— Bem, eu ouvi parte da conversa do meu pai pelo telefone e ouvi algo sobre o tal detetive ter enviado para ele, no e-mail da empresa, alguns documentos que comprovavam tudo. Estávamos na casa dele quando eu ouvi essa conversa. Eu tinha ido ao quarto da mãe da Meghan para ver como ela estava e meu pai passou falando no telefone pelo corredor. Como você sabe, as paredes daquele corredor não são muito à prova de som.

— Ah, é... — Chris comentou, como se fosse relevante para a situação. — Já tinha esquecido a história de você ter empatado a foda da sua irmã.

— Cala a boca, Chris! — retruquei. — Então, Lilly... você sabe que documentos são esses?

— É claro que sei. Eu fui para a empresa, esperei o horário que meu pai sempre sai para o almoço, entrei na sala dele e procurei no seu computador de lá. Não foi difícil descobrir a senha do computador dele. A data de criação da Dawson Beauty.

Ela bufou e eu conseguia compreender sua indignação com aquilo. Pessoas normais e sem criatividade para senhas geralmente usam datas importantes em seu âmbito pessoal, como dia do casamento ou do aniversário de um dos filhos.

Aquele imbecil do Thomas Dawson era um idiota previsível demais.

Lilly continuou:

— Tinha um arquivo de áudio. Uma conversa do tal detetive com um barman, que contou ter, na data em que você e Meghan se encontraram, ouvido a conversa. Ele comentou que escuta muitas conversas curiosas todas as noites, mas a de vocês chamou mais a atenção dele por incluir um pedido para um noivado de fachada. Além disso, tinha documentos judiciais que mostravam que você teve três audiências na Flórida na semana em que supostamente

minha irmã engravidou, além de registros em hotéis e passagens aéreas. Enfim, o que importa é: o meu pai sabe de tudo. E ele provavelmente está armando alguma coisa.

— É mesmo um desgraçado... — Chris voltou a resmungar.

Eu concordava com ele, mas me contive para ser objetivo com a situação.

— Quem mais sabe? A senhora Rachel ouviu também a tal conversa?

— Não. Ela estava dormindo quando fui vê-la, e fiquei conversando com a Elise. Nós meio que ficamos amigas, especialmente depois que ambas ouvimos tudo isso.

— Então a cuidadora da senhora Rachel também sabe.

— Sabe. Mas ela é de inteira confiança. E também gosta muito da Meghan. Então estamos meio que juntas nisso. Ela sabe que vim para cá para conversar com você. Não queremos que a Meghan saiba. Por tudo o que ela tem passado com a mãe, seria péssimo ter mais essa preocupação em meio à gravidez.

— Fez bem, Lilly. Fez muito bem. É melhor que por enquanto ela continue sem saber. Eu vou dar um jeito em tudo isso.

— Mas então... tudo pode ter começado com uma mentira... mas não é mais, não é? Tipo... eu vejo como você e a Meghan se olham, como os olhos dela brilham quando você está em Seattle. Dá para notar o quanto estão apaixonados.

Aquilo mexeu comigo. Eu sabia o quanto eu estava apaixonado por Meg, e era evidente a atração que ela sentia por mim. Contudo, em diversos momentos eu me questionava se não estaria confundindo as coisas ao deduzir que ela pudesse sentir algo mais do que uma simples atração física.

— Acha mesmo isso? — questionei.

Ao meu lado, Chris bufou.

— Tu é muito lerdo se não tiver reparado no quanto a Meg tá caidinha por você. No dia em que estive em Seattle deu para perceber.

Lilly incrivelmente concordou com ele.

— Pela primeira e talvez única vez na vida, eu vou ter que dizer que o Christian tem razão.

— Christopher... — meu amigo a corrigiu. Se ele conhecesse Lilly melhor, saberia o quanto aquilo era inútil.

— Ela contou alguma coisa para você? — insisti. Mesmo sabendo que, se tivesse sido o caso, Lilly provavelmente não revelaria algo dito em segredo pela sua irmã.

A expressão no rosto dela passou a exibir desânimo.

— Não. Ela não me conta tanta coisa assim. A gente se dá bem, mas acho que ela ainda não confia em mim.

— Acredite, não se trata disso. Meg é muito introspectiva e sempre teve seus segredos que nunca contou nem mesmo a mim. Não por falta de confiança, mas... por insegurança e vergonha, talvez. Ela nunca me disse, por exemplo, sobre as cartas que escrevia para você. — Nem sobre ter sido apaixonada pelo Harry, emendei mentalmente. Por mais que fosse um tanto ridículo eu ainda me prender a isso. — Ela sempre quis poder ser sua irmã, e está felizpor essa aproximação. Não pense que ela não confia em você. Este é apenas o jeito dela.

Lilly sorriu e então eu tive ainda mais certeza sobre como aquilo era, também, importante para ela.

— Obrigada...

— Eu é que agradeço. Por ter vindo até aqui e me contado a respeito de tudo isso.

— E o que você vai f azer agora? — Chris me perguntou, provavelmente se ref erindo à situação com o pai de Meghan.

— Vou pensar em algo.

Só não f azia ideia no quê.

Mas estava mais do que disposto a resolver tudo aquilo.

*****

Capítulo vinte e oito



Novamente, a mesma mensagem.

O número chamado estava f ora da área de cobertura ou desligado.

Eu estava há apenas algumas horas tentando f alar com Doug. Tinha antes enviado algumas mensagens e, como ele sequer as visualizou, decidi telef onar

Mesmo correndo o risco de voltar a ser atendida por J ulia ou alguma outra amante dele, eu estava já em um nível em que a preocupação era muito mais f orte do que qualquer ciúme que eu poderia sentir.

Eu queria notícias, apenas isso. O enterro tinha sido no dia anterior. L illy tinha ido no meu lugar, mas não tinha f aladocomigo à

noite e eu nem cheguei a tentar ligar para ela naquela manhã, já que sabia que provavelmente estaria com o celular em modo avião por causa do voo. Eu precisava saber como estava Harry, como estavam os bebês...

E como Doug estava.

Toda a situação, por si só, era triste demais e abalaria qualquer um. Mas mesmo sabendo que Doug não era muito próximo a Lia, eu estava certa de que, mais do que sentindo pela tristeza do irmão, ele também sofria com todas as semelhanças daquele caso com o de seu próprio nascimento, com a forma como sua mãe morreu.

E eu queria estar por perto... queria poder abraçá-lo. Mas a distância e a impossibilidade de viajar me impediam.

" O número chamado se encontra fora da área de cobertura ou desligado..."

Desliguei o celular, já irritada com aquela repetição, e o joguei ao meu lado no sofá da sala. Que merda, por que Doug não me atendia? Era sábado, passava das dez da manhã, então ele

certamente não estava no escritório nem em uma audiência. E não tinha o costume de acordar muito tarde.

A não ser que tivesse em sua cama uma companhia agradável demais para ser deixada de lado.

E lá estava eu, novamente, sendo assombrada pelos ciúmes.

Respirei f undo, tentando mentalizar que tudo estava bem. Talvez ele estivesse com o irmão e tinha desligado o celular porque, em uma situação como aquela, deviam ter outras pessoas ligando e isso poderia estar incomodando Harry.

Pensava a respeito disso quando ouvi a voz de L illy vinda do quintal. I nicialmente, imaginei que estivesse, como de costume, conversando com o celular em uma de suas lives ou stories. Porém, logo ouvi uma voz masculina rindo de algo que ela tinha dito e f azendo um comentário a respeito.

Uma voz muito f amiliar

L evantei-me e olhei para a porta. Mais alguns segundos e os dois chegaram, trazendo malas, provavelmente chegando juntos de Nova I orque.

Doug estava ali.

Ele parou e me olhou. E eu, vencida por um impulso, sequer pensei antes de correr até ele e me jogar em seus braços, abraçando-o enquanto chorava emocionada.

De alívio, pela preocupação que senti por ele não atender as ligações.

De tristeza, por tudo o que tinha acontecido em sua f amília.

E de emoção por ele estar ali.

Meu Deus, ele estava ali... comigo.

Quando repassei mentalmente esta última f rase, veio-me o pensamento do quanto eu estava sendo egoísta. Não era para ele ter ido a Seattle. Era para estar em sua cidade, junto com o seu irmão.

— O que está f azendo aqui? — perguntei baixinho, sem ter coragem para soltá-lo.

— Ainda tinha vagas no voo da sua irmã, então decidi vir com ela. Sinto muito ter ido embora às pressas naquele dia.

Af astei-me um pouco dele, embora não o suf iciente para deixar o aconchego de seus braços. Apenas o bastante para poder levantar o rosto e olhá-lo nos olhos.

— Você teve que ir. E, agora, deveria estar com o seu irmão.

Ele suspirou, cansado.

— Harry não quer companhia. Não quer conversar e respeitamos esse espaço dele. De qualquer maneira, Chris foi para a casa dele, vai passar alguns dias por lá para que de alguma forma ele não fique sozinho. Também contratamos babás para cuidarem dos gêmeos.

Assenti, sentindo meu coração doer ao pensar na situação de Harry. Eu sequer poderia imaginar como devia ser aquela dor de perder uma pessoa que se ama, especialmente em circunstâncias como aquela, em um momento que deveria ser de felicidade com a chegada dos bebês.

Atentei-me ao fato de que não havia sequer cumprimentado minha irmã e virei o rosto para o lado. Porém, ela não estava mais lá. Sua mala estava no chão, bem ao lado de Douglas, mas era como se ela tivesse desaparecido.

— Onde está a Lilly? — perguntei, olhando ao redor à procura dela pela sala.

— Ela foi chamar os seus pais. Precisamos conversar com eles.

— O quê? — perguntei, assustada, voltando a olhá-lo. — O que temos para conversar com eles?

— Deixe que eu assumo a narrativa, certo? E, só para não te deixar em choque, vou iniciar contando que não sou o pai biológico do seu bebê. A partir desse ponto, apenas confirme a versão que vou contar.

— O quê? — Eu enfim me afasteidele, recuando um passo. — Está louco, Doug? O que você... Você desistiu de me ajudar com tudo isso? Estávamos tão perto, pouco mais de dois meses até o casamento, e...

Ele deu um passo à frente, tomando meu rosto entre suas mãos de forma carinhosa e acolhedora. O olhar protetor que me lançou, ao mesmo tempo que derreteu o meu coração, me encheu de segurança.

— Não desisti. Muito pelo contrário, Meg. Quero tornar isso muito mais real do que planejamos a início. Mas vamos precisar de uma mudança de planos e contar a eles a verdade a respeito da concepção do bebê.

— O quê? Mas... Por quê?

— Porque o seu pai já sabe disso. Então é melhor que a gente o surpreenda, antes que ele mesmo decida tentar usar isso contra você.

Por um instante, f iqueicompletamente sem f ala,sem saber o que dizer, ainda digerindo aquelas palavras. Meu pai tinha descoberto tudo?

Não era surpreendente, no entanto. Ele já estava se mostrando desconf iado. Era previsível que f izesse de tudo para conf irmar suas suspeitas.

Ouvi o som de passos na escada, seguida pelo da voz da minha mãe.

— Doug, meu querido... Você voltou! Como você está? Como está o seu irmão? Eu sinto tanto pelo que aconteceu...

Acompanhada por Elise, ela terminou de descer as escadas e Doug f oide encontro a ela para abraçá-la. Um pouco atrás dos dois vinha L illy, acompanhada pelo nosso pai.

F iquei a encará-lo enquanto minha mãe e Doug continuavam a conversar a respeito do ocorrido com L ia. Elise se retirou, provavelmente sabendo que iríamos tratar de algum assunto de f amília – se é que poderíamos ser considerada como uma. Aquele

homem, para mim, não era nada além de um sujeito desprezível que parecia sempre f azer o possível para prejudicar as próprias f ilhas.

Como em uma comprovação a este pensamento, ele apontou para a mala cor-de-rosa (e nada discreta) de L illy que ainda estava próxima à porta da sala e questionou:

— O que é isto? Por acaso acha que vai voltar a morar aqui e será colocada novamente na disputa pela vaga de CEO? J á f ezsua escolha, L illy.

Depois de ter renunciado à disputa, L illy havia passado apenas mais alguns dias morando ali naquela mansão e, então, voltara para o seu antigo apartamento.

— Não, papai — ela respondeu. Ainda se mostrava sempre muito respeitosa e carinhosa com ele, apesar de tudo o que ele disse e f eza ela. — Eu apenas acompanhei Dani... Digo, o Douglas até aqui. Voltamos de Nova I orque no mesmo voo.

— Ah, é verdade... — Ele enf im olhou para Douglas e estendeu a mão para ele, de modo f ormal.— Sinto muito pela sua perda f amiliaŗ rapaz. Mande minhas condolências ao seu irmão Harry Compton.

A nítida irritação que Douglas tentava disfarçar em seu rosto deixava claro que ele não repassaria aquele recado.

— Obrigado, senhor Dawson. Pedi para que Lilly me acompanhasse até aqui porque tenho algo importante a dizer e gostaria de toda a família reunida para isso.

Meus pais e Lilly se sentaram no sofá. Eu fiquei de pé, ao lado de Doug, porque sabia que ele diria algo relacionado a nós dois.

E foi exatamente o que ele fez. Porém, não começou com a revelação sobre o bebê, que me disse que seria a primeira coisa.

— Primeiramente, quero anunciar que Meghan e eu queremos adiantar o casamento em algumas semanas.

— O quê? — A surpresa veio da minha mãe. E eu precisei me controlar para não a imitar. — Por que isso, querido? Todos os preparativos já estão sendo tão corridos...

— O intervalo entre a cerimônia e a festa de aposentadoria do senhor Dawson seria de apenas uma semana. Meghan vai querer se empenhar no trabalho nesses últimos dias, até porque logo depois ela entrará em licença-maternidade. Não queremos que as coisas fiquem tão corridas para ela justamente nos meses finais

de gestação. Não é, querida? — ele me perguntou, dando um beijo em meu rosto.

Que merda... Ele poderia ter me contado previamente sobre aquela parte do plano também.

— Claro, amor... — respondi, forçando um sorriso.

Não era difícil deduzir por que Doug optava por essa mudança. Quanto maior fosse o intervalo de tempo que permanecemos oficialmente casados, mais difícil seria conseguirmos uma anulação. E ele sabia que meu pai também tinha ciência disso.

Se o meu pai realmente já sabia sobre Doug não ser o pai do bebê, junto a todas as desconfianças que ele já tinha sobre nosso noivado ser uma farsa, era óbvio que ele já antevia o nosso plano de anular o casamento depois que eu assumisse oficialmente como CEO da Dawson Beauty.

Só que o problema estava justamente nesse ponto: para convencer o meu pai que não planejávamos anular o casamento, precisaríamos justamente tornar essa anulação realmente mais difícil. Será que Douglas tinha pensado a respeito disso?

— Sem contar que... — Doug continuou. — Sei que o combinado é que Meghan f icará morando nesta casa até o dia da sua aposentadoria, senhor Dawson. Mas é óbvio que, como recém-casados, vamos querer nos mudar para a nossa própria casa já no dia seguinte a isso. F oi por isso que voltei a Seattle, aliás. Nós dois pretendemos, nos próximos dias, f echar a compra da nossa nova casa.

— Pretendemos? — perguntei, sem nem me dar conta.

— Ah, querida, sei que está meio relutante com isso. Mas se lembre de que precisamos correr para arrumar o quarto do nosso bebê.

— Entendi... — meu pai f alou, com sua voz severa. — Então é isso que queriam contar? Que vão adiantar o casamento e que estão f echando a compra de uma casa?

— Na verdade... — Douglas segurou minha mão junto à sua. — Tem mais uma coisa que achamos que seria justo que todos soubessem. — Ele f ez uma pausa, declarando tudo em um f ôlego só. — Eu não sou biologicamente pai do bebê da Meghan.

*****

Capítulo vinte e nove



— O quê? — minha mãe questionou, horrorizada.

— Nossa, o quê? — sentada ao lado dela, Lilly repetiu o questionamento. Contudo, ao olhá-la, tive a ligeira impressão de que sua surpresa fosse mero fingimento.

Douglas, então, contou a história:

— Quero que saibam, inicialmente, que isso não importa nada para mim. Amo a Meg e amo seu bebê. Serei o pai dele, não me importo que não tenha o meu sangue. Mas a Meghan, na verdade, engravidou de um ex-colega de trabalho. O cara foi, desculpem o termo ofensivo, mas um filho da puta com ela. Eu estava em uma semana de audiências na Flórida quando Meghan me ligou contando sobre ter ficadocom ele sem qualquer proteção.

A partir de então, passamos a nos falar por ligações todos os dias e, mesmo à distância, sentimos que nossa amizade foi mudando. Um dia depois que ela descobriu que estava grávida, contou isso para ele e foi completamente desprezada pelo canalha, nós conversamos e eu pedi para que ela fosse até Nova Iorque me encontrar. Então, foi tudo muito rápido. Entendemos que estávamos apaixonados um pelo outro e eu prometi a ela que iria assumir o bebê. E decidimos fazer tudo da forma certa, com casamento, como manda o figurino.

— Oh, meu Deus... — minha mãe exclamou. Levou a mão ao peito e suspirou, como se estivesse ouvindo a mais linda história de amor. — Vocês foram mesmo feitos um para o outro. Você é um homem maravilhoso, Doug. Mas, filha, por que não me contou a verdade? Não achou que eu fosse te julgar, não é? Nunca faria isso.

Eu simplesmente não conseguia pronunciar uma única palavra, tamanha era a minha surpresa com toda aquela história nova, que misturava parte do que realmente tinha acontecido com uma nova dose de mentiras a respeito da sequência de acontecimentos.

Parecendo perceber isso, Lilly respondeu por mim:

— Acho que Meghan provavelmente quis evitar que a senhora se preocupasse. Por causa de seu estado de saúde. Não é, Meghan?

Antes que eu pudesse sequer movimentar a minha cabeça em concordância, meu pai voltou a f alar

— Então, minha f ilha mais velha engravidou de um homem, mas vai se casar com outro...

— F az dif erença, senhor? — Douglas instigou, segurando minha mão com mais f orça. — Como disse: eu serei o pai deste bebê. É como eu já me sinto. E amo sua f ilha. Se o senhor tem medo de algum possível escândalo, pode f icar tranquilo, porque toda essa história f icará apenas entre nós. Mas Meghan e eu não queríamos começar nossa história com uma mentira, então conversamos na última vez que estive aqui e decidimos reunir a f amília e contar tudo a vocês.

— Sei. Agradeço que tenham decidido pela sinceridade — o tom de voz do meu pai deixava claro que ele tentava juntar todas aquelas peças, mas ainda desconf iavade que algo estivesse sendo omitido.

Porém, ele não insistiu e, dando o assunto como encerrado, apenas deixou o cômodo.

Minha mãe, então, começou a falar sobre a remarcação do casamento e Lilly chamou Elise para se juntar a nós, já que ela vinha auxiliando na organização da cerimônia e da festa.

Nem vi como tudo aconteceu, mas, quando me dei conta, já estávamos todos sentados sobre o tapete da sala, ao redor da mesa de centro que estava lotada de cadernos e agendas com anotações, além de um tablet onde eram passadas fotos que eu sequer conseguia processar direito, mas que envolviam bolos, buf ês, flores, ornamentos e modelos de convites.

Eu apenas movimentava a cabeça em concordância para tudo o que falavam, porque a minha cabeça estava completamente a mil com tudo aquilo. Já Douglas, em compensação, ou era um ótimo ator, ou realmente demonstrava interesse em tudo aquilo, dando opiniões precisas.

Horas se passaram nisso, até que uma empregada da casa veio nos informar que o almoço estava sendo servido. Aguardei até que Elise, Lilly e minha mãe se retirassem da sala e segurei a mão de Doug para que continuasse ali, até que estivéssemos a sós.

— Você está bem? — ele me perguntou, preocupado.

— O que f oitudo isso, Doug? Disse que o meu pai descobriu sobre o bebê?

— É, ele descobriu. E sabia que você estava armando para ele. Foi por isso que achei seguro contar a verdade antes que ele decidisse nos conf rontar

— Contou *par t e* da verdade.

— É... precisei colocar algumas alterações no meio. Não podia conf irmar as suspeitas dele de que tudo entre nós tivesse começado realmente com um plano para enganá-lo.

— Mas você parou para pensar no que você se meteu? Quanto mais tempo f icarmos casados, mais dif ícil será para conseguirmos anular o casamento. Eu sei que podemos optar pelo divórcio, e eu sinceramente não me importo, mas você não merece carregar injustamente o status de 'divorciado'. E essa história de comprar uma casa?

— Eu vou comprar uma casa em Seattle. E quero que ela seja uma escolha de nós dois.

— Você quer se mudar para Seattle? Vai gastar dinheiro comprando uma casa apenas para manter essa mentira? Doug, por

f avor.. isso não é justo com você.

— Não, Meg. Eu não quero manter uma mentira. Assim como não quero o tal status de divorciado. E, sim, como eu disse, precisei f azeralgumas alterações na nossa história, mas não em toda. Toda a parte do f inal é completamente real.

— O quê? — minha voz saiu em um sussurro, porque eu temia que estivesse me iludindo com o que eu achava que aquilo poderia signif icar

— Eu amo você. Eu quero ser pai do seu bebê. Quero ser seu marido. E tudo bem para mim se você não quiser essa última parte e decidir por se divorciar depois de tudo, eu vou aceitar sua decisão. Mas algo me diz que você sente o mesmo que eu.

— Doug... eu... — comecei a f alar, mas voltei a me calar quando uma das mãos dele acolheu o meu rosto. Seus dedos deslizando levemente sobre a minha pele, provocando arrepios em cada célula do meu corpo.

— Me deixa ser o pai do seu bebê, Meg. Mesmo que a gente não f iquee junto. Nós vamos nos casar, porque eu te prometi que iria contigo nessa até o f im, mas eu não quero que o f im seja quando você conseguir o comando da empresa. Quero mais do que isso. A

não ser que você me diga agora, olhando nos meus olhos, que não me ama. Ou que me ama apenas como amigo. Consegue me dizer isso?

— Eu... eu... — gaguejei. Como eu conseguiria dizer aquilo daquela f ormą olhando nos olhos dele? Quando percebi, já estava declarando em voz alta o que o meu coração já gritava em meu peito. — Eu amo você, Doug.

Então, os lábios dele se uniram aos meus em um delicioso e intenso beijo.

*****

Capítulo trinta



Foi um verdadeiro suplício suportar passar todo aquele dia estando tão próximo a Meg e, ao mesmo tempo, mais distante do que de fato desejava estar. A mãe dela estava um pouco surtada com a antecipação do casamento e quis que passássemos o dia inteiro com ela para ajudarmos a decidir os detalhes que ainda faltavam.

Eu não me importava qual seria a fonte usada nos convites, muito menos nos tipos de floresideais para decorar a igreja. Apenas dava opiniões dentre as opções, sem pensar muito a respeito, e era engraçado perceber que Meg agia da mesma maneira.

Éramos ambos tão práticos e pouco adeptos a tradições, que eu só conseguia ter ainda mais certeza de que éramos realmente

f eitos um para o outro.

Até que, enf im, chegou a noite. Thomas Dawson f ez aquela exigência estúpida do jantar às oito, e se retirou logo depois da ref eição. Elise f oi embora, sendo substituída por outra cuidadora, que levou a senhora Rachel para o quarto. L illy também se f oi. Aliás, saiu junto com Elise, contando que as duas iriam juntas a um pub novo que havia inaugurado há pouco tempo, para o qual ela tinha recebido um convite VI Pe um bom cachê em troca de uma visita, um post e alguns stories em seu I nstagram.

E, então, f inalmente Meghan e eu enf im estávamos a sós. Subimos juntos para o segundo andar da casa e eu ia para o quarto de hóspedes para onde minha mala já tinha sido levada. Contudo, ela me deteve, puxando-me para o seu próprio quarto.

L ogo que a porta se f echou, nós praticamente nos atiramos um contra o outro, unindo nossas bocas em um beijo af lito e insaciável.

Até que ela, inspirando prof undamente como se f osse um verdadeiro sacrif ício ter que f azer aquilo, af astou-se de mim, olhando-me nos olhos.

— Por favor, Doug... Me diga se você estava mesmo falando sério.

— Sobre as peônias para decorar a igreja? Ou sobre o convite com letras metalizadas? Para ser sincero, eu achei todas as opções muito bregas, mas Lilly garantiu que aquele último modelo de convite estava em alta, e...

— Para de ser engraçadinho! Não estou falando sobre o casamento. Estou falandosobre... Que droga, é justamente sobre o casamento, mas... Ah, você entendeu muito bem!

Ela fez bico, como fazia sempre que estava impaciente com algo. E eu não resisti em segurar seu queixo, depositando um leve beijo naqueles lábios.

— Estou apaixonado por você, Meghan Dawson... — declarei com a voz sussurrada, com meus lábios ainda próximos aos dela. Levei minha mão livre até a barra de seu casaco de moletom, deslizando-a por sua barriga por baixo do tecido. — Amo você e amo o nosso filho. Eu pareço não estar falando sério?

O bico dela se desfez, dando lugar a um leve sorriso, e eu não resisti em voltar a beijá-la, ao mesmo tempo em que a guiava até a cama, onde ela se deitou de costas.

Devagar, sem deixar de beijá-la, comecei a despi-la. Pouco a pouco, sem pressa. Logo que tirei toda a parte de cima, fiz uma pausa para deleitar-me acariciando e lambendo seus mamilos, extasiado com os baixos gemidos que ela soltava a cada carícia. Depois, ainda devagar, tirei o restante de suas roupas, beijando cada centímetro de pele que deixava exposta. Por mais que meu corpo ansiasse desesperadamente pelo dela, quis prolongar aquele momento o máximo que fosse possível.

Parei tudo o que fazia e fiquei a contemplá-la durante alguns segundos, desejando gravar aquela imagem para sempre em minha mente. Ela completamente nua sobre os lençóis, seus cabelos loiros espalhados ao redor de sua cabeça, de forma sensualmente bagunçada, a barriga chegando ao fim do segundo trimestre de gestação, os olhos azuis cravados aos meus, inundados em puro desejo.

— Achei que fosse ser estranho... — ela confessou. — Me ver assim, completamente nua diante de você. Eu sempre me senti um pouco tímida com os outros caras, mas com você é tão... natural...

— Podemos não falar sobre os outros cara? — usei um tom de brincadeira na minha fala, mas a verdade é que a ideia de que

outros homens já a haviam tocado me incomodava.

Desde quando eu era tão possessivo?

— Seu bobo. Foram bem menos do que a quantidade de mulheres que você teve. Desde os tempos de ensino médio, aliás.

— Podemos não falar sobre outras também? Você será a única a partir de hoje. Na verdade... você já é a única há algum tempo. Ainda que a gente nunca tenha ido até o fim nisso.

Ela se sentou diante de mim e, também devagar, começou a também me despir, tirando meu paletó e minha camisa. Fiquei de pé e cuidei de tirar as calças e a cueca, terminando o trabalho diante dos olhos famintos dela.

Ela mordeu o lábio inferior de forma extremamente sensual, mostrando que gostava do que via. Se não fosse a gravidez, eu simplesmente me lançaria sobre ela, penetrando-a de forma bruta, como costumava fazer Mas, de repente, eu me vi com medo de machucá-la, como se ela fosse algo precioso e frágil.

— Não vou me quebrar, Doug... — ela falou,como se lesse a minha mente.

Algo que era, aliás, muito comum entre nós.

Como eu podia ter demorado tanto para perceber que Meghan era a mulher da minha vida?

Voltei para a cama, começando novamente a beijá-la, f azendo com que voltasse a se deitar de costas. Então, eu me posicionei sobre o corpo dela, deixando o meu tronco elevado e as mãos apoiadas uma de cada lado dela, de f orma com que não pressionasse a sua barriga. Af astei suas pernas e me ajoelhei no meio delas, sobre a cama. Usei as mãos para erguer seus quadris e puxei um travesseiro para posicioná-lo abaixo de sua coluna.

Percebendo que ela estava em uma posição conf ortávelpara a sua gestação, eu não mais consegui me controlar e, enf im, f iz aquilo que desejava f azerjá há tantas semanas ou mesmo meses. Eu a penetrei, em um único e longo movimento, até o f im.

— Doug... — ela pronunciou o meu nome em um gemido que ela em vão tentava conter.

E isso me f ez novamente precisar me controlar para não a possuir da f orma selvagem como gostaria.

I niciei os movimentos de quadris, inicialmente devagar, deliciando-me com os sons de seus gemidos. Percebi que ela no início tentava se conter, provavelmente temendo ser ouvida. Porém,

aos poucos aquilo começou a parecer mais dif ícilpara ela, o que me excitava ainda mais.

Não suportei aquele ritmo lento por muito tempo, e a f orma como Meg movia seus quadris de encontro aos meus deixava claro que ela também estava ávida por aquilo. Então, eu acelerei, passando a empurrar com mais f orça, estocando-a com a urgência de quem há tanto tempo desejava aquilo. Ver a f orma como ela f echava os olhos e se contorcia de prazer embaixo de mim era enlouquecedor. Ela agarrou os meus braços, cravando as unhas em minha pele, enquanto choramingava o meu nome e pedia por mais.

Mais rápido.

Mais f orte.

Mais. Mais.

Eu lhe daria mais. Eu lhe daria tudo.

Eu seria capaz de dar o mundo àquela mulher.

Não resisti em também f echar os olhos por um instante, tomado pelas ondulações de prazer que subiam pelas minhas coxas. Mas logo voltei a abrir as pálpebras, encontrando os olhos azuis dela exibindo um prazer tão intenso que deixava claro que ela já estava quase lá, assim como eu.

Até que ela chegou ao ápice e arqueou o corpo, sem reprimir o grito que escapou de sua garganta. E eu a acompanhei logo em seguida, jorrando meu líquido quente no interior dela.

Deitei-me ao lado dela, puxando-a para junto de mim. Ela aconchegou o rosto sobre o meu peito e eu beijei demoradamente o topo de sua cabeça. O cheiro adocicado de seus cabelos já f oi o suf iciente para voltar a me excitar

— Amo você, Meg — declarei.

— Você já disse isso hoje — ela brincou em resposta, com a voz ainda um pouco of egante. — Algumas vezes, aliás.

— E vou seguir a repetir.

— Eu sempre amei você, Doug. Embora esse amor tenha mudado com o passar do tempo.

— Espero que tenha mudado para melhor.

— Para melhor, maior, mais intenso... mais perf eito. Mais completo. Acha que isso é estranho? Eu tive muito medo de assumir até mesmo para mim mesma que passei a te ver de f ormadif erente, porque tive medo de que com isso as coisas mudassem entre nós e você deixasse de ser o meu melhor amigo.

— Você acha que mudou? Bem, é meio evidente que mudou, mas... Meg, você será a minha melhor amiga para sempre. Ainda mais, já que também seremos marido e mulher.

— Marido e mulher... — ela repetiu, parecendo gostar do som daquelas palavras.

— Além de pais.

Ela levantou o rosto, me olhando nos olhos em silêncio, pensativa.

— No que está pensando? — perguntei.

— Que quero você dentro de mim de novo. Agora. Claro, se você estiver pronto para repetir.

Ah, eu estava. Mais do que pronto.

Então, nos amamos novamente. Desta vez, de f orma ainda mais intensa do que na primeira vez.

*****

Capítulo trinta e um



Ainda completamente nus por baixo das cobertas, dividíamos a cama do meu quarto naquela manhã chuvosa. Ambos com as costas apoiadas na cabeceira, usávamos o iPad de Doug para ver f otos das casas que ele havia selecionado para conhecermos.

Ele já havia decidido toda a parte dele. J á era há algum tempo do interesse dele e de Chris expandirem seu escritório de advocacia, abrindo f iliais em outras cidades, e aparentemente Seattle sempre tinha sido uma das opções para eles. Aquele mês que seguiria até o dia do nosso casamento seria de muita correria para que ele conseguisse transf erir toda a sua vida para outra cidade.

— E então, depois do casamento, como o babaca do seu pai deixou claro que quer que você more aqui até o dia em que ele tomará a decisão se repassa ou não a empresa para você, vou aproveitar para voltar a Nova Iorque e resolver trâmites da inauguração do novo escritório em Seattle. Mas estarei de volta antes de o bebê nascer. Nossa Lua de mel vai ter que esperar até que você seja efetivamente a nova CEO da Dawson Beauty

— Bem que meu pai chegou a pensar que você pudesse estar querendo me dar um golpe, não é? Enquanto sou uma reles aprendiz, você não quer viajar comigo — brinquei.

— Meu Deus, fui descoberto! — Ele fingiu uma expressão de espanto, antes de me surpreender com um selinho. — Quero viajar o mundo inteiro com você. Mas, ainda que não fossem as exigências estúpidas do seu pai, você não pode fazer longas viagens estando já no último trimestre de gestação. E quando o nosso filho nascer, precisaremos de alguns meses para poder curti-lo e cuidar dele até que ele fique um pouquinho maior e a gente possa deixá-lo alguns dias com a sua mãe para fazer nossa viagem de Lua de mel.

Eu amava o som da voz dele dizendo 'nosso filho'.

— E você já perguntou à minha mãe se ela vai querer ser babá do neto?

— Acha mesmo que eu preciso perguntar? Ela está louca por isso.

Eu ri, porque sabia que era verdade.

Minha atenção f oivoltada a uma das f otosexibidas na tela do iPhone logo que Douglas passou para a próxima.

— Espera! Volta para a anterior... — Ele retornou para a imagem da f achada da casa, que tinha um belo jardim e uma área enorme. — Nossa, olha o tamanho deste quintal. E a f achada da casa, é tão linda...

— Foi a minha pref erida até o momento também.

— Mas combinamos que não seria nada exagerado. E esta tem seis quartos. Não precisamos de tanto.

— Como não? Vamos precisar ter pelo menos dois de hóspedes para o caso de Chris e Harry virem a Seattle ao mesmo tempo.

— Certo... Dois de hóspedes, um nosso e um do bebê. E os outros dois?

— Para os nossos próximos f ilhos, oras.

— O quê? Tem certeza de que vai querer três f ilhos?

— É, tem razão... Mas quando o quarto nascer, podemos nos mudar para uma casa maior.

Dei um tapinha no ombro dele e nós rimos juntos. A ideia de ter uma f amíliacom muitos f ilhos nunca tinha realmente se passado pela minha cabeça. Mesmo quando eu me descobri grávida, me pareceu lógico de que ele seria f ilho único.

Contudo, agora que L illy e eu nos dávamos tão bem, eu já começava a pensar que seria maravilhoso para o meu f ilho crescer com irmãos.

— Então, posso marcar com o corretor para irmos visitar o local amanhã? — ele perguntou. — Seria ótimo se já conseguíssemos f echar negócio nos próximos dias, para começarmos a ver móveis e decoração para a casa.

— Que bom então que minha mãe, Elise e agora L illy estão tão empolgadas cuidando das coisas do casamento.

— Também acho. Não tenho muito jeito nem paciência para essas coisas, e sei que você também não.

J á que tínhamos tocado no assunto casamento, havia uma questão que eu precisava abordar.

— Falta menos de um mês. Não será muito precipitado para o Harry?

A tristeza tomou conta do rosto de Doug e eu odiava provocar aquilo nele em um momento tão descontraído.

— Certamente ele não estará preparado para festas. Mas espero que ele consiga vir. Quero muito que seja meu padrinho. Além do Christopher, que sei que aceitará mesmo odiando casamentos.

— Será engraçado vê-lo no altar perto da minha irmã. Ela o odeia.

— Receio que ele também não simpatize muito com ela. E olha que é raro ver o Chris não simpatizar com qualquer mulher.

— Como irmã mais velha, prefiro que seja assim do que ter aquele cafajeste dando em cima da minha irmã.

Douglas apenas riu e fez uma brincadeira sobre eu ter me tornado uma irmã superprotetora. Então, aproximou seu rosto do meu, voltando a me beijar, desta vez de forma mais intensa. Eu sabia que aquele beijo nos levaria a repetir a dose do que fizemos algumas vezes durante a noite, além de mais uma logo que

acordamos. Contudo, minha mente ainda tinha f icadopresa em um ponto do nosso último assunto, na parte sobre caf ajestes.

Não que Douglas f osseum. Mas ele sempre f oio cara que se envolvia com mulheres de f orma descompromissada, e esse pensamento me levou à lembrança da noite em que liguei para ele e J ulia atendeu o telef one.

Embora tivesse sido algo que me torturou por semanas, eu não tinha voltado a pensar a respeito daquilo desde que Douglas retornara para Seattle na manhã anterior. Contudo, agora que aquilo voltava à minha mente, eu não poderia meramente deixar para lá.

Toquei gentilmente seu tórax com as mãos, af astando-o.

— Espera, Doug. Tem uma coisa que eu preciso te perguntar.

Ele suspirou e percebi que estava meio f rustrado por eu cortar o clima daquele jeito. Eu também não estava f elizcom aquilo, mas se estávamos iniciando um relacionamento, era preciso ter tudo de f orma clara.

E f oi por isso que eu meramente perguntei:

— Você encerrou o seu relacionamento com a J ulia?

— Eu não tinha exatamente um relacionamento com a J ulia. Mas, sim, eu já deixei claro para ela que nós não vamos ter mais

nada um com o outro.

— Quando a viu pela última vez? — Eu não o estava testando para flagrá-lo em uma mentira. Era apenas um questionamento que exprimia a minha insegurança com relação àquilo.

Porque eu ainda sentia medo de tudo aquilo ser apenas um impulso de Doug, que ele não tivesse pensado direito a respeito daquilo. Podia ter terminado com Julia depois do enterro, quando Lilly contou a ele sobre meu pai ter descoberto tudo.

E eu não queria decisões impulsivas. Já fazia algum tempo que eu sabia que o amava e esperava que ele também estivesse certo a respeito dos seus sentimentos.

— A última vez que a vi foi no dia que Lia passou mal e foi levada ao hospital. Julia estava comigo quando Chris me ligou dando a notícia e nós saímos juntos do meu apartamento. Ela foi embora e eu segui para o hospital.

Tinha sido exatamente no dia que ela atendeu a minha ligação. Eu podia imaginar os dois juntos no momento em que eu os interrompi com meu telefonema.

E então eles deviam ter reiniciado tudo, e talvez tivessem sido interrompidos novamente com a notícia a respeito de Lia.

Meu peito doeu ao imaginar aquilo.

Doug pareceu ler a minha mente. Tanto que explicou:

— Sua pergunta foi sobre a última vez que a *vi*, não foi? Ela foi ao meu apartamento naquela noite. Mas não chegou a rolar nada entre nós. Não vou ser hipócrita em dizer que não chegamos a iniciar algo. Mas não rolou, Meg. A última vez que transei com Julia foi pouco mais de uma semana antes de você ir a Nova Iorque para me procurar e pedir minha ajuda.

A informação de que eles não chegaram efetivamente a fazer nada me trouxe algum alívio. Contudo, imaginei quais teriam sido os motivos.

— Não chegou a rolar porque você recebeu a notícia a respeito de Lia?

— Não foi por isso. A notícia chegou depois que já tínhamos conversado. Eu disse a ela que não podíamos continuar com aquilo.

— Por quê? Digo... que motivos teve para fazer isso?

— Porque eu não conseguia deixar de pensar em você. E depois dos beijos que trocamos... e do modo como te toquei

naquela noite... Depois de me dar conta do que eu sentia por você, eu me sentiria um canalha caso me deitasse com outra mulher.

Senti meus olhos começarem a transbordar em lágrimas e Doug me puxou para mais junto dele, f azendo com que eu me deitasse com a cabeça apoiada em seu peito e com os braços acolhedores dele ao meu redor.

— Sabe que, se tiver rolado algo, eu pref iro que você me conte, não é? Por mais que doa, eu quero saber. Nós não tínhamos ainda nada além de um noivado de mentira, Doug. Sei que, se tiver transado com ela, você não teria me traído.

— Eu te contaria se tivesse. Nunca menti para você, Meg. Estamos começando a escrever páginas novas da nossa vida juntos, mas não arrancamos as páginas antigas. Como eu disse ontem, você não deixou e nunca deixará de ser a minha melhor amiga.

Uma das mãos dele deslizou por baixo da coberta até a minha barriga, acariciando-a. Parecendo sentir aquilo, o bebê chutou nesse exato momento, o que f ez com que nós dois ríssemos.

— Você sentiu isso? — Doug me perguntou.

— Claro, seu bobo. Como eu não iria sentir se está dentro de mim? De alguma forma, ele reconhece o seu toque. E já sabe que você é o pai dele.

— Ei, garotão... — Doug começou a falar com a voz mais baixa, inclinando um pouco o rosto em direção à minha barriga. — Você já sabe que eu sou o seu pai, não é? Eu tive um péssimo pai e, cá entre nós, o da sua mãe também não é exatamente um dos melhores. Mas eu prometo para você que serei o melhor pai do mundo. Vou me esforçar todos os dias para isso. — Voltou a levantar a cabeça, desta vez falando comigo. — Precisamos escolher um nome para ele. Você já deve ter pensado em alguns, não é?

Eu já tinha pensado em vários, na verdade. Mas tinha sido até então uma tarefa tão solitária, que eu sequer tinha me aprofundado nisso.

— O que acha de Eric? — comecei a citar alguns que tinham se passado pela minha mente.

— Nossa, não. Era o nome daquele professor mala que tivemos no Ensino Fundamental, lembra?

Que merda. Eu não tinha me lembrado disso.

— Por que você tinha que fazer essa associação? Agora não podemos usar esse nome, ou vai me fazer lembrar daquele insuportável que me deixou de recuperação dois anos seguidos. E Henry?

— Não sei se gosto. ...O que acha de Gregory?

— Nosso filho vai nascer com setenta anos? — brinquei, fazendo careta. E ele riu. Uma nova ideia me veio à mente. — E Daniel?

— Não é o nome pelo qual a sua irmã insiste em me chamar?

— É. E acho que foi por isso que eu comecei a achar bonito. Me lembra das trapalhadas dela, que é minha irmã e será tia do bebê. E também, de alguma forma, me remete a você, que será o pai dele e é o homem que eu amo. Acho que vou gostar de chamar nosso filho assim. O que você acha?

Como ele não respondeu de imediato, eu levantei o rosto, apoiando o queixo sobre a mão que descansava sobre o peito dele e olhando-o nos olhos. Encontrei um sorriso bobo em seu rosto.

— Fala de novo? — ele pediu.

— O quê? O nome? Daniel?

— Não. O *nosso* filho.

— *Nosso filho* — repeti, entendendo que ele amava o som daquelas palavras tanto quanto eu.

E a decisão do nome ficaria para outro momento, porque Douglas voltou a me beijar. E, quando me dei conta, ele já estava novamente dentro de mim.

*****

Capítulo trinta e dois



Um mês depoi s...

— Meu Deus, você está linda!

Eu já nem sabia mais dif erenciaras vozes f emininasao meu redor que repetiam aquilo com tanta empolgação.

Enquanto me olhava no espelho usando aquele vestido branco que mais parecia ter sido f eito para uma delicada princesa da Disney, eu tinha consciência de que eu estava linda. Mas ao mesmo tempo eu me sentia... estranha.

Que coisa... Nem parecia ser eu.

Eu estava habituada a usar roupas largas, por isso me chamava tanto a atenção os meus seios marcados pelo decote e a minha grande barriga em evidência. Eu já estava caminhando para o oitavo mês de gestação.

Tudo naquelas últimas semanas tinha sido uma correria. Doug e eu f echamos a compra da casa, e então ele precisou retornar para Nova I orquepara agilizar assuntos relacionados à sua transf erência para Seattle, para um escritório que ele ainda começaria o organizar após o nosso casamento. Enquanto isso, eu me dividi entre o trabalho na empresa e em resolver coisas relacionadas à compra de móveis e decoração da nossa nova casa, com a ajuda de uma arquiteta. O quartinho do bebê era nossa maior prioridade e, pelos projetos, f icaria simplesmente perf eito.

Minha única preocupação com relação aos preparativos do casamento tinha sido a prova do vestido. De resto, deixei que aquelas três empolgadas organizassem e resolvessem tudo.

Era engraçado o f ato de que nem eu nem Doug nos importávamos com aquela f esta. Era uma f ormalidade completamente dispensável para nós. J á éramos uma f amília: eu, ele e nosso bebê.

Ainda assim, apenas naquele momento, usando o tal vestido de noiva, f oique a minha f icha pareceu cair. E eu me dei conta de que estava estranhamente ansiosa.

Meu Deus, eu ia mesmo me casar!

E não seria uma f arsa. Seria por amor. Por um amor correspondido.

E com o meu melhor amigo.

— Linda demais! A noiva mais linda que já vi em toda a minha vida — outra voz concordou, com um tom de choro.

E esta eu reconheci.

Desviei os olhos do meu próprio ref lexo no espelho para olhar para a minha mãe de pé ao meu lado. Ela usava um lenço sobre a cabeça, que combinava com seu vestido de cor lilás. O tratamento com radio e quimioterapia tinha f eitoseus cabelos caírem, mas tudo o que me importava era que ela estava bem e que, segundo previsões médicas, em breve estaria liberada daquelas sessões.

— Mãe! Vai borrar toda a maquiagem! — f alei com ela, enquanto sorria, tentando evitar que ela desabasse no choro e, com isso, eu acabasse f azendo o mesmo.

Virei-me para olhar Lilly e Elise, minhas madrinhas. Estavam também lindíssimas em vestidos azuis, que foi a cor escolhida por elas em conjunto com a cerimonialista que organizou o casamento.

Quando fui consultada a respeito, eu apenas tinha concordado, pensando que não me importava com a cor que elas usariam. Mas, agora, eu via que a escolha tinha sido a melhor possível. Elas estavam maravilhosas.

Alguém bateu na porta do meu quarto – ou melhor: no quarto em que eu ainda dormia, na casa do meu pai. Mas que não era meu. em breve eu teria o meu próprio quarto, que dividiria com Doug em nossa nova casa.

Lilly abriu a porta e nos deparamos com Christopher e Harry, os padrinhos, elegantemente vestidos em smokings.

Não podia deixar de perceber que Harry se esforçou para esboçar um sorriso ao me ver, mas a tristeza em seus olhos era muito evidente. Ele estava completamente destruído pela morte da esposa.

Seus bebês, ainda muito pequenos, tinham ficado em Nova Iorque sob os cuidados de babás, e ele pretendia voltar para casa naquele mesmo dia, logo depois da cerimônia. Sequer compareceria

à festa. Tinha ido apenas pelo seu irmão e, eu sabia, também por mim.

Porque era assim que Harry me via: como uma irmãzinha mais nova. Engraçado que, de certa forma, era isso o que iríamos nos tornar, já que eu estava me casando com o seu irmão. Senti meu peito se aquecer ao pensar nisso, em como a minha paixão platônica de pré-adolescência tinha se transformado de fato em um sentimento fraternal. E em como aquela garotinha solitária do internato agora tinha uma grande família.

— Uau... — Christopher exclamou, olhando para mim. — Você é mesmo aquela garota-problema que só vivia descabelada e praticamente se camuflava entre os meninos do internato?

Sorri, entendendo que, ao modo do Chris, aquele era um elogio. Minha irmã, no entanto, não viu isso da mesma forma. Tanto que retrucou:

— Isso não foi nada gentil. Minha irmã sempre foi uma gata. Se vocês não percebiam isso, é porque eram um bando de idiotas.

— Ei! — Chris rebateu, mostrando-se ofendido. — Foi só uma brincadeira minha com a Meg.

— Uma brincadeira totalmente inapropriada.

— Para com isso, Lilly! — pedi, rindo. — Hoje é para ser um dia feliz, não quero ninguém brigando.

— Meg tem razão — Elise concordou. — É melhor irmos logo para a igreja. É de bom tom a noiva se atrasar, mas não muito, ou o noivo pode achar que ela fugiu.

— E Doug me conhece o suficiente para saber que sou boa de fugas — lembrei. — Devo ter fugido do internato no mínimo umas cinquenta vezes para ir ao cinema ou só mesmo para matar aula correndo no Central Park.

— Eu não sabia dessa parte — minha mãe comentou, chocada. — Ai, Meghan, o que me conforma é saber que agora você será mãe, então logo entenderá direitinho como eu me sentia com as coisas que você aprontava.

— Meu bebê não será tão arteiro quanto eu fui. Tenho esperanças de ter sorte e ele puxar o bom comportamento do pai.

Todos concordaram, até mesmo Chris e Lilly – e era extremamente raro que os dois compartilhassem da mesma opinião sobre qualquer coisa. Então, chegou a hora de irmos.

Harry, minha mãe e Elise saíram antes, já que iriam na frente no mesmo carro. Já eu seria levada por Chris.

Por conta daquele vestido longo e cheio de camadas, eu tive alguma dif iculdade para descer as escadas, e meu amigo me ajudou. Sem contar que eu tinha, no f imdas contas, optado por usar um sapato branco de salto para combinar com todo o restante do visual. A ideia de ir usando tênis era tentadora, mas, àquela altura, eu preferia evitar atritos com o meu pai, que certamente iria se chocar se eu me vestisse de qualquer maneira não-convencional.

O casamento era real e eu estava f elizdemais com isso. No entanto, nada naquela cerimônia pomposa tinha muita relevância para mim, por isso eu pref eriaque f osseao gosto dele, para não me estressar, e ao de minha mãe, para deixá-la f eliz.

Precisei de ajuda também para entrar no carro. Por mais que f osseum modelo bem espaçoso, todas aquelas camadas de tecido em conjunto com uma barriga de gravidez não me permitiram sequer conseguir af ivelar o cinto no banco de trás, onde me sentei.

Após f echar a porta, Chris entrou e se sentou no banco do motorista, virando-se para me olhar.

— E aí, preparada? Ainda dá tempo de f ugir

— Você é o melhor amigo do Doug, não devia estar me perguntando algo assim.

— Oras, eu sou amigo dos dois. E eu não seria eu mesmo, com toda a minha opinião f ormada a respeito de casamentos, se não perguntasse se vocês estão bem certos do que estão prestes a f azer

— Estamos certos sim, Chris. Bem, pelo menos eu estou. Mais certa do que qualquer coisa na minha vida. Apesar de achar que esses saltos machucam meus pés, que este vestido, apesar de lindo, não combina nada comigo e não ser a maior das apreciadoras de cerimônias de casamento, eu estou certa de que quero me casar com o Doug.

— Quem diria, vocês dois... Em pensar que tudo começou com uma historinha para enganar o seu pai.

Dizendo isso, ele riu e voltou a se virar para a f rente,af ivelou o cinto e deu partida no carro. Enquanto o veículo saía da garagem da casa do meu pai, eu ref leti um pouco a respeito daquilo.

Tudo começou com uma historinha...

Mas não exatamente com aquela que inventamos para enganar o meu pai, mas com as que criávamos juntos quando éramos pequenos. Foram as aventuras do guerreiro Drago que solidif icaram a nossa amizade e ajudaram a tornar um pouco

mágicas as histórias reais daquelas duas crianças solitárias criadas em um internato.

— A propósito, estou verdadeiramente f eliz por vocês — Chris comentou em determinado momento, chamando a minha atenção.

— Ah, Chris! É bem gentil da sua parte. Mas eu sei que você acha que o casamento é uma prisão na qual ninguém deveria entrar.

— Eu não acho exatamente isso, Meg. Qual é? F alando assim, f az com que eu pareça um monstro sem coração.

— Você não é um monstro. E tem um coração. Nele cabem todas as mulheres bonitas que atravessarem o seu caminho.

Ele gargalhou daquele jeito espontâneo dele. Até mesmo o som da risada daquele sem-vergonha era charmoso. Ele tinha todo o pacote pronto de um legítimo e irresistível caf ajeste.

— Não diga para o Doug que eu f alei isso, mas... Eu não acho que todo casamento seja f adado ao f racasso. Embora ache que ele não f oi f eito para mim, eu acredito nesse tal de amor verdadeiro.

— Se acredita, o que te leva a achar que não é para você?

— Porque acho que ele é para poucos sortudos. Só acontece quando uma pessoa especial tem uma sorte da porra que permite que ela encontre em sua vida outra pessoa tão especial quanto ela, como aconteceu com vocês dois. Sabe que, desde moleque, eu já achava a conexão entre vocês incrível.

— Sério?

— Sério. Era algo que dava até uma certa inveja, mas uma inveja boa, entende? Tipo... Harry e Doug sempre f oram amigos especiais para mim, porque quando eu cheguei ao internato como aluno bolsista, mesmo sem me conhecerem os dois me def enderam daqueles bostas de riquinhos esnobes que implicavam comigo. Você também sempre f oiespecial para mim, porque era a única que topava as minhas ideias e embarcava nos meus planos rebeldes de roubar gabaritos de provas. Mas você e o Doug, dentre nós quatro, tinham uma amizade ainda mais especial.

Sorri, emocionada com aquele relato. Mas logo respirei f undo para conter a emoção. Não podia chorar para não borrar aquela maquiagem estúpida na minha cara.

— Hoje você está especialmente inspirado, Chris. O casamento está mexendo mesmo contigo.

— É só coisa de momento. Confio em você para fazer com que toda essa conversa melosa morra aqui.

— Pode deixar, tem a minha palavra. Eu apenas preciso discordar de algo em tudo o que você disse. Não acredito que encontrar um amor verdadeiro seja para poucos. Acho, na verdade, que é para todos.

A voz dele assumiu um tom mais sério.

— Não sei se isso seria possível. Mas, ainda que seja, veja o Harry e a Lia. Eu a achava uma chata esnobe, sabe? Mas ela verdadeiramente o amava, e ela era a vida dele.

— E ela será para sempre o amor verdadeiro dele. Mas não tem que ser o único. Ele pode encontrar outra pessoa que desperte nele o mesmo sentimento, e ainda tem chances de ser feliz no amor

Neste momento, o sinal fechou à nossa frente em um cruzamento e Chris parou o carro, olhando para mim pelo retrovisor.

— Então você acha que, além de ser para todo mundo, esse tal amor verdadeiro pode aparecer mais de uma vez para a mesma pessoa?

— Talvez sim. Todo mundo merece uma segunda chance para ser feliz em qualquer coisa, por que não no amor?

— Bom saber. Isso solidifica a minha tese de que meu coração tem amor suficiente para muitas e muitas mulheres.

— Não foi exatamente isso que eu quis dizer — rebati, tentando segurar o riso.

— O coração de Christopher Brady é como a sua cama. Tem espaço para duas, até mesmo três ao mesmo tempo, com felicidade e satisfação garantida a cada uma.

— Meu Deus, você é mesmo um libertino de primeira.

— 'Libertino'? De que filme de época você tirou essa palavra?

Ele riu e eu fiz o mesmo, lembrando-me de quando chamei Doug desta forma e recebi uma resposta dele no mesmo estilo.

O sinal ficou verde e Chris voltou a andar com o carro.

Ainda ouvia o som dos nossos risos quando tudo aconteceu. Tão rápido que mal consegui processar as informações.

Primeiro, foi o barulho da buzina, que me fez virar a cabeça para o lado, olhando pela janela um instante antes do impacto. Tudo o que consegui ver foi o veículo enorme (seria um caminhão? Um ônibus? Sequer fui capaz de identificar) que vinha em alta velocidade da via que cruzava a nossa e se chocou contra a lateral do carro.

Não pude ver nem mesmo sentir mais nada.

De repente, tudo se tornou escuridão.

*****

Capítulo trinta e três



— Garanto a você que ela não vai f ugir — a voz de Harry, que estava parado próximo ao altar, logo atrás de mim, chegou aos meus ouvidos me arrancando um leve riso, embora eu realmente estivesse começando a cogitar aquela hipótese.

— Disse que ela e Chris vieram logo depois de vocês — f alei, com a voz tão baixa quanto a dele para não chamar a atenção dos convidados.

Aliás, f iquei me perguntando quem era toda aquela gente. A igreja estava lotada e as únicas pessoas do meu convívio – e, eu sabia, também de Meg – estavam comigo no altar: a mãe da noiva e os padrinhos, com exceção de Chris, que chegaria com Meg.

O pai dela estava próximo à porta da igreja, aguardando a chegada da f ilha para entrar com ela, como mandava o f igurino. E ele estava visivelmente impaciente.

— Tem muitos semáf oros no caminho até aqui — Harry argumentou. — F ique tranquilo, irmão. Sua noiva está a caminho. E, se me permite o comentário, ela está lindíssima.

Sorri, com a imagem mental de Meg vestida de noiva.

— Ela deve estar bem irritada de ter que usar um 'vestido cheio de f ruf ru', como ela mesma diz, não é?

— Não tinha nada de irritação no rosto dela, Doug. Ela estava totalmente radiante.

— É normal f icar tão ansioso?

— Totalmente. Eu também f iquei assim.

Senti-me culpado pelo meu próprio questionamento.

— Sinto muito, Harry. E estou muito agradecido por você ter vindo hoje, mesmo em meio ao luto.

— J á se passou um mês, não posso permanecer de luto para sempre. Tenho dois f ilhos para criar e uma empresa para administrar.

As palavras soavam frias, mas eu sabia que meu irmão estava completamente destroçado por dentro. Ele sempre fora um sujeito sério e introspectivo, mas andava muito mais desde que perdera a esposa. Esperava que aquilo fosse uma parte natural do processo do luto e que ele conseguisse, de alguma forma, juntar seus pedaços e se reerguer.

Peguei meu celular no bolso da calça, checando as horas. Fazia mais de quarenta minutos desde que Harry, Elise e Lilly tinham chegado à igreja. Chris e Meg deveriam chegar logo em seguida.

Alguma coisa estava acontecendo. Sentia isso, ao mesmo tempo em que tentava me convencer de que era apenas a ansiedade dominando meus pensamentos.

Preparava-me para voltar a guardar o celular quando a tela acendeu, indicando uma chamada. Como o aparelho estava em modo silencioso, dei sorte de estar com ele na mão naquele momento.

Meu primeiro pensamento foi o de que, por se tratar de um número desconhecido, eu deveria apenas ignorar. Contudo, havia uma apreensão incomum em mim, uma sensação de que aquele

atraso de Meg não era normal. Por isso, atendi a ligação, ainda que percebesse vários olhares na igreja se dirigindo a mim, como se achassem um absurdo um noivo estar atendendo telef onemas no momento em que estava à espera de sua noiva.

Então, eu reconheci a voz de Chris, em um tom de desespero que não lhe era comum.

A notícia que ele me deu f ezcom que eu sentisse como se o chão desabasse sob mim.

*****

Capítulo trinta e quatro



Adentrei o hospital correndo, no caminho quase derrubando os funcionários que passavam por mim, até chegar ao setor de emergência. Parei ali na sala de espera ao me deparar com Chris, sentado em uma cadeira. A camisa branca por baixo do paletó estava imunda de sangue. Ele tinha dois curativos na cabeça e uma das mãos estava sobre as costelas, como se sentisse dor no local.

Logo que me avistou, ele se levantou e percebi que seus olhos estavam vermelhos e seu rosto não expressava nada além de tristeza e desespero.

— Eu sinto muito, Doug. Sinto muito mesmo. Aquele maluco no caminhão atravessou o sinal vermelho e veio tão rápido que eu sequer o vi, e...

Aproximei-me dele. Não tinha tempo para suas desculpas naquele momento.

— Onde ela está? Como ela está? — perguntei, af lito.

Aquilo era tudo o que me interessava: saber se Meg estava bem.

O que era pouco provável, devido ao estado de af lição de Christopher.

Foi nesse momento que, correndo, chegaram também Harry, Lilly, Elise e Rachel.

Chris percorreu os olhos por cada um deles, e então voltou a olhar para mim e declarou:

— Ela não conseguiu af ivelaro cinto de segurança por causa do vestido e da barriga, e aquele maldito caminhão bateu bem do lado que ela estava, e... Ela recobrou a consciência no caminho para cá, mas está muito f eridae com muita dor na barriga. Levaram-na lá para dentro, eu ainda não tive notícias, e... Doug, para onde você vai? Volte aqui!

Ignoreicompletamente os pedidos dele e dos demais para que eu retornasse e simplesmente segui para o corredor que levava às salas onde aconteciam os atendimentos de emergência. Em

determinado momento, ouvi um grito de dor na f amiliarvoz de Meg e corri para lá.

Ela estava deitada em uma maca, com seu vestido branco todo manchado pelo sangue que vinha, na parte superior, de um corte na cabeça e de f erimentos em um dos braços, e na inf eriorem maior quantidade, provavelmente de seu ventre.

A visão me apavorou ainda mais, mas ainda assim corri até ela. Um médico tentou me deter, mas gritei em resposta.

— Sou o marido dela, o pai do bebê.

Diante do anúncio, deixaram que eu me aproximasse dela. Segurei sua mão.

— Doug... — ela sussurrou, em meio aos gemidos de dor.

— Estou aqui, meu amor. Eu estou aqui. Vai f icar tudo bem.

— Você não... Não pode me ver com esse vestido estúpido antes do casamento, tem aquela porcaria de tradição que diz que isso dá azar.

Eu quase ri, porque era um alívio ver Meg simplesmente sendo Meg ao chamar um vestido de 'estúpido' e qualquer tradição de 'porcaria'. I sso me trazia alguma esperança de que ela não estivesse tão mal assim, embora toda aquela visão do estado dela

me dissesse o contrário. Seus cabelos loiros estavam repletos de cacos de vidro.

— Eu não me importo com vestidos ou tradições, Meg. Eu só quero que você e nosso bebê f iquem bem.

Um médico se aproximou de mim, tocando meu ombro para que eu olhasse para ele e, quando o f iz, ele me deu a notícia:

— Senhor, precisamos levá-la imediatamente para uma sala de cirurgia. Precisamos f azer o parto antes que seja tarde demais. Há indícios de que ela está também com alguma hemorragia interna, é provável que o impacto tenha lesionado um ou mais órgãos, então precisaremos realizar exames de imagem e cirurgias, mas para isso temos que ser rápidos e levá-la agora.

Antes que eu pudesse sequer processar aquelas palavras, senti a mão de Meg apertando a minha com mais f orça, f azendo com que eu voltasse meus olhos para ela.

— Doug... Eles vão f azer uma cesariana. Mas o nosso bebê ainda é tão pequeno, e eu estou também muito f erida...

I nterrompi-a, levando minha mão livre ao seu rosto.

— Vai dar tudo certo, meu amor. Bebês nascem prematuros o tempo todo, e muitos f icam bem. E vão cuidar de você também...

— Talvez não dê para cuidar dos dois, Doug. Eu não quero que questionem a respeito disso para a minha mãe. Então, como meu noivo e pai do bebê, por favor, eu preciso que você tome a decisão certa caso seja preciso.

— Que decisão, Meg? Vai ficar tudo bem, não há decisão alguma a ser tomada.

— Se... Se precisarem escolher entre mim ou o bebê... Por favor, Doug... Peça... ou melhor, exija que salvem nosso filho.

Balancei a cabeça, atordoado. Eu não podia tomar uma decisão como aquela.

— Vão salvar vocês dois, Meg.

— Só me prometa, Doug, que se te pedirem para escolher, você vai optar pelo nosso filho. Por.. por favor.. Por fav..

Ela não conseguiu mais falare uma máscara de oxigênio foi colocada em seu rosto. O médico que tinha antes faladocomigo me afastou, informando de forma incisiva:

— Sinto muito, senhor, precisamos levá-la agora, ou será tarde demais.

Então, eu não tive qualquer escolha que não fossedeixar que a levassem. Ainda assim, segui o grupo de médicos e enfermeiros

que empurraram a maca até um grande elevador, onde entraram. A porta se fechou sem permitir que eu entrasse, mas não me deixei deter por aquilo.

Corri até as escadas, subindo de dois em dois os degraus por dois andares, até avistar uma placa que indicava ser aquele o setor de cirurgias. Cheguei ali a tempo de avistar o grupo entrando com a maca de Meg em uma das salas.

Sabia que não poderia entrar ali. Precisaria, a partir daquele ponto, apenas confiar inteiramente nos médicos.

Fiquei ali parado, até sentir uma mão tocar o meu ombro. Virei-me, deparando-me com Harry.

Imagineique ele fosseme dizer aquele insuportável e afetivo 'Vai ficar tudo bem'. O que, ironicamente, era o mesmo que eu tinha dito a Meg, uma afirmação da qual eu mesmo não poderia ter certeza.

Porém, ele não disse nada e eu logo entendi os motivos disso. Ele tinha estado, há muito pouco tempo, na mesma situação que eu. E certamente sabia o quanto aquelas palavras eram inúteis. Por mais que expressassem todo o desejo e a fé de que tudo ficaria

bem, a grande verdade é que ninguém tinha o poder de garantir nada a ninguém.

Nem sempre as coisas davam certo.

— Qual a situação atual? — ele me perguntou, sendo prático e direto.

— Ela terá que passar por uma cesariana de emergência e por sei lá mais quantas cirurgias. O médico f alou alguma coisa sobre hemorragia interna, sobre órgãos lesionados. Meg estava assustada... Disse alguma coisa sobre priorizar a vida dela ou do bebê. Eu não posso f azer uma escolha dessas, Harry

Pensei em perguntar se tinham f eito a mesma exigência a ele. Porém, não f oi preciso, pois meu irmão pareceu ler meus pensamentos e contou, tentando manter um tom f rio em sua voz.

— Os gêmeos já estavam com trinta e cinco semanas. Eram muito pequenos, mas não corriam maiores riscos. Todas as complicações f oram apenas para L ia. ...Mas agora, Doug, precisamos voltar para a sala de espera e levar as notícias a todos, especialmente à mãe e irmã de Meghan, que estão muito nervosas.

— Eu não posso lidar ainda com isso agora, Harry.

— Tudo bem. Deixe que f aça isso. E logo retorno para f icar com você, tudo bem?

Balancei a cabeça e ele levou a mão novamente ao meu ombro, como f orma de me passar f orça.

F icando sozinho, f ui até uma pequena sala de recepção do setor, sentando-me em uma das cadeiras e tentando organizar meus pensamentos.

Meghan estava com trinta semanas de gestação.

A estimativa médica era de que o parto deveria ocorrer entre trinta e nove e quarenta e duas semanas, embora já devêssemos estar preparados a partir das trinta e sete. Não trinta.

Aquilo era muito antes do que imaginávamos, planejávamos e, especialmente, do que o corpinho do nosso f ilho deveria estar preparado para sobreviver de f ormatranquila f orado ventre da mãe.

Meghan e eu já havíamos conversado sobre tudo. Àquela hora, já deveríamos estar of icialmente casados. Dali a mais algumas semanas, se tudo desse certo, ela terminaria seu período de experiência na empresa do pai e assumiria como CEO, já entrando pouco depois em licença-maternidade. Então iríamos para a nossa casa, e nos dedicaríamos em f inalizartudo o que f altasse para que

o quartinho do nosso bebê estivesse pronto para recebê-lo logo que ele chegasse.

Meg queria que f osse parto normal. Queria que f osse com a mesma médica que já vinha cuidando de todo o seu pré-natal e em quem já conf iava inteiramente. Nós já tínhamos conversado empolgados sobre comprar as roupinhas e deixar a bolsa de maternidade já preparada logo que f ôssemos para a nossa casa. A senhora Rachel dizia que dava sorte ao bebê sair da maternidade usando sapatinhos vermelhos e já havia nos presenteado com um par, f eito de tricô por ela mesma. Tinha sido o segundo presente de nosso bebê, depois do urso de pelúcia que comprei. Considerávamos ambos como amuletos de sorte e itens que não f altariam na nossa bolsa de maternidade.

A bolsa que não f oi montada. Que não tinha sido sequer comprada ainda. Os sapatinhos f eitos pela avó orgulhosa eram minúsculos, mas f eitos para os pezinhos de um pequeno ser humano nascido com algo em torno de três quilos.

Não era para ser daquele jeito.

Era para eu estar nervoso naquele momento, mas não em pânico, como eu estava.

Era para eu estar celebrando a vida. Não temendo a morte.

A morte de meu f ilho ou da mulher que eu amava.

L evantei o rosto ao perceber que o mesmo médico que tinha estado com Meg vinha em minha direção. Era cedo demais para a cirurgia já ter sido f inalizada.

Então, eu soube...

Ele vinha me f azer a maldita pergunta da qual Meg me alertou.

Ele vinha exigir que eu f izesse uma escolha.

*****

Capítulo trinta e cinco



Depois de apagar completamente durante o acidente, eu acabei acordando enquanto os paramédicos nos levavam para o hospital. Sentado ao meu lado na ambulância e segurando a minha mão, estava Chris, f alando ao telef one com alguém – provavelmente Doug – para contar sobre o ocorrido. J á encerrava a ligação e entregava o celular a um dos paramédicos, já que o dele muito provavelmente tinha se perdido dentro do carro no momento da colisão.

Apenas alguns segundos após recuperar a consciência, desejei que isso não tivesse acontecido, pois f ui tomada por uma dor insuportável em toda a minha barriga, mais concentrada em meu ventre. Era simplesmente a pior dor que eu já havia sentido na vida.

Chegamos ao hospital, eu fui separada de Chris, e enquanto recebia os primeiros cuidados e avaliações de médicos e enfermeiros, só conseguia desejar que alguém me injetasse algum tipo de sedativo que me fizesse apagar. Que fizesse aquela dor parar.

Então, eu vi o Doug.

Estava tão lindo usando aquele smoking. Mesmo julgando meu vestido como algo que não combinava nem um pouco comigo, eu queria tanto ter visto a cara dele ao me ver entrando na igreja vestida daquele jeito. E já podia imaginar também, depois da festa, nós dois sozinhos e ele me despindo devagar, beijando cada centímetro do meu corpo antes que nos tornássemos um pela primeira vez depois de oficialmente casados.

Aquele era para ser um dos dias mais felizes das nossas vidas, que seria superado somente pelo dia que nosso bebê viesse ao mundo.

Mas, em vez disso, ele estava me encontrando em uma maca de hospital, com cacos de vidro no cabelo, o vestido completamente ensanguentado e sem sequer ter certeza de que nosso bebê sobreviveria.

Doug segurou a minha mão, me garantiu que tudo f icaria bem e eu tentei f azê-lo prometer que, caso f osse preciso f azer uma escolha, que decidisse pela vida do nosso f ilho. Os dois sobreviveriam sem mim, por mais doloroso que f osse, assim como Harry e seus gêmeos f ariam sem L ia. Mas eu não f azia ideia de como conseguiria voltar a encarar a vida caso saísse daquele hospital sem o meu bebê em meu ventre ou em meus braços.

E então, quando f ui levada para a cirurgia, tive atendido o meu desejo anterior de receber uma anestesia para f azer parar a dor e um sedativo para que eu apagasse.

Mas eu não queria mais aquilo. Eu enf rentariaa dor, se f osse preciso, para estar acordada quando meu bebê viesse ao mundo. Para ter a total ciência do que acontecia naquela sala de cirurgia. Para gritar, caso f osse necessário, que a prioridade ali deveria ser salvar o meu f ilho.

Porque eu tinha visto a hesitação nos olhos de Doug. E não tinha certeza se poderia contar com ele para abrir mão da minha vida em qualquer que f osse a circunstância.

Porém, eu já não poderia f azer mais nada.

Logo eu me vi, novamente, mergulhada na mais profunda escuridão.

*****

Não sabia por quanto tempo eu tinha dormido. Se tinham sido minutos, horas ou mesmo dias. Quando acordei, minha primeira visão foi a do rosto de Doug surgindo diante do meu, ao mesmo tempo que sua mão segurava a minha. Ele estava de pé ao lado do leito onde eu estava e um sorriso cansado, porém aliviado, surgiu em seu rosto.

Eu conhecia aquele sentimento nos olhos dele. Foi como eu mesma me senti quando, depois de algum tempo de espera, minha mãe despertou de sua cirurgia e constatei que ela estava viva.

Ele tinha sentido medo de me perder.

Eu odiava tê-lo feito sentir aquilo.

Tentei falar alguma coisa, mas a minha voz falhou. Senti minha garganta doer e deduzi que devia ser devido à intubação durante a cirurgia, ou mesmo depois dela.

— Ei... Está tudo bem, não se esforce...— Doug falou com a voz baixinha. Inclinou-se sobre mim e seus lábios tocaram demoradamente a minha testa em um beijo aflito.

— D... Doug... — forcei-me a falar com dificuldade.

— Você está bem — ele me garantiu. — Tive medo... na verdade, entrei em pânico temendo que não ficasse, mas você conseguiu se recuperar. Lutou pela vida como uma guerreira. Nem mesmo Drago seria mais corajoso que você.

— Onde... Como... — novamente tentei falar

Tive medo de que Doug estivesse falando a meu respeito como uma forma de evitar dizer onde e como nosso filho estava. Tal ideia me deixou tão assustada, que fui até mesmo capaz de ouvir o aumento no ritmo dos meus batimentos cardíacos monitorados por uma máquina barulhenta ao lado da cama.

— Ele é lindo, Meg. Ele é simplesmente lindo. E é um guerreiro como você.

Ouvir aquilo fez com que eu sentisse meus olhos começarem a transbordar. Doug estava falando sobre o nosso filho usando o tempo presente, e não o passado. Significava que ele havia nascido e que estava vivo.

Douglas se afastou um pouco de mim e pegou seu celular, deslizando os dedos sobre a tela como se procurasse algo. Então, o virou para mim e eu pude ver aquela foto.

Dentro de uma incubadora, com seu frágil corpinho ligado a inúmeros fios e tubos, estava um bebezinho tão pequeno que nem parecia ser de verdade. As lágrimas em meus olhos imediatamente começaram a escorrer pelo meu rosto.

E se antes aquela dor na minha garganta não me permitia falar, agora, junto ao choro, era completamente impossível.

Doug deslizou o dedo sobre a tela para passar para a foto seguinte. Nosso bebê seguia na mesma posição, mas agora o ângulo era diferente e eu conseguia ver um pouco melhor o seu rostinho.

— Essas fotos são de hoje, e ele já ganhou alguns gramas, está com quase um quilo e meio. Ele nasceu com um quilo e duzentos e com trinta e nove centímetros, e os pulmões dele não estavam ainda completamente prontos para viver aqui fora, por isso ele precisou ir para a incubadora e para um respirador. E ele também ainda não pode ser amamentado, não tem forças para sugar, por isso precisa de uma sonda. Mas ele está ganhando peso

tão rápido e se recuperando tão bem, que provavelmente em mais alguns dias já conseguirá isso.

Todas aquelas informações me davam uma dica de que eu estava ali há bem mais do que apenas algumas horas. Parecendo ler os meus pensamentos, Doug contou:

— Ele deu um susto e tanto na gente, mas você deu um ainda maior. Passou dias desacordada depois de passar por uma cirurgia complexa. Os médicos quase te perderam ainda na mesa de cirurgia. Eu quase perdi você, Meg... fiquei tão desesperado.

Então, foram os olhos dele que começaram a transbordar. Apertei sua mão com mais força para demonstrar que eu estava ali.

Ele respirou profundamente e seguiu contando:

— Eu estava louco para você acordar para decidirmos um nome para ele. Acho que ele tem cara de Daniel, como você sugeriu. O que você acha? Ah, sua mãe tem trabalhado em novos sapatinhos, menores, para que ele possa usar quando receber alta. O médico disse que ele só poderá ir para casa quando chegar a dois quilos, mas acho que isso será bem rápido, porque ele tem crescido bastante. Tenho ficado lá com ele todos os dias, na verdade, me revezando entre aqui e lá. Harry precisou voltar para

Nova Iorque por causa dos gêmeos, mas ele telefonatodos os dias. Lilly também vem diariamente ver o sobrinho. Tem que ver a quantidade de coisas que ela comprou para ele nesses últimos dias, está sempre vindo com sacolas e mais sacolas de presentes novos, acho que nem vamos precisar comprar enxoval.

Eram muitas notícias. Parecia que tinham se passado meses e não apenas dias. Meu coração doeu ao entender que Doug precisava se revezar porque nosso bebê não podia sair da incubadora, o que significava que eu ainda não poderia tê-lo em meus braços. Mas, depois de todo o medo que eu senti, saber que ele estava vivo e que se fortalecia mais a cada dia trazia um alívio enorme ao meu peito.

— Daniel... — consegui sussurrar, abrindo um sorriso.

Doug também sorriu.

— Também acha que o nome combina com ele? Bem mais do que Gregory, não é? Você tinha toda a razão.

Tentei rir, mas precisei parar ao sentir minha barriga repuxar, provavelmente devido aos pontos das cirurgias.

— Então, será Daniel. Daniel Dawson Jenkins. Soa bem?

Movimentei a cabeça em uma confirmação. Soava de forma linda.

Doug puxou uma cadeira para mais perto da cama, onde se sentou. Após uma breve pausa, começou a falar

Recomeçou a contar a nossa história do ponto onde tínhamos parado da última vez.

— Drago analisou todas as possibilidades que ele tinha. Depois que ele ajudou Laureen a derrotarem o rei e ela assumiu como a nova rainha daquele reino, prometendo dias melhores para toda a população, ele tinha a chance de retornar para o futuro e tentar impedir os eventos que levaram ao apocalipse. Porém, ele simplesmente não quis fazerisso. Porque aquele reino precisava de Laureen... E ele também precisava dela. Então ele decidiu que não importava em que tempo fosse,não importava que tipo de aventura surgisse em sua vida. Ele poderia voltar a enfrentar dragões, monstros ou robôs gigantes... ele seria capaz de tudo se Laureen estivesse ao seu lado. Porque ela era toda a sua força e a sua motivação. Ela era a mulher que ele amava.

Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto e, então, Douglas se inclinou sobre mim, depositando um beijo em meus lábios.

E eu soube que eu também seria capaz de vencer qualquer desafio se o tivesse ao meu lado.

Quando ele se afastou, eu respirei fundo e, com esforço, consegui fazer uma pergunta, que saiu em um tom de voz sussurrado.

— O médico te pediu para fazer uma escolha?

— Pediu. E eu disse a ele que deveria salvar os dois. E que o encheria de porrada caso perdesse um de vocês.

Eu ri, pensando que não esperava de Doug uma ameaça violenta como aquela. Afinal, ali era eu a garota-problema.

Mas ele ainda era o meu guerreiro, afinal.

O meu verdadeiro super-herói.

*****

Capítulo trinta e seis



Mais alguns dias se passaram até que eu pudesse conhecer pessoalmente o meu f ilho.

Fui levada em uma cadeira de rodas empurrada por Doug, acompanhados por uma enf ermeira, até a UTI neonatal. Não pude ainda segurá-lo no colo, mas ao menos me deixaram colocar a mão dentro da incubadora. A mãozinha dele, tão minúscula, agarrou o meu dedo com uma f orça provavelmente bem maior do que uma criaturinha tão pequena deveria ter.

Doug tinha razão quando disse que ele era um pequeno guerreiro.

Ele continuava ganhando peso e provavelmente em mais alguns dias receberia alta. Os médicos diziam que eu seria liberada antes dele, mas eu quase torcia para ter alguma mudança de planos que me permitisse f icar ali alguns dias a mais. Porque a ideia de ir embora sem levar o meu bebê comigo era avassaladora.

Terminado o tempo de visita, Doug me levou de volta ao meu quarto e me ajudou a me deitar na cama. Minha garganta ainda arranhava um pouco, mas agora eu já conseguia f alar normalmente.

— Sei que o ver pessoalmente é dif erente, mas ele me pareceu maior do que naquela última f oto que você me mostrou.

— Eu tive a mesma impressão. Acho que ele cresceu desde hoje de manhã.

Concordei, entusiasmada, por mais que no f undo soubesse que aquilo era muito pouco provável de ter realmente acontecido. Eu tentava a todo custo me apegar àquelas vitórias, comemorar a cada grama de peso que meu bebê ganhava e, agora, ao f ato de que eu poderia vê-lo pessoalmente e tocar sua mãozinha todos os dias. Isso ajudava a amenizar um pouco toda a dor que eu sentia por não poder segurá-lo nos braços ou amamentá-lo. E eu sabia

que não teria tanta f orça para suportar tudo aquilo se não f osse Doug ao meu lado.

— Aquela hora que saí do berçário para atender ao telefone — Doug contou — Era o Chris ligando.

— De novo? — assombrei-me. — Ele não já tinha ligado hoje de manhã?

— Ele continua se culpando pelo que aconteceu, e acho que apenas f icará completamente tranquilo quando você e Daniel estiverem enf im em casa.

— I sso é ridículo, ele não teve culpa alguma. F oi aquele louco que dirigia o caminhão. Chris precisa parar de se culpar.

— Eu já disse isso a ele. I nclusivegaranti a ele que, quando tudo estiver bem e pudermos enf im realizar o casamento, ele seguirá com seu cargo de padrinho.

Aquilo me deixou pensativa. Não o f atode que Chris seguiria como padrinho, isso era óbvio. Mas o casamento não realizado e adiado para uma f utura data que ainda iríamos decidir

Pensava a respeito disso quando alguém bateu na porta do meu quarto segundos antes de ela se abrir. Deparei-me ali com um rosto que não imaginava encontrar.

Era o meu pai. E aquela era a primeira vez que ia me visitar, ao menos desde que eu recuperara a consciência já há alguns dias.

— Oi — ele cumprimentou, parecendo um pouco inseguro. O que não lhe era comum.

Quando abriu mais a porta para entrar, vi que trazia em mãos um buquê de flores. Se ele me conhecesse um pouco melhor, saberia que eu não era muito adepta a buquês, embora amasse flores plantadas em jardins, como aquele da casa que Doug e eu tínhamos comprado. Porém, já era esperado do meu pai que seguisse a mera cordialidade de visitação a uma pessoa em um hospital.

Ele entrou e se aproximou, estendendo as flores para mim. Eu as aceitei com a mesma cordialidade com que ele as entregou.

— Obrigada. Não precisava ter vindo até aqui, eu terei alta em alguns dias.

— Já fui informado a respeito — ele declarou. — Queria ter vindo antes, mas esperei até que estivesse mais disposta para visitas.

Assenti, entendendo que ele se colocava realmente como um visitante que não fosse alguém tão próximo assim. Como se não

f osseum f amiliaŗ como minha mãe e L illy que iam me ver todos os dias. Nem mesmo como um amigo, como Chris, que passou dias em Seattle para poder acompanhar a minha recuperação, ou como Elise que acompanhava diariamente minha mãe e irmã até ali, ainda que não estivesse em seu dia de trabalho e f osseo plantão de outra cuidadora com minha mãe.

— Até porque, eu queria conversar com você — meu pai concluiu.

Troquei um olhar com Doug, percebendo que ele parecia não gostar da ideia de me deixar a sós com o meu pai. Movimentei levemente a cabeça para ele, garantindo em silêncio que tudo f icaria bem. Ele pegou o buquê das minhas mãos, provavelmente para providenciar um vaso para colocá-lo, porém deixou bem claro antes de se retirar:

— Eu estarei bem ali no corredor. Me chame se precisar de mim, Meg.

L ogo que ele saiu, meu pai buf ou.

— O que ele quis dizer com isso? Parece até que eu of ereço um risco a você.

— Douglas é bem protetor com a f amília — respondi, quase como em uma alf inetada, que meu pai sequer pareceu perceber

— Bem, eu tenho ligado todos os dias para o hospital para saber sobre seus boletins médicos.

— I magino que sim. Mas desculpe te decepcionar. Mesmo depois que tiver alta, vou precisar de algum tempo de repouso por conta das cirurgias, além de alguns meses para me dedicar ao meu f ilho. Lamento, mas parece que, mesmo que o senhor me aprovasse, o que não estou certa de que f aria, não terei como assumir a Dawson Beauty.

— Sei que não terá. E já tenho um f uncionário de conf iança a postos para assumir no meu lugar a partir da data da minha aposentadoria.

Eu quase ri daquilo. É claro que ele tinha alguém já a postos para aquilo. Ele tinha tentado dar uma chance a mim ou a Lilly, porque era óbvio que pref eria que seus negócios permanecessem sob o comando de sua f amília. Mas ele nunca tinha realmente conf iado que nenhuma de nós estaria à altura do que ele tinha em mente para um sucessor seu. E o tempo inteiro, ele sempre teve um

plano B. Uma carta na manga, alguém já preparado para assumir no nosso lugar.

Ele olhou para a porta por onde Doug havia saído, como se soubesse, tanto quanto eu, que ele não tinha ido muito longe.

— Sabe que... Aquele rapaz realmente tem sentimentos por você. Bem, você já deve saber disso, é claro, mas até o dia do casamento eu ainda me mantinha firme na ideia de que você tinha armado um plano para me enganar. Para me fazer acreditar que iria realmente se casar, de verdade, para valer. Achei que fosse tudo para se adequar à boa imagem que eu esperava de uma representante da Dawson.

— E você sabe o que é mais engraçado em tudo isso? É que você estava com toda a razão. Como já confirmou, Daniel não é biologicamente filho de Doug. O que, na realidade, não quer dizer nada. E, sim, eu fui até Nova Iorque procurar pelo meu melhor amigo para pedir que ele fingisse ser o meu noivo. E quando você nos obrigou a marcar um casamento antes de sua data de aposentadoria, tínhamos o plano de anular logo depois que eu assumisse como CEO. Então, sim... tentamos te enganar, mas não conseguimos, não é?

— Não conseguiram. Mas você não parece estar abalada com isso.

— Não estou. Porque ainda tem uma coisa que você não sabia: sua empresa, de qualquer maneira, acabaria sob o comando de alguém que não tem o seu sangue, porque eu me manteria como CEO durante muito pouco tempo. Meu plano sempre foi delegar essa função a outra pessoa para que eu assumisse a função de diretora do setor de marketing. É a minha área de trabalho e sei que seria ótima nesse cargo, sem qualquer falsa modéstia.

Isso pareceu de fato surpreendê-lo.

— Então você queria o comando para em seguida rebaixar o seu próprio cargo?

— Eu nunca quis ser CEO, pai. Entrei na disputa idiota que você criou entre minha irmã e eu apenas pelo dinheiro do ótimo salário de aprendiz que você nos ofereceu e pela expectativa de, depois de tudo isso, caso conseguisse atender às suas expectativas, eu teria o emprego dos meus sonhos. A Dawson pode não ter qualquer valor emocional para mim, mas é uma megaempresa, e ser responsável pelo setor de marketing dela seria

a maior conquista profissional que eu poderia ter dentro da área que eu amo.

— É estranho o conceito de amar uma área mais do que amar a empresa de sua família.

— Jura? Sabe o que eu acho mais estranho? Amar a empresa da família mais do que a própria família.

Ele suspirou, sentando-se na cadeira ao meu lado e fazendo uma breve pausa antes de voltar a falar

— Eu tentei criar você e sua irmã dentro dos mesmos valores nos quais fui criado. Queria que tivessem a melhor educação possível, que se tornassem mulheres de negócios. Sempre considerei toda essa coisa de afeto uma perda de tempo.

— Então foi por isso que afastou Lilly e eu? Não queria que criássemos afeto uma pela outra?

— Na verdade, o internato foi uma tentativa de te colocar nos eixos. Você era terrível, Meghan. Sempre apresentou um péssimo comportamento, uma rebeldia descabida. Já a Lilly, desde bem pequena que sempre foi o seu mais completo oposto. Era delicada, comportada, obediente. Mas, ao mesmo tempo, ela sempre teve muita curiosidade a respeito da irmã mais velha. Então, você

começou a mandar as cartas. Eu obviamente abri e li todas elas. Você contava com orgulho sobre tudo o que aprontava. Lilly era facilmente influenciável e temi que viesse a te admirar e querer ser como você.

Não consegui conter uma risada. Embora sentisse uma onda de ódio por tudo aquilo, não podia negar que era engraçado, embora de forma cruel.

— Sério? Você achava que eu era uma péssima influência para a filha que você tinha esperanças de que se tornasse sua substituta perfeita?

— É. Foi exatamente o que eu achei. Nada disso adiantou muito, porque Lilly acabou seguindo a vida dela por outro rumo que também nunca foi nem perto do que eu sonhei para ela. Mas, sim, eu não queria que vocês se aproximassem. Sei que estava errado em fazer isso, mas... está feito.

— É uma pena que não tenha adiantado de nada, não é? — Apesar da acidez e do tom irônico na minha voz, eu sentia muita raiva daquele homem. Mas deixar que aquilo me dominasse era, de certa forma, permitir que ele vencesse. E ele não havia conseguido isso, pelos motivos que expus a seguir: — Lilly e eu nos tornamos

irmãs, apesar de todos os seus esf orçospara nos af astar Eu a amo e, mesmo que ela tenha aquele jeitinho que f az as pessoas a julgarem como ligeiramente f útil, ela tem um coração enorme e sei que me ama também. Nós nos tornamos as f racassentimentais que você tanto temia que f ôssemos. Além disso, nenhuma de nós duas herdou o talento ou mesmo o desejo de coordenar uma empresa.

— É, não adiantou. E eu realmente não posso deixar minha empresa nas mãos de alguém que não tenha qualquer interesse nisso. Enf im, depois que você e seu f ilho estiverem de alta, tente tirar um tempo para passar no RH.

Ele começou a se levantar e eu rebati, no mesmo tom ácido de antes:

— Meu contrato como aprendiz encerra no mês que vem, em meio ao período de licença médica. Não acho que eu tenha nada que assinar ou resolver no RH da Dawson.

— Não há nenhuma pendência no contrato antigo, mas você precisa assinar o novo.

— Que novo? Você mesmo disse que já tinha alguém preparado para assumir como CEO.

— Não será como CEO que você irá assumir. Quero em minha empresa os melhores e mais qualif icados prof issionais para todos os cargos de liderança. E, sim, vocês podem julgar isso como antiquado, mas acho que sangue é importante. Por isso quero que você assuma a presidência do setor de Marketing.

Aquela f oi uma enorme surpresa para mim.

*****

Capítulo trinta e sete



— O quê? — assombrei-me.

Meu pai já começava a caminhar em direção à porta, mas parou, voltando-se para mim.

— Passe logo que puder na empresa, toda a proposta e os contratos já estão prontos esperando por você. Não se preocupe com questões de licença-maternidade, você só assumirá ef etivamente o cargo daqui a alguns meses, por enquanto vamos apenas agilizar a parte burocrática da coisa.

— Tá... E agora, como eu devo reagir? Agradeço a você por ter sido um pai ausente durante toda a minha vida, por ter tentado destruir meu relacionamento com a minha irmã, me submetido a um

processo seletivo ridículo, colocado um detetive para tentar descobrir uma mentira minha com base em uma suspeita inicial criada a partir de sua suposição de que um homem como Douglas Jenkins jamais se apaixonaria por uma mulher como eu... Além de, é claro, ter vindo me visitar em um hospital depois de eu quase ter morrido para falar puramente de trabalho, sem em qualquer momento perguntar como eu ou o seu neto estamos... Mas... Apesar de tudo isso, você foi sido bonzinho o bastante para me dar um emprego. É isso o que eu devo? Te agradecer?

— Não. Eu não fui bonzinho. Não sou um tolo sentimental que dá cargos importantes a alguém que não o mereça, mesmo que este alguém tenha o meu sangue. Você é formada em Marketing, estudou em uma excelente faculdade. Verifiquei todo o seu histórico, sempre tirou as melhores notas. Sem contar que eu realmente observei seu comprometimento com o trabalho neste tempo em que esteve na empresa. Então, Meghan, eu te quero nesse cargo porque realmente acredito que você é a pessoa mais indicada para assumi-lo. Não me agradeça. Apenas vá até a empresa quando puder, analise a proposta de emprego, negocie seus termos e assuma se tiver interesse nisso. Se for inteligente, vai aceitar. Bem, preciso ir. Melhoras para você e para o bebê.

Dito isso, ele saiu, com a mesma formalidade que entrou.

Segundos depois, Douglas retornou ao quarto e apenas quando vi a preocupação com que ele me olhou foi que eu percebi que estava chorando.

— O que aconteceu? — Ele veio correndo até mim, segurando minha mão. — Está sentindo alguma dor, Meg? Não me diga que aquele filhoda puta veio até aqui para te insultar ou coisa parecida? Se ele fez isso, eu vou...

Doug já se preparava para se afastare ir atrás do meu pai, mas eu o detive, segurando sua mão com mais força.

— Não. Ele não me insultou. Não foi uma visita como pai, mas como empresário. Ele veio me oferecer um emprego.

— O quê? Ele concordou em te colocar como CEO da Dawson?

— Não. Não como CEO, mas no cargo que eu realmente queria: diretora do setor de marketing.

Doug balançou a cabeça, demonstrando que compreendia o meu choro. Era, sim, o cargo que eu sempre tinha desejado. E, no momento em que eu esfriasseminha mente e pensasse com calma a respeito, provavelmente me sentiria feliz e realizada com isso.

Contudo, naquele momento, eu só conseguia lamentar. Justamente porque, por um momento, eu tinha chegado a me iludir de que tinha sido como pai que Thomas Dawson tinha ido até ali.

Em silêncio, Doug beijou a minha cabeça, depois se manteve com o corpo inclinado sobre o meu e sua testa encostada à minha.

E eu percebi que, aos poucos, aquela dor em meu peito foi se dissipando. Apenas a presença de Doug me fazia entender que não valia a pena sofrer por aquilo. Havia muitos motivos para eu estar feliz.

Meu filho se recuperava mais a cada dia. Eu tinha uma mãe maravilhosa, tinha ganhado recentemente a irmã que sempre desejei ter, possuía os melhores amigos... Agora teria também o emprego dos meus sonhos...

E iria me casar com o meu melhor amigo.

Que era também o homem que eu amava.

Foi pensando a respeito disso que eu quebrei o silêncio:

— Ei, Doug...

Ele se afastou um pouco para me olhar no rosto.

— Sim, Meg?

— Estava pensando... sobre o nosso casamento.

— ...Por favor, não me diga que está cogitando a ideia de fugir dessa vez.

Eu ri.

— Eu não seria louca de fazer isso. Mas o que pensei é que... Não quero mais uma enorme festa totalmente impessoal, organizada por outras pessoas.

— Quer que nós mesmos organizemos a nossa festa? Olha, a gente pode tentar, mas receio que nenhum de nós dois seja muito bom nisso.

— Não. Nós somos péssimos.

— Somos. Bem, mas não precisa ser algo naquelas proporções, não é? Tinha umas trezentas pessoas naquela igreja e eu não conhecia ninguém além dos seus pais e dos nossos padrinhos.

— É exatamente isso. Eu não quero uma grande festa para um mundo de desconhecidos. Quero eu, você, nosso filho e as pessoas que nos amam. Só isso, mais ninguém.

— Acho que algo assim a gente dá conta de organizar.

— Nada muito tradicional, muito menos f ormal. Quero que seja algo alegre, acolhedor, divertido...

Um sorriso surgiu nos lábios dele.

— Sei. Você quer um casamento em uma daquelas capelas temáticas de L as Vegas.

Eu ri, achando a ideia engraçada. Contudo, logo percebi que não seria ruim.

— Já juntamos tudo em um pacote só: um casamento, uma viagem em f amília e de L ua de mel. Para mim parece perf eito.

— Qualquer coisa com você seria perf eito.

Ele beijou meus lábios e eu tive ainda mais certeza de que não precisávamos de nada além de tudo o que já tínhamos.

*****

Capítulo trinta e oito



Oi t o meses depoi s...

Desta vez, f izemos tudo sem qualquer correria. Nosso f oco, quando Meg e, dias depois, Daniel saíram do hospital f oi inicialmente cuidar da nossa mudança para a nova casa. A senhora Rachel já não precisava mais dos serviços de uma cuidadora, e por isso passou alguns dias com a gente para ajudar naquelas primeiras semanas de cuidados com o bebê. L illy e Elise iam sempre até lá também para nos visitar. Mesmo não trabalhando mais para a f amília, Elise tinha f icado muito amiga de L illy e de Meg.

Em meio a isso, também demos conta de cuidar das nossas vidas prof issionais. Encontrei o imóvel perf eito para a f ilial do nosso escritório e, de Nova I orque, Chris me dava todo o suporte que eu

precisava. Como eu tinha clientes do país inteiro, para a maioria não f ez muita dif erença eu estar em Nova I orqueou em Seattle, então não tiveram problemas com a mudança. J á Meg, iniciou seu trabalho como diretora de Marketing na Dawson Beauty e já tinha planos audaciosos para melhorar a imagem da marca e atingir um público mais jovem para o consumo dos produtos, que eram antes mais f ocados para pessoas com mais de quarenta anos.

Só então, oito meses depois do dia inicialmente marcado para o nosso casamento, era que a of icialização daquilo verdadeiramente ocorreria.

A lista de convidados se resumia a menos de dez pessoas dessa vez. Rachel, L illy, Elise, Chris, Harry (que precisou levar junto uma babá) e seus dois bebês. Além, é claro, de Daniel, que estava a cada dia maior e mais esperto.

Thomas Dawson também f oi convidado, mas não quis ir, dizendo que aquilo ‘nem era um casamento de verdade’.

No entanto, por mais que f osse mais do que de verdade, era um casamento um tanto dif erente. Viajamos todos juntos para L as Vegas e nos hospedamos em um enorme e luxuoso hotel com cassinos. Passamos os primeiros dias lá nos divertindo todos juntos,

como em uma viagem de f amília. O combinado era que, após o casamento, todos voltariam para casa – até mesmo Daniel, sob os cuidados da avó – e então Meg e eu passaríamos mais alguns dias por lá aproveitando sozinhos o que seria nossa L ua de mel.

A capela que escolhemos era lindíssima. Apesar de sempre dizer que não gostava muito de vestidos, Meg escolheu um para usar naquele dia. Era branco e levemente rodado, muito mais simples que o que usara no dia da nossa cerimônia que não ocorreu, e ia até a altura dos joelhos. Nos pés, ela realizou seu desejo de usar tênis: um par de All Star brancos, combinando perf eitamente com o vestido. Uma linda e delicada tiara prateada decorava seus cabelos loiros, que estavam soltos.

Enquanto adentrávamos juntos a capela, eu não conseguia deixar de olhá-la e de me perguntar como eu pude demorar tantos anos para descobrir que o grande amor da minha vida esteve o tempo todo tão próximo a mim.

Meg era, sem sombra de dúvidas, o mais precioso presente que a vida poderia ter me dado, ainda na inf ância, para crescer ao meu lado e, também junto a mim, encontrar e compreender o real signif icado dos dois sentimentos mais maravilhosos do mundo: a amizade e o amor.

A cerimônia foi curta, mas muito bonita e emocionante, e logo chegou o momento em que o ministro que a realizava pedia que trocássemos as alianças, para logo em seguida fazer a clássica pergunta.

E foi em meio às lágrimas que tanto eu quanto Meg dissemos o nosso mais sincero e convicto 'eu aceito'.

O que tinha começado com uma farsa, terminava da forma mais real possível.

Voltamos para o hotel e, no saguão animado do cassino, estouramos uma champanhe para comemorar. Chris foi o primeiro a se afastar de nós, desaparecendo entre as pessoas do local, provavelmente indo atrás de uma ou mais mulheres. A babá dos gêmeos anunciou que subiria com eles para trocá-los e colocá-los para dormir e a senhora Rachel decidiu também ir para o seu quarto com Daniel, de quem Meg e eu nos despedimos com muitos beijos.

Harry também não demorou para se retirar. Elise e Lilly logo se distraíram em uma máquina caça-níquel, enquanto minha cunhada aproveitava para fazer infinitos stories para o seu Instagram.

Com isso, na mesa onde originalmente estavam várias pessoas, agora restavam apenas Meg e eu.

— Enf im, sós... — brinquei.

Ela tentou sorrir, mas percebi a preocupação materna em seu rosto.

— Acha que o Dan vai f icar bem tanto tempo sem a gente?

— Ficaremos aqui apenas mais três dias, Meg. E ele estará com a avó, com quem já está mais do que acostumado a f icar

— Eu sei, mas... Ainda é dif ícil me af astar dele.

— Ele vai f icar bem, meu amor. E, quanto a nós dois... Pretendo te manter tão ocupada que você sequer perceberá o tempo passar.

Ela sorriu e aproximou seu rosto do meu, parando com seus lábios a poucos centímetros de distância dos meus, de f orma provocadora.

— Acho que podíamos começar agora, então. Só restaram Lilly, Elise e Chris no que deveria ser nossa comemoração, e todos eles parecem bem ocupados e distraídos agora.

— Podemos f icarocupados e distraídos também então, o que acha?

Ela concordou e trocamos um beijo rápido, pois sabíamos que, se nos aprof undássemos nele, seria ainda mais dif ícil resistir até chegarmos ao quarto.

Segurando as mãos, nós nos levantamos e corremos até o elevador, seguindo nele até a nossa suíte na cobertura do prédio. Apressei-me em abrir a porta e, quando ela ameaçou dar o primeiro passo, eu a detive, pegando-a em meus braços. Ela soltou um grito de empolgação, em meio a uma deliciosa gargalhada.

— Está muito cavalheiro e romântico, Douglas J enkins.

— Tudo o que a minha linda dama merece.

— ‘Dama’? Estamos de volta ao século dezoito?

F echando a porta com o pé, eu a levei até a enorme cama, deitando-a bem no centro e me debruçando sobre ela. Passei a mão pelos seus cabelos, admirando por um momento o seu rosto em silêncio.

— No que está pensando? — ela instigou.

Ah, eu estava pensando em tantas coisas... Especialmente no que eu pretendia f azer com ela naquela noite.

Mas, ao invés de responder, decidi f inalizar uma pendência entre nós.

— O Século dezoito não era justamente onde Drago e Laureen estavam? Depois que ela se tornou a rainha daquele reino e Drago compreendeu que ela era também a rainha de sua vida, ele a pediu em casamento, não foi?

— Foi. E ela disse sim. E aí... eles viveram felizes para sempre?

— Eles viveram muitas maravilhosas e inesquecíveis aventuras juntos. ...Para sempre.

Então, eu a beijei.

Aquele não era o final da história que começamos a criar quando crianças. Mas, sim, ainda apenas começo da história real e mágica das nossas próprias vidas. Porque, assim como Drago e Laureen, nós ainda tínhamos inúmeras aventuras para viver.

Não era um final, mas o começo de uma vida feliz.

*****

Epílogo



Era o casamento da minha irmã. Em uma viagem a Las Vegas, a capital mundial da diversão e do pecado. Então, tudo o que eu queria, naquela última noite que passaria ali, era me divertir.

Joguei muito. Fiz grandes apostas. Perdi muito dinheiro. E bebi muito, em companhia de Elise.

Era incrível o quanto aquela garota com uma história de vida tão diferente da minha, que eu conheci por trabalhar como cuidadora da mãe da minha meia-irmã, em alguns meses iria se tornar minha melhor amiga. Umas das minhas melhores amigas, já que a Meghan não ficava muito para trás. Mas, como ela já tinha o título de irmã mais velha, eu deixava o de melhor amiga para Elise. Achava justo assim.

Bem, mas a Elise era bem diferente de mim para um monte de coisas. Tanto, que eu nem entendia como a gente conseguia se dar tão bem. Uma delas era que ela era muito fraca para bebidas, e logo começou a reclamar de sono e foi para o seu quarto.

E ainda estava cedo demais. Eu não pretendia dormir, não na minha última noite em Vegas.

Então, decidida a me divertir, mas sem companhia para isso, eu resolvi que encontraria alguma. E a forma de reunir coragem para isso era justamente beber mais.

E foi assim que eu pedi outros drinques.

Foi assim que uma pessoa se aproximou, e eu, mesmo estando convicta de que não era exatamente o cara que eu queria, deixei que embarcássemos na conversa.

E, quando me dei conta, já estávamos rindo de qualquer bobagem.

E jogando nas máquinas caça-níqueis.

E fazendo apostas em jogos de cartas, ainda que eu nunca tivesse jogado baralho em toda a minha vida.

E rimos mais. Fomos a outros cassinos. Foi divertido. Foi muito divertido.

Então, eu comecei a achar que ele até que era legal.

E era bem bonito também.

Não que eu tivesse deixado de reparar isso em algum momento.

Por isso não me contive quando estava prestes a rolar um beijo.

E depois outro, depois outro...

Então, eu bebi mais. Nós dois bebemos mais. E tudo depois disso se transf ormou em um borrão na minha mente.

Até eu acordar, já no dia seguinte, e perceber que não estava no meu quarto de hotel. E também não estava sozinha.

— Ai... meu... Deus... — murmurei, olhando para o homem sem camisa que dormia prof undamente ao meu lado, na mesma cama.

Levantei as cobertas e olhei para mim mesma. Graças a Deus, eu estava vestida com as mesmas roupas da noite anterior. Aquele era um sinal de que não tínhamos f eito nada, não era?

Eu esperava que f osse.

Sentei-me na cama, sentindo uma dor de cabeça horrível. Meus olhos demoraram um pouco para se acostumarem à claridade que entrava pelas f restas da janela e, neste meio tempo, eu ouvi algo vibrando.

Uma vez. Duas. Várias. Sem parar.

Comecei a procurar pela f onte daquele som e, ao tatear embaixo do meu travesseiro, encontrei o meu celular.

O número de notif icações exibidas na tela era surreal. E continuavam a surgir mais. Sem pausa.

O que era tudo aquilo? Alguém tinha morrido?

Com certeza não, porque os emojis que eu conseguia identif icar nas mensagens que pipocavam na tela eram em geral muito alegres.

Da mesma f orma que os pequenos textos que eu conseguia ler antes que sumissem, dando lugar a outros.

Meu Deus, parabéns!

Você é muito louca!

Seja muito feliz!

Te amo por ser tão autêntica.

Arrasou no casamento! Quero um igual.

Casamento?

Eu me lembrava de ter postado vários stories sobre Las Vegas, mas nada do casamento da minha irmã, porque não queria expor a vida pessoal da minha f amília.

Vendo que a maior parte daquelas notif icações vinha do I nstagram, eu entrei no aplicativo. E, só para tentar entender do que, af inal, toda aquela gente f alava, eu abri os meus stories.

Vídeos da cidade. Dos cassinos. De comidas. Do meu look da noite. De um drinque.

De outro drinque... E mais outro...

E do meu acompanhante...

— Merda! — praguejei, com a voz baixa para não o acordar.

Não acreditava que tinha f icado tão bêbada a ponto de registrar publicamente que eu tinha caído na lábia daquele caf ajeste.

Daí vieram os vídeos de tudo o que eu não me lembrava.

Uma capela. Um cara vestido de Elvis celebrando um casamento.

Meu Deus, de quem era aquele casamento?

J á saturada e não querendo ver mais nada daquilo, eu me levantei da cama. Cacei pelo quarto os meus sapatos e minha bolsa e, quando enf im os achei, calcei-os e me apressei em sair daquele quarto.

Cheguei ao corredor ao mesmo tempo em que a porta do quarto ao meu lado se abria e por ela saía minha amiga Elise. Ela trazia seu próprio celular nas mãos e olhava horrorizada para a tela. Eu podia ouvir a minha voz empolgada no vídeo que ela assistia.

Ela levantou o rosto ao me ver.

— Meu Deus, L illy... Você...

— Não me conte, eu sei! — respondi, tensa. — Está vendo meus stories, não é? Eu enchi a cara, saí com aquele tal de Chris,

aparentemente rodamos Las Vegas inteira. Fomos até em outro casamento.

— Não estou vendo seus stories. Estou vendo a live que você fez ontem e deixou salva.

— Eu... fiz uma live?

— Você fez. Você definitivamente fez.

— Do que, exatamente? De um casamento?

— Do *seu* casamento.

Meu casamento?

Aquilo era absurdo. E ridículo. E impossível.

Meu celular continuava a vibrar sem parar na minha mão, até que parou subitamente, certamente com sua bateria esgotada. Quando olhei para ele para confirmar isso, percebi algo em meu dedo que eu não tinha notado antes.

Algo que não deveria estar ali.

Ai... meu Deus... que anel era aquele?

A voz do Elvis falsoressoou do celular de Elise, fazendouma pergunta:

— Lilly Dawson, aceita Christopher Brady como seu legítimo esposo?

— Não, não, não... — sussurrei, como em um mantra.

Então, ouvi minha própria voz na gravação, dando uma resposta empolgada completamente dif erente.

— É claro que eu aceito.

— Não! — repeti, desta vez mais alto, em mais completo pânico.

Que diabos eu tinha f eito com a minha vida?

FIM

Este é o primeiro livro da trilogia DE REPENTE...

O segundo livro contará a história de Lilly e Chris e estará disponível em agosto na Amazon.

Acompanhe as novidades e datas pelo Instagram da autora:

https://www.instagram.com/luciane_rangel/

*****

Conheça outros livros da autora

Além de **LF Freitas**, a autora também publica com os pseudônimos **Luciane Rangel** e **Luna Soares**. Conheça seus livros!

LUCIANE RANGEL

(Fantasia e romances YA)

E-books e livros físicos na Amazon:

https://www.amazon.com.br/Luciane-Rangel/e/B00J2K4DJI

Livros físicos pelo site da Qualis Editora:

https://qualiseditora.lojaintegrada.com.br/buscar?q=luciane+rangel

LUNA SOARES

(Comédias românticas +18)

E-books e livros físicos na Amazon:

https://www.amazon.com.br/Luna-Soares/e/B093CR3RJJ/

Conheça os outros livros publicados como LF Freitas. Todos disponíveis em e-book na Amazon, para compra ou leitura pelo Kindle Unlimited.

O ANJO DO VI ÚVO SOLI TÁRI O

L ink: https://www.amazon.com.br/dp/B0B2F 8KHVY

Nicholas e Emily eram amigos na inf ância. Mais do que isso... ele era todo o porto seguro daquela garotinha traumatizada pelos abusos cometidos pelo próprio pai. Porém um dia ela simplesmente f oi embora e ele acreditou que nunca mais voltaria a vê-la.

Vinte anos depois, Nicholas tornou-se um renomado neurocirurgião, além de diretor de um grande hospital. Achou que tinha encontrado a f elicidade, até que sua esposa morreu em um trágico acidente. Sua f ilhabebê f oidada como morta, apesar de seu corpo nunca ter sido encontrado.

Até que uma nova médica pediatra chega para trabalhar em seu hospital. Uma mulher que desperta nele lembranças de sua inf ância e daquela garotinha que ele tanto tentava proteger. J unto a isso,

surge também uma pequena e misteriosa paciente: uma menininha que, além de ter a mesma idade que a filhinha de Nicholas teria caso estivesse viva, está completamente sozinha, encontra-se sem qualquer familiar

Apesar de suas diferenças, os dois médicos precisam se unir para tentar encontrar a família da criança, ao mesmo tempo que também descobrem sobrem suas próprias ligações com o passado um do outro, que podem ser mais profundas do que ambos imaginavam.

***

UMA HERANÇA PARA O COWBOY

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B09X4NC95N

Ainda adolescente, Arthur foi obrigado a se afastar de sua família e da garota que amava sob ameaças do pai milionário que mal conhecia, para protegê-los. E este foi o principal motivo que o levou a se afundar em álcool e drogas.

Após a morte do pai, um reencontro com Manuela, sua namorada do passado, o faz colocar a cabeça no lugar e entender que era hora de voltar e resolver as pendências que deixou para trás. Mas

antes ele precisava mudar, se reabilitar e ser um novo homem para reencontrar as pessoas que precisavam perdoá-lo.

Mais alguns anos se passam e, sentindo-se livre dos vícios, Arthur retorna à sua cidade natal, para assumir uma herança e buscar sua redenção com sua mãe, seu irmão e, principalmente, com Manuela.

O que ele jamais poderia imaginar é que o encontro dos dois ocorrido alguns anos antes tivesse dado um f ruto: uma f ilha.

Agora, Arthur terá que lutar para provar ser merecedor do amor das duas.

***

OS GÊMEOS DO MI LI ONÁRI O AO I ANO

L ink: https://www.amazon.com.br/dp/B09CQ9B762/

Um milionário e uma f axineira.

Dois bebês gêmeos separados, um deles mantido em segredo.

Há gerações minha f amília era dona de um verdadeiro império na indústria automobilística na I tália, mas eu decidi que queria traçar caminhos dif erentes para a minha vida. Quando meu irmão mais

velho assumiu o comando da empresa, aproveitei uma herança que meu avô me deixara no Brasil e parti para lá, sem nem olhar para trás. E foi lá, na faculdade, que conheci Carolina. Eu como aluno. Ela, como faxineira. Enfrentamos muitos obstáculos e preconceitos para ficarmos juntos, e ela acabou engravidando de gêmeos.

Achei que minha vida estivesse, enfim, completa, quando fui informado sobre a morte do meu irmão. Precisei voltar à Itália para o enterro e, quando retornei ao Brasil, recebi a notícia de que Carolina havia morrido... E também um dos nossos bebês.

Vi-me completamente sem chão e acabei atendendo aos pedidos do meu pai para voltar para a Itália – levando meu filho que havia sobrevivido – e assumir os negócios da família.

Eu sequer poderia imaginar que, anos depois, toda uma cruel armação viesse à tona. Muito menos que iria descobrir que tanto Carolina quanto nosso outro bebê estavam vivos.

***

O CEO LUTADOR

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B09VY53D7Y

Durante o dia, Lucas Giacomanni é o homem por trás de um império.

CEO de uma grande empresa, é tido por todos como um exemplo de responsabilidade e sucesso. Contudo, o que ninguém sabe é que por trás da f achadade seriedade, Lucas esconde um lado sombrio e violento. Durante as noites, ele vive seu segredo, em um mundo ilegal regado a adrenalina e sangue.

Amanda é uma jovem em busca de um sonho. Recém-f ormada em Direito, ela deseja algum dia ter seu próprio escritório social, para ajudar outras pessoas. Contudo, nesse momento o que ela precisa com urgência é de um emprego que lhe permita pagar o aluguel, cuidar da mãe doente e do irmão adolescente.

Quando o destino coloca Amanda e Lucas f rente a f rente, luz e escuridão se chocam. Seus encontros, desencontros e reencontros mostram que há algo – ou alguém – disposto a separá-los a qualquer custo.

Mas que, talvez, exista uma f orça maior ligando-os um ao outro.

OBS: Esta história f oi anteriormente lançada na Amazon com o título "O Segredo do CEO". No entanto, agora o livro f oi reescrito e

revisado pela autora, contando com algumas cenas novas.

***

PROTETOR – A VINGANÇA DO MEU GUARDA-COSTAS

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B09CQ9B762/

Eu era mundialmente conhecida como a 'Garota de Sorte', em parte em uma referência ao meu filme de maior sucesso, em outra pela minha própria história de vida. A atriz mirim que cresceu sob os holofotes e se tornou uma das jovens estrelas mais famosas do cinema.

Mas a vida longe das câmeras escondia uma escuridão e um vazio que ninguém poderia imaginar. Isso ficou ainda mais intenso quando comecei a sofrer ameaças de morte e estas se concretizaram através de um atentado. Agora, meu empresário – e por acaso também meu pai – decidiu investir mais na minha segurança, contratando a maior empresa do ramo do país.

A surpresa veio quando Drake Carter, o próprio dono da empresa, se apresentou como meu guarda-costas. Ele parecia ter questões

pessoais envolvendo o homem que estava me ameaçando, a ponto de eu não saber qual era o meu verdadeiro papel naquela história: sua protegida, ou uma mera isca para concretizar uma vingança?

***

O FAZENDEI RO E A FI LHA PERDI DA

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B09QQN2MCM/

Uma jovem que perdeu a memória em um acidente e não se recorda de que teve um bebê.

Um poderoso f azendeiroque criou uma criança como se f ossesua f ilha, vendo-se na missão de procurar pela mãe dela.

Eu poderia dizer que minha vida começou aos dezenove anos, ao despertar na cama de um hospital, sem qualquer memória do acidente que me levou até ali, nem dos anos que vivi anteriormente. Com a ajuda da minha madrasta e da minha irmã, precisei reaprender tudo sobre mim mesma.

E f oi o que eu f iz, ainda que sempre sentisse como se f altasse algum pedaço de mim.

Nove anos depois, quando já considerava estar seguindo em f rente com minha nova vida, surge um homem do interior, um f azendeiro, trazendo uma inesperada surpresa. Uma criança de dez anos, que ele alegava ser minha f ilha.

Com isso, aos poucos f ui descobrindo uma verdadeira teia de intrigas e mentiras ao meu redor, tecida pelas pessoas em quem eu mais conf iava. Ao mesmo tempo em que novos e avassaladores sentimentos começaram a surgir em mim, tanto em relação à criança, quanto àquele homem.

Mas em quem eu deveria conf iar, quando não conhecia nem a mim mesma?

***

A ESPERANÇA DO CEO

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B08LQYZGHG

Ter um filho era o maior sonho de minha falecida esposa. Após a sua morte, realizar tal desejo tornou-se meu maior objetivo. Eu precisava, apenas, encontrar uma mulher disposta a me ajudar nisso. Em troca de uma grande quantia de dinheiro, não foi algo tão difícil assim.

Quando Luciana apareceu, minha primeira impressão foi de que apenas isso importava para ela: o dinheiro. De fato, foi o que a motivou a aceitar a proposta. Mas havia algo nela e no cuidado incondicional que dedicava à sua pequena filha que me alertava que as motivações dela nada tinham a ver com ganância, mas com amor. Assim como eu, ela também tinha suas cicatrizes na alma, também havia perdido quem amava e também buscava formas de conseguir recomeçar.

Luciana, sua filha Lara e eu éramos três seres humanos quebrados, unidos por outro ser humano que começava a ser gerado. E por um sentimento novo que começou a crescer dentro de mim e a gritar que eu não poderia mais viver sem elas duas.

***

O NATAL DA ESPERANÇA

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B08R44CGF9

Caio e eu éramos melhores amigos desde crianças. Nos conhecemos na escola, ele me defendia dos outros garotos que faziam bullying por eu usar uma prótese no lugar da perna que eu tinha perdido anos antes, no mesmo acidente que tirou a vida do meu pai. Depois, acabamos virando família quando a minha mãe se casou com o tio dele.

Sempre foi natural tê-lo o tempo todo por perto, até que terminamos o colégio e ele foi embora, para fazer faculdade na Europa.

Foi no momento em que nos despedimos que eu senti, pela primeira vez, que algo entre nós havia mudado.

Eu segui por aqui, com minha família, meus outros amigos, meus estudos e meus sonhos. Até que, dois anos depois, ele decidiu fazer uma surpresa e voltou para passar o Natal com a gente... com a nossa família.

Tê-lo de volta trouxe à tona um turbilhão de sentimentos novos. Mas como eu poderia deixá-los vir à tona, sabendo que em poucos dias Caio iria embora novamente?

*SPI N-OFF DE A ESPERANÇA DO CEO

***

SEGUI NDO O CORAÇÃO

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B08X3C8BM2

Ele é um viúvo de coração partido que esqueceu de suas raízes.

Ela é uma mãe solo, com um passado conturbado, que encontrou seu lar.

Dois opostos, um primeiro encontro de gato e rato e segredos a serem revelados...

Quando saí da f azenda onde nasci e cresci, jurei para mim mesmo que jamais voltaria a colocar os meus pés lá. E por doze anos cumpri essa promessa. Construí uma nova vida, casei-me, tive uma f ilha e abri uma agência de publicidade.

Porém, quando f iquei viúvo, parte de mim também se f oi e mergulhei de cabeça no trabalho, empenhando-me ao máximo em

f azer crescer a empresa que criamos juntos, mas tudo o que eu precisava era de um bom investimento, o que pareceu possível quando uma proposta milionária de compra da f azenda da minha f amília caiu no meu colo.

Agora me vejo obrigado a voltar àquele lugar, reencontrar minha mãe e encarar todas as mágoas existentes entre nós para conseguir convencê-la a assinar os papéis para a venda. Chegando lá, conheço Patrícia, uma jovem que f oi acolhida por minha mãe, junto ao seu bebê Rael, e que parece ter por aquela terra muito mais paixão do que eu jamais tive - uma mulher corajosa e disposta a tudo para def ender quem ama.

L utando contra o destino, vejo-me em um dilema entre cumprir o que sempre achei que seria certo ou simplesmente f azer o que há muito tempo não f azia: seguir o meu coração.

***

AS LEI S DO AMOR

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B08CZYV4WY

Uma lição que meu falecidopai tinha me deixado era que a vitória – tanto nos tribunais quanto na vida – dependia de razão e não de sentimentos. E era assim que eu vivia. Já faziamuito tempo que eu havia deixado de acreditar no amor.

Estava há anos brigado com minha irmã quando recebi a notícia de sua morte. Junto a isso, também fiqueisabendo que ela deixou uma filha, que a partir de agora passaria a ser minha responsabilidade.

Eu não fazia ideia de como cuidar de um bebê, e nem a minha rotina como advogado permitiria isso. Foi então que Júlia surgiu em meu escritório, interessada em uma vaga como secretária. Com o seu jeito pouco contido e falador, ela não apenas conquistou facilmente a minha sobrinha, como também foi aos poucos despertando o meu interesse. Contudo, seria ela capaz de derreter o gelo que envolvia o meu coração?

***

O BEBÊ DO COWBOY

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B088Y441NM/

Tudo na minha vida sempre f oi na base do impulso, seguindo meus instintos. Era um homem do interior, um cowboy que seguia os passos do pai e amava a vida na f azenda. Era lá que eu sonhava em viver junto à mulher que eu amava e aos f ilhos que eu acreditava que teríamos... Mas as coisas não aconteceram exatamente assim.

Após uma traição e separação, f ui abrigado pelo meu patrão na casa de f érias que seu f ilho havia praticamente abandonado. O plano era f icar por lá até minha nova moradia f icar pronta, para reiniciar uma vida solitária. Até que alguém apareceu por lá sem aviso.

Alice, neta do meu patrão, decidiu passar alguns meses na f azenda. Tinha perdido o emprego, saído de um relacionamento tumultuado e... estava grávida.

Éramos apenas duas crianças da última vez que nos vimos, ela era uma garotinha teimosa, metida a jogar f utebol com os meninos. Vivíamos discutindo, eu não a suportava e isso era recíproco. Quem diria que ela ao crescer se tornaria uma mulher tão linda que, embora ainda tão petulante, f ossecapaz de mexer tanto com o meu corpo... e com o meu coração?

***

UM PRESENTE I NESPERADO

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B082P4TD6L

"Será que a chegada do Natal irá promover alguns milagres nas vidas de Eduardo, Sara e da pequena J oana?"

A solidão sempre f oi minha amiga. Como um escritor de sucesso, usava e abusava dela, mantendo o mundo do lado de f ora dos muros da minha casa. Só que tudo mudou com um telef onema anunciando a morte do meu pai, com quem não f alava há anos.

Só que eu não poderia esperar que essa notícia viria acompanhada com a surpresa de que ele deixara para trás um bebê; uma irmã da qual sequer sabia da existência e cuja mãe havia simplesmente desaparecido do mapa.

Para completar o pacote, quando resolvo cuidar da menina, enquanto decido sobre seu destino def initivo, a ajuda que tanto precisava vem na f orma de Sara, uma vizinha mal-humorada que, por razões desconhecidas, nunca f oi com a minha cara.

Mas agora precisamos unir forças para dar conta de cuidar de uma criança, enquanto lidamos com a atração irresistível e incontrolável que surge entre nós.

***

CONTANTO QUE VOCÊ ME AME

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B07V9Z4T67

Aos 30 anos, Maurício jurava que tinha tudo que precisava: sexo casual, uma boa casa, uma f ilha adolescente que o chamava de velho de vez em quando e até uma cachorra, a Panqueca. Ou seja, tudo – quase – sob controle. Até que a tal cachorrinha f oge...

Para Carina, as coisas não eram tão simples. Desacreditada no amor, tinha em seu gatinho Howie D. – sim, igual àquele da boy band – seu maior companheiro. Até que ele f oge...

Uma troca de animais de estimação, encontros e desencontros, e um casal que vive f eito cão e gato – literalmente.

Será que o destino se encarregará de unir dois corações tão dif erentes e provar para Maurício e Carina que o amor pode vir de onde menos se espera?

***

MAI S QUE AMI GOS

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B08YP4XKX8

Os melhores amigos, Ricardo e Fernanda, jamais esperavam encontrar um bebê recém-nascido abandonado em uma lixeira ao saírem de um restaurante. Tal acontecimento mudou suas vidas muito mais do que poderiam imaginar.

Anos depois, a menina enf im entra of icialmente para a lista de crianças aptas à adoção e Fernanda está disposta a tudo para se tornar sua mãe. Contudo, um casal surge com a mesma intenção. Solteira e desempregada, Fernanda percebe que tem menos chances de conseguir e procura o amigo – de quem acabara se af astando– para ajudá-la juridicamente, sendo seu advogado. Mas a ajuda que Ricardo lhe of erece vai além disso.

A ideia de f orjar um casamento com seu melhor amigo era tão louca quanto inusitadamente bem-vinda.

***

Contatos da autora

I nstagram: @luciane_rangel

TikTok: @luciane_rangel

Kwai: @luciane_rangel

Facebook: https://www.f acebook.com/escritoralf reitas

*****